ALFREDO APELL

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisbôa

CONTOS POPULARES RUSSOS

(TRADUZIDOS DO ORIGINAL)

TRADIÇÕES DO POVO PORTUGUÊS E BRASILEIRO
COMPARADAS
COM O FOLCLORE ESTRANGEIRO

POR ORDEM FULGENS

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58, RUA GARRETT, 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Contos Populares Russos

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE — 1920

ALFREDO APELL

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisbôa

CONTOS POPULARES RUSSOS

(TRADUZIDOS DO ORIGINAL)

TRADIÇÕES DO POVO PORTUGUÊS E BRASILEIRO
COMPARADAS
COM O FOLCLORE ESTRANGEIRO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58, RUA GARRETT, 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Codigo Civil Portugués;* no Brasil, nos termos do convénio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2.577 de 17 de janeiro de 1912; nos países convencionados, em harmonia com a Conferência de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911.

PREFÁCIO

É a primeira vez que se oferecem ao público contos populares russos traduzidos do original e acompanhados respectivamente de um estudo comparativo, em que se tem em mira a elucidação das tradições do povo português e brasileiro. Certamente, o mundo intelectual daqui e da grande República irmã de além-Atlântico já conhece e aprecia as obras dos grandes escritores russos, tais como Gógol, Turguéniev, Dostoyévski. Tolstói, Górki, etc.; porêm, o folclore russo é quáse desconhecido nos dois países citados. ¿E quem suspeitaria que houvesse tantos pontos de contacto entre as tradições portuguesas e as russas, como se verá nêste volume e no que se lhe seguir? Dispensamo-nos de nos alargar aqui mais sôbre a utilidade do nosso trabalho, visto que os intuitos

que nos levaram a publicá-lo ficam bem patentes na *introdução* dêste volume.

Como todas as coisas dêste mundo são relativas, só pela comparação podemos chegar a um perfeito conhecimento, e, com efeito, se compararmos os contos portugueses com os estrangeiros da mesma família, veremos que, sob o aspecto estético, o povo português em geral não fica nada a dever ao estrangeiro, além do assunto fundamental comum a muitos povos diferentes, pois soube imprimir a motivos estranhos o cunho da própria originalidade. A matéria prima, o assunto é o mesmo; mas assim como o valor duma estátua ou dum quadro depende principalmente do talento do artista que os elabora, e não apenas do mármore ou das tintas, do mesmo modo, o valor estético dum conto depende do génio do povo que o narrou durante séculos, através de muitas gerações, imprimindo-lhe o cunho da sua individualidade.

Porêm, os nossos intuitos não são de ordem estética, mas sim histórico-genealógica. Ver-se há como os dois povos de Portugal e do Brasil precisam de se conhecer mutuamente, afim de melhor apreciarem o seu mais belo património comum, as suas tradições seculares, conservadas pela memória de numerosas gerações e numa das

mais belas línguas faladas pela Humanidade. Já é tempo de os dois povos se aproximarem mais e estreitarem as relações intelectuais e morais num fraternal abraço. Pode um oceano separá-los, pode a História registar leves contendas entre êles (e quais são os irmãos que as não tiveram?), o facto é que portugueses e brasileiros jámais apagarão os mais sagrados vínculos comuns de ordem étnica, histórica e tradicional que os unem. Por isso, o Brasil tem que deixar de ser apenas o país aonde se vai buscar fortuna; todos os aspectos relativos à cultura da gloriosa República irmã impõem-se e carecem dum atento e minucioso estudo em Portugal. Os intelectuais portugueses assim o compreenderam, e tudo indica que a sua aspiração será em breve uma realidade.

Se os contos populares russos em si tão apreciados são pelos estrangeiros, quanto mais o não devem ser por portugueses e brasileiros, se os compararmos com o folclore de um e outro povo.

Prevenimos o leitor de que a êste volume se há de seguir outro, e como os factos nos levassem a uma hipótese relativa à emigração de motivos folclóricos russos para Portugal, havemos de encarar esta questão histórico-genea-

lógica nas *observações finais* do segundo volume.

Terminaremos agradecendo cordialmente ao nosso prezado colega e amigo Dr. José Joaquim Nunes o auxílio que nos prestou, encarregando-se da revisão das provas. Cumpre-me igualmente agradecer a minha filha Octávia e a meu filho Raul pelo paciente trabalho que tiveram em copiar o manuscrito.

Ericeira, Agôsto de 1920.

ALFREDO APELL.

INTRODUÇÃO

§ 1.

Mitografia ou Novelística. — As três escolas. — O nosso ponto de vista.

Mitografia ou *Novelística* é uma sciência criada no século XIX, que procura resolver os problemas relativos à origem, significação e transmissão dos contos populares. Antes do século XIX, já existiam colecções de contos populares feitas em diversos tempos e países; o que não havia era o estudo scientífico dêsses contos; porêm, no princípio do século XIX, inaugura-se uma nova época para semelhante estudo, e quem lhe deu o primeiro impulso foi o fundador da filologia germânica, Jacob Grimm, em companhia do seu irmão Wilhelm Grimm, que, em 1812, publicaram uma colecção de contos populares alemães em dois volumes, intitulados *Kinder-und Hausmärchen*. Em 1822, seguiu-se o terceiro volume, que continha notas literárias relativas aos contos populares. Ora desde então teem alguns estudiosos continuado a trabalhar nêste campo em todos os países do mundo, devido, por um lado, à simpatia crescente pelo elemento popular e ao grande desenvolvimento das sciências históricas, e por outro, ao darvinismo, que impulsionou todos os ramos do saber humano.

Assim, Jacob Grimm já tinha notado um conjunto de motivos e episódios coexistentes nos contos de vários povos europeus; era, pois, natural que êle reflectisse na origem dêsses contos e na causa dessa comunidade de motivos, e foi desta forma que êle fundou uma doutrina, seguida por vários investigadores europeus, cujo modo de ver é conhecido pelo nome de *escola mitológica*. Esta escola, que conta entre os seus adeptos Max Müller, na Inglaterra, De Gubernatis em Itália, e Afanasiev na Rússia, procurou explicar a comunidade de motivos dos contos europeus pela comunidade de origem, isto é, dizia que êsses contos representavam reminiscência e fragmentos de ideias mítico-religiosas comuns a todos os povos áricos, quando ainda constituiam um só grupo étnico. Portanto, na opinião da *escola mitológica*, os contos populares dos povos europeus eram restos da mitologia árica degenerada, eram fragmentos metafóricos de ideias mítico-religiosas aviltadas, e representavam personificações e lutas de fenómenos naturais, tais como o dia e a noite, o sol e as nuvens, a luz e as trevas, o verão e o inverno, a lua, as estrêlas, a aurora, etc. O mais espalhado de todos era o mito solar, que era um remédio para todos os males.

Porêm, devido aos progressos da sciência, a fortuna não deixou durar muito «aquele engano dalma ledo e cego» da *escola mitológica*. Seguiu-se a *escola histórica*, cujos chefes são Benfey e Reinhold Köhler, na Alemanha. A *escola histórica* nega que os contos tenham significação mítica, afirmando que vieram da Ásia para a Europa por vários canais literários e populares durante a Idade-Média.

Mas à medida que se foram recolhendo novos materiais etnográficos, travando-se conhecimento com os contos dos povos africanos, americanos e australianos, estudando-se melhor as literaturas antigas, descobriram-se semelhanças de motivos entre povos de toda a terra. Formou-se assim a *escola antropológica*, que tem por chefe o inglês Andrew Lang, vendo nos contos uns

restos do antigo estado selvagem do género humano, e sustentando a teoria do *poligenismo* isto é, afirmando que os motivos semelhantes de vários povos se produziram independentemente uns dos outros. Vale a pena dar a palavra ao ilustre investigador inglês, por isso citaremos um passo da sua obra fundamental intitulada *Myth, Ritual and Religion,* publicada pela primeira vez em 1886; esse passo sintetiza o modo de ver da *escola antropológica.* Ei-lo:

«The *diffusion* of stories practically identical in every quarter of the globe may be (provisionally) regarded as the result of the prevalence in every quarter, at one time or another, of similar mental habits and ideas. This explanation must not be pressed too hard nor too far.

If we find all over the world a belief that men can change themselves and their neighbours into beasts, that belief will account for the appearance of metamorphosis in myth.

If we find a belief that inanimate objects are really much on a level with man, the opinion will account for incidents of myth such as that in which the wooden figure-head of the Argo speaks with a human voice.

Again, a widespread belief in the separability of the soul or the life from the body will account for the incident in nursery tales and myths of the «giant who had no heart in his body» but kept his heart and life elsewhere.

An ancient identity of mental status and the working of similar mental forces at the attempt to explain the same phenomena will account, without any theory of borrowing, or transmission of myth, or of original unity of race, for the world-wide diffusion of many mythical conceptions.

But this theory of the original similarity of the savage mind everywhere and in all races will scarcely account for the world-wide distribution of long and intricate mythical *plots,* of consecutive series of adroitly interwoven situations. In presence of these long roman-

ces, found among so many widely severed peoples, conjecture is, at present, almost idle. We do not know, in many instances, whether such stories were independently developed, or carried from a common centre, or borrowed by one race from another, and so handed on round the world.

This chapter may conclude with an example of a tale whose *diffusion* may be explained in divers ways, though its *origin* seems undoubtedly savage. If we turn to the Algonkins, a stock of Red Indians, we come on a popular tradition which really does give pause to the mythologist. Could this story, he asks himself, have been separately invented in widely different places, or could the Iroquois have borrowed from the Australian blacks or the Andaman Islanders? It is a common thing in most mythologies to find everything of value to man — fire, sun, water — in the keeping of some hostile power. The fire, or the sun or the water is then stolen, or in other ways rescued from the enemy and restored to humanity. The Huron story (as far as water is concerned) is told by Father Paul Le Jeune, a Jesuit missionary, who lived among the Hurons about 1636. The myth begins with the usual opposition between two brothers, the Cain and Abel of savage legend. One of the brothers, named Ioskeha, slew the other, and became the father of mankind (as known to the Red Indians) and the guardian of the Iroquois. The earth was at first arid and sterile, but Ioskeha destroyed the gigantic frog which had swalloed all the waters, and guided the torrents into smooth streams and lakes.

Now where, outside of North America, do we find this frog who swallowed all the water? We find him in Australia.

«The aborigines of Lake Tyers», remarks Mr. Brough Smyth, «say that at one time there was no water anywhere on the face of the earth. All the waters were contained in the body of a huge frog, and men and

women could get none of them. A council was held, and... it was agreed that the frog should be made to laugh, when the waters would run out of his mouth, and there would be plenty in all parts».

To make a long story short, all the animals played the jester before the gigantic solemn frog, who sat as grave as Louis XV. «I do not like buffoons who don't make me laugh», said that majestical monarch. At last the eel danced on the tip of his tail, and the gravity of the prodigious Batrachian gave way. He laughed till he literally split his sides, and the imprisoned waters came with a rush...

The Andaman Islanders dwell at a very considerable distance from Australia and from the Iroquois, and, in the present condition of the natives of Australia and Andaman, neither could possibly visit the other. The frog in the Andaman version is called a toad, and he came to swallow the waters in the following way: One day a woodpecker was eating honey high up in the boughs of a tree. Far below, the toad was a witness of the feast, and asked for some honey.

«Well, come up here, and you shall have some,» said the woodpecker. «But how am I to climb?» «Take hold of that creeper, and I will draw you up», said the woodpecker; but all the time he was bent on a practical joke. So the toad got into a bucket he happened to possess, and fastened the bucket to the creeper. «Now, pull!» Then the woodpecker raised the toad slowly to the level of the bough where the honey was, and presently let him down with a run, not only disappointing the poor toad, but shaking him severely. The toad went away in a rage and looked about him for revenge. A happy thought occurred to him, and he drank up all the waters of the rivers and lakes. Birds and beasts were perishing, woodpeckers among them, of thirst. The toad, overjoyed at his success, wished to add insult to the injury, and, very thoughtlessly, began to dance in an

irritating manner at his foes. But then the stolen waters gushed out of his mouth in full volume, and the drought soon ended» (1).

A nossa citação é longa, mas não pudemos deixar de o fazer, visto tratar-se duma questão fundamental e metodológica, de que devemos ter plena consciência. Assim, não há dúvida de que, até certo ponto, a *escola antropológica* tem razão, afirmando que algumas crenças e alguns mitos semelhantes nasceram independentemente uns dos outros, devido a um estado psicológico análogo dos povos que os produziram, em certas épocas da sua cultura; todavia, é mister distinguir entre factos de psicologia elementar e comum a toda a humanidade, na sua infância, e outros factos que acusam inegavelmente relações genealógicas.

Por exemplo, a crença universal de que a alma ou a vida pode separar-se do corpo explicará muito bem o motivo dos contos populares existentes entre vários povos acêrca do gigante ou monstro que não tinha coração, ou cujo coração e vida estavam guardados em qualquer outra parte, sem ser no corpo dêle.

Até aqui estamos de acôrdo, dizendo com a *escola antropológica* que um estado mental idêntico, tentando interpretar os mesmos fenómenos, explica a difusão de muitos conceitos mitológicos universais. Porêm, o facto de se encontrar por exemplo no conto do gigante ou monstro, um conjunto de motivos iguais em português, russo, alemão, etc., deve precaver-nos para não exagerarmos a teoria antropológica. Com efeito, não é de admirar que nos contos de diversos povos figure a crença de que a vida ou alma dum certo gigante possa ter existência separada fóra do corpo do seu dono, e que semelhante crença se tenha produzido independentemente entre êsses povos; porêm, o que seria muito para admirar

(1) *Myth, Ritual and Religion*, by Andrew Lang, v. 1, pp. 41-44. 1913.

era que êsses povos se tivessem lembrado independentemente uns dos outros e por mera coincidência de que a vida do nosso gigante estava encerrada num ovo no fundo do mar, onde havia um caixão; que dentro do caixão havia uma pomba ou uma pata, dentro da pata ou da pomba existia um ovo, e que era preciso bater com êste ovo na testa do gigante para êle morrer. Como teremos ocasião de analizar êsse conto num estudo comparado, nada mais diremos por ora a êste respeito; mas devemos acentuar bem que, se admitíssemos a possibilidade de vários grupos de motivos concordantes daquela natureza se terem produzido, entre diversos povos, por mera coincidência, negariamos as mais belas conquistas do espírito humano realizadas por exemplo no domínio das sciências históricas. Assim, em que se baseia a classificação genealógica das línguas senão num conjunto de caracteres estruturais comuns, que seria absurdo atribuir ao acaso e a coincidências?

E já que estamos nesta ordem de ideas, sugeridas aqui por Andrew Lang, vejamos o mito da rã ou do sapo, por êle citado, que engole as águas dos rios, causando desta forma a sêca.

A nosso ver, semelhante mito pode nascer independentemente entre vários povos primitivos. Assim, é vulgar encontrar-se, como diz Lang, na maior parte das mitologias a crença de que todas as coisas de valor para o homem, tais como o fogo, o sol, a água, etc., são retidas por uma fôrça hostil. Alêm disso, é vulgaríssimo no homem da *cultura totémica* o êle atribuir o desaparecimento do sol, da lua ou de qualquer outra coisa ao facto de algum animal os ter engolido. Assim, quando é lua nova, é um lobo que a come. Quando se dá um eclipse do sol, é um monstro negro que o engole; mesmo quando o sol desaparece, à tarde, atrás duma nuvem escura, tambêm é vencido por algum monstro, e o arrebol é o sangue que o sol derrama.

Assim, êsse motivo de mitologia celeste gerou por

toda a parte contos e lendas, às quais pertence à de Jonas da Bíblia. A lição da lenda de Jonas da Bíblia acusa manifestamente uma origem relativamente recente, porêm o seu conteudo remonta provavelmente a um conto muito mais antigo. Muitos contos análogos espalhados entre todos os povos da terra resumem-se no seguinte: O heroi, que é geralmente um rapaz corajoso e ávido de aventuras, empreende viagens, sendo engolido por um monstro; mas em vez de se deixar estar passivamente dentro da barriga do monstro, faz lá dentro lume, queimando-lhe os intestinos e libertando-se desta forma. Pois o motivo do lume fornece a máxima probabilidade de que semelhantes conceitos foram influenciados pelo fenómeno do sol poente. Há casos em que falta o motivo do lume; trata-se, porêm, de grande calor existente dentro da barriga do monstro, em virtude do qual os cabelos do engolido ficam chamuscados. Assim, encontrou-se recentemente uma antiga Bíblia ilustrada, em que Jonas, ao ser engolido, tem uma boa cabeleira, ao passo que, ao sair da barriga da baleia, numa segunda imagem, o herói aparece completamente calvo (1).

Mas para não divagarmos, diremos, por conseqüência que o mito da rã, a qual engole as águas dos rios, nasceu com toda a certeza independentemente entre os diversos povos supracitados; pois, secando os rios, aparecem as rãs bem visiveis, e o espírito do homem primitivo vê nelas logo as causadoras da sêca.

Aqui temos, portanto, factos de psicologia elementar comuns a todos os povos na sua infância; por conseqüência, não hesitamos em ver na génese de semelhantes motivos completa independência.

Ora a *escola mitológica* aproveitaria, sem discriminação, factos de psicologia elementar comuns a toda a humanidade para ver nêles uma prova de filiação, fanta-

(1) Wilhelm Wundt, *Elemente der Völkerpsychologie*, 1912, p. 273-275.

ziando assim uma comunidade primitiva de certas crenças e mitos existentes num dado grupo étnico; a mesma escola afirmaria, portanto, que a difusão dêsses factos, genealógicamente aparentados, se explica pela sua irradiação dum berço comum; nós, porêm, não iremos tão longe, pois aliás teriamos que admitir que até a crença universal na existência autónoma da alma separada do corpo tambem se deve a um empréstimo feito por algum povo a todos os outros; em suma: embalados pela doce ilusão de fazermos grandes sínteses e sciência, regressaríamos à lenda bíblica, reduzindo a origem da humanidade à existência de Adão e Eva.

Mas antes de tudo, pregunta-se: ¿ porque foi que a *escola mitológica* viu no fundo dos contos europeus uns restos e fragmentos de ideias mítico-religiosas do povo árico primitivo? Foi em parte porque os dados etnográficos ainda estavam reduzidos a um horizonte muito limitado, sobretudo porque efectivamente se encontravam em alguns daqueles contos vários elementos mitológicos. Hoje, porêm, já não devemos admirar-nos de encontrar, em alguns contos, elementos mitológicos, visto que a sciência apurou, fora de toda a dúvida, que a evolução do mito começa com o conto mitológico, pois a maior parte dos contos primitivos são apenas mitos em que se acredita (1).

Por conseqüência, está provado que os contos dos povos áricos não representam restos de uma mitologia superior posteriormente degenerada, quando se sabe, alêm disso, que os produtos primitivos de literatura narrativa teem exclusivamente o carácter de contos. Verifica-se, pois, tambêm nêste domínio a veracidade da teoria da evolução, vendo-se que no campo mítico-religioso não houve regresso, mas sim progresso; a mitologia começou pela sua forma mais elementar, representada pelo conto, elevando-se depois a for-

(1) W. Wundt, *Elemente der Vòlkerpsychologie*, 1912, p. 268-269.

mas mais perfeitas; o caminho percorrido foi de baixo para cima, e não de cima para baixo; neste caso, não houve degeneração, como o afirmava a *escola mitológica*.

Quanto ao exclusivismo da *escola histórica*, que viu na Índia um berço e foco donde teriam irradiado os contos e se teriam espalhado pela Europa, por intermédio do budismo, devemos confessar que nem *a priori* poderiamos admití-lo; pois seria devéras curioso que só um determinado povo da terra tivesse chegado a criar um ramo literário de ordem narrativa, que corresponde a uma necessidade estética de todo o género humano, ficando os demais povos, estéticamente improdutivos, à espera que esse povo eleito lhe transmitisse o seu tesouro do maravilhoso. Se admitíssemos semelhante teoria, poderiamos igualmente supôr que os povos europeus, por exemplo, de tamanha passividade estética, também deviam ter esperado que outro povo lhes ensinasse a cantar e a produzir canções líricas.

Mas no estado actual da sciência não há que hesitar, pois as investigações demonstraram a existência de contos entre todos os povos da terra, desde os mais primitivos até os mais cultos. A teoria da *escola histórica* ficou já abalada desde que se descobriu o antigo conto egípcio dos *Dois Irmãos*, de que há variantes entre diversos povos europeus. Assim, a India perdeu o pretendido monopólio dos contos. Isto não significa certamente que muitos contos existentes entre os povos europeus não sejam de origem indiana, e não tivessem sido transmitidos à Europa por intermédio do budismo.

Por conseqüência, se quisermos tratar a sério o problema dos contos populares, não nos é lícito desconhecer os factos que a sciência até agora já tem apurado, pois aliás, à fôrça de querermos explicar certos mitos, criariamos outros, e isto atestaria porventura que sabíamos fantasiar, como por exemplo De Gubernatis, mas que justamente por esta razão estavamos longe da verdade.

§ 2.

O valor da tradição popular na sciência e na arte.

Se, desde os irmãos Grimm, alguns sábios de vários países não tivessem chamado atenção para o valor da tradição popular no estudo da evolução do espírito humano, expôr-nos iamos porventura ao risco de sermos troçados por muita gente, que encolheria os ombros e lamentaria que perdessemos o tempo com semelhantes bagatelas; porêm, no estado actual da sciência, temos a certeza de que, pelo menos, os estudiosos darão o nosso tempo por bem empregado, quando êste livro lhes cair nas mãos. Assim, vejamos um exemplo, que se nos afigura típico.

No conto russo n.º x, intitulado *A Sciência Manhosa*, o filho diz ao pai que se vai transformar num cavalo, recomendando-lhe que venda o cavalo sem o freio, pois aliás não voltaria para casa. Quando o filho previne o pai de que se vai transformar num cão, pede-lhe igualmente que venda o cão sem a coleira, afim de que o vendido possa voltar para a casa paterna. Estes motivos repetem-se nas variantes portuguesas intituladas *O Criado do Estrujeitante*, n.º xv dos *Contos Populares Portugueses*, coligidos por F. Adolfo Coelho e *O Feiticeiro*, n.º xlv dos *Contos Populares Portugueses*, coligidos por Consiglieri Pedroso.

Não insistiremos aqui no facto das sucessivas transformações de gente em animais e vice-versa, embora êste modo de pensar nos transporte a uma época prehistórica e remotíssima, conhecida pelo nome de *idade totémica*, em que os animais eram considerados como sendo iguais ao homem; já nêste facto temos um resto dum interessantíssimo estádio da evolução do espírito humano. Porêm, o que vamos aqui realçar é o motivo da *coleira* e do *freio*.

Filosóficamente considerado, êste motivo assim como o facto de os noivos trocarem, na igreja, anéis entre si, ou de o noivo dar um anel (uma aliança) à noiva, ou ainda o facto de as nossas damas usarem fios ou cordões de ouro e pulseiras, proveem da mesma origem e reduzem-se à mesma causa psicológica.

Para podermos relacionar êsses factos, temos de observar o homem primitivo, como por exemplo os Negritos das Filipinas, os Semang e Senoi de Malaca, os Vedas de Ceilão, etc.

Assim, nas regiões tropicais, o primitivo usa uma espécie de tanga de entrecasca de árvore, com fôlhas ou sem elas; isto constitui todo o seu vestuário. Se procurarmos a origem dêste vestuário, veremos que não pode ser devida à protecção do corpo, visto o clima tropical o não exigir; tambêm não se trata duma questão de pudor, já que as ditas fôlhas podem faltar na tanga.

Então qual será a origem da tanga?

Explica-se, quando se observa o casamento do homem primitivo de Ceilão (1). Assim, quando o Veda se casa, põe à mulher uma tanga de entrecasca de árvore.

Evidentemente, isto não é mais do que uma forma da feitiçaria universal, que tem por fim prender alguma coisa por meio duma ligadura («der Bandzauber»); esta superstição ainda hoje desempenha um papel muito importante entre todos os povos. Assim, acredita-se que uma ligadura atada primeiro a um doente e depois a uma árvore, pode transportar a doença para a árvore (2). A ligadura não é, pois, um símbolo, mas sim um remédio mágico, como todos os símbolos o são na sua origem. Analógicamente, a ligadura ou tanga que o Veda faz e êle mesmo põe à mulher, tem por fim assegurar-lhe a fidelidade conjugal.

---

(1) W. Wundt, *Elemente der Völkerpsychologie*, pp. 85-89.

(2) *Der deutsche Volksaberglaube der Gegenwart*, von Dr. Adolf Wuttke, p. 328. Berlin, 1900.

Desde que uma tanga prende o corpo, a mulher fica assim mágicamente presa ao marido para toda a vida. Além disso, encontrou-se essa cerimónia nupcial sob uma forma mais completa, que confirma a sua significação mágica: não é só o homem que põe a tanga à mulher, mas ela faz-lhe o mesmo a êle, para ficarem mágicamente presos um ao outro por toda a vida.

Isto explica a significação primitiva da troca de anéis entre noivos, ou do facto de o noivo dar um anel (uma aliança) à noiva. Emquanto a ligadura ou tanga tem originàriamente uma significação mágica, entre nós civilizados, o anel tem apenas uma significação simbólica, o que representa uma refinação do pensamento dos nossos antepassados primitivos, quando se encontravam no mesmo grau de cultura em que se acham actualmente os Vedas de Ceilão.

Mas há mais. Poder-se ia ainda relacionar com a ligadura ou com a tanga o uso muito espalhado de se fazerem nós em fitas, correias, lenços, aventais, etc., afim de se garantir a posse dum objecto, a firmeza dum contracto, etc. Assim, antigamente, entre os alemães, o nó era símbolo dum contracto realizado, e até as testemunhas que sabiam assinar um documento, perante a justiça, eram ainda obrigadas a fazer um nó numa correia presa ao mesmo documento, para desta maneira confirmarem o seu testemunho; por isso, na linguagem jurídica da Idade-Média, a palavra *nodator* (o que faz nós) significava testemunha.

Em Portugal, quando as mulheres do povo perdem algum objecto, costumam fazer um nó na ponta do avental ou do lenço da cabeça, para acharem o objecto perdido.

Vimos um conjunto de factos relacionados e devidos à mesma causa psicológica, a começar pela tanga ou pelo casamento do homem primitivo até à actualidade. Resta-nos acrescentar que da tanga proveiu, por um lado, o vestuário primitivo, representado, na sua origem,

apenas por algumas fôlhas pendentes da mesma tanga, e, por outro, os mais primitivos objectos ornamentais do corpo humano. Assim, os fios e cordões de metais preciosos, os anéis, as pulseiras e os frontais são ornatos derivados da tanga, que apenas mudou de lugar, visto serem aplicados a outras partes do corpo.

Por conseqüência, agora já compreendemos o poder mágico do *freio* ou da *coleira* do cão, em que o povo acredita nos contos populares.

Se, por um lado, a tanga, representada actualmente pelo anel conferido à noiva, se transformou, entre os civilizados, num símbolo de posse, por outro, a ideia do feitiço primitivo chegou até nós na crença popular de que o animal vendido sem a coleira ou freio pode voltar para a casa do seu antigo dono.

Neste ponto, não concordamos com o mitógrafo russo Afanasiev, que vê na entrega da coleira ou do freio juntamente com o animal vendido, um mero símbolo de posse e nada mais. O símbolo de posse é posterior ao feitiço de segurança; porêm, nada obsta a que estas duas ideias coexistam actualmente. Entre todos os povos slavos há um uso jurídico em virtude do qual o vendedor deve entregar ao comprador o animal juntamente com a corda ou com o freio trazido ao mercado (1). Um *ditado* ruteno diz:

«Quem comprar o cavalo, também deve levar o freio».

Se a primitiva ideia de segurança garantida pelo feitiço estivesse hoje morta, não se compreenderia que as mulheres do povo pretendessem impedir, por meio dum nó feito na ponta do avental ou do lenço, que um objecto perdido passe para os mãos de outro possuidor ou se desligue do seu possuidor primitivo; evidentemente, aqui não se trata de símbolo, mas sim dum mero acto de feitiçaria, pois o nó há de reter o objecto extraviado.

---

(1) Afanasiev, *Narodnuiya Russkiya Skazki*, vol. IV, p. 332, 2.ª edição, Moscou, 1873.

Quanto aos povos slavos, está entre êles ainda em pleno vigor o poder mágico que atribuem aos nós e ás ligaduras. Assim, no distrito de Tver (Rússia) para se reter e preservar o gado das feras, ata-se ao pescoço da vaca que vai à frente das suas companheiras, uma espécie de sacola, chamada *viazlo* (= ligadura, atilho). Afanasiev (1) interpreta êste facto, a nosso ver, erróneamente, dizendo que se trata dum acto de feitiçaria que tem por fim atar a boca à fera. Na Rússia pratica-se toda a casta de feitiçaria por meio de fios ou cordéis cheios de nós, ou por meio de redes, visto estas tambêm conterem um grande número de nós. Assim, para se apanhar uma bruxa, o povo esconde-se, segurando um freio, debaixo duma grade, cuja parte superior é feita de vêrga entrançada.

Mas o povo russo tem conservado usos devéras notáveis, que acusam milhares de anos de existência, e que o irmanam estreitamente, sob o ponto de vista psicológico, com os vedas de Ceilão. Em alguns sítios da Rússia, quando vestem a noiva para ir à igreja, põem-lhe uma rede de pesca por cima do vestido, ou atam-lhe à cintura uma linha cheia de nós. Do mesmo modo, o noivo põe a cintura uma rede ou um cinto de malha.

Alguns campónios julgam que é pecado andar sem cinto (2).

Os slavos meridionais praticam igualmente toda a casta de feitiçaria com anéis e tiras de pano ou cordéis em que se encontram nós. Mas é preferível que êstes objectos, usados como feitiços, tenham sido roubados a defuntos. São principalmente os rústicos croatas que acreditam religiosamente em semelhantes feitiços, empregando-os para efeitos de ordem erótica.

Quando por exemplo uma rapariga receia que o seu

---

(1) *Poetitcheskiya Vozzrienia Slaviane na Prirodu* (A maneira poética de os slavos encararem a Natureza), vol. III, p. 436, Moscou, 1869.

(2) Vid. *ob. cit.* de Afanasiev, p. 437-438.

bem amado se lhe torne infiel, rouba a um defunto a tira de pano que êste traz atada aos queixos; em seguida olha por entre a dita tira de pano para o seu querido, dizendo três vezes o seguinte:

«Quando aquela alminha voltar, também tu me has de abandonar» (kat se ona dusica povratila, onda se i ti od mene odvratio (1)!

Morrendo uma mulher nova e casada, se a mãe desta não quere que o genro viuvo torne a casar, limita-se a não tirar os cordéis com que usam atar as mãos e os pés da defunta. Desde que esta conserve as mãos e os pés atados, a felicidade do homem fica presa à defunta e dependente dela.

Também se usam anéis roubados a defuntos para intuitos eróticos e curativos. Assim, uma rapariga apaixonada por um homem, olha para êste por entre um anel roubado da mão direita dum defunto, julgando que dêste modo êle também ficará apaixonado por ela, e casará com ela.

Na Bósnia, ainda se usa semelhante anel para se fazer parar o sangue a um indivíduo que deite muito sangue pelo nariz; para isso é preciso que o dito indivíduo deixe caír algumas gotas de sangue por entre o anel.

Em suma, poderiamos multiplicar os exemplos para os desconhecedores de êste assunto verem o valor da tradição para a história da cultura (dizemos desconhecedores, visto que estas considerações são desnecessárias aos que sabem); mas não desejando, por vários motivos, avolumar as nossas observações, diremos apenas que no decorrer dêste estudo, o leitor terá ocasião de ver a importância da tradição popular até para a investigação da história de Portugal.

A propósito, citaremos algumas palavras sábias e elo-

---

(1) *Volksglaube und religiöser Brauch der Südslaven*, von Dr. Friedrich S. Krauss, p. 141. Münster i. W. 1890.

qùentes dum falecido amigo e colega nosso, do grande português, espírito culto e eminente professor de história universal, que se chamou Consiglieri Pedroso, a cuja memória, que nos é cara, aqui prestamos religiosamente o preito da nossa mais terna homenagem e gratidão. Consiglieri Pedroso diz o seguinte (1):

«Longe vai o tempo em que a história apenas considerava digno do seu objecto o estudo das instituições políticas ou dos acontecimentos militares de um povo. Hoje o verdadeiro historiador deve, acima de tudo, procurar compreender a evolução do espírito humano, causa única e real de todas as transformações na ordem social, na ordem política, na ordem religiosa, etc.

«Ora a evolução do espírito humano, no seu lento caminhar, compõe-se de todos esses momentos, que um falso subjectivismo de escola alcunhou de aberrações, de superstições e não raro de delitos e de crimes, mas que hoje uma crítica mais imparcial e mais justa olha apenas como fases provisórias, perfeitamente orgânicas contudo na evolução mental de um povo, — como factores indispensáveis na continuidade da sua vida histórica.

«A investigação, pois, do maravilhoso popular português nas suas multíplices relações com o maravilhoso dos outros povos, tanto antigos como modernos, é um capítulo e dos não menos interessantes de uma verdadeira História de Portugal. Foi assim que nos seus respectivos países o compreenderam os irmãos Grimm, Asbjörnsen e Mœ, Gaston Paris, Comparetti, Pitré, Ralston, Afanasiev, etc., e no nosso os srs. Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Teófilo Braga e outros ainda...».

Finalmente, julgamo-nos dispensados de encarecer o grande valor da tradição popular na arte. Assim, os mais poderosos génios da literatura universal teem-se inspirado na tradição popular, para criarem obras pri-

(1) *Contos Pop. Port.*, pp. 7-8, Lisboa, 1910.

mas, que constituem o mais belo património da humanidade. Um Shakespeare não inventa o assunto da sua mais pujante tragédia intitulada *Hamlet*, mas sim aproveita-o numa fonte baseada numa lenda popular; *The Merchant of Venice* e *Midsummer-Night's Dream* do mesmo autor fundam-se em contos populares. Gœthe não inventou o conteudo do seu *Fausto;* encontrou-o numa lenda popular. O *Prometeo,* antes de vir a ser a assombrosa tragédia de Ésquilo, era um conto do povo helénico. O mais eminente poeta russo Púxkine aproveitou vários contos populares do seu país, dando-lhes fórma poética e criando verdadeiras joias literárias.

O célebre compositor russo Glinka inspirou-se igualmente em motivos populares. O grande dramaturgo russo Ostrovski aproveitou um conto popular para escrever o conhecido drama intitulado *Sniegurotchka* (Branca-de-Neve). O eminente compositor russo Rimski-Korsakov escreveu óperas baseadas em contos populares.

Em suma, o facto de os grandes génios artísticos se terem inspirado em fontes populares para criarem obras imorredouras, demonstra que a alma do povo, no seu humilde idealismo, constitui o sustentáculo moral da humanidade.

§ 3.

Duas palavras de reconhecimento — O método que adoptámos. — O que pretendemos fazer no presente estudo.

Depois das nossas considerações prévias, de carácter geral, vamos ocupar-nos especialmente de algumas tradições do povo português e brasileiro, relacionadas e comparadas com o *folclore* estrangeiro. Antes de entrarmos, porêm, neste assunto, julgamos do nosso dever expressar aqui o nosso profundo reconhecimento e a nossa admiração a alguns grandes obreiros da sciência portuguesa, entre os quais destacamos, em primeiro lugar, o

nosso amigo e colega, o sábio professor Dr. F. Adolfo Coelho, que foi o eminente pioneiro dos estudos folclóricos em Portugal(1). Os principais trabalhos de A. Coelho que consultámos são os *Contos Populares Portugueses*, P. Plantier, editor, Lisboa 1879, e os *Contos Nacionais* para crianças, segunda edição. Biblioteca de Educação Nacional, Magalhães e Moniz. Porto. *Os Contos Populares*, que acabamos de citar, representam a primeira tentativa scientífica, que teve por fim introduzir em Portugal os estudos folclóricos, sujeitos a rigorosa crítica.

Realçamos o belo prólogo que precede o volume dêsses contos: as vinte e oito páginas, amarelecidas pelo pêso de trinta e nove anos, acusam já vasto cabedal de erudição e sciência, e pena é que se não tenha prestado, em Portugal, mais atenção a êsses estudos.

Em seguida, citaremos o nome do nosso amigo e colega Dr. J. Leite de Vasconcelos, indefesso trabalhador em vários campos scientíficos, a quem a Pátria deve muitos e relevantíssimos serviços. Se não fôssem tantas obras de incontestável valor que o sr. L. de Vasconcelos tem escrito, bastaria a *Revista Lusitana*, em que se tem revelado como sendo o mais fecundo investigador português no campo folclórico.

Cumpre-nos ainda agradecer ao nosso amigo e colega Dr. Teófilo Braga, que teve a gentileza de nos oferecer, entre outras obras, os seus dois volumes de *Contos Tradicionais do Povo Português*, para o nosso estudo. Toda a gente sabe o que o País deve ao Dr. Teófilo Braga pelos cincoenta anos duma vida laboriosa e fecunda; póde dizer-se, sem exagêro, que não ha uma única questão de literatura nacional, que êsse erudito professor não tenha tratado, e só êste facto bastaria para o impôr à consi-

(1) Infelizmente, ao revermos estas provas (Julho de 1910), confrange-se-nos o coração pela recente perda que o País sofreu com a morte do Dr. A. Coelho, que foi uma incontestável glória nacional.

deração e à gratidão do seu País, onde criou a verdadeira consciência nacional.

Não podemos esquecer aqui o nome do nosso saudoso amigo e colega Z. Consiglieri Pedroso, que também laborou, durante anos, principalmente como coleccionador, no domínio do *folclore* português. Se não fossem os trabalhos dêsses beneméritos professores, ser-nos ia impossível realizar o nosso estudo.

¿Mas o que é que pretendemos fazer aqui? Julgamos do nosso dever prevenir o leitor das nossas intenções, para êle não chegar ao fim dêste trabalho e declarar-se iludido. Assim, diversos são os pontos de vista em que poderiamos colocar-nos, mas como êste género de estudos é muitíssimo complexo e difícil, temos que nos limitar a alguns pontos de vista, que se nos afiguram assáz importantes, com a vantagem de pisarmos terra firme imposta pelos factos. Assim, daremos, em primeiro lugar, a palavra aos factos, seguindo o método indutivo e comparativo, para ver se podemos tirar algumas conclusões finais.

Quanto à tarefa essencial que empreendemos, resume-se no seguinte:

1) *Reconstruir, quanto possível, as tradições do povo português e brasileiro;*

2) *Determinar as regiões em que estas tradições melhor se conservaram;*

3) *Investigar a sua transmissão;*

4) *Verificar se algumas versões e variantes se reduzem a uma só fonte ou a várias fontes paralelas, o que implica uma classificação em grupos.*

Evidentemente, o terceiro ponto do nosso programa é o mais difícil, e inclui, entre outras, três questões fundamentais, que são as seguintes:

a) *¿Donde vieram algumas tradições de origem estrangeira?*

b) *¿Quando vieram?*

c) *¿Quem foi o seu transmissor?*

Ora só quem nunca se ocupou de semelhantes questões poderá encará-las de ânimo leve, atribuindo-lhes certa facilidade; porêm, os que estudam sabem perfeitamente quais as dificuldades que se nos antolham a cada passo; por isso julgamos necessário acrescentar que não vimos aqui com a pretensão de dizer a última palavra sôbre êsse assunto; não pretendemos afirmar com absoluta certeza, pois é sabido que dentro das investigações históricas, é impossível, na maior parte dos casos, afirmar com absoluta certeza; já nos damos por satisfeitos quando chegamos a um alto grau de verosimilhança. Além disso, a questão *a*) terá que ser posta às vezes negativamente: *¿Donde não vieram algumas tradições de origem estrangeira?*

Advertimos o leitor de que, no decorrer do nosso estudo, fômos surpreendidos por algumas tradições comuns ao povo português e ao povo russo; além disso, a dentro de algumas tradições comuns a diversos povos, encontrámos vários factos que apenas se acham representados entre êsses dois povos. Por isso, havemos de fazer incidir luz principalmente sôbre a tradição portuguesa relacionada com a russa. Nesta ordem de ideias, vamos principiar por comparar, no § seguinte duas lendas, uma portuguesa e outra russa.

§ 4.

Uma lenda portuguesa; a mesma lenda em russo; o sono dos rios.

Reproduzimos uma lenda portuguesa publicada pelo sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos (1) :

a) «Havia três rios irmãos: o Tejo, o Guadiana e o Douro, que combinaram deitar-se a dormir, dizendo que o que primeiro acordasse partiria primeiro para o mar.

(1) *Tradições Populares de Portugal*, p. 78. Pôrto, 1882.

O Guadiana foi o primeiro que acordou; escolheu lindos sítios e partiu de seu vagar. O Tejo acordou depois, e como queria chegar ao mar antes do Guadiana, largou mais depressa, e já as suas margens não são tão belas como as daquele. O Douro foi o último que acordou; por isso rompeu por onde pôde, sem se importar com a escolha de sítio, e eis porque as suas margens são tristes e pedragosas (Mondim da Beira, Porto). *b*) Numa versão que recebi do lugar de Loiros (C. de Famalicão) diz-se que é o Tâmega um dos rios, e que o Douro, *por castigo*, ficára com as águas barrentas. *c*) Noutra versão do Pôrto diz-se que é o Minho um dos três rios. *d*) Numa versão da *Serra da Estrêla* (in *Diário de Notícias* de 29 de Agosto de 1881, n.º 5594), que concorda com as antecedentes, que foram publicadas por mim muito primeiro, entram o Mondego, o Zézere e o Alva; o Mondego foi o primeiro que acordou e portanto escolheu melhores sítios; o Alva foi o último. *e*) Noutra versão que eu ouvi a um homem da Serra da Estrêla, e na qual figuram igualmente o Mondego, o Zézere e o Alva, conta-se que marcaram (quem?) o caminho ao Mondego com o dedo, dizendo-lhe:

Vá o Mondego
Pelo risco deste dedo;

«Por isso dá êle muitas mais voltas que os outros.»

Na mesma página das *Tradições Populares* encontra-se a seguinte nota do dr. L. de Vasconcelos:

«Esta lenda do sono dos rios foi pela primeira vez publicada por mim nas *Tradições das águas*, 7. Conta-se uma lenda igual na Rússia a respeito do Volga, do Vazuza, do Sozh, do Dnieper, etc., apud *Myt. Comparée*, de G. de Rialle, pág. 37). Numa interessante carta publicada pelo sr. Adolfo Coelho no *Diário de Notícias* (n.º 5617) e reproduzida no *Jornal de Viagens*, explica-se esta lenda pela ideia dos rios gelarem. A imobilidade do gêlo é um verdadeiro sono.

«Em Portugal, na Beira Alta, também acontece ver-se um rio gelado, e até passarem sôbre êle os gados; mas não é no facto português que se deve buscar a explicação do mito».

SEGUE-SE A MESMA LENDA EM RUSSO (1)

O Volga discutira muito tempo com o Vazuza para ver qual dêles era mais esperto, mais forte e digno de maior estima. Como não pudessem entender-se, resolveram deitar-se a dormir juntos, dizendo que o que primeiro acordasse e chegasse ao mar de *Kvalinsk* (assim se chamava antigamente entre os russos o Cáspio), seria o mais esperto, o mais forte e digno de maior estima.

De noite acordou o Vazuza sem fazer barulho, e fugiu do Volga, escolhendo um caminho mais direito e mais próximo. Quando o Volga acordou, partiu moderadamente, quer dizer, nem devagar nem depressa; apanhou em Zubtsov o Vazuza, mas tão severamente que êste ficou assustado e reconheceu que era o irmão (2) mais novo do Volga, pedindo-lhe que o levasse ao colo para o mar. Pois ainda hoje, o Vazuza acorda na primavera antes do Volga, e desperta êste do sono invernoso.

Acrescenta Afanasiev em pág. 226 da obra citada:

«Estão aqui personificados dois rios que disputam a prioridade, deitando-se a correr para ver qual dêles há de ganhar a partida; evidentemente, o assunto desta lenda foi inspirado pela Natureza: cobrindo-se de gêlo, os rios dormem durante o inverno, mas acordam na primavera, e, sacudindo as algemas invernais, transbordam, devido à neve derretida; lançam-se numa corrida rápida

---

(1) Afanasiev, *Poetitcheskiya Vozzrienia Slaviane na Prirodu* (A maneira poética de os slavos encararem a Natureza), vol. II, pp. 225-229.

(2) Em russo, êstes rios são *irmãs*, visto que os nomes *Volga* e *Vazuza* são femininos.

e barulhenta a transportarem as abundantes águas para o longínquo mar, como se quizessem passar à frente um do outro. O Volga, recebendo os afluentes, leva-os, na bela expressão poética do povo russo, nos poderosos braços para o mar azul. Esta tradição relativa ao Volga e ao Vazuza liga-se, em certos sítios da Rússia, a outros rios.»

Assim, conta-se que o Dnieper também teve uma disputa com o Desna. Quando Deus determinou o destino de cada um dos rios, o Desna chegou atrazado e por isso não conseguiu obter a prioridade relativamente ao Dnieper. Então Deus disse-lhe: «Trata de lhe passar à frente». O Desna deitou-se a correr, mas por mais que corresse, o Dnieper passou-lhe à frente e lançou-se no mar; pois o Desna teve que se lançar no rápido Dnieper. No distrito de Tula existe uma lenda semelhante relativamente aos rios *Don* e *Xote*, considerados como irmãos. Há uma tradição análoga branco-russa relativamente aos rios *Dnieper* e *Soge*, igualmente considerados como irmãos. Conservou-se ainda a seguinte lenda com respeito ao *Dnieper*, *Volga* e *Dvina*:

Outrora êstes rios eram gente; o *Dnieper* era o irmão e o *Volga* e o *Dvina* (1) eram as irmãs dêle. Um dia, ficaram órfãos. Tendo sofrido muito, resolveram finalmente correr mundo em busca de sítios onde pudessem transformar-se em grandes rios. Andaram assim três anos, e finalmente pararam todos três a pernoitar nos pântanos. Mas as irmãs eram mais astutas do que o irmão; assim que o Dnieper adormeceu, elas levantaram-se cautelosamente, escolheram os melhores sítios e deitaram-se a correr como rios que eram.

Pela manhã, o irmão acordou e avistou as irmãs ao longe; irritado, deitou-se a correr atrás delas sob a forma de torrente, afim de as apanhar. Foi correndo por covas

(1) Vid. nota 2 p. 23.

e barrancos, e quanto mais corria, mais furioso ia, escavando a terra e abrindo margens escarpadas.

Porêm, algumas *verstes* antes de se lançar ao mar, a sua cólera abrandou, e êle entrou socegado no abismo do mar. Ora as irmãs, ao fugirem dêle, tomaram várias direcções. É por isso que o *Dnieper* corre mais rápido que o *Dvina* e o *Volga*, e é pela mesma razão que tem muitos braços e muitas catadupas.

Vamos dar um quadro sinóptico desta lenda, afim de realçarmos os factos comuns à lenda portuguesa e à russa:

PORTUGUÊS	RUSSO
1) Três rios irmãos combinam deitar-se a dormir.	1) Embora esta lenda se refira, em alguns sítios da Rússia, só a dois rios irmãos, aparece, todavia, uma versão em que figuram três, sendo esta, a nosso ver, a primitiva. Os rios irmãos resolvem deitar-se a dormir.
2) Os rios disputam a prioridade, para ver qual dêles há de ganhar a partida.	2) Os rios disputam igualmente a prioridade, para ver qual deles há de ganhar a partida.
3) O *Guadiana* acorda primeiro, por isso escolhe lindos sítios; o *Tejo* acorda depois, e como larga mais depressa, já as suas margens não são tão belas como as daquele. O *Douro* é o último a acordar, por isso rompe por onde pode, sem	3) O *Vazuza* acorda primeiro e escolhe um caminho mais direito e mais próximo; ou então, segundo a versão, as *irmãs* levantam-se primeiro e escolhem os melhores sítios; o *Dnieper* acorda e deita-se a correr furioso por covas e barran-

se importar com a escolha do sítio; por conseqüência, as suas margens são tristes e pedragosas.

cos, por isso escava a terra e abre margens escarpadas.

Como se vê, a lenda citada tem um carácter explicativo. Procura-se explicar porque é que certos rios teem margens mais bonitas que outros; porque é que uns correm mais rápido do que outros; porque razão é que alguns chegam primeiro ao mar, e recebem no caminho afluentes, que lá não chegam, etc.

Semelhantes contos explicativos, embora referentes a animais, já se encontram no período *totémico*.

Assim, os indígenas do noroeste da América explicam o facto de o corvo ser preto por ter ido roubar o fogo celeste e se ter queimado no sol (1).

Ora a lenda do sono dos rios, que nós saibamos, encontra-se apenas em Portugal e na Rússia. É evidente que não só por esta circunstância, como principalmente pelo conjunto dos factos comuns que a caracterizam, seria absurdo o admitir-se que ela se tivesse formado independentemente nos dois países, e êsses factos comuns sejam devidos a mera coincidência. Estamos, pois, em presença dum dilema: de duas uma, ou a dita lenda nasceu em Portugal, e daqui emigrou para a Rússia, ou então nasceu na Rússia e dali veiu para Portugal. Pôsto assim o problema, a sua solução não é tão difícil como à primeira vista parece. Assim, não resta dúvida alguma que a lenda do sono dos rios foi sugerida pelo fenómeno natural de os rios gelarem no inverno, como o diz muito bem o sr. Adolfo Coelho na sua carta publicada no *Diário de Notícias*, n.º 5.617, e reproduzida no *Jornal de Viagens*. De resto, a própria lenda russa encarrega-se de no-lo dizer, e Afanasiev interpreta-a, como vimos, da

(1) Wundt, *Elemente der Völkerpsychologie*, p. 270.

mesma fórma. Embora o sr. Adolfo Coelho diga, na sua carta, que em Portugal, na Beira-Alta, também acontece ver-se um rio gelado, acrescenta, todavia, que não é no facto português que se deve buscar a explicação do mito. Ainda um dêstes dias (Julho de 1918), tivemos o prazer de trocar ideias a êste respeito com o nosso sábio colega sr. Adolfo Coelho, que sustentou a mesma tese, concordando com o nosso modo de encarar êste problema. Assim, só um fenómeno natural da grandiosidade e do esplendor que rios como o Volga, o Vazuza, o Dnieper, etc., apresentam quando estão gelados, podia sugerir a ideia do sono invernoso dêstes rios; além disso, quando chega a primavera, há na Rússia um enorme contraste entre a imobilidade dêsses rios e o seu repentino acordar; o gêlo e a neve derretem ao receberem o primeiro ósculo do sol, o que, porêm, não acontece em todos os rios simultaneamente, por terem diferentes situações geográficas; as barulhentas e abundantes águas lançam-se à porfia, como se rivalizassem na sua desenfreada corrida; emquanto uns vão fugindo, outros ainda dormem. Pois só esse conjunto de factos podia sugerir a ideia do sono dos rios, e não um bocado de gêlo dalgum riacho insignificante da Beira-Alta.

Em conclusão, vemos que a referida lenda deve ter vindo da Rússia para Portugal. ¿Como e quando? Tentaremos dar uma resposta a estas duas preguntas, nas *observações finais* do volume de contos populares russos, que se há de seguir a êste, quando tivermos comparado mais algumas tradições comuns a Portugal e à Rússia; por emquanto, vamos ocupar-nos sucessivamente dos contos, por ordem numérica, comparando-os com algumas versões existentes em Portugal, no Brasil e em outros países.

I

EMILIANO PARVO

Em uma aldeia vivia um campónio que tinha três filhos; dois eram inteligentes, mas o terceiro, que se chamava Emiliano, era parvo.

Quando o campónio já era velho, chamou os filhos e disse-lhes:

— Queridos filhos! sinto que breve vou morrer; deixo-vos a casa e o gado, que haveis de repartir em partes iguais; também vos deixo cem rublos a cada um.

Daí a pouco tempo o pai dêles morreu, e os filhos, entretanto, iam vivendo felizes.

Depois os irmãos do Emiliano lembraram-se de ir para a cidade negociar com os trezentos rublos que o pai lhes tinha deixado, e disseram para o Parvo:

— Olha lá, Parvo! nós vamos para a cidade e levamos também os teus cem rublos, e quando tivermos feito negócio, hás de ter a metade dos

lucros, e vamos comprar para ti um casaco encarnado, um boné encarnado e botas encarnadas. Mas tu ficas em casa, e se as nossas mulheres e tuas cunhadas (êles eram casados) te mandarem fazer qualquer coisa, hás de fazê-la.

O Parvo, desejando obter as coisas prometidas, disse aos irmãos que faria tudo que lhe mandassem. Em seguida os irmãos foram para a cidade, e o Parvo ficou vivendo em casa com as cunhadas.

Um belo dia de inverno, quando fazia um frio de rachar pedras, as cunhadas disseram ao Emiliano que fosse buscar água. Mas o Parvo, deitado em cima do forno, disse:

— Vão vocês!

As cunhadas começaram a gritar:

— O quê, Parvo?! Então nós é que havemos de ir? Não vês o frio que faz, que só um homem pode ir?

Mas êle respondeu:

— Tenho preguiça!

As cunhadas tornaram a gritar:

— Que quer dizer que tens preguiça? Hás de querer comer e, se não houver água, não podemos cozer nada.

Além disso, disseram:

— Está bem, quando os nossos maridos voltarem com o casaco encarnado e com o resto, havemos de lhes dizer que te não dêem nada.

O Parvo, ouvindo isto e desejando obter o ca-

saco encarnado e o boné, teve de ir; desceu do forno e começou a vestir-se.

E quando estava vestido, pegou nos baldes e no machado e foi ao rio, pois a aldeia dêles estava situada mesmo à beira do rio. Quando chegou ao rio, fez um grande buraco no gêlo. Depois encheu os baldes de água e pô-los em cima do gêlo, e deixou-se estar ao pé do buraco, olhando para a água.

O Parvo viu nadar um pequeno lúcio no buraco; ora o Emiliano, embora fosse parvo, queria não obstante apanhar o lúcio, e por isso foi-se aproximando a pouco e pouco, e quando estava bem perto dêle, agarrou-o com a mão, tirou-o da água, meteu-o no seio e queria ir para casa. Mas o lúcio, disse-lhe:

— Oh Parvo, para quê é que me apanhaste?

— Para quê? disse êle, levo-te para casa e digo ás minhas cunhadas que te cozam.

— Não, Parvo, não me leves para casa, deita-me ao rio, que te faço rico.

Mas o Parvo não se fiava nêle e queria ir para casa.

O lúcio, vendo que o Parvo o não largava, disse:

— Escuta, Parvo, deita-me ao rio; hei de te fazer tudo que desejares.

O Parvo, ao ouvir isto, ficou muito contente, porque era muitíssimo preguiçoso, e pensava consigo:

— Se o lúcio fizer que eu tenha tudo que desejar, não preciso de trabalhar!

Depois disse para o lúcio:

— Vou largar-te, mas hás de fazer o que me prometeste.

O lúcio respondeu:

— Primeiro deita-me ao rio, depois cumprirei a minha promessa.

Porêm, o Parvo disse-lhe que primeiro havia de cumprir a promessa e que depois o largaria. Como o lúcio via que êle não queria deitá-lo ao rio, disse:

— Se queres que eu te diga como se há de fazer o que desejares, tens que dizer já o que queres.

O Parvo disse-lhe:

— Quero que os meus baldes com água vão por si para a montanha (pois aquela aldeia encontrava-se em cima de uma montanha) e que a água se não entorne.

O lúcio disse-lhe logo:

— Não tem dúvida; não se há de entornar! Mas lembra-te bem das palavras que te vou ensinar; as palavras são estas: Manda o lúcio e peço eu que os baldes vão por si para a montanha!

Depois do lúcio, disse o Parvo:

— Manda o lúcio e peço eu que os baldes vão por si para a montanha!

E logo os baldes foram por si para a montanha. Ao ver isto, o Emiliano ficou muito admirado, e depois disse para o lúcio:

— Será tudo assim?

O lúcio respondeu-lhe que tudo havia de ser assim, mas que o Parvo não devia esquecer as palavras que lhe tinha ensinado. Depois deitou o lúcio ao rio, e foi atrás dos baldes. Quando os vizinhos viram aquilo, ficaram admirados e disseram uns para os outros:

— Olhe o que o Parvo anda a fazer! Os baldes com água andam por si, e êle vai andando atrás dêles:

Mas o Emiliano não lhes disse nada e chegou a casa.

Os baldes entraram na cabana e puseram-se em cima dum banco, e o Parvo deitou-se em cima do forno.

Passado tempo, as cunhadas disseram-lhe:

— Emiliano! então estás deitado? era melhor que fôsses à lenha.

Mas o Parvo respondeu:

— Vão vocês!

— O quê?! gritaram as cunhadas; olha, agora é inverno, e se não fores à lenha, terás frio.

— Tenho preguiça! respondeu o Parvo.

— Que quer dizer que tens preguiça? disseram-lhe as cunhadas; olha que morres com frio.

Alêm disso disseram:

— Se não fôres à lenha, havemos de dizer aos nossos maridos que te não dêem o casaco encarnado, nem o boné encarnado, nem as botas encarnadas.

O Parvo, desejando obter essas coisas, não

teve outro remédio senão ir à lenha; mas como era muitíssimo preguiçoso e não tinha vontade de se tirar do forno, disse em voz baixa:

— Manda o lúcio e peço eu que o machado vá rachar lenha, e que esta venha para a cabana e se coloque por si no forno!

O machado saltou logo para o pátio, e começou a rachar lenha, e a lenha foi por si para a cabana, e colocou-se no forno.

As cunhadas, ao verem isto, ficaram muito admiradas. E o mesmo acontecia todos os dias; quando mandavam ao Parvo rachar lenha, era o machado que a rachava.

Passado tempo, as cunhadas disseram:

— Ó Emiliano! agora não temos lenha; vai à floresta buscar lenha.

O Parvo disse-lhes:

— Vão vocês!

— O quê? responderam as cunhadas. A floresta fica longe daqui, e agora é inverno, e temos frio para ir à lenha.

Mas o Parvo disse-lhes:

— Tenho preguiça!

— Que quer dizer que tens preguiça? disseram as cunhadas; olha que terás frio; e se não fôres, havemos de dizer aos nossos maridos, quando voltarem, que te não dêem nada: nem o casaco encarnado, nem o boné encarnado, nem as botas encarnadas.

O Parvo, desejando obter tudo isto, não

teve outro remédio senão ir à lenha, e levantando-se, desceu do forno e começou a vestir-se depressa.

Quando estava vestido, foi ao pátio, tirou o trenó do alpendre, pegou em uma corda e no machado, sentou-se no trenó e disse às cunhadas que abrissem o portão. Quando as cunhadas viram que êle ia no trenó sem cavalo, disseram-lhe:

—O que é isso, Emiliano, então sentaste-te no trenó, e não engataste o cavalo?

Mas êle disse que não precisava de cavalo, e só queria que lhe abrissem o portão.

As cunhadas abriram o portão, e o Parvo, sentado no trenó, disse: —Manda o lúcio e peço eu que o trenó vá à floresta!

Logo o trenó saiu do pátio. Quando os campónios, que viviam naquela aldeia, viram isto, ficaram muito admirados, pois nem que o trenó fosse puxado por uma parelha, não podia andar mais depressa.

E como o Parvo, para ir à floresta, tinha que atravessar a cidade, atravessou-a; mas como não sabia que era preciso gritar, para não esmagar o povo, êle ia sem gritar, para o povo se acautelar, e assim esmagou muita gente, e embora corressem atrás dêle, não puderam apanha-lo.

O Emiliano saiu da cidade, e chegado à floresta, parou, apeou-se e disse:

—Manda o lúcio e peço eu que o machado

rache lenha, e que as achas se atem por si e se coloquem no trenó.

Mal o Parvo acabou de dizer estas palavras, logo o machado começou a rachar lenha, e as achas ataram-se por si com uma corda e colocaram-se no trenó. Depois, quando o Parvo já tinha a lenha, mandou ao machado cortar um varapáu.

E quando tudo estava pronto, sentou-se no trenó e disse:

—Manda o lúcio e peço eu que o trenó vá por si para casa.

Logo o trenó partiu muito depressa, e quando o Emiliano chegou à cidade onde já tinha esmagado muita gente, o povo estava à espera dêle, para o apanhar, e quando entrou na cidade, agarraram-no e começaram a tirá-lo do trenó, batendo-lhe.

O Parvo, ao ver que o agarravam e lhe batiam, disse em voz baixa:

—Manda o lúcio e peço eu que o varapáu lhes parta os braços e as pernas!

Logo o varapáu saltou e começou a bater em todos. E emquanto o povo fugia, o Parvo foi para casa; e o varapáu depois de ter desancado a todos, desatou a correr atrás dêle.

E assim que o Emiliano chegou a casa, deitou-se em cima do forno.

Depois que o Parvo saíu da cidade, não se falava noutra coisa, não tanto por ter esmagado muita gente, quanto por o trenó andar por si só.

Finalmente, os ditos do povo chegaram aos ouvidos do próprio rei. Mal o rei ouviu isso, manifestou grande desejo de o ver, e por isso mandou um oficial com alguns soldados à procura do Emiliano. O oficial, enviado pelo rei, deixou logo a cidade e foi ter ao caminho por onde o Parvo ia à floresta.

Quando o oficial chegou à aldeia onde vivia o Emiliano, mandou chamar o regedor e disse-lhe:

— O rei manda-me buscar o vosso Parvo para ir comigo ao palácio.

O regedor ensinou-lhe logo a casa onde morava o Emiliano, e o oficial entrou na cabana e preguntou:

— Onde está o Parvo?

E êste, deitado em cima do forno, respondeu:

— Para que é?

— Queres saber para que é? veste-te depressa e vamos ao rei.

Mas o Emiliano disse:

— Que vou eu lá fazer?

O oficial zangou-se com a resposta pouco respeitosa e deu-lhe uma bofetada. Mas quando o Parvo viu que lhe batiam, disse em voz baixa:

— Manda o lúcio e peço eu que o varapáu lhes parta os braços e as pernas!

O varapáu saltou-lhes logo em cima e começou a bater neles, e chegou-lhes a todos, tanto ao oficial como aos soldados.

O oficial foi obrigado a voltar, e quando

chegou à cidade, contou ao rei que o Parvo tinha batido em todos.

O rei ficou muito admirado e não acreditou que o Parvo pudesse bater em todos; contudo escolheu um homem inteligente, e mandou-lhe buscar o Parvo, sem falta, nem que fôsse com uma mentira.

O enviado do rei partiu, e quando chegou à aldeia onde vivia o Emiliano, mandou chamar o regedor e disse-lhe:

— O rei manda-me buscar o vosso Parvo; vá chamar as pessoas que vivem com êle.

O regedor foi logo chamar as cunhadas do Emiliano. O enviado do rei preguntou-lhes:

— De que gosta o Parvo?

As cunhadas responderam:

— Meu senhor, o Parvo, para fazer qualquer coisa, gosta que lhe peçam muito; à primeira vez e à segunda, recusa; mas à terceira vez, já não recusa e faz tudo; êle não gosta que o tratem grosseiramente.

O enviado do rei mandou-as embora e disse-lhes que não contassem ao Emiliano que tinham falado com êle. Depois comprou passas, ameixas sêcas e figos, e foi ter com o Parvo, e quando entrou na cabana, chegou-se ao forno e disse:

— Então, Emiliano, estás deitado em cima do forno? e deu-lhe passas, ameixas sêcas e figos, pedindo-lhe que fôsse com êle ao rei. Mas o parvo disse:

— Estou aqui tão quentinho! pois êle nada

apreciava tanto como o calor. E o enviado começou a pedir-lhe:

—Emiliano, faz favor de vir comigo; hás de te dar bem lá!

O Parvo disse:

—Tenho preguiça!

Mas o enviado continuou a pedir-lhe:

—Faz favor de vir comigo, o rei vai mandar fazer-te um casaco encarnado, um boné encarnado e botas encarnadas.

Quando o Parvo ouviu que lhe faziam um casaco encarnado, se fôsse, disse:

—Então vai tu primeiro, que eu vou atrás de ti.

O enviado não quis importuná-lo mais, afastou-se dêle e preguntou em voz baixa às cunhadas se o Parvo o não enganava. Mas elas afiançaram-lhe que não o enganava.

O enviado voltou ao palácio, e o Parvo deixou-se estar ainda um pouco em cima do forno e disse:

—Tenho pouca vontade de ir ao rei, mas tem de ser!

Depois disse:

—Manda o lúcio e peço eu que o forno vá direito à cidade.

No mesmo instante, um grande estrondo houve na cabana e o forno despegou-se e quando saíu do pátio, andava tão depressa que era impossível apanhá-lo; e o Parvo apanhou ainda no caminho o enviado, e depois chegaram ambos ao palácio.

Quando o rei viu que o Parvo tinha chegado, foi vê-lo em companhia de todos os seus ministros, e vendo que o Emiliano tinha chegado em cima do forno, não disse nada; depois o rei preguntou-lhe:

—Porque é que esmagaste tanta gente, quando ias à lenha?

Mas o Emiliano disse:

—Que culpa tenho eu? porque é que não se acautelaram?

Nisto chegou à janela a filha do rei e olhava para o Parvo, e o Emiliano olhou por acaso para a janela onde ela estava, e vendo que era muito bonita, disse em voz baixa:

—Manda o lúcio e peço eu que aquela linda rapariga se apaixone por mim!

Mal proferiu estas palavras, logo a filha do rei olhou para êle, e ficou apaixonada por êle. E depois o Parvo disse:

—Manda o lúcio e peço eu que o forno vá para casa.

O fôrno foi logo para casa e colocou-se no seu lugar.

Depois disso o Emiliano viveu feliz por algum tempo; mas em casa do rei passava-se outra coisa, pois, por causa das palavras do Parvo, a princesa apaixonou-se por êle e pedia ao pai que a casasse com o Parvo. Ora o rei ficou por isso muito zangado com o Parvo, e não sabia como havia de o apanhar. Então os ministros disseram-lhe que mandasse

aquele oficial que já tinha ido buscar o Emiliano sem ter podido trazê-lo. Por castigo, o rei mandou dizer ao oficial que se apresentasse. Quando o oficial se apresentou, o rei disse-lhe :

— Escute amigo, mandei-o buscar o Parvo, e você não o trouxe; para o castigar, mando-o mais uma vez, e há de trazer-mo sem falta; se o trouxer, será recompensado, e se o não trouxer, será castigado.

O oficial ouviu as palavras do rei e foi logo buscar o Parvo, e quando chegou à aldeia, mandou outra vez chamar o regedor e disse-lhe:

— Aqui tem dinheiro, compre tudo que fôr preciso amanhã para jantar, e convide o Emiliano, e quando êle estiver a jantar em sua casa, embriague-o, para êle adormecer.

O regedor sabia que o oficial era mandado pelo rei, por isso teve que obedecer; comprou tudo e convidou o Parvo.

Como o Emiliano prometeu ir, o oficial esperava-o com grande alegria.

No outro dia, o Parvo foi a casa do regedor; êste embriagou-o de sorte que o Emiliano adormeceu. Quando o oficial viu que estava a dormir, algemou-o, mandou vir um carro e meteu-o dentro; depois o oficial meteu-se também no carro e levou o Parvo para a cidade. E assim que chegou á cidade, levou-o directamente ao palácio. Os ministros disseram ao rei que o oficial tinha chegado.

E assim que o rei ouviu isto, mandou logo que lhe trouxessem um tonel com arcos de ferro. Trataram imediatamente de fazer o tonel e trouxeram-no ao rei. Quando o rei tinha tudo pronto, mandou meter no tonel a filha e o Parvo, e alcatroar o tonel; e depois o rei mandou deitar o tonel ao mar, na sua presença. Deitaram-no ao mar, conforme a ordem do rei; e êste voltou para a cidade.

O tonel, lançado ao mar, flutuou nas ondas durante algumas horas; mas o Parvo dormiu todo êste tempo e quando viu ao acordar que estava escuro, preguntou a si próprio:

— Onde estou eu? pois julgava que estava só.

A princesa disse-lhe:

— Estás num tonel, Emiliano, e eu também cá estou contigo.

— Mas quem és tu? preguntou o Parvo.

— Sou a filha do rei, respondeu ela, e contou-lhe a razão porque os tinham metido no tonel, depois pediu-lhe que fizesse com que se livrassem do tonel. Mas êle disse:

— Aqui também estou quentinho!

— Faz-me êste favor, disse a princeza; tem dó das minhas lágrimas, livra-nos dêste tonel.

— Não tinha mais que fazer, disse o Emiliano; tenho preguiça!

A princeza tornou a pedir-lhe:

— Faz-me êste favor, Emiliano; livra-me dêste tonel, e não me deixes morrer!

O Parvo, condoido das lágrimas e dos rogos dela, disse-lhe:

— Está bem, faço-to a ti.

Depois êle disse em voz baixa:

— Manda o lúcio e peço eu que o mar deite êste tonel em sêco, na praia, perto do nosso reino; e que o tonel se parta por si quando estiver na praia!

Mal o Parvo proferiu estas palavras, logo o mar começou a agitar-se e deitou o tonel em sêco, na praia, e o tonel partiu-se por si.

O Emiliano levantou-se e foi com a princesa por aquele sítio onde se encontravam, e viu que estavam numa ilha muito bonita, onde havia muitíssimas e variadas árvores de fruta. Quando a princesa viu que estavam numa ilha tão bonita, ficou muito contente; e depois disse:

— Bem, Emiliano, onde vamos nós viver? pois aqui não há nem uma cabana.

Mas o Parvo respondeu:

— Tu já pedes demais!

— Faz favor, Emiliano, manda colocar qualquer casinha, disse a princesa, para nos podermos abrigar no tempo da chuva; pois a princesa sabia que êle podia fazer tudo que quisesse.

Mas o Parvo respondeu:

— Tenho preguiça!

Ela tornou a pedir-lhe, e o Emiliano, comovido, não teve outro remédio senão fazer-lhe a vontade. Depois afastou-se dela e disse:

— Manda o lúcio e peço eu que, no meio

desta ilha, apareça um palácio melhor que o do rei, e que uma ponte de cristal ligue o meu palácio com o do rei, e que no meu haja gente de todas as condições.

Mal proferiu estas palavras, apareceu logo um palácio enorme e uma ponte de cristal. O Parvo e a princesa entraram no palácio e encontraram os aposentos ricamente mobilados e muita gente, que esperava as ordens do Parvo. Notando o Emiliano que todos eram pessoas de valor, e só êle era feio e estúpido, também quis tornar-se melhor, e por isso disse:

— Manda o lúcio e peço eu que me torne muitíssimo esperto e tão perfeito que não haja igual!

Assim que proferiu estas palavras, ficou logo tão bonito e esperto que todos se admiraram.

Depois o Emiliano mandou um criado ao rei, a convidá-lo mais os seus ministros.

O enviado do Emiliano foi ao rei pela ponte de cristal, que o Parvo tinha arranjado; e quando chegou ao palácio, os ministros apresentaram-no ao rei; e o enviado do Emiliano disse:

— Meu senhor! o meu amo manda-me convidar-vos respeitosamente a jantar com êle.

O rei preguntou-lhe:

— Quem é o seu amo?

Mas o enviado respondeu:

— Não posso dizer-vos quem seja (pois o Parvo tinha-lhe proíbido dizer quem era o amo dêle): não se sabe nada a respeito do meu amo;

mas quando jantardes com êle, então vos dirá quem é.

Tendo a curiosidade de saber quem o convidava, o rei disse ao enviado que não faltaria.

Quando o enviado partiu, o rei foi logo atrás dêle com todos os ministros.

Á volta, o enviado disse que o rei não faltaria e assim que acabou de falar, chegou logo o rei mais os príncipes, pela ponte de cristal.

E quando o rei entrou no palácio, o Emiliano foi-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e introduziu-o no seu magnífico palácio, e sentou-se a uma rica mesa, cheia de boas comidas e bebidas.

O rei e os ministros beberam, comeram e divertiram-se, e quando acabou o jantar, o Parvo disse para o rei:

— Excelentíssimo senhor! conheceis-me e sabeis quem sou?

Mas como o Emiliano trazia um rico fato, e era muito bonito, não era fácil conhecê-lo; por isso o rei disse que o não conhecia.

— Mas o Parvo disse:

— Excelentíssimo senhor! Não vos lembrais do Parvo que foi ao vosso palácio em cima do forno, e vós mandastes metê-lo num tonel alcatroado em companhia de vossa filha, e deitá-los ao mar? Pois ficai sabendo que sou eu mesmo aquele Emiliano!

O rei, ao vê-lo, ficou muito assustado e não sabia o que havia de fazer; mas o Parvo foi no entretanto buscar a filha do monarca e apre-

sentou-a ao pai. Quando o rei viu sua filha, ficou muito contente, e disse para o Parvo:

— Sinto-me muito culpado perante ti, e por isso dou-ta em casamento.

Quando o Parvo ouviu isto, agradeceu muito ao rei; e visto que o Emiliano tinha tudo pronto para o casamento, êste festejou-se com grande pompa naquele próprio dia. E no outro dia, o Parvo deu um magnífico banquete aos ministros, e para o povo mandou pôr balseiros com várias bebidas. E quando a festa terminou, o rei queria dar-lhe o seu reino; mas êle não quis aceitar. Depois o rei voltou para o seu reino, e o Parvo ficou vivendo feliz no seu palácio.

CRÍTICA

I. — Emiliano parvo

Começaremos por dar um resumo dêste conto e dalgumas versões existentes em grego, sloveno, napolitano, alemão e português.

RUSSO

O Emiliano é parvo e preguiçoso. As cunhadas conseguem que êle vá ao rio buscar água, e êle apanha um lúcio; êste pede-lhe que o largue, e ensina-lhe a obter tudo que desejar com as seguintes palavras: «Manda o lúcio e peço eu que...» Um dia, o Parvo vai à lenha e pede que lhe apareça um feixe de lenha, que esta se coloque por si no trenó, e que êste o leve com a lenha para casa. Assim acontece. O rei ouve contar as façanhas do Parvo, e manda chamá-lo por curiosidade. O enviado

do rei dá ao Parvo passas, ameixas sêcas e figos. Quando o Parvo vê a bela princesa à janela, diz em voz baixa: «Manda o lúcio e peço eu que aquela linda rapariga se apaixone por mim!...» A princesa apaixona-se pelo Parvo, e pede ao pai que a case com êle. Na versão n.º 101 de Afanasiev, o preguiçoso ao avistar a princesa, deseja-lhe que tenha um filho, o que acontece.

O rei fica furioso, e manda chamar o Parvo por um oficial, que o leva num carro. O rei manda meter num tonel o Parvo, a filha e o neto, que são deitados ao mar. O Emiliano pede ao lúcio que o deite em sêco e que o tonel se parta. Por meio das palavras mágicas aparece um palácio melhor que o do rei. Um dia, o Parvo convida o rei a jantar, e êste janta com êle. O Emiliano transforma-se num môço muito perfeito e esperto, casando finalmente com a princesa.

GREGO (1)

Uma mulher deseja ter um filho, nem que seja meio filho. Nasce-lhe meio filho, com meia cabeça, meio nariz, meia bôca, meio corpo, uma mão e um pé.

Por ser tão monstruoso, a mãe não quer deixá-lo saír de casa para ir trabalhar; mas êle pede-lhe insistentemente que o deixe ir à lenha, até que a mãe consente, dando-lhe um machado e uma mula.

Um dia, o rapaz vai à lenha, e passa pelo castelo da princesa; esta, ao avistar o monstro, põe-se a rir e chama as criadas para verem o meio-homem; elas também desatam a rir, o que o faz pasmar, de sorte que deixa caír o machado e a corda, sem os apanhar. Chega ao bosque, e não tem machado para cortar lenha; nisto põe-se a olhar para um lago, avista um peixe e apanha-o. O peixe pe-

(1) Hahn, *Griechische und albanesische Märchen*, n.º 8, *Der halbe Mensch*. Leipzig, 1864.

de-lhe que o largue, ensinando-lhe a obter tudo que desejar, se proferir as seguintes palavras: «Pela primeira palavra de Deus e pela segunda do peixe faça-se isto ou aquilo.» Por meio destas palavras mágicas, a mula fica carregada de lenha. O meio-homem torna a passar pelo castelo da princesa; esta chama as criadas, que desatam a rir, por verem que o meio-homem tinha carregado a mula de lenha sem machado e sem corda. Ele fica zangado e deseja à princesa que se ache grávida. Assim acontece. A princesa tem um filho. O rei reune todos os homens da capital, dá uma maçã ao menino, ordenando-lhe que a dê ao pai. O menino pega na maçã, mas esta cai-lhe da mão e rola até o meio-homem; então o menino diz para o meio-homem: «Toma lá a maçã, papá.»

Em vista disso, os conselheiros dizem ao rei que mande metê-los a todos num tonel de ferro, o meio-homem, a princesa e o neto, e que se deite o tonel ao mar. O rei manda pôr figos no tonel para o menino comer. A pedido da princesa, o meio-homem faz com que o tonel nade para a praia e deite fora o seu conteudo. Com o auxílio das palavras ensinadas pelo peixe, aparece um grande castelo, em que as portas, as paredes, as traves e até o sal e a manteiga sabem falar. Um dia, o rei vai à caça, avista o castelo, e manda lá dois criados assar duas perdizes, que se carbonizam, emquanto êles se entreteem a falar com vários objectos inanimados do castelo. O rei entra no castelo e a princesa convida-o a jantar. O meio-homem manda vir um grande jantar com criados, música e bailarinos.

A princesa pede ao meio-homem que faça com que uma colher se esconda numa bota do rei. Assim acontece. A princesa acusa o rei de lhe ter roubado uma colher; êle diz que o acusam injustamente, ao que ela responde que o pai tambêm mandara metê-la injustamente num tonel, e deitá-la ao mar. O rei leva a filha e casa-a com um grande do reino; do meio-homem faz o seu primeiro guarda de corpo, casando-o com a sua mais bela escrava.

SLOVENO (1)

Um homem e uma mulher teem uma filha, que o pai não quer dar em casamento a ninguêm. A filha impacienta-se, dizendo que quer casar; então o pai promete casá-la com o diabo *(vrag)*. Assim acontece. A mulher do diabo tem três filhos. Um belo dia, o diabo manda a mulher para casa do pai, e nisto pega num dos filhos e rasga-o em duas metades, ficando êle com uma metade. Ao meio filho, que só tem uma mão e um pé, põem o nome de *Polovanjek* (em russo *polovina* = metade).

Numa ocasião, o avô do *Polovanjek* vai à pesca; o rapaz vai atrás dêle e apanha um peixe. O peixe pede-lhe que o largue, ensinando-lhe a obter tudo que desejar quando proferir as seguintes palavras: «Queira Deus e o peixe que apanhei e larguei que eu obtenha isto ou aquilo».

O *Polovanjek* vai para casa, e no caminho avista do outro lado do mar uma cidade, e uma bela princesa, que está à janela dum palácio; êle deseja-lhe que se ache grávida. A princesa chega a ter um filho. O rei convoca o povo, e faz uma bola de ouro. A bola deitada rola até o *Polovanjek;* assim se descobre o pai do menino, casando a princesa com êle.

NAPOLITANO (2)

Ceccarella tem um filho estúpido e preguiçoso, chamado *Peruonto*, que não quer trabalhar.

A grande custo, ela consegue mandá-lo à lenha, para fazer comida. *Peruonto* faz uma gentileza a três filhos

---

(1) Esta variante é citada por Afanasiev, *Narodnyia Russkïa Skazki*, vol. IV, p. 190.

(2) Giambattista Basile, *Lo Cunto de li Cunti*, vol. I, n.º 3, *Peruonto*, p. 47. Napoli, 1891.

duma fada, que lhe conferem o condão de obter o que desejar. — Êle não pode com o molho de lenha, e deseja que êste o leve a cavalo para casa.

No caminho, passa pelo palácio do rei. As donzelas que estão à janela vêem essa maravilha, e chamam a filha do rei, *Vostolla*, que desata a rir. *Peruonto* deseja à princesa que se ache grávida, o que acontece. Ela tem dois rapazes gémeos. O rei pregunta aos seus conselheiros o que há de fazer; êles dizem-lhe que espere até os filhos estarem crescidos para poderem conhecer o pai. Um dia, o rei convida todos os homens da cidade para um banquete. *Peruonto* também comparece. Os filhos acariciam-no, e assim se descobre o pai dos meninos. Os conselheiros dizem ao rei que mande meter *Peruonto*, a princesa e os filhos num tonel, e que se deite o tonel ao mar. Põem alguns figos no tonel. A pedido da princesa, *Peruonto* faz com que o tonel se transforme num belo navio, e êste num palácio. Um dia, o rei vai à caça, sendo surpreendido pela noite; manda então alguns cortezãos ao palácio de *Peruonto* a pedir pousada.

Depois aparecem ao rei os dois netos e chamam-lhe *avô!* O rei janta e deita-se. O episódio da colher e dos objectos inanimados que falam no conto grego, faltam no conto napolitano.

No dia seguinte, o rei quere levar os dois netos; nisto aparece a filha e *Peruonto*, transformado num belo e polido rapaz, e pedem-lhe perdão. O rei perdoa-lhes, leva-os para casa, e festeja o acontecido.

ALEMÃO (1)

Um dia, um rapaz pobre, que guardava porcos, estava ao pé dum poço a molhar um bocado de pão duro para almoçar. Nisto aparece-lhe um anão de cabelos brancos

(1) *Zeitschrift für Deut. Mythol. und Sittenkunde*, 1, p. 38-40.

(Klein grau Männlein), e pede-lhe um bocadinho de pão. O rapaz reparte o seu magro almoço com o anão, e êste concede-lhe o condão de obter tudo quanto desejar. Um belo dia, o pai manda o rapaz à cidade, onde êste avista a princesa sentada à janela do palácio. O rapaz sauda a princesa, mas ela ri-se dêle, por isso o rapaz ofendido deseja-lhe que se ache grávida.

Nasce à princesa um filho, com uma maçã de ouro numa mão. O rei fica furioso, e querendo descobrir o pai do menino, convoca, por conselho duma cigana, todos os solteiros do reino: a quem o menino atirar com a maçã de ouro, êsse será o pai dêle. O menino atira com a maçã ao nosso rapaz; êste é imediatamente agarrado e metido num velho navio em companhia da princesa, e lançado ao mar.

O rapaz recorre ao seu condão, e transforma-se num cavalheiro bonito e esperto; também arranja alguns navios de guerra, regressa à pátria, e casa com a princesa.

PORTUGUÊS (1)

Uma mulher tem um filho parvo e preguiçoso (B.) (2) Algarve). Um dia, ela consegue mandá-lo à lenha. O rapaz vai a uma ribeira, e apanha um peixe.

O peixe pede-lhe que o deite à agua, ensinando-lhe a obter tudo quanto quizer por meio das seguintes palavras: «Peço a Deus e a meu peixinho (B.)», ou «Por meu Deus e por meu peixe (C. P.)», ou «Peixinho, pelo poder e amor que Deus te deu» (C.). Ele não póde com o mólho de lenha, por isso deseja que êste o leve a cavalo. Passa

(1) A. Coelho, *Contos Pop. Port.*, n.º xxx, *João Mandrião;* T. Braga, *Contos Tradicionais do Povo Port.*, 2.ª edição, 1914, *O Peixinho Encantado;* Consiglieri Pedroso, *Contos Pop. Port.*, n.º xvii, *O Preguiçoso da Forneira;* Ataide de Oliveira, *Contos Tradicionais do Algarve*, vol. i, *Pedro Preguiça*, n.º 60.

(2) B. = Braga; C. P. = Consiglieri Pedroso; C. = Coelho.

assim pelo palácio do rei, que chama a filha; esta desata a rir.

Ora o rapaz deseja à princeza que tenha um filho dêle, sem ninguem saber de quem é. A princeza tem um filho com a mão direita fechada. O rei manda chamar o *João Mandrião*, que diz para o criado do rei: «Sim, se tu me levares a cavalo, vou» (C.). O *Mandrião* consegue que o menino abra a mão, em que tinha um papel que dizia: «O meu pai será o João Mandrião.» O rei manda meter num tonel o *João Mandrião*, a filha e o neto, que são deitados ao mar. A rainha dá uma saquinha de biscoitos à filha para o menino (C.). O *João Mandrião* pede ao peixe que o deite em sêco e que destape o tonel. Com a ajuda das tais palavras, aparece um palácio mais rico e melhor que o do rei (C. P.). Um dia, o rei pede que o deixem vêr o palácio do *João Mandrião*. O rei almoça com o preguiçoso (C. P.). Depois aparece na algibeira do rei uma pêra, ou uma maçã de ouro, ou uma laranja de ouro, sem êle saber como. Dizem-lhe que a filha dêle também teve um menino sem saber como. Depois o peixe faz do Parvo um môço esperto e mais formoso que todos os príncipes. Acaba por casar com a filha do rei (B.).

*
* *

Vamos apenas dizer duas palavras sôbre o conto n.º 1, comparando as diferentes versões e variantes citadas. Porêm, antes de tudo, desejamos referir-nos à opinião dum mitógrafo alemão (1), que faz derivar um conto valáquio intitulado *Florianu* da lenda helénica de Perseo. Alêm disso, Schott quere que o conto napolitano por nós citado pertença à mesma orígem.

---

(1) Arthur und Albert Schott, p. 371-372, *Walachische Märchen*, J. G. Gotta'seher Verlag. 1845.

A lenda de Perseo resume-se no seguinte:

Profetizam ao rei Acrísio que o filho da sua filha *Danae* o há de matar. Por isso, o rei encerra a filha numa tôrre; porêm, Zeus entra na tôrre sôb a fórma de uma chuva de ouro, e a princeza tem um filho.

Em seguida, Acrísio mete a filha e o neto num caixão e deita-os ao mar. Desembarcam na ilha de Serifos, onde reina Polidectes. Ora com auxílio divino, Perseo, filho de *Danae*, arranja sapatos alados, um capacete que torna invisivel e uma fouce de diamante. Vai assim aparelhado e corta a cabeça a Medusa, obtêm do rei Atlas maçãs de ouro, liberta Andrómeda dum monstro marinho, que a quere engulir, mata o pai dela, Cefeo, e o noivo dela, Agenor, que o queria matar a êle secretamente. A mesma sorte tem Polidectes, que queria igualmente matar Perseo.

É possível e até provável que o conto valáquio *Florianu*, derive da lenda de Perseo; mas daí a derivar o conto napolitano *Peruonto* e, por conseqüência, as demais versões, da mesma lenda, afigura-se-nos temerário.

Assim, na lenda de Perseo há apenas dois factos que fazem lembrar o conto napolitano; a filha de Acrísio tem um filho de orígem misteriosa: o rei mete-a num caixão em companhia da criança, e deita-os ao mar. Ora êstes dois factos são, a nosso vêr, insuficientes para se fazer derivar o conto napolitano da lenda de Perseo. Alêm disso, é mister notar que Acrísio, movido por um intuito considerável, encerra a filha numa tôrre para a isolar do mundo, quando é certo que êste motivo não aparece em versão alguma dos nossos contos, nem sequer na versão grega, onde mais o esperaríamos. Deixemos, pois, de parte a lenda de Perseo, e ocupemo-nos apenas dos contos em questão.

Se atendermos ao conjunto dos factos comuns a esses contos, não resta dúvida que são genealógicamente aparentados; porêm, o dificílimo de determinar é o grau do seu parentesco. Em todo o caso, vê-se, por exemplo, que a variante slovena, em que figura o meio-filho, se

aproxima mais do conto grego do que de qualquer das restantes versões. Depois temos uma feição característica que aparenta estreitamente a versão portuguesa com a napolitana e com a russa.

Nestas três versões, o herói é *parvo* e *preguiçoso*, ao passo que em grego, svoleno e alemão, êstes dois atributos não se encontram; antes pelo contrário: na versão grega, a mãe tem todo o empenho em não deixar sair o filho de casa, e só depois de êle lhe pedir muito é que ela o deixa ir à lenha. Nas versões portuguesa, napolitana e russa, a mãe ou as cunhadas teem de pedir muito ao preguiçoso que vá à lenha. Alêm disso, em grego e sloveno, o rapaz fica sendo meio-homem, ao passo que em português, nopolitano e russo, o parvo e preguiçoso se transforma num moço esperto e formoso.

O episódio do peixe mostra que o povo português conservou melhor a tradição do que o povo napolitano ou alemão. O riso da princesa das versões portuguesas indica que estas conservaram melhor a tradição, neste ponto, do que as versões russas. O motivo do saquinho de biscoitos (C.) atesta que em Portugal se conservou melhor a tradição do que na Rússia, embora na versão russa, o enviado do rei dê figos ao Parvo. O episódio da pera, maçã de ouro ou laranja de ouro (correspondem à *colher* em grego) que aparece na algibeira do rei sem êle saber como, mostra que o povo português e grego conservaram neste ponto a tradição melhor que todos os demais. Alêm disso, temos na versão portuguesa da Foz do Douro (na colecção do sr. Dr. Adolfo Coelho), o episódio do tonel, que as outras versões portuguesas já eliminaram; isto habilita-nos a afirmar que neste ponto, a tradição persistiu melhor no Norte do que no Sul do país.

Passamos agora a notar algumas feições que aproximam as versões portuguesas das russas. Assim, na versão da Foz do Douro (C.), o rei manda chamar o João Mandrião, e êste diz para o criado do rei: «Sim,

se tu me levares *a cavalo*, vou». No conto russo, o rei manda igualmente chamar o preguiçoso por um oficial, que o leva ao palácio *num carro*.

Tanto em português como em russo, o Parvo arranja um palácio *melhor* que o do rei.

Porêm, na versão portuguesa intitulada *O Preguiçoso da Forneira* (C. P.), há um facto mais sugestivo do que os já citados. Assim, em nenhuma das versões por nós conhecidas, nos aparece a mãe ou alguma cunhada do heroi em qualidade de *forneira;* mas, em compensação, em nenhuma das versões, a não ser na russa, se encontra o forno, inseparavel do preguiçoso. Ora isto leva-nos a dizer duas palavras sôbre a significação do forno de cozer pão na Rússia.

Sabe-se que, no inverno, o clima da Rússia é extremamente rigoroso, por isso os fornos de cozer pão teem um feitio especial, para se lhes poder aproveitar o calor em todos os sentidos, e para êste intuito, os ditos fornos teem por cima uma espécie de sótão, onde se refugiam e dormem os indivíduos mais friorentos. Por isso, o termo *friorento* é ali quase sinónimo de preguiçoso. Pela mesma razão, o Emiliano é inseparável do seu forno, chegando a ir em cima dêle até ao palácio do rei. Ora êsse uso acessório do forno russo não seria compreendido em Portugal, onde os fornos de cozer pão não teem o tal *sótão*, visto as condições climatéricas o não exigirem.

Portanto, na hipótese de que o conto português teria vindo da Rússia, o seu título primitivo devia ter derivado dos factos essenciais que dominavam esse conto e que consistiam na preguiça do heroi e na sua inseparabilidade do forno; por consequência, a conjectura seria que o título primitivo do conto português devia ser *O Preguiçoso do Forno;* mas por uma adaptação às condições mesológicas do clima de Portugal, o motivo do forno e o da lenha podiam originar a ideia da forneira.

II

A MULHER QUE ADIVINHA

Era uma vez uma velha aldeã, que tinha um filho ainda pequeno demais para trabalhar nos campos. Chegaram a ponto de não terem nada que comer; então a velha pôs-se a pensar nos meios de arranjar pão, e disse para o filho:

— Vai vêr se alguêm tem cavalos, depois amarra-os a um arbusto e dá-lhes feno, e em seguida desamarra-os, leva-os para o campo e larga-os.

O rapaz fez o que a mãe lhe mandou.

Ora a respeito da velha dizia-se que adivinhava.

Os donos dos cavalos procuraram-nos por muito tempo, mas não foram capazes de os encontrar, e disseram:

— Que havemos de fazer? É preciso ir à busca dum feiticeiro e dar-lhe o que nos pedir,

para nos dizer onde estão os cavalos. Então lembraram-se da adivinha e disseram:

— E se fôssemos ter com ela e lhe pedíssemos que deitasse cartas, talvez soubesse dizer-nos alguma coisa a respeito dos cavalos. Dito e feito. Foram à casa da velha e disseram:

— Tiazinha, disseram-nos que vossemecê sabia deitar cartas; perdemos os nossos cavalos; veja se sabe dizer-nos onde estão. A velha disse-lhes:

— Não posso; não tenho fôrças para isso. Dizem êles:

— Veja lá, tiazinha, se nos deita cartas; olhe que não é de graça; havemos de lhe pagar o seu trabalho.

Então ela deitou cartas tossindo, e disse:

— Os vossos cavalos estão amarrados a um arbusto em tal parte.

Os donos dos cavalos ficaram muito contentes e pagaram à velha; em seguida foram em busca dos cavalos. Quando chegaram ao tal arbusto, já não encontraram os cavalos, mas conheceram o sítio onde tinham estado amarrados, por causa de uma corda dum freio que encontraram no arbusto e dum montão de feno que alí tinha ficado. E como não achassem os cavalos, resolveram ir outra vez ter com a velha, para ver se adivinhava onde estavam os animais.

Quando chegaram à casa da velha, esta estava deitada em cima do forno a lamentar-se e

a queixar-se, como se estivesse doente. Puseram-se a pedir-lhe que tornasse a deitar-lhes cartas. Desta vez, ela também fingiu que não queria, para vêr se lhe davam mais dinheiro. Êles prometeram recompensá-la bem, no caso de encontrarem os cavalos. Então a velha desceu do forno, queixando-se e tossindo e tornou a deitar cartas; depois pensou e disse:

— Ide procurá-los em tal e tal campo, e haveis de os encontrar. Os donos dos cavalos pagaram-lhe generosamente o trabalho, e foram em busca dos cavalos. Quando chegaram ao tal campo, encontraram realmente os cavalos, e levaram-nos para casa.

Então espalhou-se uma grande fama àcêrca da velha; dizia-se que adivinhava tudo. A fama da velha chegou aos ouvidos de um fidalgo, em cuja casa tinha desaparecido um cofre cheio de dinheiro. O fidalgo mandou dois criados com uma carruagem à casa da velha, para a levarem sem falta à casa dêle, mesmo que ela estivesse muito doente. Um dos criados chamava-se Carneiro, e o outro, António; e eram êles que tinham roubado o dinheiro ao fidalgo. Chegaram à casa da velha, e meteram-na na carruagem quáse à fôrça. No caminho, a velha começou a queixar-se e a suspirar, murmurando consigo:

— Ai de mim! se não fôsse *o dinheiro e o demónio*, não andava eu de trem e não ia, como adivinha, à casa do fidalgo, para me meter

numa camisa de onze varas. Ai, ai, isto está mal!

O Carneiro escutou e disse para o António:

— Ouves, António? a velha está a murmurar qualquer coisa a nosso respeito. Parece que isto está mal. O António disse-lhe:

— Porque é que te assustaste tanto? Talvez penses assim pelo medo que tens. Mas o Carneiro respondeu-lhe:

— Escuta tu, olha, lá está ela outra vez a murmurar.

Ora como a velha ia aflita e também estava receosa do seu destino, tornou daí a pouco a murmurar:

— Ai de mim! se não fôsse *o dinheiro e o demónio*, não havia nada disto!

Puseram-se ambos à escuta e ficaram muito assustados e disseram:

— É preciso pedir à velha que não diga nada ao patrão, pois ela está sempre a dizer:

«Se não fôsse o Carneiro e o António, não havia nado disto». Depois começaram a pedir à velha:

— Ó tiazinha! não queira ser causa da nossa desgraça, que havemos de lhe agradecer. Não ganha nada em dizer tudo ao patrão, só nos desgraçará. Ora a velha não era tola, e percebeu logo tudo, sentindo-se ao mesmo tempo muito aliviada.

Depois preguntou-lhes:

— Onde foi que vocês puseram tudo isso?

Eles disseram a chorar:

— Ó tiazinha! foi o demónio que nos tentou para cometermos semelhante pecado.

A velha tornou a preguntar:

— Mas que é feito dêle?

Eles disseram:

— Escondemo-lo no moinho.

Depois combinaram como haviam de o entregar, e chegaram à casa do fidalgo.

Quando o fidalgo viu a velha, ficou muito contente, andou com ela nos braços, e deu-lhe de comer e beber do bom e do melhor; e quando já estava farta, êle pediu-lhe que deitasse cartas, para vêr onde estava o dinheiro, dizendo:

— Ó tiazinha! faça de conta que está em sua casa; ponha-se à vontade, e se descobrir quem me roubou o dinheiro, dou-lhe tudo quanto quiser. Então a velha deitou cartas, e ficou a olhar para elas por muito tempo, murmurando; finalmente disse:

— Olhe, o que perdeu está no moinho.

Assim que o fidalgo ouviu isto, mandou logo o Carneiro e o António buscar o dinheiro, pois não sabia que êles o tinham roubado. Foram buscar o dinheiro e trouxeram-no ao fidalgo. Quando êste viu o seu dinheiro, ficou tão contente que nem sequer o contou, e deu logo à velha cem rublos e mais coisas, prometendo-lhe nunca a abandonar pelo serviço que ela lhe tinha prestado; depois deu-lhe do bom e do melhor, e mandou-a de carruagem para casa. No ca-

minho, o Carneiro e o António agradeceram à velha não ter dito nada ao patrão, embora soubesse tudo, e também lhe deram dinheiro.

Desde então, a velha ainda ficou mais conhecida, e não lhe faltou nada, pois viveu feliz em companhia do seu filho.

III

AS PÉROLAS ROUBADAS

Era uma vez um fidalgo que tinha um lacaio e um cocheiro; o lacaio chamava-se Pança, e o cocheiro, Costas.

Um belo dia, êles roubaram ao patrão umas pérolas, que estavam guardadas num cofre.

Quando o fidalgo viu que as pérolas não estavam no cofre, chamou os dois homens e disse-lhes:

— Confessai a verdade se me roubastes?

Eles disseram;

— Não, senhor! nunca; nem sabemos de nada.

O fidalgo disse:

— Vêde bem o que dizeis, pois vou já chamar a adivinha, e ai de vós se ela disser que fostes vós.

O fidalgo mandou chamar a velha, e quando ela chegou, êle disse-lhe:

Bom dia, tiazinha! faz favor de me deitar

cartas, pois roubaram-me umas pérolas de muito valor.

A velha respondeu:

— Está muito bem, patrão, já lá vou; mas antes de tudo, mande-me aquecer água para um banho, pois venho muito suja do caminho e quero lavar-me (1).

Prepararam o banho, e a velha começou a fustigar-se com a vassoura e a dizer:

— Agora a pança e as costas hão de apanhar.

Mas o lacaio e o cocheiro estavam à janela a escutar o que ela dizia. Diz o cocheiro:

— Oh, amigo, ela já sabe tudo. O que vai ser de nós?

Mal a velha saíu do banho, êles começaram a pedir-lhe:

— Oh, tiazinha! por amor de Deus, não diga nada ao patrão.

Pregunta a velha:

— Mas que é feito das pérolas? Ainda estão intactas?

Eles disseram:

— Estão, sim, tiazinha.

A velha disse:

— Pois enrolai cada uma das pérolas em miolo de pão e dai-o de comer ao ganso.

---

(1) Depois do banho propriamente dito, usam-se na Rússia banhos de vapor, enchendo-se uma casa especial de vapor muito quente, e fustigando-se o corpo com uma espécie de vassoura feita de ramos de arbustos.

Dito e feito. A velha foi ter com o fidalgo, que lhe preguntou:

— Então, tiazinha, já sabe?

A velha disse:

— Sei, meu caro.

O fidalgo perguntou-lhe:

— Mas quem tem a culpa?

Diz a velha:

— É o ganso que anda no pátio; a sua casa tem as janelas abertas, e assim o ganso entrou e comeu as pérolas.

O fidalgo mandou apanhar e matar o ganso. Mataram o ganso, e encontraram-lhe as pérolas na moela. O fidalgo agradeceu à velha e jantou com ela; mas mandou trazer para o jantar uma gralha assada, para vêr se a velha adivinhava o que era. Sentaram-se à mesa. Quando trouxeram a gralha assada, a velha, olhando para os lados, disse a respeito de sí própria:

— As gralhas voam alto, e às vezes entram em palácios (1).

O fidalgo disse:

— Que esperta que ela é; sabe tudo.

Depois do jantar, o fidalgo mandou vir a carruagem para levar a velha para casa, e disse a um criado que pusesse ovos na carruagem sem ela saber. O criado assim fez. Como a

---

(1) É um ditado russo relativamente a um pobre que de repente se vê rico.

carruagem parecia um cabaz, diz a velha ao sentar-se:

— Lá vai a galinha para o chôco. O fidalgo admirou-se da velha saber tudo, deu-lhe dinheiro, e mandou-a para casa.

IV

O ADIVINHÃO

Era uma vez um campónio, pobre e manhoso, chamado Besouro. Um dia, roubou a uma velha uma peça de pano e escondeu-a num montão de palha; depois começou a gabar-se que sabia adivinhar. A velha foi ter com êle e pediu-lhe que adivinhasse onde estava a peça de pano.

O campónio perguntou-lhe:

— O que é que me dá pelo meu trabalho?

A velha disse:

— Dou-lhe um pud (1) de farinha e um arrátel de manteiga.

O campónio disse:

— Está bem.

Depois pôs-se a adivinhar e disse-lhe onde o pano estava escondido.

Daí a dias, roubaram um cavalo a um fidalgo.

---

(1) Um pud é um pêso russo de 40 arrateis.

Foi ainda o campónio que o roubou e levou para uma floresta, amarrando-o a uma árvore. O fidalgo mandou chamar o campónio, que se pôs a adivinhar e disse:

— Ide depressa, que o cavalo está na floresta amarrado a uma árvore.

Trouxeram o cavalo da floresta. O fidalgo deu cem rublos ao adivinhão, e a fama dêste espalhou-se por todo o reino.

Nisto desapareceu um precioso anel do rei; fartaram-se de o procurar, mas não o encontraram. Ora o rei mandou chamar o adivinhão a toda a pressa.

Pegaram nêle, meteram-no numa carroça e levaram-no à presença do rei. O rei disse:

— Bom dia, tiozinho; ora deite-me cartas; se adivinhar, dou-lhe dinheiro, e, se não adivinhar, corto-lhe a cabeça.

O rei mandou imediatamente o adivinhão para um quarto especial, dizendo:

— Deixo-o deitar cartas toda a noite, para a resposta estar pronta pela manhã.

O adivinhão estava sentado naquele quarto a pensar: «Mas que resposta hei-de eu dar ao rei? Deixo-me estar aqui até meia-noite, e depois safo-me; e há-de ser quando o terceiro galo cantar».

Ora o anel do rei tinha sido roubado por três homens da côrte: o lacaio, o cocheiro e o cozinheiro. Estando êstes três a conversar, disseram entre si:

— Se êste adivinhão nos descobre, temos a

morte certa. Vamos escutar à porta: se êle não disser nada, também nos havemos de calar; mas se souber que fomos nós, não temos mais remédio senão pedir-lhe que não diga nada ao rei.

O lacaio foi pôr-se à escuta; de repente cantou o galo, e o campónio disse:

— Graças a Deus, um já canta; agora espero mais dois.

O lacaio ficou muito assustado; foi ter com os companheiros e disse-lhes:

— Ai, amigos, êle conheceu-me; mal cheguei à porta, gritou logo: «Um já canta; agora espero mais dois».

O cocheiro disse:

— Agora vou eu.

Pôs-se à escuta. Cantou o segundo galo, e o campónio disse:

— Já canta o segundo; agora espero mais um.

O cocheiro disse para os companheiros:

— Isto vai mal, pois também me conheceu a mim.

Diz o cozinheiro:

— Se também me conhecer a mim, não temos outro remédio senão irmos ter com êle e pedirmos-lhe que não diga nada ao rei.

O cozinheiro foi pôr-se à escuta; nisto cantou o terceiro galo, e o campónio benzeu-se, dizendo:

— Graças a Deus, já canta o terceiro.

Ao proferir estas palavras, correu à porta para se safar, mas os ladrões foram-lhe ao en-

contro, caíram-lhe aos pés e pediram-lhe muito dizendo:

— Não diga nada ao rei, tiozinho; tome lá o anel!

O adivinhão disse:

— Está bem, estão perdoados.

O adivinhão levantou uma táboa do sobrado, e deitou o anel por baixo.

No dia seguinte, o rei preguntou ao campónio:

— Que tal, tiozinho?

O camponês respondeu:

— Já sei, o anel de vossa magestade caiu no chão e ficou debaixo desta táboa.

Levantaram a táboa, e encontraram o anel. O rei recompensou generosamente o adivinhão, dando-lhe dinheiro, e mandou dar-lhe de comer e beber até mais não; em seguida foi passear no jardim; apanhou um besouro e voltou ao adivinhão, dizendo:

— Ora se é adivinhão, adivinhe lá o que tenho fechado nesta mão?

O campónio assustou-se e pôs-se a dizer consigo:

— Ai! Besouro, agora é que o rei te tem nas mãos!

O rei disse:

— Isso mesmo, adivinhaste!

E deu-lhe mais dinheiro, deixando-o voltar para casa com todas as honras.

CRÍTICA

II. — **A mulher que adivinha.**
III. — **As pérolas roubadas.**
IV. — **O adivinhão.**

Em pag. 371 do 1.º vol. da revista intitulada *Orient und Occident*, 1862, editada por Theodor Benfey, êste sábio alemão cita a publicação dos primeiros cinco livros de contos sânscritos de Somadeva, *Katha Sarit Sagara*, traduzidos em alemão por Hermann Brockhaus, assim como uma análise do sexto livro da mesma colecção, feita também por Brockhaus. Benfey chama a atenção para um dos mais importantes contos, a seu ver, que figuram na dita análise, p. 131, visto que o mesmo constitui o original da quarta narração mongólica do *Ssiddikür*, o que mais uma vez demonstra que os contos mongólicos proveem de obras sânscritas. Porêm, Benfey vai mais longe, pois compara o citado conto sânscrito com o correspondente do *Ssiddikür*, e com algumas versões existentes em lituano, alemão, etc., chegando à conclusão que a Europa recebeu a grande massa dos seus contos populares por intermédio dos mongois.

Benfey sustenta esta tese na sua obra capital *Pantchatantra*. Havemos de nos referir a êsse assunto. Os contos russos cujos títulos se encontram no cabeçalho dêste §, pertencem à mesma família; por isso vamos compará-los com algumas versões existentes em várias línguas, oferecendo-se-nos a vantágem de conhecermos, entre outras, as versões portuguesas, russas, norueguesas, etc., que Benfey desconhecia. Seguem-se os respectivos resumos:

SÂNSCRITO (Somadeva)

Um pobre e ignorante brâmane, Hariçarman, tem a casa cheia de filhos, que não póde sustentar. Depois de

ter mendigado por muito tempo, emprega-se como criado em casa dum homem rico chamado Sthûladatta; os filhos empregam-se igualmente como pastôres, e a mulher como criada. Um belo dia, Sthûladatta celebra o casamento da sua filha; porêm, Hariçarman e a sua família não são convidados.

Então diz para a mulher:

«Desprezam-me por causa da minha pobreza e ignorância. Vou atribuir-me uma sciência, para Sthûladatta me estimar. Em ocasião oportuna, hás de dizer a meu respeito que sou um perito adivinhão.»

Em seguida, leva da cavalariça o cavalo do noivo para a floresta, e esconde-o. Quando procuram o cavalo, aparece a mulher de Hariçarman e diz: «O meu marido é adivinhão e um sábio conhecedor das estrêlas; porque é que não o consultais?» Chamam Hariçarman, que se mostra indignado por não ter sido convidado; o adivinhão traça algumas linhas e círculos, dizendo finalmente onde se encontra o cavalo. Desde então é muito estimado.

Passado tempo, roubam ao rei daquela terra uma grande quantidade de ouro, pedras preciosas e outros objectos. O rei exige que Hariçarman lhe indique o ladrão. O adivinhão embaraçado adia a exigência do rei para amanhã. Em seguida, o rei manda levá-lo para um quarto onde há de passar a noite sósinho. Ora os tesoiros foram roubados por uma criada do palácio chamada Dchihva (= a lingua) e pelo seu irmão. Com medo de ser descoberta pelo adivinhão, Dchihva vai escutar à porta do quarto onde êle se encontra, para ver o que faz. O adivinhão está muito atrapalhado, e amaldiçôa a sua língua (Dchihva), que lhe arranjou êsse mal-estar, exclamando:

«Ó Dchihva (língua), o que tu fizeste só por causa de gulosice!» Dchihva, que está à escuta, entende que lhe descobriram o roubo e lança-se aos pés de Hariçarman, confessa-lhe onde escondeu os tesoiros, e promete-lhe,

no caso de a salvar, todo o ouro que ainda tem em seu poder. No dia seguinte, êle leva o rei ao esconderijo, guarda o dinheiro para si, e diz ao rei que os ladrões fugitivos o levaram. O rei quer recompensar Hariçarman, mas um conselheiro diz-lhe ao ouvido: «Como é possível aprender semelhante arte sem conhecimento da escritura sagrada? Essa história foi certamente combinada de antemão com os ladrões. Hariçarman tem que ser experimentado mais uma vez.»

Então trazem uma panela nova coberta com uma tampa com um sapo lá dentro, e o rei diz para Hariçarman: «Se adivinhares o que está nesta panela, mando-te prestar as maiores honras.»

Ora Hariçarman julga-se perdido; nisto lembra-se da sua feliz mocidade; vem-lhe espontâneamente à memória que o pai lhe chamava então *sapo*; agora êle aplica êste nome a si próprio, exclamando:

«Ó sapo, esta linda panela é agora a tua perdição, ao passo que dantes pelo menos estavas livre!» Todos os assistentes referem naturalmente essas palavras ao sapo que está dentro da panela; por isso o adivinhão recebe todas as honras e muitos presentes, passando a viver como um príncipe.

Diz Benfey em pag. 376 da revista citada:

«O brâmane ignorante mas favorecido pela sorte faz três coisas: 1) acha um cavalo (escondido por êle próprio), 2) descobre um tesouro roubado, 3) adivinha que na panela está um sapo.

Ora na variante mongólica (Bergmann, Nomadische Streifereien im Lande der Kalmücken. Riga 1804, 1, 284), a forma está tão mongolizada que devemos considerar como uma felicidade o facto de possuirmos ainda o original indiano; aliás poderia duvidar-se que o dito conto provenha da Índia. A estupidez do homem que aparece aqui em lugar do brâmane, assim como a energia da mulher são melhor realçadas; as cerimónias mágicas são tambêm tratadas mais circunstanciadamente. Pelo

contrário, falta completamente a 3.ª coisa que o brâmane faz (o episódio do sapo), as duas restantes estão muito transformadas. Em lugar do tesouro rial roubado (n.º 2 mais acima), aparece a pedra milagrosa, de que depende a salvação do reino; a pedra não é roubada, mas sim perdida pela princesa, o que o suposto adivinhão apenas vê. Em vez do n.º 1, aparece a cura dum *can* doente... A estupidez do homem manifesta-se principalmente no facto de êle pedir recompensas insignificantes, em vez de exigir uma remuneração condigna pelo seu trabalho.»

Ora não temos presente o trabalho de Bergmann, mas temos o opúsculo de B. Jülg, Kalmükische Märchen, die Märchen des Siddi-Kür, traduzidos em alemão, que o nosso amigo e colega sr. Dr. Adolfo Coelho teve a gentileza de nos emprestar. Julgamos importante referir mais alguns factos do conto calmuco, esquecidos por Benfey. Eis o resumo dos factos mais importantes:

CALMUCO (1)

Um homem, que vive em companhia de sua mulher, não quer trabalhar. A mulher censura-o, mandando-o arranjar alguma coisa, e mostrando-lhe que breve não terão nada da fortuna que o pai dêle lhe deixou. O homem toma o conselho a peito e sai, avistando uma ave, uma raposa e um cão, que estão a disputar. Ele vai ver a contenda, e nisto acha um ôdre cheio de manteiga; pega no ôdre e leva-o para casa. A mulher fica contente mostrando-lhe o bom resultado da sua primeira saida. O homem fica entusiasmado e torna a sair a cavalo, levando um cão preso a uma corda. No caminho, avista uma raposa, e quer caçá-la; a raposa mete-se num buraco. O homem apeia-se, despe-se completamente, e põe

(1) IV. narração, p. 22 do citado opúsculo.

o fato, o arco e as setas no cavalo; depois prende o cão às rédeas do cavalo; tapa o buraco com o boné, e põe-se a bater com uma pedra no sítio onde a raposa está escondida. Esta salta assustada para fóra com tanto ímpeto que o boné lhe fica agarrado à cabeça, e foge. O cão deita-se a correr atrás da raposa, arrastando o cavalo, e assim desaparecem os animais, ficando o homem nú.

O infeliz caçador esconde-se no feno da cavalariça de um *can*.

Nisto vem a filha do can tomar ar; depois ao retirar-se, esquece-lhe a pedra milagrosa, de que depende a salvação do reino. O homem vê tudo isso, mas custa-lhe saír do montão de feno para apanhar a pedra preciosa. Vem uma vaca, e deixa cair excrementos sôbre a pedra, tapando-a. Uma criada, que vem enxotando a vaca, atira com os excrementos juntamente com a pedra para um canto do pátio. No dia seguinte, o can convoca todos os seus súbditos e todos os adivinhões, para lhe descobrirem a pedra. O nosso caçador espeta a cabeça para fóra do feno; vem um homem preguntar-lhe o que sabe e êle diz que sabe adivinhar. O homem conta-lhe o caso da pedra preciosa, e convida-o também a ir ao palácio do can. Responde o adivinhão: «Não tenho fato.» Trazem-lhe um fato. O adivinhão vai ao palácio, e o can pregunta-lhe o que é preciso para adivinhar. O adivinhão pede uma cabeça de porco, uma certa porção de massa e um pano de seda de cinco côres. Em seguida vai para a rua, e atravessando por entre a multidão, vai apontando com a cabeça de porco e dizendo: «Êste não a tem, e êste também não a tem.» Finalmente vai ao canto do pátio e acha a pedra. O can recompensa-o. Depois o adivinhão cura um can doente, cuja doença é causada por espíritos maus, sob a fórma de uma menina e de um búfalo.

RUSSO

II. — A mulher que adivinha

Uma velha vive com o seu filho na maior miséria. Querendo arranjar pão, diz para o filho:

«Vai ver se alguêm tem cavalos, depois amarra-os a um arbusto, e dá-lhes feno, e em seguida desamarra-os, leva-os para o campo e larga-os».

O rapaz executa tudo isso. Como a velha tem fama de adivinhar, os donos dos cavalos vão ter com ela para lhes dizer onde êles estão. A velha deita cartas, e manda-os ao tal arbusto; êles pagam-lhe, e vão buscar os cavalos, mas apenas encontram a corda dum freio e um montão de feno. Voltam à casa da velha, que torna a deitar cartas, dizendo:

«Ide procurá-los em tal e tal campo, que lá os encontrareis». Os donos dos cavalos dão-lhe mais dinheiro, e encontram realmente os cavalos.

Espalha-se a fama da velha, que adivinha tudo. Um dia, desaparece em casa dum fidalgo um cofre cheio de dinheiro, roubado pelos seus dois criados Êste manda os criados chamar a velha, para adivinhar onde está o dinheiro. Êles metem-na numa carruagem, e no caminho ela sente-se muita atrapalhada, murmurando algumas palavras, pelas quais os dois criados julgam o roubo descoberto. Ficam muito assustados, e pedem à adivinha que não diga nada ao patrão, prometendo-lhe uma recompensa; também lhe confessam que o roubo está escondido no moinho. A velha chega à casa do fidalgo, come e bebe e depois deita cartas, dizendo que o dinheiro está no moinho. O fidalgo manda os dois criados ao moinho buscar o dinheiro, recompensando a velha. Os criados também dão dinheiro à adivinha, que passa a viver feliz em companhia do seu filho.

III. — As pérolas roubadas

Um fidalgo tem um lacaio e um cocheiro, que lhe roubam umas pérolas. O fidalgo manda chamar uma adivinha, para deitar cartas e descobrir o roubo; ela, porêm, toma primeiro um banho russo, proferindo algumas palavras ao fustigar-se com a vassoura. Ora os dois criados que estão à escuta, julgam-se descobertos e pedem à adivinha que não diga nada ao patrão. A velha manda-lhes enrolar as pérolas em miolo de pão e dá-lo a comer a um ganso. Assim acontece. Depois a velha diz ao fidalgo que foi o ganso que entrou pela janela e comeu as pérolas.

Matam o ganso, e encontram-lhe as pérolas na moela. O fidalgo janta com a velha, dando-lhe uma gralha assada para ver se adivinha o que é. A velha adivinha. Depois do jantar, o fidalgo manda vir a carruagem para levar a velha para casa, e diz a um criado que ponha ovos na carruagem sem ela saber. A carruagem parece um cabaz; por isso a velha diz ao sentar-se: «Lá vai a galinha para o chôco». E como ela adivinha tudo, o fidalgo dá-lhe dinheiro, e manda-a para casa.

IV. — O adivinhão

Um campónio pobre e manhoso, chamado Besouro, rouba a uma velha uma peça de pano, e esconde-a num montão de palha, gabando-se em seguida que sabe adivinhar. Consultado pela velha, o campónio diz-lhe onde está escondido o pano, dando-lhe ela um pud de farinha e um arrátel de manteiga. Daí a dias, o campónio rouba um cavalo a um fidalgo, leva-o para uma floresta, e amarra-o a uma árvore. O fidalgo consulta o campónio; êste adivinha e recebe cem rublos. Depois desaparece um precioso anel do rei, que manda chamar o adivinhão. Por ordem do rei, o adivinhão passa toda a

noite num quarto a deitar cartas; mas resolve ficar no quarto até meia-noite, e safar-se quando o terceiro galo cantar.

Ora o anel tinha sido roubado por três criados da côrte: o lacaio, o cocheiro e o cosinheiro. O lacaio põe-se à escuta; nisto canta o galo, e o campónio diz: «Graças a Deus, um já canta; agora espero mais dois». O lacaio fica muito assustado, e conta o ocorrido aos colegas. Os criados escutam todos alternadamente e julgam-se descobertos. Depois de o terceiro galo ter cantado, o adivinhão quer safar-se, mas os criados caem-lhe aos pés, dando-lhe o anel e pedindo-lhe que não diga nada ao rei. O adivinhão levanta uma táboa do sobrado, e deita o anel por baixo.

No dia seguinte, diz ao rei que o anel tinha caído no chão e ficado debaixo dessa táboa. O rei dá-lhe de comer e beber, e muito dinheiro; em seguida vai passear no jardim, apanha um besouro e volta ao adivinhão, dizendo: «Ora, se é adivinhão, adivinhe lá o que tenho fechado nesta mão»! O campónio assustado diz consigo: «Ai! Besouro, agora é que o rei te tem nas mãos»! O rei dá-lhe mais dinheiro, deixando-o voltar para casa com todas as honras.

LITUANO (1)

Um campónio muito pobre tem a casa cheia de filhos, que não pode sustentar. Um dia lembra-lhe ir à floresta roubar lenha. Arranja um trenó cheio de lenha e vai à cidade vendê-la pela taboleta dum negociante. A mulher desesperada chama-lhe doido, e mostra-lhe que mais valia ter comprado trigo ou manteiga. No dia seguinte, o campónio vende a um doutor uma carrada de lenha por um roupão e um cachimbo. A mulher torna a censurá-lo.

---

(1) August Sehleicher, *Litauische Märchen*, etc., p. 115. Weimar 1857.

Depois o campónio manda escrever na taboleta: *O doutor que sabe tudo,* pendurando-a por cima da porta; põe todos os dias o roupão do doutor, e fuma no cachimbo. Um senhor, a quem roubaram um cavalo, vê a taboleta, e consulta o *doutor,* que anda a passear descalço em casa. O doutor promete descobrir o cavalo, mas diz que não tem botas para acompanhar o senhor; êste manda buscar botas; o campónio calça-as, e acompanha o senhor na carruagem. Chegam à floresta onde há uma casa de ladrões. O cavalo roubado, que está na cavalariça, começa a rinchar, e assim o senhor fica sabendo que é o cavalo dêle. Entram na casa dos ladrões onde encontram só um velho, que é obrigado a entregar o cavalo. O senhor recompensa o *doutor* generosamente, mandando anunciar nos jornais a respeito dele.

Passado tempo, vem à casa do *doutor* um mensageiro enviado pelo rei dum país estrangeiro, entrega-lhe uma carta, em que o rei pede que vá depressa para o palácio curar a sua única filha, que está gravemente doente. O campónio acede ao pedido do rei; no caminho compra muitas drogas, e quando chega ao palácio, pede ao rei que o deixe estar, num aposento, em companhia da doente durante três dias. Dá-lhe toda a casta de drogas, mas não consegue nada; no terceiro dia, estando o campónio desesperado e furioso, corre à doente e exclama em voz muito alta: «Não ha maneira de curá-la»! A princesa apanha um grande susto, e devido a isto arrebenta-lhe na garganta um abcesso que tem, de sorte que começa a deitar pús e sangue pela bôca.

O rei recompensa o campónio generosamente e manda-o para casa num bonito trem. Mais tarde o *doutor* é chamado por um rei, a quem roubaram muito dinheiro. O adivinhão promete encontrar o dinheiro a dentro de três dias, contanto que o deixem estar sózinho num quarto. Estando no quarto, o campónio começa a folhear um livro, cochichando. Ora o dinheiro tinha sido roubado por três criados do rei. Receosos de serem

descobertos, vão alternadamente escutar à janela do adivinhão.

Na terceira noite, estando o primeiro criado à escuta, o relógio dá uma hora. O adivinhão dá com a mão uma pancada na mesa, dizendo: «Já cá temos um». (Ele diz *um*, porque *hora* é do género masculino em lituano). Quando dá duas e depois três horas, repete-se a mesma scena, de sorte que os ladrões se julgam descobertos; vão pois ter com o *doutor*, entregam-lhe o dinheiro e pedem-lhe que não diga nada. O rei dá muito dinheiro e uma quinta ao *doutor*, que fica vivendo muito feliz.

ALEMÃO (1)

Um pobre camponês chamado Carangueijo *(Krebs)* vende uma carrada de lenha a um doutor. Ao receber o dinheiro, vê que o doutor está à mesa a comer bons petiscos, por issso pregunta se não poderia também vir a ser um doutor. O doutor diz-lhe que sim, aconselhando-o a comprar um abecedário, a vender a junta de bois e a carroça, e a comprar um fato; aconselha-o também a pendurar por cima da porta uma taboleta com o seguinte dizer: «Eu sou o doutor que sabe tudo.» O campónio assim faz. Um dia, roubam dinheiro a um fidalgo; êste vai consultar o *doutor* que sabe tudo, pedindo-lhe que o acompanhe na sua carruagem, afim de descobrirem o dinheiro roubado. O campónio leva a mulher. Quando chegam à casa do fidalgo, vão jantar com êle. Vem o primeiro criado com o primeiro prato; nisto o campónio diz para a mulher: «Aquele foi o primeiro», querendo dizer que foi o primeiro a servir. Mas o criado julga que essas palavras se referem a êle como sendo o primeiro ladrão, que o era na realidade, pois êle e mais três criados do fidalgo tinham roubado

(1) Grimm, *Doktor Allwissend.*

o dinheiro. Com o segundo e terceiro criado acontece o mesmo. O quarto traz uma travessa com caranguejos, e o fidalgo exige ao *doutor* que adivinhe o que está por baixo de tudo na travessa.

O campónio olha para a travessa muito atrapalhado, e exclama: «Ai, ai, coitado do carangueijo!» Ora o criado pisca o ôlho ao campónio para êste sair e falar com êle. O campónio sai, e os quatro criados confessam-lhe o roubo, prometendo-lhe muito dinheiro no caso de os não trair; depois ensinam-lhe o sítio onde o dinheiro está escondido. Quando o adivinhão volta para a casa de jantar, senta-se à mesa, e diz ao fidalgo que vai ver no seu livro que traz onde está o dinheiro; por fim, vai ensinar ao fidalgo o sítio onde está o dinheiro, recebendo de ambas as partes uma boa recompensa, e tornando-se um homem célebre.

FRANCÊS (1)

Köhler cita uma versão do *Dr. Sabe-tudo* na colecção entitulada: L'élite des contes du Sieur d'Ouville, T. 1 et 2 A la Haye 1703. É a seguinte:

Um campónio pobre chamado Grillet resolve arranjar pelo menos três refeições antes de morrer. Começa a viajar e a dizer que é adivinhão; se alguêm precisasse do seu auxílio, êle exigiria primeiro que lhe dessem de comer e beber bem durante três dias. Chega a uma terra onde uma senhora perdeu um diamante, que três criados lhe roubaram. Ela manda chamar o campónio, e ordena que lhe dêem de comer durante três dias. Quando o adivinhão se vai deitar na noite do primeiro dia, diz: «Ah! Dieu merci, voilà déjà un!» referindo-se ao primeiro jantar. Porêm, o criado julga que as palavras do adi-

(1) *Orient u. Occident*, v. 3, p. 184, Nachtrag zu «Doktor Allwissend» von Reihold Köhler.

vinhão se referem a êle. Nos dias seguintes acontece o mesmo, até que os criados lhe confessam o roubo, e lhe trazem o diamante. Grillet faz com que um galo engula o diamante, explicando à senhora que foi ela que o perdeu e que o galo o enguliu; é preciso matar o galo. Matam-no, e encontram o diamante. Nisto volta o marido da senhora duma viagem, e julgando que se trata dum impostor, resolve experimentar o campónio. Mete, pois, um grilo entre dois pratos, e exige ao campónio que adivinhe o que está entre os pratos, aliás há de lhe bater e cortar as orêlhas. O pobre diabo, que se julga perdido, exclama: «Hélas, pauvre Grillet! te voilà pris!». O senhor não sabe que o campónio se chama Grillet; julga que adivinhou, e recompensa-o — Cosquin dá uma versão lorena do mesmo conto (n.º LX).

NORUEGUÊS (1)

Um carvoeiro vai à cidade vender carvão, e volta para casa. No caminho encontra alguns vizinhos e põe-se a conversar com êles a respeito do que tinha visto na cidade. O que mais lhe agradou foi ver muitos padres, aos quais toda a gente tirava o chapeu, por isso êle tambem gostaria de ser padre. Os vizinhos aconselham-no que compre trajo de padre e que se faça padre. O carvoeiro assim faz. Quando chega a casa, a mulher ralha com êle; mas êle diz-lhe que se vai fazer padre.

Um dia, o carvoeiro vê passar muitos padres, que se dirigem ao palácio do rei; o monarca chamou-os para lhe dizerem quem foi o ladrão que lhe roubou um precioso anel. O carvoeiro encorpora-se no cortejo dos padres. Ninguêm sabe indicar o ladrão; mas o carvoeiro pede algum tempo e muito papel; o que lhe concedem.

---

(1) Asbjörnsen, *Norske Folke — Eventyr*. Copenhague 1876. Kul-Craenderen, n.º 22, p. 102.

Mete-se sózinho num quarto e começa a escrevinhar, sem nunca acabar. O rei fica farto de esperar, e dá-lhe um praso de três dias para descobrir o ladrão, aliás há de perder a vida. Ora o rei tinha três criados, que tinham roubado o anel. Os três criados haviam de servir alternadamente o carvoeiro à mesa durante os três dias. Na primeira noite vem o primeiro criado levantar a mesa, e quando sai, exclama o carvoeiro suspirando: «Já lá vai um», querendo dizer que lá ia um dos três dias de vida que lhe restavam.

O criado refere essas palavras à sua pessoa, julgando-se descoberto.

O mesmo sucede com os outros dois. Os criados vão ter com o carvoeiro e prometem-lhe dinheiro e o anel, contanto que os não desgrace. O carvoeiro pede-lhes o dinheiro, o anel e papas; depois mete o anel numa mão-cheia de papas, e manda dar isto de comer ao maior porco que o rei tem. No dia seguinte, o carvoeiro diz ao rei que foi o porco que engoliu o anel. Matam o porco, e encontram o anel lá dentro. O carvoeiro recebe boa recompensa. Segue-se um episódio que não tem importância para o nosso caso. — O rei não tem filhos, mas espera que lhe nasça algum; por isso manda chamar o carvoeiro para adivinhar se vai ser um príncipe ou uma princesa. O carvoeiro hesita, mas o rei tem muita confiança nêle, ameaçando-o que há de demiti-lo de padre, se não adivinhar. Mas antes disso, o rei mete um carangeijo num vaso de prata, e manda ao carvoeiro adivinhar o que está lá dentro. O carvoeiro adivinha, e depois o rei leva-o para o aposento da rainha. O adivinhão senta-se numa cadeira no meio da casa, e a rainha anda a passear pela casa. Diz o carvoeiro: «Quando a rainha vem em direcção a mim, parece-me que é um príncipe que vai ter, e quando se afasta de mim, parece-me que é uma princesa. Ora no fim do tempo, a rainha tem gêmeos, um príncipe e uma princesa. Desta vez, o carvoeiro tambêm adivinhou, por isso recebe muito dinheiro,

e fica sendo, depois do monarca, o primeiro funcionário do reino.

PORTUGUÊS (1)

(o Doutor Grilo)

Um carvoeiro, chamado Grilo, vai passando pela ponte de Coimbra, e vê muitos estudantes que estão a comer bolos, rebuçados e amêndoas; para comer coisas tão boas, o carvoeiro resolve também fazer-se estudante. Estuda para adivinhão. Daí a alguns dias, roubam um tesouro ao rei de Portugal; o monarca promete uma recompensa a quem descobrir o ladrão.

Os estudantes vão dizer ao rei que há um estudante que estuda para adivinhão. O rei manda chama-lo, para ver se já está muito adeantado, e chegando-se ao pé dêle com a mão direita fechada, pregunta-lhe:

«Que tenho eu nesta mão?» O estudante responde: «Ai! Grilo, Grilo, em que mão estás metido!» Depois o rei manda matar uma porca, enche um frasco de sangue dela, e pregunta ao estudante: «De que é êste sangue?»

O estudante não sabe, e exclama: «Aqui agora é que torce a porca o rabo.» Em seguida, o rei dá-lhe três dias para descobrir os ladrões. Ora dois criados do rei, que roubaram o tesouro, prometem ao estudante muito dinheiro se êle se calar. O estudante conta tudo ao rei; êste manda prender os criados, que lhe restituem o tesouro. O rei pede ao estudante que se deixe estar mais alguns dias no palácio. Acontece que estando a filha do rei a jantar, se lhe atravessa um osso nas guelas. Os médicos não se atrevem a tirar-lho, e o rei promete ao estudante premiá-lo muito bem se der remédio à princesa. O estudante manda então deitar a princesa de bruços no chão, começa a atirar-lhe bolas de manteiga

---

(1) A. Coelho, *Contos Nacionais para Crianças*, n.º XVII.

para cima dela; a princesa ri-se muito até que lhe sai o osso das guelas. O rei nomeia-o médico do hospital e da sua rial casa. Nêsse tempo andava na cidade uma epidemia. O médico vai fazer a sua visita aos doentes, e diz-lhes: «Aquele que estiver mais doente, há de ser amanhã aberto para ser examinado.» Os doentes ao ouvirem isto, levantam-se todos das camas e saem do hospital. Espalha-se a fama do novo médico, que resolve estudar medicina, na Universidade; depois toma capelo, e fica chamando-se o Doutor Grilo.

O Adivinhão (1)

Há dois compadres, um rico, e outro pobre, chamado Grilo. O pobre, para arranjar alguma coisa de comer, tira ao rico uma junta de bois, e leva-os para um lugar oculto. Por indicação do pobre a mulher diz à comadre que êle é adivinhão. O rico queixa-se do roubo ao Grilo, e êste traz-lhe a junta de bois. O Grilo recebe muitos presentes, e a sua fama espalha-se. Tempos depois desaparecem grandes quantias do erário. O rico recomenda o compadre, que o rei manda chamar para descobrir os ladrões. O monarca manda o Grilo para as prisões da tôrre, dando-lhe três dias para descobrir o roubo. Na noite do primeiro dia quando o criado do paço lhe vai levar a ceia e se despede, diz o Grilo:

«Lá vai um e faltam dois (refere-se aos dias). A mesma cena se repete nos dias seguintes. Os criados, julgando-se descobertos, pedem ao adivinhão que os não descubra, dizendo-lhes que os valores estão enterrados debaixo da laranjeira grande do jardim. Um fidalgo põe as suas dúvidas acêrca do dom do Grilo, e o rei torna a experimentá-lo com um rabo de porca e com um Grilo

(1) F. X d'Athaide Oliveira, *Contos tradicionais do Algarve*, v. 1 p. 279, n.º 121.

na mão; o homem adivinha tudo e volta para casa rico e estimado.

História do João Grilo (1)

Um rapaz chamado J. Grilo é muito pobre. Os pais querem casá-lo rico. Desaparecem as jóias duma princesa. O rei promete a mão da princesa a quem descobrir o roubo. Os pais do Grilo metem-lhe em cabeça que vá tentar fortuna. O rapaz vai ao palácio. Metem-no num quarto e dão-lhe três dias. Repetem-se as mesmas cenas da versão antecedente. O rei dá ao rapaz muitos sacos de dinheiro. Quanto à princesa, chora muito, pois não quere casar com o João, e êste desiste do casamento. Um dia, o rei apanha um grilo no jardim, fecha-o na mão, e manda ao João adivinhar o que tem fechado na mão. O rapaz começa a coçar na cabeça e a dizer: «Ai! Grilo, Grilo, em que mão estás metido»! O rei dá-lhe mais dinheiro. Segue-se a experiência com o rabo de uma porca enterrado no quintal: o Grilo adivinha e volta para casa muito rico.

João Ratão (2)

Um carvoeiro, que não gosta do seu ofício, faz-se adivinhão. Vai à côrte do rei, e diz-lhe que sabe adivinhar. Dá-se na côrte um grande roubo, e o rei quere descobrir os criminosos; manda chamar o J. Ratão, e pregunta-lhe quanto quere para adivinhar quem são os ladrões. O ratão pede primeiro três jantares. Os três criados que roubaram o rei, servem o Ratão alternadamente, e o roubo descobre-se como nas outras versões. O adivinhão fica muito acreditado na côrte, e o rei promete-lhe a mão da princesa, se adivinhar mais uma.

---

(1) Consiglieri Pedroso, *Contos Pop. Port.*, n.º LV. Lisboa, 1910.
(2) T. Braga, *Contos Trad. do Povo Port.*, 1.º v. Lisboa 1914.

Aqui o rabo de porca é substituído por mijo de porca. Adivinha tudo, e casa com a princesa.

LATIM

Resta-nos referir uma versão latina, citada por Benfey no 1.º vol. de *Orient u. Occident*, pág. 380, a qual se encontra em Facetiarum Heinrici Bebelii Poetae a D. Maximiliano laureati Libri tres. Este livro foi escrito em 1506, pelo célebre humanista Heinrich Bebel (Henricus Bebelius), que nasceu em 1472 em Württemberg. O conteúdo é o seguinte:

Um príncipe dá pela falta dum grande tesouro, que três criados lhe roubaram, e promete uma grande recompensa a quem lhe descobrir o roubo. Apresenta-se um carvoeiro muito pobre, só com o desejo de comer bem e pede três dias. O príncipe manda fecha-lo num quarto.

Na primeira noite depois de ter comido, diz o carvoeiro: «Deus bene vertat, jam unus accessit» (refere-se ao dia). Um ladrão está à escuta e julga-se descoberto. Nos dias seguintes repete-se a mesma história, até que os três ladrões lhe trazem o tesouro, dando-lhe uma boa recompensa, e pedindo-lhe que os não denuncie.

O carvoeiro entrega o tesouro ao príncipe, recebendo muito dinheiro e sendo estimado como grande adivinhão até o fim da vida.

*
* *

Visto que Benfey sustenta a tese de que o conto do doutor Grilo foi trazido para a Europa pelos mongois, embora êle próprio aponte factos que parecem contrariar essa tese, vamos referir-nos a êste assunto. Antes de tudo é mister notar que o próprio Benfey mostra a convicção de que o referido conto acusa uma antiquíssima existência na Europa (*Orient u. Occident*, v. 1, p. 379, 382).

Assim, os episódios do tesouro e do cavalo achado

encontram-se já numa época relativamente antiga desligados do nosso conto e muito espalhados na Europa ocidental.

No trabalho de Marlini (*Orient u. O.*, v. 1, p. 381-382), publicado pela primeira vez em 1520, o teor da Novela XXIX (edição de París de 1855, p. 61) é o seguinte: Uma mãe diz para o seu filho preguiçoso: «Quem quiser ter um *bom dia*, deve levantar-se muito cedo». Ora êle levanta-se cedo e vai às portas da cidade. Veem a passar três burgueses, transportando para casa um tesouro, que escavaram na noite anterior. O primeiro dêles diz para o rapaz: «Bom dia», e êle responde-lhe: «Já cá tenho um», querendo dizer um *bom dia;* porêm o burguês imagina que essas palavras se referem a êle, julgando-se descoberto; o mesmo sucede com o segundo e com o terceiro. Receosos de que o rapaz os vá denunciar, dão-lhe a quarta parte do tesouro; êle volta para casa, e entrega o seu lucro à mãe.

Esta *novela* foi elaborada por Straparola (XIII, 6). Em *Pogii Florentini Facetiae*, (o autor viveu entre 1378 e 1459), conta-se (n.º LXXXVII ed. Cracov. 1592, p. 59) a história dum homem ignorante, que se faz passar por doutor, curando toda a gente com as mesmas pílulas. Um dia, vem ter com êle um indivíduo que perdeu um jumento, preguntando-lhe se conhece algum meio de o reaver. O *doutor* receita-lhe as tais pílulas, que são purgativas; devido ao efeito produzido pelas pílulas, o homem vai a um canavial, onde realmente encontra o jumento.

Então o doutor torna-se célebre, visto que as suas pílulas até servem para se acharem jumentos perdidos.

Com efeito, desde a invasão dos mongois na Rússia (século XIII) até o tempo do humanista italiano Poggio Bracciolini, vai apenas um século, o que nos parece muito pouco para os contos trazidos pelos mongois se terem enraizado e popularizado na Europa ocidental a ponto de os seus motivos desligados das fontes primitivas terem originado já então novos contos. Mas vamos ana-

lisar os argumentos de Benfey. Êste sábio alemão, para fazer as suas afirmações, baseia-se na comparação que faz principalmente entre a variante lituana e a mongólica. Assim, em primeiro lugar cita o facto de a mulher do *doutor* o censurar por êste ter feito mau negócio, pois nisto concordam ambas as variantes. Ora semelhante concordância dum facto ainda não nos autoriza a fazer derivar directamente um conto do outro. P. ex., a versão lituana concorda com a portuguesa do sr. A. Coelho no seguinte facto: na primeira o *doutor* cura a princesa dum abcesso, que tem na garganta, e na segunda, o carvoeiro também salva a princesa, à qual se atravessou um osso nas guelas; vê-se que se trata aqui do mesmo facto primitivo, que aparece modificado; todavia não se pode ainda derivar, por êste facto, um conto do outro, se fizermos um estudo comparado. Diz ainda Benfey (*Orient u. O.*, 1., p. 377), referindo-se à variante lituana:

«Roubam um cavalo muito caro a um senhor, como no original indiano. Emquanto o parentesco ainda agora apontado (o *doutor* censurado) entre a forma lituana e a mongólica nos chama a atenção para uma dependência mútua dessas variantes, o facto de que o roubo do cavalo não aparece no conto mongólico, mas sim no indiano, leva-nos a não acreditar na derivação do conto lituano do mongólico. Com efeito, nêste último o heroi, ao perseguir uma raposa, perdeu todo o armamento e o fato; escondeu-se no feno da cavalariça de um *can*, e notou como a princesa perdeu a pedra milagrosa. Ora quando se procura a pedra, e o homem diz que sabe adivinhar e achar, sendo convidado a ir ao palácio do *can*, êle diz. «Não tenho fato». O can manda-lhe um fato. A mesma coisa se vê no conto lituano. Tendo-se prontificado a achar o cavalo, o senhor (roubado) pediu-lhe que o acompanhasse na carruagem; porêm, o campónio disse: «Não tenho botas». E o senhor manda buscar botas para êle».

O episódio do heroi nú em calmuco e do descalço

em lituano é, a nosso ver, importante, e merece-nos alguma atenção. Assim, se a nudez do calmuco se compreende relativamente ao episódio posterior, isto é, serve para o obrigar a esconder-se, não se compreende, pelo contrário, relativamente ao caçar da raposa. Para que é que êle se despe? Por que facto é motivada esta acção? É obvia a incoerência. Vê-se que se trata dum facto que deve ter tido primitivamente qualquer ligação com o que precede, mas que foi transformado a ponto de não fazer sentido em calmuco.

Vamos, porêm, ao episódio, das botas em lituano. É sabido que o povo lituano e russo tem conservado a tradição de andar descalço, principalmente quando se trata de campónios. Ora assim, não admira que no conto lituano, o camponês vestido de doutor, com o seu roupão e o cachimbo, ande a passear descalço por casa. Nêste contraste há mesmo uma nota que frisa a situação cómica do heroi, ainda realçada quando responde ao senhor que não tem botas para o acompanhar na carruagem. Isto compreende-se etnografica e psicologicamente. Por consequência, parece-nos fóra de dúvida que o episódio das botas é o primitivo, e não a nudez do calmuco, a qual, a nosso ver, representa uma transformação deturpada dêsse episódio. Mas há mais.

Em calmuco, o heroi acha sem mais nem menos um ôdre cheio de manteiga, que se não liga com coisa alguma. Ora o episódio da manteiga tambêm aparece em lituano e em russo (versão n.º 4), mas faz sentido. Assim, em lituano, a mulher antes queria trigo e manteiga, em vez da taboleta; em russo, a dona do pano recompensa o heroi, dando-lhe farinha e manteiga. Quanto à cabeça de porco que o heroi mongólico emprega para apontar tambêm se não compreende na sua incoerência com o resto. Para que serve? Mas felizmente, o conto norueguês conservou o episódio do porco na sua significação primitiva. Para salvar os ladrões, o carvoeiro mete o anel numa mão-cheia de papas, e manda dar isto ao

porco para êle o engulir. Desde que em calmuco a pedra não foi roubada, desaparece o motivo de o porco a engulir, como em norueguês; daí a transformação mongólica dêsse episódio de forma que a cabeça de porco já não faz sentido. A massa que o adivinhão mongólico pede, além da cabeça de porco, só se compreende quando se vê que corresponde às papas no conto norueguês, e ao miôlo de pão em russo.

Resta finalmente a cura da princesa em lituano, a que já nos referimos. A cura do can doente em calmuco é para Benfey uma prova evidente que a versão lituana se baseia na mongólica, e que êste conto foi trazido para a Europa pelos mongois.

Confessamos que não vemos razão para concordarmos com o sábio alemão, pois a cura da princesa também aparece em português.

*
* *

Se compararmos as versões russas, principalmente a n.º 4, com a versão lituana, norueguesa, calmuca e francesa, veremos que em russo se conservou melhor a tradição do que em lituano sob vários pontos de vista. Assim, na versão russa n.º 4, o adivinhão leva só uma noite, ao passo que em lituano leva três. Em russo, como em sânscrito, o adivinhão rouba o cavalo e esconde-o, enquanto em lituano, o campónio acha um cavalo roubado por outrem. Nas duas restantes versões russas, os ladrões são dois criados como em sânscrito, ao passo que em lituano são três. Apesar de tudo, as versões russas acusam um estreito parentesco com a lituana, atendendo-se aos episódios comuns do cavalo roubado, da farinha ou trigo e manteiga, do dinheiro roubado, etc. Além disso, conservou-se ainda melhor a tradição em russo sob outro aspecto, pois no conto n.º 3 enrolam as pérolas, em miôlo de pão, e dão-no de comer a um ganso. Pela

comparação com as variantes portuguesa, noruguesa e calmuca, vê-se que o animal primitivo não era um ganso mas sim um porco. Em todo o caso, êsse episódio já foi eliminado do conto lituano. Pelas razões apontadas, parece-nos que a versão lituana provêm do russo; se assim é, as versões russas deviam conter primitivamente o episódio das botas e o da cura da princesa, que por sua vez se perderam. Quanto à questão da emigração do conto para a Europa, tendo-se em vista as razões aqui apontadas, preguntamos se devemos continuar a crer com Benfey que o mesmo conto veiu para a Europa por intermédio dos mongois, ou se, pelo contrário, foram os mongois que o receberam dos europeus, a saber dos russos, em cujas terras dominaram durante quáse dois séculos? Cumpre ainda acrescentar que o citado conto se acha tão enraízado na Rússia, que no sul dêste país existe um ditado popular que alude ao conto do doutor Grilo ou Besouro; o povo diz: «Lá caíu o besouro na mão do fidalgo» (popavsia jutchku panovi v rutchku(1).

Em suma, tudo indica que o nosso conto já era conhecido na Europa antes de os mongóis terem invadido a Rússia (2).

*
* *

Um conto siciliano aproxima-se muito do conto francês citado (Pitrè, n.º 167): Um pobre campónio chamado Griddu (3) Pintu lembra-se um dia de se fazer adivinhão. Um capitão, que o avista ao longe, apanha um grilo e

---

(1) Afanasiev, *Contos*, v. 4, p. 496.

(2) Visto não dispôrmos de muito espaço para o nosso trabalho, que se vai avolumando, resolvemos encurtar, daqui em diante, os resumos, e citar títulos em abreviatura, pois no fim desta obra daremos uma bibliografia completa.

(3) No dialecto siciliano, *Griddu* corresponde à forma literária italiana *grilo*.

esconde-o na mão; quando o adivinhão chega, o capitão manda-lhe adivinhar o que tem na mão, sob pena de grande castigo. O campónio, embaraçado, exclama: «Ah! pobre Griddu Pintu, em que mão caiste!» O capitão fica admirado e dá ao campónio um belo presente. Alêm disso, o homem adivinha, como no conto norueguês, que a mulher do capitão há de ter simultâneamente um filho e uma filha. Passado tempo, roubam à rainha um anel de brilhantes. O capitão recomenda o nosso adivinhão ao rei, que o manda chamar. Ao enxugar ao lume a roupa que a chuva lhe molhou, o adivinhão profere algumas palavras, que os criados do palácio ouvem, ao passarem pela porta; os criados, que roubaram o anel, julgam que essas palavras se referem a êles; e por isso entregam-lhe o anel, pedindo-lhe que os não denuncie. O adivinhão diz-lhes que devem fazer com que o ganso preto que está no pátio engula o anel; depois diz ao rei que foi o ganso que roubou o anel.

*
* *

No Oriente coligiu-se o seguinte conto anâmico *(Chrestomathie cochinchinoise*, recueil de textes annamites, avec traduction par Abel des Michels, 1er fascicule. Paris, 1872, p. 30): Um homem, que não sabe como há de ganhar a vida, faz-se adivinhão, e arranja algum dinheiro com a sua arte. Um dia, desaparece do palácio do rei uma tartaruga de ouro. O rei manda trazer o adivinhão numa liteira, levada por dois criados, que se chamam respectivamente *Bung* (= barriga) e *Da* (= pança). O pobre adivinhão muito atrapalhado vai-se lamentando pelo caminho, e exclama: «De que me servem os queixumes? Se a barriga (*bung*) arranjou isto, a pança (*da*) há de sofrer.» (É um ditado anâmico). Os dois criados, que roubaram a tartaruga, julgam-se descobertos, e confessam o roubo, pedindo ao homem que os não denun-

cie. Quando chegam ao palácio, o adivinhão acha a tartaruga, e o rei enche-o de presentes e honrarias.

É óbvio o estreito parentesco que liga o conto anâmico ao conto russo n.º 3, em que figuram a *pança* e o criado do mesmo nome. Porêm, no conto anâmico falta a segunda prova, que aparece num conto árabe do Cairo (H. Dulac, n.º 3).

O célebre orientalista russo João Pavlovitch Minaev coligiu na Índia, entre os Camaónios, um conto (n.º 29), que nós desconheciamos ao escrevermos esta crítica; êsse conto vem confirmar o nosso modo de ver relativamente à teoria de Benfey. Começa o dito conto por narrar várias desgraças que a um rapaz pateta sucederam no caminho quando vai ver o sogro; nesta primeira parte, o conto indiano é perfeitamente análogo a muitos contos europeus da mesma família, como o notou Cosquin (II, p. 193). Quando chega à casa do sogro, o rapaz esconde-se num canto da casa. As crianças põem-se a comer, e o rapaz vê o que comem, sem ser visto. À noite, diz à sogra que aprendeu a sciência de descobrir o que os outros comem. Como prova, conta à sogra o que as crianças comeram. Espalha-se a fama do adivinhão, e chega aos ouvidos do rei. Êste manda-o chamar, e escondendo um grilo (pîlaganta) na mão, pregunta-lhe: «O que é que eu tenho na mão?» O rapaz assusta-se e exclama: «Oh! Pîlaganti (era o nome dele), chegou a hora da minha morte.» O rei julga que o rapaz adivinhou; por isso deixa-o ir-se embora. — Passado tempo, perde-se no palácio um colar de diamantes. O rei manda chamar o rapaz, e diz-lhe: «Se no prazo de quinze dias não me trouxeres o colar, mando-te enforcar.» Passam os quinze dias. O rapaz não come nem bebe; não faz senão chorar e chamar pela mãe e pela avó:

«Oh Cûniya, oh! Mûniya! onde é que eu hei de ir? o que é que eu hei de fazer?» Ora o rei tem duas criadas chamadas respectivamente Cûniya e Mûniya, e foram elas que roubaram o colar.

As criadas, ao ouvirem as palavras do rapaz, ficam aterradas, e confessam-lhe o crime. Encontra-se o colar, e o rei recompensa generosamente o rapaz, que volta para casa.

*
* *

Ora o conto camaónio veiu lançar alguma luz sôbre a origem de muitos contos europeus da mesma família. Assim, podemos afirmar categóricamente que os contos europeus em que figura o episódio do grilo não proveem do conto de Somadeva, apontado por Benfey. Os contos europeus que contêem o episódio do grilo acusam neste ponto uma identidade perfeita não com o conto de Somadeva (a sua colecção intitula-se *Katha — Sarit — Sâgara* «Oceano das Histórias», e é do século XII da nossa era), mas sim com o conto camaónio. Êste facto prova que numa época remota já existia na Índia uma versão do dito conto, a qual diferia do de Somadeva.

*
* *

Vamos agora dizer duas palavras relativamente às versões portuguesas. Tratando-se dum conto português de origem indiana, a primeira pregunta, que se nos impõe é se veiu directamente da Índia para Portugal ou não.

Embora não possamos responder categóricamente a esta pregunta, podemos todavia afirmar positivamente que as versões portuguesas não proveem do conto de Somadeva, visto que neste não figuram os dois episódios do grilo e da cura da princesa.

Se compararmos as versões portuguesas com as estrangeiras, veremos que, em alguns pontos, as primeiras conservaram razoavelmente a tradição, embora, por exemplo, o cavalo roubado fôsse substituido por uma junta de bois na versão de A. Oliveira. Assim, a cura da

princesa, que também figura em lituano, ainda confirma o que acabamos de dizer. Quanto ao episódio do rabo de porca, que matam em Portugal, só fica reconstruido e explicado, se compararmos as versões portuguesas com a norueguesa, francesa, sciliana, e russa (n.º 3). Assim, no conto russo n.º 3 enrolam as pérolas em miolo de pão, e dão-no de comer a um ganso; desta forma explica-se que o ganso seja morto, para se lhe encontrarem as pérolas na moela. Na versão francesa, a vítima é um galo, obrigado a engulir o diamante; na siciliana é um ganso; porêm, em norueguês mata-se um porco, que enguliu o anel. Em outro lugar já dissemos que êste episódio se achava deturpado em calmuco. Ora a matança dêsses animais é justificada. Mas nas versões portuguesas, o mesmo episódio já está obliterado; não se justifica bem a matança da porca, a não ser para se lhe aproveitar o rabo.

Em suma, devemos concluir que primitivamente, nas versões portuguesas também se imolava um porco ou uma porca, para se lhe tirar do interior qualquer coisa que tinha engulido; porêm, no decorrer dos tempos, o dito episódio obliterou-se e obscureceu-se de tal forma que não fazia sentido; ora em vez de ser eliminado, assumiu uma nova feição, que lhe conservou a existência parasitária, pois encostou-se ao ditado popular: «Agora é que a porca torce o rabo», e assim se conservou.

V

A ÁRVORE QUE CANTA E A AVE QUE FALA

Era uma vez um rei muito curioso que andava a escutar às janelas, e um negociante que tinha três filhas. Estando um dia a falar com o pai, disse uma delas:

— O que eu queria era casar com o despenseiro do rei.

Outra disse:

— Eu o que queria era casar com o criado do rei.

E a terceira disse:

— Pois o que eu queria era casar com o próprio rei, porque lhe havia de dar dois filhos e uma filha.

O rei ouviu toda essa conversa, e, passado tempo, fez-lhes a vontade: a mais velha casou com o despenseiro; a do meio casou com o criado do rei, e a mais nova casou com o próprio rei.

O rei vivia bem com a esposa, e esta daí a pouco achava-se grávida. Quando o parto se aproximou, o rei quis mandar chamar uma parteira; mas as irmãs disseram à rainha:

— Que necessidade há de chamar alguêm? Nós também podemos servir-te de parteira.

Quando a rainha teve o filho, as irmãs disseram ao rei que a mulher dele tinha dado à luz um cachorro; meteram o recemnascido numa caixa, e deitaram-no no tanque da quinta rial. O rei ficou muito zangado com a esposa, e queria mandá-la fusilar; mas alguns reis estrangeiros, que lá estavam, dissuadiram-no disso, dizendo-lhe que da primeira vez era preciso perdoar. O rei perdoou-lhe, esperando outra ocasião.

Daí a um ano, a rainha teve outro filho; as irmãs dela disseram ao rei que a esposa tinha dado à luz um gatinho. O rei ficou ainda mais zangado com a mulher, e queria matá-la; mas também desta vez conseguiram que lhe perdoasse. As irmãs deitaram igualmente o segundo filho no tanque, dentro duma caixa.

Passado tempo, a rainha ficou outra vez grávida e teve uma linda menina. As irmãs tornaram a dizer ao rei que a esposa tinha tido não sei quê. O rei ficou furioso, e queria enforcar a mulher; mas alguns reis de outras terras disseram-lhe:

— É melhor mandar fazer uma capelinha ao pé da igreja, e pôr a mulher lá dentro, para lhe cuspirem na cara todos que forem à missa.

O rei assim fez. Mas o povo, em vez de lhe cuspir na cara, levava-lhe pão fino e pastéis.

Ora o jardineiro do rei, que achou os filhos da rainha no tanque, levou-os para casa e criou-os. Os filhos do rei cresceram rápidamente e eram bonitos que se não imagina.

Um dia, pediram ao jardineiro que lhes deixasse fazer uma casa fora da cidade. O jardineiro deu-lhes licença, e êles fizeram uma grande e bela casa, e viviam bem. Os irmãos gostavam de caçar às lebres. Uma vez foram à caça, e a irmã ficou sozinha em casa. Vem a casa dela uma velhinha e diz-lhe:

— Tendes uma bela casa, mas faltam-vos três coisas.

A princesa preguntou à velhinha:

— O que é que nos falta? Parece que temos tudo.

A velhinha disse:

— O que vos falta é uma ave que fale, uma árvore que cante e água da vida.

Quando os irmãos voltaram da caça, a irmã foi-lhes ao encontro e disse:

— Temos tudo, meus irmãos; só nos faltam três coisas.

Os irmãos preguntaram:

— Então o que é que nos falta?

Diz ela:

— Falta-nos uma ave que fale, uma árvore que cante e água da vida.

O irmão mais velho disse:

— Irmãzinha! deita-me a bênção, que vou arranjar essas maravilhas. E, se eu morrer ou se me matarem, haveis de sabê-lo por um sinal que vos deixo: vou espetar uma faca na parede; se a faca deitar sangue, é sinal de que morri.

Êle partiu. Foi andando, andando, até que chegou a uma floresta, onde viu um velhinho empoleirado numa árvore, e preguntou-lhe:

— Pode dizer-me como hei de arranjar uma ave que fale, uma árvore que cante e água da vida?

O velho deu-lhe um cilindrozinho e disse:

— Deita a correr êste cilindrozinho, e vai atrás dele.

O cilindro correu, e o príncipe foi andando atrás dele; o cilindro chegou por fim a uma alta montanha, e desapareceu; o príncipe subiu a montanha, e quando chegou a meio caminho, desapareceu de repente. Ora em casa dele, a faca começou logo a deitar sangue; e a irmã disse ao irmão do meio que o irmão mais velho tinha morrido, pois a faca deitava sangue. Responde-lhe o irmão do meio:

— Agora sou eu que vou arranjar uma ave que fale, uma árvore que cante e água da vida.

Ela deitou-lhe a bênção, e êle partiu. Foi andando, andando, até que chegou a uma floresta, onde viu um velhinho empoleirado numa árvore, e preguntou-lhe:

— Pode dizer-me, tiozinho, como hei de ar-

ranjar uma ave que fale, uma árvore que cante e água da vida?

O velho disse-lhe:

— Aqui tens êste cilindrozinho; deita-o a correr e vai atrás dele.

O velho atirou com o cilindro ao chão, e o príncipe foi andando atrás dele; o cilindro chegou por fim a uma alta montanha alcantilada e desapareceu. O príncipe subiu a montanha, e, quando chegou a meio caminho, desapareceu de repente.

Ora a irmã esperou-o muitos anos, mas como êle não viesse, disse lá consigo: «Provávelmente o outro meu irmão também morreu!»

Assim foi ela própria arranjar uma ave que falasse, uma árvore que cantasse e água da vida. Foi andando, andando, até que chegou a uma floresta, onde viu um velhinho empoleirado numa árvore, e preguntou-lhe:

— Pode dizer-me, tiozinho, como hei de arranjar uma ave que fale, uma árvore que cante e água da vida?

Responde o velhinho:

— Isso arranjas tu! Já lá teem ido outros mais espertos que tu, e todos teem morrido.

A rapariga porêm tornou a insistir:

— Mas, por quem é, diga-me sempre.

O velhinho disse-lhe:

— Aqui tens um cilindro, vai atrás dele!

O cilindro correu, e a rapariga foi andando atrás dele. O cilindro chegou por fim a uma

alta montanha alcantilada; a rapariga subiu a montanha, e começaram a gritar atrás dela:

— Onde vais tu? Vamos matar-te! Vamos comer-te!

Mas ela foi andando sem fazer caso. Subiu a montanha, e avistou a ave que fala. A rapariga pegou na ave, e preguntou-lhe:

— Onde posso arranjar uma árvore que cante e água da vida?

A ave disse-lhe onde havia de ir.

Ela chegou à árvore que canta, onde estavam diversos pássaros a cantar; arrancou um ramo, e foi-se embora; depois chegou à água da vida, encheu uma bilhinha e levou-a para casa. Depois, ao descer a montanha, borrifou-a com água da vida; de repente, os irmãos levantaram-se e disseram-lhe:

— Ah, irmã, dormimos tanto!

Diz a irmã:

— Sim, meus irmãos, se não fôsse eu, ficavam vocês aqui a dormir eternamente! Já arranjei a ave que fala, a árvore que canta e água da vida.

Os irmãos ficaram muito contentes. Foram para casa e plantaram o ramo da árvore que canta no jardim; o ramo cresceu e deu uma árvore que enchia todo o jardim, e nos ramos dela cantavam diversos pássaros.

Uma vez, os irmãos foram à caça, e encontraram o rei. O rei gostou dêstes caçadores e convidou-os a irem a sua casa.

Êles disseram:

— Vamos pedir licença a nossa irmã; se ela nos der licença, vamos lá sem falta.

Quando voltaram da caça, a irmã foi-lhes ao encontro e gostou muito de cuidar deles.

Os irmãos disseram-lhe:

— O rei convidou-nos a irmos a casa dele; vamos lá, se nos deres licença.

A princesa deu-lhes licença, e êles foram ao palácio. Quando lá chegaram, o rei recebeu-os magnificamente e tratou-os com todo o mimo. Êles ofereceram a sua casa ao rei, pedindo-lhe que os visitasse. Passado tempo, o rei foi visitá-los; receberam-no igualmente muito bem e mostraram-lhe a árvore que canta e a ave que fala.

O rei ficou admirado e disse:

— Eu sou rei, e não tenho estas coisas.

Então os irmãos disseram ao rei:

— Pois nós somos vossos filhos!

O rei soube tudo, sentiu grande alegria, e ficou vivendo com êles para toda a vida; e à mulher, mandou-a tirar da capela, e viveram todos juntos muito felizes.

VI

AS TRÊS IRMÃS

Era uma vez um negociante que vivia numa cidade, e tinha três filhas; mas um belo dia morreu.

Uma vez, as raparigas estavam sentadas à janela a conversar. A mais velha dizia:

— O que eu queria era casar com o padeiro do rei.

Dizia a do meio:

— Eu o que queria era casar com o cozinheiro do rei.

Dizia a mais nova:

— Pois o que eu queria era casar com o próprio rei, porque lhe havia de dar dois filhos com braços de ouro até aos cotovelos, pernas de prata até aos joelhos, com a lua na nuca, e com o sol na testa; também lhe havia de dar uma filha que deitasse rosas, quando sorrisse, e pérolas preciosas, quando chorasse.

Nessa ocasião, o rei andava a passear no

campo, e, quando passava pela casa das raparigas, pôs-se a escutar e ouviu a conversa delas.

No outro dia, o rei mandou chamar as filhas do negociante, e preguntou-lhes o que tinham dito no dia anterior. Elas confessaram tudo.

O rei casou a mais velha com o seu padeiro, a do meio com o cozinheiro, e com a mais nova casou êle mesmo.

Daí a tempo, a rainha achou-se grávida, e quando estava quási a dar à luz, o rei queria mandar chamar algumas parteiras boas; mas as irmãs, que tinham inveja da irmã mais nova, pediram ao rei que lhes deixasse fazer as vezes delas. O rei fez-lhes a vontade.

As irmãs foram ao palácio; e, quando a rainha teve um filho, tal qual tinha prometido antes do seu casamento, pegaram nele, meteram-no num sólido caixote e deitaram-no ao rio, e em lugar dele, puseram um cachorro.

Quando o rei viu que a esposa tinha dado à luz um cachorro, em vez de um filho, reuniu todos os seus ministros, e queria matá-la; mas os ministros aconselharam-no a perdoar-lhe, por ser a primeira vez, e o rei concordou.

Passado tempo, a rainha achou-se outra vez grávida. O rei queria mandar chamar boas parteiras, mas as irmãs da rainha começaram a pedir-lhe que lhes deixasse fazer as vezes delas. E, quando a rainha teve outro filho, as irmãs meteram-no num caixote e deitaram-no ao rio, e em lugar do filho, puseram um gatinho.

Quando o rei viu que a esposa tinha dado à luz um gatinho, reuniu os seus ministros e queria matá-la; mas os ministros conseguiram que lhe perdoasse pela segunda vez.

Passado tempo, a rainha achou-se outra vez grávida. Quando o parto se aproximou, o rei quis mandar chamar boas parteiras; mas as irmãs da rainha tornaram a pedir-lhe que lhes deixasse fazer as vezes delas. O rei concordou, e, quando a rainha teve uma filha, tal qual tinha prometido antes do seu casamento, as irmãs pegaram na criança, meteram-na num caixote e deitaram-na ao rio, e em lugar dela, puseram um bocado de pau. Quando o rei viu que a rainha tinha dado à luz um bocado de pau, em vez de uma filha, reuniu todos os seus ministros, e queria matá-la; mas os ministros conseguiram que a não matasse, e que a metesse dentro de uma coluna de pedra.

Ora um general que tinha achado os filhos do rei, deitados ao rio, tinha-os educado muito bem, e passado tempo morreu, deixando-os órfãos.

Uma vez, quando os irmãos tinham ido à caça, veiu à casa da irmã deles uma velhinha e a princesa recebeu-a bem. Depois foram ao jardim e a princesa preguntou à velhinha:

— Então gosta do meu jardim, e o jardim tem tudo quanto é preciso?

— Tem tudo, respondeu a velhinha, mas só lhe faltam três coisas: água da vida, água morta e uma ave que fale.

A princesa ficou triste, com as palavras da velha.

Quando os irmãos voltaram, preguntaram-lhe pela causa da sua tristeza. Ela contou-lhes o que a velha tinha dito.

— Está bem, respondeu o irmão mais velho, vou buscar essa ave.

Deu à irmã uma faca e disse:

— Se a faca deitar sangue, é sinal de que morri.

Foi andando, andando, até que chegou a uma montanha, ao pé da qual havia um grande carvalho, e debaixo do carvalho estava sentado um velho; os cabelos, as sobrancelhas e a barba do velho estavam já tão crescidos que tinham entrado na terra.

— Bom dia, velhinho!

— Muito bons dias, respondeu êle.

— Olhe, será possível arranjar-se água da vida, água morta e uma ave que fale?

— Lá possível é, mas não é fácil; muitos já teem ido, mas poucos teem voltado.

Tendo-se despedido do velhinho, subiu a montanha e ouviu gritarem-lhe atrás: *agarra, agarra, morra!* e assim que olhou para trás, ficou logo feito numa pedra.

A irmã dele olhou para a faca, e viu que o irmão mais velho tinha morrido.

Ora o irmão mais novo também quis ir arranjar aquelas coisas admiráveis, ou, pelo menos, procurar o irmão; deu à irmã um garfo, e disse:

— Se o garfo deitar sangue, é sinal de que morri.

Partiu e chegou a uma alta montanha, onde viu um velho; trocou algumas palavras com êle, e subiu a montanha; lá em cima, ouviu o mesmo barulho, olhou para trás e ficou feito numa pedra.

A irmã olhou para o garfo, e viu que o irmão mais novo também tinha morrido; fechou a casa e foi ela própria procurar água da vida, água morta e uma ave que falasse. Chegou à mesma montanha, avistou o velho, cumprimentou-o, cortou-lhe os cabelos e as sobrancelhas, com uma tesoura que tinha consigo e depois, apresentando-lhe um espelho que também tinha levado disse-lhe:

— Ora mire-se, e veja como já tem melhor cara!

Êle mirou-se ao espelho, e disse:

— Não há dúvida que já tenho melhor cara. Estive aqui sentado durante trinta anos, e ninguêm me cortou o cabelo; só tu adivinhaste. Onde vais, minha linda?

Ela contou-lhe tudo.

— Pois então, minha linda, disse o velho, sobe esta montanha; hás de ouvir lá gritar: *agarra, agarra, morra!* mas não olhes para trás, senão tornas-te logo em pedra. Quando chegares ao alto da montanha, hás de ver um poço e a ave que fala: pega na ave, tira do poço água da vida, e volta. Quando voltares, hás de ver na montanha umas pedras direitas; borrifa-as todas com água da vida.

A rapariga agradeceu as informações e subiu

a montanha. Foi andando e ouvindo uma gritaria medonha, mas não olhou para trás. Chegou sem novidade ao dito poço, tirou água da vida e água morta, pegou na ave que fala e voltou. Ao voltar, borrifou todas as pedras direitas, que se transformaram em gente.

Mais adiante, encontrou outras duas pedras iguais às primeiras, e borrifou-as com água da vida; estas pedras transformaram-se nos irmãos dela, que disseram:

— Ah, querida irmã! Como chegaste aqui e a que vieste?

Ela disse-lhes que tinha vindo buscar água da vida, água morta e a ave que fala, mas que antes de tudo, queria encontrar os seus queridos irmãos. Voltaram para casa, e viviam felizes.

Ora o rei soube que havia lá uma rapariga que deitava rosas, quando sorria, e pérolas, quando chorava, e queria casar com ela. Uma vez, foi visitá-los; receberam-no com todas as honras.

Tendo passeado por toda a parte, o rei foi ao jardim, onde viu a ave que fala; e a ave disse-lhe que não casasse com aquela rapariga.

— Porque não hei de casar com ela? preguntou o rei.

— Porque é tua filha, respondeu a ave.

— Como pode ser isso? preguntou o rei.

A ave que fala contou-lhe tudo que tinha acontecido. E o rei contou tudo aos filhos. Depois levou-os para o palácio, e mandou deitar

abaixo a coluna em que se encontrava a mulher dele.

Soltaram a rainha e mataram as irmãs dela. Depois o rei e a rainha viveram muito felizes em companhia dos filhos.

CRÍTICA

V. — **A árvore que canta e a ave que fala.**
VI. — **As três irmãs.**

Como resolvemos poupar espaço, vamos realçar, daqui em diante, os caracteres fundamentais dos contos comparados, estudando-lhes, quanto possível, os mesmos caracteres, em grupos isolados.

Assim, se compararmos a introdução das numerosas versões europeias e orientais, veremos que a forma primitiva devia conter o episódio das três irmãs, e que as duas mais velhas, invejosas da sorte da mais nova, haviam de lhe substituir as crianças por várias coisas; porêm, como não conseguissem matar as crianças, era natural que lhes sugerissem, directa ou indirectamente, a ideia de irem à procura de objectos maravilhosos, afim de perecerem. Mas vamos enumerar as feições da introdução das diferentes versões comparadas.

No conto russo n.º V, uma irmã queria casar com o despenseiro do rei, outra com o criado do rei, e a terceira desejaria casar com o próprio rei. No conto russo n.º VI, o despenseiro e o criado são substituidos pelo padeiro e pelo cozinheiro. No contò n.º V, a mais nova promete dois filhos e uma filha; na versão n.º VI, ela diz que havia de dar ao rei dois filhos com braços de ouro até aos cotovelos, pernas de prata até aos joelhos, com a lua na nuca, e com o sol na testa; uma filha que deitasse

rosas quando sorrisse, e pérolas quando chorasse. No conto português da ilha de S. Miguel (Braga, *O Rei-Escuta*), uma queria casar com o padeiro do rei, para comer sempre pão fresco; a segunda queria o cozinheiro do rei, para comer guisados, e a terceira queria casar com o rei. Na versão do Minho (Braga, *As cunhadas do rei*), uma queria casar com o cozinheiro, para comer bons fricassés; a segunda desejava o copeiro, para ter bons licores; a mais nova queria casar com o rei, porque lhe havia de dar três meninos cada um com a sua estrêla de ouro na testa. Na versão de Bensafrin (At. Oliveira, n.º 235), a mais velha diz que era capaz de fazer uma camisa para el-rei com doze mangas que ao vesti-la, se transformassem em duas. Angela daria ao rei, do primeiro parto, doze filhos com uma estrêla na testa, e tão lindos e parecidos que os pais os não poderiam diferençar. Na variante brasileira (S. Roméro, n.º II), a mais velha faria ao rei uma camisa como êle nunca vira; a do meio diz: «Se eu me casasse com êle, lhe fazia uma ceroula como êle nunca teve.» A terceira havia de dar ao rei três coroados. Como mais adiante veremos, de entre as versões portuguesas, a do Algarve é aquela que mais se aproxima da variante brasileira; mas desde já se nota que as três irmãs, conservadas na variante do Brasil, estão reduzidas a duas na versão algarvia.

No conto da Baixa-Bretanha (Mélusine, 1877, col. 206), uma queria casar com o jardineiro do rei, outra com o criado, e a terceira, com o filho do rei. No conto siciliano (Gonzenbach, n.º 5), as irmãs manifestam igualmente o desejo de casar com o filho do rei. Uma fartaria um regimento com quatro grãos de pão (numa variante, com um bocado de pano vestiria todo o exército); a segunda com um copo de vinho, daria de beber a um regimento, e ainda sobejaria; a mais nova promete um filho com uma maçã de ouro na mão, e uma filha com uma estrêla de ouro na testa. Na variante de Straparola (n.º 3 dos contos extraídos de Straparola e traduzidos em alemão

por Valentin Schmidt), a mais velha, se casasse com o mordomo do rei mataria a sêde a toda a côrte com um copo de vinho; a segunda faria, com uma roca, pano para dar camisas a toda a côrte; a terceira, se casasse com o rei, dar-lhe ia de uma vez dois meninos e uma menina, todos com cabelos de ouro, um colar no pescoço e uma estrêla na testa. No conto árabe (Mardrus, *Mille nuits et une nuit*, v. XII, p. 13), a primeira queria casar com o pasteleiro do sultão, para comer finos pasteis; a segunda queria o cozinheiro, para comer coisas boas; a mais nova, se casasse com o sultão, havia de lhe dar filhos dignos do pai: a filha seria um sorriso do céu, e teria cabelos de ouro de um lado, e de prata do outro; quando chorasse, cair-lhe iam pérolas dos olhos; se risse, o seu riso seria moedas de ouro a tinirem; os seus sorrisos seriam botões de rosas que lhe nasceriam nos lábios. Noutro conto árabe, coligido em Mardin, na Mesopotâmia (*Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft*, 1882, p. 259), a mais velha, se casasse com o rei, faria uma barraca onde êle e todos os seus soldados caberiam, sobejando ainda lugar; a segunda, se casasse com o rei, faria um tapete onde haveria lugar para êle e para todos os seus soldados, e ainda sobejaria lugar; a terceira daria ao rei um filho com os caracóis de prata e de ouro. Num conto árabe coligido no Egito (Spitta, n.º 11), uma mulher diz que se casasse com o rei, havia de fazer uma torta assás grande para êle e para o seu exército; a segunda promete uma barraca, e a terceira havia de lhe dar um filho e uma filha que teriam alternadamente um cabelo de ouro e um de jacinto; quando chorassem, trovejaria e choveria; quando rissem, mostrar-se iam o sol e a lua. Num conto avárico do Cáucaso (Schiefner, n.º 12), a primeira faria com um froco de lã, pano bastante para vestir todo o exército; a segunda fartaria o exército com uma única medida de farinha; a terceira teria um filho com dentes de pérolas, e uma filha com cabelos de ouro. Num conto

indiano coligido em Bengala (miss Stokes, n.º 20), a filha dum jardineiro costuma dizer: «Quando eu casar, hei de ter um filho com uma lua na testa e uma estrêla no queixo».

R. Köhler cita mais exemplos da nossa introdução, mas desconhecia, entre outras, as versões portuguesas e as russas de Afanasiev, por nós citadas (*Kleine Schriften zur Märchenforschung* von R. Köhler, p. 565-575. Weimar 1898). O sábio alemão refere-se ao conto russo que o grande poeta Púxkin elaborou em verso, dando-lhe uma forma literária; mas Köhler aponta a tradução feita por F. Bodenstedt, 1, 47.

Todavia diremos que mesmo o original não é chamado para o nosso intuito, visto ser uma alteração consciente do conto popular, que Púxkin ouviu à sua aia, em criança.

É escusado multiplicar aqui os exemplos da introdução do nosso conto. O que podemos dizer desde já é que as diferentes versões europeias e orientais se podem dividir, sob êste ponto de vista, em dois grupos: no primeiro grupo, as duas irmãs mais velhas queriam casar com diversos oficiais do rei, afim de comerem coisas boas, isto é, para serem beneficiadas; no segundo grupo, porêm, as irmãs pretendem casar com o próprio rei, e por isso lhe prometem coisas extraordinárias, isto é, em vez de procurarem satisfazer o apetite com boas iguarias, antes pelo contrário, prometem beneficiar o rei e os seus exércitos, etc. É mister notar que a irmã mais nova deseja sempre casar com o rei ou com o filho do rei; além disso, vemos, em diferentes versões europeias e orientais, que todas as irmãs falavam em casar com o rei, em vez de ser apenas a mais nova. Ora, a nosso ver, a forma primitiva do conto encontra-se no segundo grupo, pois desde que todas elas casam com o rei, e só a mais nova executa a sua promessa, compreende-se que as outras lhe fiquem com inveja; nos países orientais, onde a poligamia é lícita, o rei podia casar com as três

irmãs ao mesmo tempo, como sucede na versão avárica e nos contos do Egito e da Mesopotâmia. De resto, Cosquin (t. I., p. 199) é da mesma opinião. Na Europa, onde a poligamia não existe, o rei casa só com uma das irmãs; temos aqui, portanto, uma adaptação ao meio. Ora desde que os contos do segundo grupo conservam a forma primitiva da introdução, as do primeiro apresentam, por conseqüência, uma alteração da forma primitiva; mas, se tanto na Europa como no Oriente se nota a antiga coexistência dos dois grupos de contos, conclui-se que a dita alteração se produziu há alguns séculos, e que as versões europeias, que pertencem umas ao primeiro, outras ao segundo grupo, proveem de fontes diferentes. Assim, a versão da Ilha de S. Miguel e a do Minho pertencem ao primeiro grupo, ao passo que a versão algarvia e a do Brasil pertencem ao segundo; estas últimas conservaram, pois, até certo ponto, a introdução no seu aspecto primitivo. Cumpre-nos ainda acrescentar que o conto do novelista português Gonçalo Fernandes Trancoso pertence também ao segundo grupo. Adolfo Coelho dá, no prefácio da sua colecção (p. XVIII-XIX), um resumo dêsse conto das duas irmãs invejosas.

A mais antiga edição da obra de Trancoso é de 1575. Nota-se uma grande afinidade entre o conto de Trancoso e as versões do Algarve e do Brasil.

*
* *

Passamos a ver o interessante episódio da substituição das crianças por várias coisas. Na maioria das versões europeias e orientais, as crianças são substituidas por cães, gatos, ratos e até por um bocado de pau; na versão do Minho, os dois meninos são trocados por dois cães, e a menina é trocada por uma cadelinha; porêm, no conto algarvio, aparecem-nos sapos, e na variante brasileira temos um sapo, uma cobra e um gato.

Na versão de Trancoso figuram igualmente um sapo e uma cobra.

Estes factos não só ligam estreitamente as duas versões portuguesas com o conto brasileiro, como ainda nos levam a crer que a ideia dos sapos e da cobra seja criação autóctone portuguesa. Em conclusão ainda diremos que a cobra também devia existir na versão do Algarve; vê-se, pois, que o conto brasileiro conservou, neste sentido, melhor a tradição do que o conto algarvio.

Além disso, devemos concordar com o sr. Dr. T. Braga quando diz que Trancoso bebeu na tradição popular. Há mais factos que ligam o conto brasileiro às versões portuguesas já citadas. Assim, na versão algarvia, a irmã mais velha diz que era capaz de fazer uma camisa para el-rei com doze mangas, etc.; uma das interlocutoras de Trancoso também promete camisas preciosas, e no Brasil, a mais velha diz que, se casasse com o rei, havia de lhe fazer uma camisa como êle nunca vira.

Há mais um facto, embora negativo, que aproxima o conto brasileiro da versão algarvia e da elaboração literária de Trancoso: é a falta dos objectos maravilhosos, que os príncipes vão procurar. Todavia, o conto de Sergipe, embora tenha os motivos alterados, ainda salvou mais uma parcela da tradição no episódio da árvore que fala com a velha, mulher do pescador.

A versão do Algarve e a imitação de Trancoso eliminaram aqueles objectos maravilhosos completamente.

Notemos finalmente mais um facto que nos mostra como a tradição se conservou melhor no Brasil do que em Portugal: é o episódio da petrificação dos príncipes, que se encontra em quási todos os contos europeus e orientais da mesma família. Na versão do Minho, os irmãos ficam encantados; na do Algarve, nem encantados ficam, ao passo que no conto de Sergipe, os meninos comem as frutas envenenadas, ficando transformados em pedra.

*
* *

Pelo método comparado podemos finalmente reconstruir a tradição portuguesa em mais alguns pontos.

Assim, na versão minhota, a água de mil fontes e a árvore que deita sangue já não fazem sentido. Porêm, se compararmos o conto português, por ex., com as versões russas, veremos que a dita água (da vida) havia de servir para reanimar os irmãos mortos; quanto à árvore que deita sangue, há aqui uma confusão de motivos, uma alteração da forma primitiva. No conto russo, são a faca e o garfo que escorrem sangue, em sinal de que aconteceu um desastre aos irmãos; no conto árabe das *Mil e uma noites* (Mardrus), o irmão dá à menina uma faca, que lhe há de indicar um mau acontecimento, se estiver enferrujada.

Na versão do Minho, a menina dá um geitinho á cabeça para ver para trás, mas é o bastante para lhe ficarem presos os cabelos. Os irmãos vão buscar umas tesouras, mas não se diz para quê; subentende-se que é para desprenderem a irmã, cortando-lhe os cabelos.

Todavia, pela comparação dêste conto com o russo n.º VI ou com o árabe de Mardrus, vê-se que se trata de mais um episódio alterado. No conto russo, a menina corta ao velho, com a tesoura que leva, os cabelos, as sobrancelhas e a barba, que se acham tão crescidos que até já penetraram na terra. Ora assim, a menina dispõe bem o velho, que lhe ensina a desempenhar-se da sua tarefa. No conto de Mardrus, o príncipe Farid faz a mesma coisa ao asceta árabe, para o obrigar.

Fica, pois, assim provado que o episódio da tesoura se conservou na tradição portuguesa, mas completamente alterado, quanto ao seu intuito.

*
* *

Falta-nos ainda mencionar dois contos indianos, cuja introdução se aproxima pouco mais ou menos dos contos em questão. Um é do Decão (miss M. Frere, n.º 4), e narra o seguinte:

Um raja, que tem doze mulheres e não tem filhos, casa ainda com a filha dum jardineiro, chamada Guzra-Bai, qne, segundo uma profecia, lhe deve dar cem filhos e uma filha. Ora na ausência do raja, que anda a viajar, Guzra-Bai dá realmente à luz cem filhos e uma filha.

As doze rainhas invejosas encarregam uma criada de exterminar as crianças. A criada abandona as crianças, para os ratos e as aves de rapina as devorarem; depois põe uma pedra em cada um dos berços. Quando o raja volta, as rainhas dizem-lhe que Guzra-Bai é uma bruxa, e que as crianças se transformaram em pedra. O raja manda meter Guzra-Bai numa prisão. As crianças escapam à morte, e finalmente se descobre tudo.

O outro conto, coligido em Bengala, aproxima-se, pela sua introdução, ainda mais dos contos europeus (miss Stokes, n.º 20): A filha dum jardineiro costuma dizer: «Quando eu casar, hei de ter um filho com uma lua na testa e uma estrêla no queixo.»

Um dia, o rei ouve estas palavras, e casa com ela Um ano depois, estando o rei na caça, a mulher teve efectivamente o filho prometido, mas as outras quatro mulheres do rei, que nunca tiveram filhos, subornam a parteira para esta dar cabo do menino, e dizem à filha do jardineiro que teve uma pedra. O rei castiga a mulher, fazendo dela criada. A parteira mete a criança num caixote, e abandona-a no meio da floresta.

O cão, a vaca e o cavalo do rei salvam alternadamente a criança, até que emfim, quando o menino já é homem, triunfa a verdade.

Como se vê pelo conjunto dos caracteres dos contos indianos, estes teem pouca afinidade com os contos portugueses, que se parecem muitíssimo mais com os contos árabes da mesma família; não se arrisca, pois, muito em supôr legítimamente que os referidos contos não vieram da Índia para Portugal, mas foram antes trazidos pelos árabes. De resto, a lua considerada como ideal de beleza é muito árabe, e encontra-se a cada passo nas *Mil e uma noites*.

VII

PELE-DE-PORCO

Era uma vez um gran-duque que tinha uma mulher muito linda, e gostava imenso dela.

Ora a gran-duquesa morreu e deixou uma filha única, que era mesmo a cara da mãe.

O gran-duque disse:

— Querida filha! vou casar contigo.

Ela foi ao cemitério, à sepultura da mãe, e começou a chorar. E a mãe disse-lhe:

— Dize ao pai que te compre um vestido cheio de estrêlas.

O pai fez-lhe a vontade e daí por diante ainda mais se apaixonou por ela.

A filha foi outra vez à sepultura da mãe, que lhe disse:

— Dize ao pai que te compre um vestido com a lua nas costas e o sol no peito.

O pai fez-lhe a vontade, e apaixonou-se por ela ainda mais.

A filha foi outra vez ao cemitério, e começou a chorar.

— Mãezinha! o pai apaixonou-se por mim ainda mais.

— Pois bem, filhinha! disse a mãe, agora dize ao pai que te mande arranjar uma pele de porco.

O pai fez-lhe a vontade e, quando a pele estava pronta, a filha vestiu-a.

O pai cuspiu-lhe e expulsou-a de casa, e não lhe deu criadas, nem pão para o caminho. Ela benzeu-se e saiu dizendo:

— Vou-me embora, e será o que Deus quiser.

Foi andando um dia, dois, três, até que chegou a uma terra estrangeira.

De repente, vieram nuvens e trovoada.

Onde havia ela de se abrigar da chuva?

A princesa avistou um carvalho enorme, e empoleirou-se nos espessos ramos.

Nessa ocasião, o príncipe ia à caça, e quando passava ao pé do carvalho, os cães atiraram-se à árvore e começaram a ladrar. Mas o príncipe teve a curiosidade de saber porque ladravam os cães ao carvalho. Mandou um criado ver; êste voltou e disse:

— Ah! saiba vossa Alteza que no carvalho está empoleirado um bicho, que não é bem bicho mas sim uma grande maravilha. O príncipe aproximou-se do carvalho e preguntou:

— Que maravilha és tu? falas ou não?

A princesa respondeu:

— Sou Pele-de-Porco.

O príncipe desistiu de ir à caça, e sentou a Pele-de-Porco na sua carruagem, dizendo consigo:

— Vou levar esta maravilha a meus pais.

Os pais do príncipe ficaram muito admirados e mandaram a maravilha para um quarto especial.

Daí a pouco tempo o tsar dava um baile; toda a côrte estava em festa.

A Pele-de-Porco preguntou aos criados do tsar:

— Posso estar à porta e ver o baile?

— Não póde ser, Pele-de-Porco!

Ela foi ao campo, pôs o lindo vestido cheio de estrêlas, assobiou e gritou, e trouxeram-lhe uma carruagem; meteu-se na carruagem e foi para o baile.

Chegou e dançou. Todos ficaram admirados da sua grande beleza.

Ela dançou, dançou e desapareceu; depois tornou a vestir a pele de porco e foi para o seu quarto. O príncipe veio ter com ela e preguntou-lhe:

Pele-de-Porco, não és tu a linda menina do baile?

Responde-lhe ela:

— Isso sim! Estive, mas foi à porta e pouco tempo.

Passado tempo, tornou o tsar a dar outro

baile: A Pele-de-Porco pediu licença para ver o baile. A resposta foi a mesma.

Ela foi ao campo, assobiou e gritou que parecia um rouxinol; apareceu uma carruagem; a princesa despiu a pele de porco, e pôs o vestido com a lua nas costas e o sol no peito. Chegou ao baile e começou a dançar. Todos olhavam muito para ela.

Dançou e tornou a desaparecer.

— Que havemos de fazer agora? disse o príncipe; como podemos saber quem era aquela menina tão bonita?

Depois de muito pensar untou com pez o primeiro degrau da escada, para que o sapato da menina lá ficasse pegado.

No terceiro baile, a princesa apresentou-se ainda melhor, e, quando se ia embora do palácio, pegou-se-lhe o sapato ao pez da escada, e ficou ali.

O príncipe apanhou o sapatinho e correu todo o reino para ver a quem servia o sapatinho. A ninguêm servia.

Voltou para casa e foi ter com a Pele-de-Porco e disse-lhe:

— Deixa cá ver os pés.

Ela mostrou-lhos; o príncipe provou-lhe o sapato que lhe serviu logo.

O príncipe cortou a pele de porco e tirou-a da princesa; depois pegou-lhe pela mão, levou-a aos pais dele, e pediu-lhes licença para casar com ela. O tsar e a tsarina abençoaram-nos;

depois o príncipe casou com a princesa, e preguntou-lhe:

— Porque é que usavas uma pele de porco?

Responde ela:

Porque era parecida com minha defunta mãe, e meu pai queria casar comigo.

VIII

O PRÍNCIPE DANIEL GOVORILA

Era uma vez uma velha princesa que tinha um filho e uma filha. Havia uma bruxa má, que não gostava deles, e pensava em perdê-los. Foi pois ter com a princesa e disse-lhe:

— Minha boa amiga! aqui tem um anelzinho; ponha-o no dedo do seu filho, que assim há-de ser rico e generoso; mas êle não deve tirá-lo, e só deve casar com a donzela a quem o anel servir.

A velhinha fiou-se, ficou contente, e ao morrer disse ao filho que casasse com a donzela a quem o anel servisse.

O tempo ia passando, e o filho ia crescendo. Quando já era crescido, começou a procurar noiva; agradavam-lhe várias raparigas, mas quando iam experimentar o anel, êste não servia a nenhuma delas: ou era grande ou pequeno.

O príncipe foi andando, andando por todas

as cidades e aldeias, para ver todas as raparigas bonitas, mas não encontrando nenhuma a quem o anel servisse, voltou finalmente para casa pensativo.

— Porque estás aflito, meu irmão? preguntou-lhe a irmã:

Êle contou-lhe a causa da sua aflição.

— Mas que anel tão exquisito é êsse? disse a irmã; deixa-me experimentá-lo.

Ela pôs o anel no dedo, o anel servia-lhe tão bem como se tivesse sido feito de propósito para ela.

— Ai irmã, tu és a minha noiva, hás de ser a minha mulher!

— Não digas isso, meu irmão! por amor de Deus, olha que é pecado; ninguêm casa com a irmã.

Mas o irmão não queria saber disso e saltando de alegria, disse à irmã que se preparasse para o casamento.

Ela pôs-se a chorar muito; saiu do seu quarto, sentou-se no limiar, vertendo rios de lágrimas.

Vinham a passar umas velhinhas; chamou-as e deu-lhes de comer e de beber.

Depois elas preguntaram-lhe porque estava tão aflita. Era escusado ocultar a verdade; contou-lhes pois tudo.

— Ora não chores, não te aflijas, e escuta o que vamos dizer-te: faze quatro bonecas, e põe-as nos quatro cantos do teu quarto; quando o teu irmão te chamar para casar contigo, vai;

quando te chamar para o quarto, não tenhas pressa. Tem fé em Deus, e passa muito bem!

As velhinhas foram-se embora.

O irmão casou com a irmã, e foi com ela para o quarto e disse-lhe:

— Deita-te, minha irmã!

Responde ela:

— Já me deito, meu irmão! vou tirar os brincos.

Mas as bonecas nos quatro cantos começaram a cantar:

Ai, o príncipe Daniel
Casou com a irmã.
Abre-te, terrra,
Desaparece, irmã!

A terra começou a abrir-se, e a irmã a desaparecer. O irmão gritou:

— Deita-te, minha irmã!

— Já me deito, meu irmão! vou tirar o cinto.

E as bonecas a cantarem:

Ai, o príncipe Daniel
Casou com a irmã.
Abre-te terra,
Desaparece, irmã!

Só se lhe via ainda a cabeça. O irmão disse outra vez:

— Deita-te, minha irmã!

— Já, me deito, meu irmão! vou tirar os sapatos.

Mas as bonecas não se calavam, e a irmã

desapareceu debaixo da terra. O irmão ainda a chamou em voz alta, mas foi em vão. Ficou zangado, atirou com a porta, que foi pelos ares, e olhou para todos os lados; mas a respeito de irmã, parecia que ela não tinha existido; e as bonecas estavam nos cantos cantando sempre a mesma coisa. Êle agarrou num machado, cortou-lhes a cabeça e atirou com elas para dentro do forno.

E a irmã foi andando, andando debaixo da terra, e chegou a uma cabana.

Abriu-se a porta. Dentro da cabana estava sentada uma bonita rapariga, que bordava um lenço a prata e ouro.

Levantou-se e recebeu a hóspeda carinhosamente; depois suspirou e disse:

— Ó querida amiga! tenho imenso prazer em receber-te e acariciar-te, emquanto minha mãe não vier; mas, quando vier, estamos mal, porque é bruxa.

A hóspeda ficou assustada; mas onde havia de ir? Sentaram-se ambas a bordar o lenço e a conversar. Mas a filha da bruxa sabia o tempo em que a mãe havia de voltar voando; por isso transformou a hóspeda em uma agulha, espetou-a numa vassoura, e pôs esta num canto.

De repente, a bruxa aparece-lhe à porta e diz:

— Minha rica filha! cheira-me aqui a carne.

A filha respondeu:

— Minha querida mãe! passaram por aí pessoas, que entraram para beber água.

— Então porque as não guardaste?

— Eram já velhas, minha mãe; não serviam para os seus dentes.

— Para a outra vez, tem cuidado; chama a todos para o pátio, e não deixes sair ninguêm; e agora vou-me embora.

Ela foi-se embora; as raparigas continuaram a trabalhar no lenço, a conversar e a rir. Vem a bruxa a voar, e põe-se a farejar na cabana, dizendo:

— Minha rica filha! cheira-me aqui a carne.

— Entraram aqui uns velhinhos para aquecer as mãos; tentei retê-los, mas foram-se embora.

A velha tinha fome, e por isso depois de ralhar com a filha, foi-se embora a voar.

A hóspeda saiu da vassoura, e ambas foram acabar o lenço à pressa. Estavam assim a bordar e a combinar a maneira de fugir da bruxa, quando de repente esta lhes aparece à porta e diz:

— Minha rica filha, cheira-me aqui a carne.

— Está aqui, minha mãe, uma bonita rapariga à sua espera.

A rapariga olhou para a velha e ficou aterrada.

A bruxa disse:

— Minha rica filha! aquece o forno, quente, quente.

Trouxeram lenha e acenderam o forno tão bem que deitava labaredas. A bruxa pegou numa larga pá e disse para a hóspeda:

— Ora assenta-te na pá, minha linda!

A rapariga sentou-se.

A bruxa chegou à bôca do forno; mas a rapariga pôs um pé no forno, e deixou o outro fóra.

— Ah, rapariga, não sabes sentar-te; senta-te bem!

Sentou-se bem; a bruxa chegou-a ao forno, mas ela pôs um pé no forno, e outro debaixo do forno.

A bruxa zangou-se e retirou-a.

— Estás a brincar, menina! está quieta, assim; olha para mim!

A bruxa sentou-se na pá e estendeu as pernas, e as raparigas meteram-na depressa no forno, e fecharam-na muito bem lá dentro, e fugiram, levando o lenço bordado, uma escôva e um pente.

Foram correndo, correndo; depois olharam para trás e viram a malvada que tinha fugido do forno. Assim que a bruxa as avistou, gritou:

— Ah, sois vós!

Que haviam de fazer?

Atiraram com a escôva, e logo cresceu junco tão espêsso que ninguêm podia passar. A bruxa deitou-lhe as garras e arrancou-o. Já ia perto das raparigas, quando estas atiraram com o pente, e logo cresceu uma floresta de carvalhos tão escura que nem uma mosca podia lá passar.

A bruxa aguçou os dentes, e começou a tra-

balhar; arrancou as árvores pela raiz, abriu caminho, e ia já a apanhá-las. Elas corriam, corriam, mas já não podiam mais. Depois atiraram com o lenço, e logo se derramou um grande mar de fogo; a bruxa queria voar sôbre o mar, mas caiu e ficou queimada.

Ficaram as duas raparigas sem abrigo; não sabiam onde haviam de ir. Sentaram-se a descançar. Veiu um homem e preguntou-lhes quem eram; depois foi dizer ao seu amo que nos domínios dêste se encontravam duas lindas raparigas, tão parecidas que se não podiam distinguir, e que uma delas devia ser sua irmã.

O senhor foi vê-las, e chamou-as para sua casa.

Viu então que o criado não tinha mentido, visto que uma delas era sua irmã; mas qual delas?

Ela, como estava zangada com o irmão, não quis dar-se a conhecer.

O criado disse para o amo:

— Já sei, meu senhor, o que hei-de fazer.

Vou encher de sangue uma bexiga de carneiro e vós a colocareis debaixo do braço; quando estiverdes a conversar com os convidados, dar-vos hei uma facada debaixo do braço; e, quando o sangue estiver a correr, saberemos qual delas é a vossa irmã.

Assim fizeram. O criado deu uma facada no amo; o sangue esguichou, o irmão caíu e a

irmã deitou-se a êle aos choros e aos abraços, dizendo:

— Meu caro, meu querido!

Mas o irmão levantou-se são e salvo, abraçou a irmã e casou a com um homem de bem; e êle próprio casou com a amiga dela, a quem o anel também servia, e foram muito felizes.

IX

A FILHA QUE NÃO QUERIA CASAR COM O PAI

Eram uma vez um homem e uma mulher que tinham uma filha.

Quando a mulher morreu, o homem disse para a filha:

— Vamos embora, filhinha, vamos casar. A filha foi à sepultura da mãe, e começou a chorar. A mãe saíu da sepultura e preguntou-lhe:

— Porque estás a chorar, filhinha?

A filha disse:

— Então não hei de chorar, se o pai quere casar comigo?

A mãe disse:

— Se assim é, então dize ao pai que te arranje um vestido como a lua e o sol, e tudo quanto pertence ao vestido.

O pai arranjou-lhe um vestido e tudo o mais, e tornou a dizer-lhe:

— Avia-te, filhinha, vamos casar.

A filha foi outra vez chorar à sepultura da mãe.

Esta preguntou-lhe:

— Porque vieste outra vez chorar?

A filha disse:

— Então não hei-de chorar, se o pai me arranjou um vestido conforme lhe pedi e agora quere casar comigo?

A mãe disse:

— Pois vai dizer ao pai que te arranje um vestido como a aurora, e tudo quanto pertence ao vestido, que depois casas com êle. O homem arranjou tudo o que a filha lhe pediu e tornou a dizer-lhe:

— Avia-te, filha, vamos casar.

A filha foi pela terceira vez à sepultura da mãe, e esta perguntou-lhe:

— Porque vieste tu aqui outra vez chorar?

A filha respondeu:

— Então não hei-de chorar, se o pai me arranjou tudo que lhe pedi, e agora quere casar comigo?

A mãe disse:

— Pois vai dizer ao pai que te arranje uma pele de porco, um par de botas e um lenço.

O pai arranjou-lhe tudo isso e tornou a dizer-lhe:

— Avia-te, filha, vamos casar.

Então a filha disse para o pai:

— Espere um pouco, pai, vou vestir-me. Foi vestir a pele de porco, e pôs a três bonecas os vestidos que o pai lhe tinha arranjado; em

seguida foi à cidade, colocou as três bonecas ao lado dela e pôs-se no meio.

Então uma boneca disse:

— Abre-te, terra, para esta bela menina entrar!

As outras duas disseram a mesma coisa. E foram para debaixo da terra.

Foram andando, andando, até que chegaram a outro reino, e entraram numa floresta, onde viram uma cabana. Puseram-se a pensar no que haviam de fazer, por fim sentaram-se ao pé da cabana. As bonecas sentaram-se, e a menina começou a bordar a ouro. Vinha a passar um príncipe, que disse para ela:

— Viva! venha sentar-se no meu coche.

Ela disse:

— Não posso sentar-me ao pé de vós, porque sois príncipe, e eu sou apenas uma rapariga do povo vestida com uma pele de porco.

Então o príncipe disse para um criado:

— Pega nela e assenta-a aqui.

O criado assentou-a ao lado do príncipe. Foram-se embora. Êle levou-a para a casa da mãe, e disse:

— A mãe dá licença que eu case com ela?

A mãe disse:

— Então, filho, queres casar com ela? tu és príncipe, emquanto ela é apenas uma rapariga do povo vestida com uma pele de porco.

O príncipe disse:

— Nesse caso vamos metê-la debaixo do forno.

Era um sábado. No dia seguinte, o príncipe levantou-se cedo e disse para o criado:

— Dá-me o jarro com água.

A rapariga saíu depressa de debaixo do forno, e deu-lhe o jarro.

Mas êle deu-lhe uma pancada com o jarro e disse:

— Vá para debaixo do forno, sua porca!

Ela meteu-se depressa debaixo do forno, e êle encaminhou-se para a igreja. Assim que se foi embora, a rapariga pediu à rainha licença para ir à igreja; arranjou-se debaixo do forno e foi à igreja. Mal o príncipe a avistou, foi ter com ela e preguntou-lhe:

— Donde és tu, lindinha?

A rapariga disse:

— Sou da terra do Jarro.

Quando a missa acabou, a rapariga saíu da igreja, correu para casa e meteu-se outra vez debaixo do forno, vestindo a pele de porco.

Quando o príncipe chegou a casa, disse para a mãe:

— Mas que linda menina que vi na igreja! Preguntei-lhe donde era, e ela disse-me que era da terra do Jarro.

Como o príncipe se tivesse apaixonado por ela, foi à busca da terra do Jarro; viajou uma semana inteira, sem encontrar a menina. Quando voltou, no sábado, disse para a mãe:

— Não encontrei a menina.

E a menina continuava a estar sentada debaixo do forno.

Veiu o domingo. O príncipe levantou-se cedo, e disse para o criado:

— Dá-me a toalha.

A rapariga foi dar-lhe a toalha; mas êle deu--lhe uma pancada com a toalha e tornou a repeli-la.

Foi outra vez à igreja.

Ela pediu licença à rainha, pôs o vestido como o sol e a lua e foi também à igreja.

O príncipe chegou-se outra vez ao pé dela e tornou a preguntar-lhe donde era.

Ela respondeu:

— Sou da terra da Toalha.

Êle disse-lhe:

— Troquemos os nossos anéis.

Ela respondeu:

— Não preciso, tenho bons anéis.

Quando a missa acabou, ela correu para casa, mudou de fato e sentou-se debaixo do forno.

Chegado a casa, o príncipe tornou a dizer para a mãe:

— Mas que linda menina que vi! O príncipe foi procurar a terra da Toalha; andou muito tempo, e como não encontrasse nada, voltou para a casa e queixou-se à mãe da sua pouca sorte; mas a rapariga estava sentada a rir debaixo do forno.

Veiu outro domingo. O príncipe levantou-se cedo e disse para o criado:

— Dá-me o pente.

A rapariga foi dar-lhe o pente; mas êle deu-lhe uma pancada com o pente, e disse:

— Vá para debaixo do forno, sua porca! Assim que êle foi à igreja, ela tornou a pedir licença à rainha, e pondo o vestido que era como a aurora, foi também à igreja.

Quando o príncipe a viu, tornou a preguntar-lhe donde era. Ela disse-lhe que era da terra do Pente.

— O príncipe disse:

— Troquemos, amor, os nossos anéis!

Diz ela:

— Está bem:

E trocaram os anéis. Depois quando a missa acabou, a rapariga correu imediatamente para casa, e viu que as criadas da rainha estavam a fazer bolos. Ela pediu às criadas que a deixassem também fazer um bolo. As criadas deixaram-na. A rapariga fez um bolo e meteu-lhe dentro o anel que o príncipe lhe tinha dado.

Quando o príncipe voltou da igreja, a rapariga já estava sentada debaixo do forno. Êle disse para a mãe:

— São horas de comer; as criadas que me tragam alguma coisa; não há bolos?

Puseram bolos na mesa, e assim que o príncipe meteu na bôca o primeiro bolo, sentiu uma coisa dura nos dentes; olhou e viu que era o anel que tinha oferecido à rapariga na igreja. Então gritou com toda a fôrça:

— Venha já quem fez êstes bolos!

As criadas ficaram assustadas e disseram:

— Fomos nós que fizemos os bolos; só um foi feito pela rapariga que está debaixo do forno.

O príncipe disse:

— Chamai-a para aqui, para vermos se é verdade o que vós me dizeis.

Chamaram a rapariga.

Ela pôs primeiro o seu melhor vestido, e depois apresentou-se tão linda como não havia outra igual no mundo; em seguida beijou a mão à rainha. O príncipe não sabia o que havia de fazer de contente. Depois pegou na mãozinha branca da rapariga e disse para a mãe:

— A sua benção, mãe; quero casar com ela.

A rainha deu-lhes a benção.

Casaram e viveram felizes.

CRÍTICA

VII. — **Pele-de-Porco.**
VIII. — **O príncipe Daniel Govorila.**
IX. — **A filha que não queria casar com o pai.**

Êstes contos e as versões europeias e orientais da mesma família poderiam intitular-se genéricamente: *A filha que não queria casar com o pai.*

Ora se observarmos a introdução dêstes contos, veremos que muitos teem a recomendação que a mulher moribunda faz ao marido relativamente a um segundo casamento dele. Assim, num conto português (C. Pedroso, n.º XVI), a rainha deixa ao rei um anel, dizendo-lhe que só deve casar com a mulher a quem o anel servir. Num

conto algarvio (At. Oliveira, n.º 14), temos um lenço, em vez do anel. Num conto brasileiro (S. Roméro, n.º IX), reaparece o anel. Na versão russa n.º VIII, assim como num conto sérbio (Afanasiev, v. 4, pág. 390) e num conto italiano dos meados do século 16 (n.º 6 dos contos extraídos de Straparola e traduzidos em alemão por Valentin Schmidt), aparece igualmente o anel. Falta a recomendação em lituano (Schleicher, pág. 10), nas versões russas VII e IX, em valáquio (Schott, n.º 3), em grego moderno (Hahn, n.º 27) e em gaélico (Campbell, n.º 14).

Num conto francês (Cosquin, n.º XXVII), a rainha recomenda ao marido que torne a casar sómente com uma mulher mais bonita do que ela. Num conto alemão (Grimm, n.º 65), a rainha, que é muito bonita e tem cabelos de ouro, diz ao marido que só deve casar com uma mulher tão bonita como ela. Num conto siríaco (E. Prym et A. Socin, n.º 52), a mulher moribunda dum judeu rico recomenda ao marido que só case com a mulher a quem servirem os sapatos dela.

*
* *

Seguem-se as exigências da filha. No conto russo n.º VII, a filha pede um vestido cheio de estrêlas, um com a lua nas costas e o sol no peito, e uma pele de porco. No conto russo n.º IX, a filha exige um vestido com a lua e com o sol, um com a aurora, uma pele de porco, um par de botas e um lenço. Na versão de C. Pedroso, a filha exige um vestido côr das estrêlas, outro côr das flores que há no campo, outro de várias côres e ainda outro de madeira. No conto algarvio a menina pede um vestido da côr do mar e de todos os peixes, um da côr da terra e de todas as flôres e um da côr do ceu, do sol, da lua e das estrêlas.

No conto brasileiro, a filha pede um vestido da côr do campo com todas as suas flores, outro da côr do mar com todos os seus peixes, e outro da côr do ceu com todas

as suas estrêlas. Já por esta introdução se vê a afinidade do conto brasileiro de Sergipe com o algarvio; mas teremos ocasião de a verificar em quasi toda a linha. — No conto francês, a princesa pede um vestido da côr do sol, outro da côr da lua e um touro de ouro. No conto alemão, a filha exige um vestido como o sol, outro como a lua, outro como as estrêlas e um casaco de mil espécies de peles. Na versão lituana, a filha pede um casaco de peles de piolhos, um vestido de prata, um anel com diamantes e sapatos de ouro. Num conto siciliano (Gonzenbach, n.º 38), a menina exige um vestido côr do ceu com as estrêlas e a lua, outro côr do mar com as plantas e os animais marinhos, e outro côr da terra com todos os animais e as flores. No conto valáquio, a princesa pede ao pai um vestido de prata, outro de ouro, outro de diamantes e outro de peles de piolhos, enfeitado com peles de pulgas. Na versão grega, a princesa pede dois vestidos de ouro com as algibeiras cheias de ducados, uma cama e um poço.

No conto escossês (gaélico), a princesa deseja um vestido de penas de cisne, outro de seda, ouro e prata, um sapato de prata e outro de ouro, e um caixote que possa nadar. No conto siríaco, a filha pede ao pai bonitos vestidos. Num conto catalão (Rondallayre, I, pág. 111), a princesa pede ao pai um vestido de penas de todas as côres, outro de escama de todos os peixes, outro feito de estrêlas e um caixote de ouro onde ela caiba.

*
* *

Quanto à fuga da filha, realiza-se de várias maneiras. Assim, nos contos russos n.ºs VIII e IX, a menina desaparece, debaixo da terra, com o auxílio dumas bonecas. É curioso ver que no conto algarvio, a princesa mete-se dentro duma boneca de madeira e foge para o palácio do rei vizinho, onde se emprega como criada, para guar-

dar as galinhas. Vê-se, portanto, que o episódio da boneca, bem conservado na tradição portuguesa, já está alterado nos contos russos. Na versão de C. Pedroso, a princesa também põe um vestido de madeira, indo guardar os patos dum rei.

No conto brasileiro, a princesa foge a bordo dum navio para um reino onde vai pedir um emprêgo à rainha, que a encarrega de guardar e criar as galinhas do rei, como no conto do Algarve. — No conto francês, a princesa mete-se num touro de ouro, que é vendido a um príncipe com ela lá dentro. Num conto siciliano (Pitrè, 1, pág. 388), a princesa encerra-se num móvel dourado de madeira, que manda deitar ao mar. Um rei apanha o móvel, e manda pô-lo no seu palácio.

Num conto italiano coligido em Roma (miss Busk, pág. 91), a princesa pede ao pai um castiçal maior que um homem, e quando o recebe, finge que não gosta dele, e manda vendê-lo. Depois esconde-se dentro do castiçal, que um príncipe compra e manda pôr no seu quarto. No conto valáquio, a princesa foge para uma floresta. Um príncipe avista-a em cima duma árvore, e tomando-a por um animal desconhecido, quere matá-la. Não a mata, mas leva-a para o palácio, entregando-a ao porqueiro. Na versão grega, a filha mete-se na cama e entra assim no poço, que o pai lhe mandou arranjar; a terra abre-se, e a princesa desaparece, indo parar a um sitio onde um príncipe está a caçar. Êste leva a princesa embrulhada numa pele de animal, e manda-lhe guardar gansos. No conto escossês, a princesa mete-se com os seus objectos no caixote e atira-se ao mar; depois emprega-se como cozinheira, no palácio dum rei. No conto de Straparola, a menina mete-se num guarda-vestidos. Tebaldo, pai dela, vende o guarda-vestidos a um negociante; êste vende-o por sua vez a um jovem rei de Inglaterra, que o manda pôr no seu quarto de dormir. — No conto siríaco, a filha põe uma fechadura no interior duma arca, e mete-se lá dentro. Quando o pai volta e não encontra a filha, fica

encolerizado e vende a arca a um príncipe, que a manda pôr no quarto de dormir do filho. Num conto albanês (Dozon, n.º 6), citado por Cosquin (tom. I, pág. 277), o príncipe encontra a princesa escondida dentro dum castiçal. Na versão catalã, a princesa mete-se no caixote, e diz aos criados que a levem para sítio seguro. Os criados chegam a certo reino e vendem o caixote a alguêm que o oferece ao príncipe, que está doente. Colocam o caixote no quarto do príncipe; êste dá com a menina, e antes de partir para a guerra, ordena aos criados que continuem a levar comida para o seu quarto; depois dá o seu anel à princesa e parte. Os criados levam o caixote com a princesa lá dentro, vendem-no e deitam a princesa num buraco cheio de espinheiros.

Uns pastores salvam-na, mandando-a guardar porcos. O príncipe regressa e fica muito triste por não encontrar a sua amada. O rei promete uma grande recompensa a quem restituir a alegria ao príncipe. A princesa apresenta-se no castelo, mostra ao príncipe o anel, que êle lhe deu, e casa com êle.

Por conseqüência, comparando-se todas estas versões citadas, vê-se que o episódio das bonecas se encontra apenas, que nós saibamos, em português e em russo.

*
* *

Vamos finalmente tratar daquilo a que podemos chamar a identificação da menina.

No conto russo n.º VII há bailes no palácio, sendo a menina identificada por meio do bem conhecido episódio do sapato perdido na escada.

Na versão portuguesa, coligida por C. Pedroso, há também no palácio três dias de festa; mas a menina é identificada por surprêsa. No conto alemão temos igualmente três dias de festa no palácio. A menina é reconhecida pelo anel que tem no dedo e que o rei lhe pôs,

sem ela dar por isso. No conto valáquio, o príncipe encontra-se com a menina num casamento celebrado por um cortesão, e dá-lhe um anel. Ela foge. Nas duas noites seguintes acontece o mesmo.

O príncipe fica desesperado de não tornar a ver a desconhecida e adoece. A menina pede à cozinheira que a deixe estar ao pé do lume para se aquecer, e deita o anel no leite que está a ferver para o príncipe. Êste encontra o anel, identificando assim a menina e casando com ela. Na versão grega, o rei dá três festas. A menina vaí às festas. O príncipe segue-a, para descobrir quem é; mas ela foge. Na terceira noite, ela perde um sapato, e por meio dêste, o príncipe descobre-a e casa com ela.

*
* *

Em alguns contos, a festa, em vez de ser profaaa, é religiosa ou seja uma missa.

Assim, no conto russo n.º IX, o príncipe encontra-se com a desconhecida na igreja, trocando aneis com ela.

Quando a menina chega a casa, encontra os criados a fazer bolos. A menina também faz um bolo, metendo-lhe dentro o anel que o príncipe lhe deu. Êle come o bolo, encontra o anel, descobre a identidade da menina, e casa com ela. No conto algarvio há numa ermida uma festa que dura três dias. O príncipe vai à festa, e a *Cara de Pau* também. Êle oferece-lhe respectivamente um anel, a corrente do seu relógio e o relógio, preguntando-lhe como se chama; ela diz-lhe: «Amanhã lhe responderei, logo respondo», e safa-se.

O príncipe adoece de tristeza, e os médicos não podem curá-lo. A *Cara de Pau* diz na cozinha que sabe fazer uns bolinhos que devem fazer bem ao príncipe. Faz bolos; o príncipe come um, encontrando-lhe dentro o anel, a corrente e o relógio. A menina fica assim identificada, e o príncipe casa com ela. — No conto brasileiro há três

dias de festa na cidade. Todos do palácio vão à festa, e a criadeira de galinhas também lá aparece, bem vestida e numa carruagem fornecida por Dona Labismina. O príncipe oferece-lhe uma joia. Depois adoece de paixão e não quere tomar nem um caldo. A rainha roga a todas as pessoas que lhe levem algum caldo, para ver se êle aceita, mas não o consegue; só falta a criadeira de galinhas. Esta deita na chícara a joia que o príncipe lhe deu na igreja. A menina casa com o príncipe. — Na versão lituana, a menina vai à missa com os seus lindos vestidos, encontrando-se ali com o irmão. Um dia, o irmão descobre por surprêsa que a menina é sua irmã. — No conto escossês (gaélico), a princesa põe aos domingos os seus vestidos, e vai à igreja. O príncipe apaixona-se por ela e manda espia-la. Ela foge, perdendo um sapato, de ouro.

Por meio do sapato, o príncipe encontra-a e casa com ela. — No conto albanês, na ausência do mancebo, a rainha encontra a mulher no quarto dele, mandando deitá-la num sítio cheio de urtigas.

Ora uma velha vem buscar urtigas, e leva a princesa. Quando o príncipe volta da guerra e não encontra a mulher, adoece de tristeza. Durante a doença, apetece-lhe comer um prato de legumes; por isso manda publicar o seu desejo pela cidade. A velha leva-lhe êsse prato; mas os legumes foram preparados pela mulher que a velha tinha recolhido; a mulher deita nos legumes o seu anel de casamento. O príncipe acha o anel, e descobre o paradeiro da mulher. — No conto francês, o príncipe manda pôr o touro de ouro no seu quarto, onde come por estar doente. Quando está a dormir, a princesa sai do touro, leva uma travessa e esconde-a dentro do touro. Esta scena repete-se, até que o príncipe, fingindo que dorme, surpreende a menina. Depois de algumas aventuras, casa com ela. — No conto siciliano de Pitrè, a princesa sai três vezes do seu esconderijo; o rei surpreende-a e casa com ela. — Na versão italiana coligida em Roma, o prín-

cipe volta do teatro e acha que alguêm lhe comeu a ceia. Isto repete-se, até que êle surpreende a princesa. Quando os pais o querem casar, responde que só quere casar com o castiçal. Um belo dia, descobre-se tudo, e segue-se o casamento. — No conto de Straparola, estando o rei na caça, a menina sai do guarda-vestidos e arruma o quarto muito bem. Isto repete-se. Um dia, o rei descobre-a por surprêsa, e casa com ela. — No conto siríaco, a menina sai da arca, na ausência do jovem, coze arroz e arranja o quarto; no dia seguinte, muito cedo, faz o café.

O príncipe fica muito admirado, e fingindo que sai, esconde-se num canto do quarto, e surpreende a menina. Segue-se o casamento.

*
* *

A enumeração dos factos antecedentes era indispensável para podermos tirar algumas conclusões. Assim, se observarmos os contos desta família e compararmos os meios que servem para a identificação da menina, veremos que se podem reduzir a três: a menina é identificada ou por meio dum sapato perdido, ou por meio dum anel, ou então por surprêsa. Quer isto dizer que os ditos contos, embora pertencentes à mesma família, dimanaram de três fontes diferentes.

Mais se verifica que a trifurcação já não é muito recente. Está, pois, naturalmente indicada uma divisão dêsses contos em três grupos. Para facilitarmos o estudo, podemos dizer convencionalmente que os contos em que figura o sapato perdido pertencem ao primeiro grupo; que as versões em que aparece o anel pertencem ao segundo, e que os contos em que a identificação da menina é feita por meio de surprêsa fazem parte do terceiro.

Ora com êstes dados na mão concluímos que o conto algarvio e o brasileiro pertencem ao segundo grupo, e

que a versão coligida, por C. Pedroso faz parte do terceiro; quer dizer, êsses contos proveem de fontes diferentes.

Quanto à grande afinidade entre o conto do Algarve e o de Sergipe, é escusado realçá-la mais.

Alêm disso, ficamos surpreendidos pelo estreito parentesco que se acusa entre o conto algarvio e o russo n.º IX. Assim, alêm do episódio das bonecas, comum a êstes dois contos, temos ainda o encontro do príncipe com a menina numa festa religiosa, e não profana. Porêm, a concordância mais curiosa dêsses dois contos acha-se no episódio dos bolos com o anel dentro, feitos pela menina. Mais vemos que o episódio da doença do príncipe já foi eliminado do conto russo, mas conservou-se no do Algarve e no de Sergipe; por conseqüência, sob êste, ponto de vista, a tradição conservou-se melhor em Portugal e no Brasil do que na Rússia.

Resta-nos ainda acrescentar que nos mesmos dois contos figura tambêm um lenço, embora com destinos diferentes.

Claro é que a corrente e o relógio da versão algarvia constituem um acrescento moderno.

X

A SCIÊNCIA MANHOSA

Era uma vez um homem e uma mulher que tinham um filho. O velho era pobre, por isso queria mandar ensinar alguma coisa ao filho, e assim levou-o a várias cidades, para ver se alguêm queria servir-lhe de mestre, mas ninguêm se prestou a isso de graça.

O velho voltou para casa, chorou, chorou em companhia da velha, ralou-se muito com a sua pobreza, e levou o filho outra vez à cidade.

Mal chegaram à cidade, encontraram um homem que perguntou ao velho:

— Porque estás tão triste, velhinho?

— Então não hei de estar triste, disse o velho. Fartei-me de andar com o meu filho, mas ninguêm quis ensinar-lhe de graça, e não tenho dinheiro!

— Pois então dá-mo cá, disse o homem, que eu lhe ensinarei todas as manhas em três anos.

E daqui a três anos no mesmo dia e à mesma hora, vem buscar o teu filho; mas olha bem: se não vieres atrasado, hás de conhecer o teu filho e hás de levá-lo; em caso contrário, êle tem de ficar em minha casa.

O velho ficou tão contente que nem preguntou quem era o homem, onde vivia e o que ia ensinar ao rapaz; entregou-lhe o filho e foi para casa. Chegou a casa cheio de alegria, e contou tudo à velha; mas o homem era um feiticeiro.

Passaram os três anos, e o velho esqueceu-se completamente do dia em que tinha entregue o filho ao feiticeiro. Mas na véspera do dia em que acabava o prazo, o filho veiu a casa do pai em forma de passarinho, atirou-se ao chão e entrou na cabana transformado num rapaz, e cumprimentou o pai e disse:

— Amanhã faz três anos em ponto; é preciso ir buscar-me, mas é preciso também conhecer-me. Eu não sou o único aprendiz em casa do meu patrão; êle tem mais onze operários, que ficaram em casa dele para sempre, porque os pais não puderam conhecê-los; e se vossemecê não me conhecer, também eu fico em casa dele, e seremos doze. Quando vossemecê fôr ámanhã buscar-me, o patrão há de nos deixar sair todos os doze transformados em pombos brancos exactamente iguais. Mas repare: todos os pombos hão de voar alto, mas eu ainda hei de voar mais alto que todos. O

patrão há de preguntar-lhe se conhece o seu filho, e vossemecê aponte-lhe o pombo que voar mais alto que todos. Depois êle há de lhe mostrar doze cavalos, todos da mesma côr, com as crinas caídas para o mesmo lado e absolutamente iguais. Quando vossemecê passar ao pé dos cavalos, repare bem: hei de bater no chão com o pé direito. O patrão há de tornar a preguntar-lhe se conhece o seu filho, e vossemecê aponte logo para mim. Depois êle vai mostrar-lhe doze rapazes exactamente iguais: a mesma estatura, os mesmos cabelos, a mesma cara e o mesmo fato. Quando vossemecê passar ao pé dêsses rapazes, repare bem: uma mosquinha há de poisar-me na face direita. O patrão torna a preguntar-lhe se conhece seu filho, e vossemecê aponte para mim.

O rapaz disse tudo isto ao pai, despediu-se dele, saíu de casa, atirou-se ao chão, fez-se num pássaro e voou para a casa do patrão.

Pela manhã, o velho levantou-se e foi buscar o filho. Chega a casa do feiticeiro.

— Ora pois, diz-lhe o feiticeiro, ensinei ao teu filho todas as manhas. Mas, se o não conheceres, tem de ficar em minha companhia para sempre.

Depois o feiticeiro deixou sair doze pombos brancos exactamente iguais, e disse:

— Vê se conheces o teu filho!

Como havia êle de conhecê-lo, se eram todos iguais? Olhou, olhou, e assim que um pombo

voou mais alto que os outros, apontou para êle e disse:

— Parece-me que é aquele!

— Conheceste-o, conheceste-o, velhinho, disse o feiticeiro.

Depois deixou sair doze cavalos, exactamente iguais e com as crinas caídas para o mesmo lado. O velho começou a andar em volta dos cavalos, reparando com muita atenção, e o patrão preguntou-lhe:

— Então, velhinho! conheceste o teu filho?

— Ainda não, espere um pouco. E assim que viu um cavalo bater no chão com o pé direito, apontou para êle e disse:

— Parece-me que é aquele!

— Conheceste-o, conheceste-o, velhinho.

Depois sairam doze rapazes: a mesma estatura, os mesmos cabelos, a mesma voz, e a mesma cara, como se fôssem filhos da mesma mãe.

O velho passou uma vez por ao pé dos rapazes, e não distinguiu nada, passou segunda e nada de novo, mas quando vinha a passar terceira, notou uma mosca na face direita de um dos rapazes, e disse:

— Parece-me que é êste!

— Conheceste-o, conheceste-o, velhinho, disse o feiticeiro, e como não tinha outro remédio, entregou o rapaz ao velho, e ambos foram para casa.

Foram andando, andando, e encontraram no caminho um homem.

—Paizinho, disse o filho, vou já tornar-me em um cãozinho; o homem há de comprar-me; venda-me a mim, mas não venda a coleira, senão não volto para a sua companhia!

Disse e no mesmo instante atirou-se ao chão e transformou-se num cãozinho. O homem viu que o velho levava um cãozinho e começou a negociar com êle. Não era o cãozinho mas a coleira o que mais lhe agradava.

O homem dava por êle cem rublos, mas o velho pediu trezentos; regatearam, regatearam, e o homem comprou o cãozinho por duzentos rublos. Quando o velho ia tirar a coleira, isso sim! nem falar nisso era bom, pois o homem teimava muito.

—Eu não vendi a coleira, disse o velho: só vendi o cãozinho.

Mas o homem respondeu:

—Nada, você mente! quem comprou o cãozinho, tambêm comprou a coleira.

O velho pensou, pensou (pois com efeito, não se póde comprar um cão sem coleira) e entregou-o com a coleira.

O homem pegou no cãozinho e meteu-o no seu carro, e o velho recebeu o dinheiro e foi para casa.

O homem seguiu no seu carro, e de repente viu correr-lhe uma lebre. Soltou-lhe o cãozinho, que deixou fugir a lebre que se safou para a floresta.

O homem esperou, esperou e foi-se embora

sem o cãozinho. Mas o cão fez-se outra vez em gente.

O velho andava pela estrada a pensar: Como hei de aparecer em casa?

O que hei de dizer à velha a respeito do filho?

Mas o filho apanhou-o e disse:

— Oh, paizinho, porque é que me vendeu com a coleira? Se não fôsse uma lebre que encontrámos, eu nunca mais voltaria!

Voltaram para casa e foram vivendo. Passado tempo, um belo domingo, o filho disse para o pai:

— Paizinho, vou fazer-me num pássaro, leve-me para o mercado e venda-me; mas não venda a gaiola, senão não volto para casa.

O rapaz atirou-se ao chão e transformou-se num pássaro; o velho meteu-o numa gaiola e foi vendê-lo ao mercado.

Muitos compradores cercaram o velho e à porfia começaram a regatear o pássaro que lhes agradava muito.

Veiu também o feiticeiro e logo conheceu o velho e advinhou quem era o pássaro que estava na gaiola. Um dava muito, outro dava mais, porêm o feiticeiro ofereceu mais que ninguêm.

O velho vendeu-lhe o pássaro, mas não queria dar-lhe a gaiola. Por mais que o feiticeiro instasse, não conseguiu levar a gaiola, mas só o pássaro, que embrulhou em um lenço e levou para casa.

Quando chegou a casa, disse:

— Até que emfim, filha, comprei o nosso velhaco!

— Onde está êle?

O feiticeiro desatou o lenço, mas o pássaro já lá não estava havia muito tempo, tinha voado!

Outro domingo, diz o filho:

— Paizinho, vou fazer-me num cavalo; mas olhe, venda o cavalo, e não me venda o freio. senão não volto para casa.

O rapaz atirou-se ao chão e transformou-se num cavalo. O velho foi vendê-lo ao mercado. Os negociantes cercaram o velho: um dava muito, outro dava mais, porêm, o feiticeiro ofereceu mais que ninguêm. O velho vendeu-lhe o filho, mas não queria dar-lhe o freio.

— Então como hei de levar o cavalo? preguntou o feiticeiro; deixa-me ao menos levá-lo até o pátio, depois, se quiseres, levas o teu freio; não preciso dêle!

Então todos os negociantes se atiraram ao velho:

— Isso não é costume! Se vendeste o cavalo, tambêm vendeste o freio.

O que havia êle de fazer? Entregou o freio.

O feiticeiro levou o cavalo para a estrebaria, prendeu-o a uma argola de tal fórma que o animal ficou com as mãos suspensas no ar.

— Até que emfim, filha, tornou a dizer o feiticeiro, comprei o nosso velhaco.

— Onde está?

— Está na estrebaria.

A filha foi ver. Teve pena do rapaz, soltou-lhe o freio, mas o cavalo fugiu.

A filha foi ter com o pai e disse:

— Paizinho, desculpe-me, por mal dos meus pecados, deixei fugir o cavalo.

O feiticeiro atirou-se ao chão, transformou-se num lobo e correu atrás do cavalo. Por pouco que não o apanhou. Mas o cavalo chegou a um rio, atirou-se ao chão e transformou-se num peixe e atirou-se ao rio; o lobo fez-se num lúcio e deitou-se atrás dele. O peixe fugiu pela água fóra até chegar a um sítio onde umas belas raparigas estavam a lavar roupa.

Depois fez-se num anel de ouro e rolou para debaixo dos pés da filha do negociante. A filha do negociante apanhou o anel e guardou-o.

Mas o feiticeiro fez-se num homem como dantes e sem largar a rapariga, disse-lhe:

— Entrega-me o meu anel de ouro.

— Toma, disse a rapariga, e atirou o anel ao chão. Mal o anel bateu no chão e fez-se logo em grão miudo.

O feiticeiro transformou-se num galo e começou a comer; mas um grão transformou-se num abutre e comeu o galo.

CRÍTICA

X. — A sciência manhosa

Êste conto pertence a uma grande família de versões e variantes europeias e orientais. Vamos comparar algumas.

No conto russo, o pai entrega o rapaz a um feiticeiro, para êste lhe ensinar alguma coisa.

Temos em seguida as scenas das metamorfoses e da perseguição, que acaba pela morte do mestre. — Num conto valáquio (Schott, n.º 18), um campónio entrega o filho, como aprendiz, ao diabo, que no fim perde a partida. O filho transforma-se num boi, dizendo ao pai que o venda, sem a corda. Assim acontece, e o boi, transformado em rapaz, foge para casa.

Depois transforma-se num cavalo, e diz ao pai que o venda sem freio; mas o diabo consegue comprá-lo com o freio. Um dia, o cavalo está a beber num regato, e transforma-se num peixe; perseguido pelo diabo, o peixe transforma-se num anel, que salta para o dedo duma princesa. O anel diz à princesa que o não entregue ao diabo antes dêle arranjar uma ponte de ouro com bonitas árvores e um poço de ouro, e quando lho entregar, não deve dar-lho na mão, mas sim atirá-lo ao chão. Assim acontece, e o anel faz-se em grão, que o diabo, transformado em galo, se põe a comer; o grão transforma-se num pavãozinho, que mata o galo. Em seguida, o rapaz casa com a princesa. — Num conto sérbio (Wuk, n.º 6), um rapaz entrega-se ao diabo, para êste lhe ensinar um ofício. O diabo leva-o para o inferno, entregando-o a uma velha tambêm seduzida; ela aconselha o rapaz a responder sempre ao diabo que ainda não sabe nada.

Um dia, o diabo encoleriza-se e manda-o embora. O rapaz transforma-se num cavalo, e diz ao pai que o venda sem o cabresto; o pai vende-o ao diabo; mas o rapaz foge.

Seguem-se as scenas da perseguição. O rapaz transforma-se num pombo e o diabo num gavião; o pombo refugia-se na mão da filha do imperador, transformando-se num anel no dedo dela. O gavião transforma-se num homem, que serve ao imperador, pelo anel, durante três anos. De noite, o anel faz-se num belo rapaz. A princesa atira com o anel que se desfaz em painço; o criado transforma-se num pardal, que come o painço; ora um grão muda-se em gato, que come o pardal. — Um conto grego (Hahn, II, n.º 68) narra o seguinte: Um rei não tem filhos; o demo promete-lhe filhos, mas há de lhe dar o mais velho; como o rei não o dá, leva-o uma tempestade. O rei decreta luto universal. O demo leva o rapaz para debaixo da terra, dá-lhe as chaves de 39 quartos e um livro. O rapaz, ao catar o demo, descobre-lhe uma chavinha presa à cabeça; depois com a chavinha vai abrir um quarto, onde vê uma menina pendurada pelos cabelos. Ela ensina-lhe a dizer que não sabe nada do livro. Depois êle decora o livro, arranjando sal, sabão e um pente. A menina transforma-se numa égua, e êle foge a cavalo na égua. O rapaz transformado em macho pede a uma velha que o venda sem o cabresto; depois transforma-se numa casa de banhos, dizendo-lhe que o venda sem a chave. O demo compra a casa de banhos, mas fica espetado na lama. Quando o demo, transformado em uma nuvem, persegue o rapaz, que foge na égua, êste atira com o sal que deita fogo e fumo; o sabão faz-se num rio, e o pente num pântano. O rapaz vai ao jardim do rei, e transforma-se numa romã; o rei põe a romã em cima dum banco no seu aposento. O demo pede a romã para o filho do rei, visto que o príncipe está doente. A romã cai e arrebenta, espalhando-se os grãos; o demo faz-se em galinha que come os grãos; o rapaz transforma-se em uma raposa que come a galinha. O rapaz casa com a princesa. — Num conto alemão (Grimm, n.º 68), um homem entrega o filho a um feiticeiro, para lhe ensinar um ofício. O homem vende o filho transfor-

mado em cão, que se safa; depois o pai vende ao mestre o filho transformado num cavalo, mas esquece-se do freio; a criada do feiticeiro tira o freio ao cavalo, que se muda em pardal e vôa. O feiticeiro também se muda em pardal e vôa atrás dêle; mas é vencido e toma a fórma dum peixe; o rapaz torna-se igualmente em peixe e vence-o; o mestre transforma-se num galo; o rapaz torna-se em raposa, que mata o galo. — Num conto português (A. Coelho, n.º xv) coligido em Ourilhe, um rapaz emprega-se em casa dum feiticeiro, dizendo que não sabe ler. O rapaz lê-lhe todos os livros mágicos, e volta para casa do pai. Depois muda-se em galgo e quere que o pai o venda sem a fita; o pai vende-o a uns caçadores, que o soltam a uma lebre; o rapaz safa-se para casa. O rapaz muda-se em cavalo, e o pai vende-o sem o freio ao amo, que teima em levar o freio, sendo apoiado por muita gente. O cavalo torna-se em peixe e mete-se por uma fonte dentro; o amo transforma-se em uma lontra; o peixe muda-se em pomba, a lontra em milhafre, e a pomba em maçã, que vai caír no regaço duma senhora, que está à janela; o milhafre muda-se em homem e pede a maçã; esta torna-se em painço; o mágico transforma-se numa galinha com pintos, que se põem a comer o painço; êste muda-se em raposa, que come a galinha. A raposa muda-se em homem, que vai para casa. — Num conto coligido no Algarve (T. Braga, v. 1, pág. 24) temos as mesmas scenas. As transformações são como segue: o cavalo muda-se em rã, o mágico em sapo, o discípulo em pomba, o mágico em milhafre, a pomba em anel, que cai a uma princesa no colo. O milhafre entra no quarto do rei, e deita-lhe um cabelo num copo de leite; o rei adoece; o mágico cura-o em troca do anel. A princesa atira ao chão o anel; êste transforma-se numa romã, que se esbagoa; o mágico muda-se em galinha, e engole os grãos; um grãozinho torna-se em raposa, que come a galinha. A raposa transforma-se num príncipe, que casa com a princesa. — Numa versão da

Ilha de S. Miguel (T. Braga, I, p. 26), um pai tem três filhos, e é o mais novo que aprende todas as artes em casa do Mestre das Artes de Paris. O rapaz muda-se em cão, e o pai vende-o a um mercador, que o solta atrás dum coelho.

Depois o pai vende o rapaz mudado em cavalo ao Mestre, que lhe não tira o freio, para êle não comer. Ora as três filhas do Mestre compadecem-se e tiram-lhe o freio. O cavalo muda-se em pássaro, o Mestre em milhafre, o pássaro em anel, que vai cair ao mar; uma garoupa engole-o; um pescador apanha a garoupa e vende-a no palácio. A princesa encontra o anel no bucho da garoupa, e mete-o no dedo. Ao deitar-se, tira-o e põe-o sôbre uma banca. De noite, o anel muda-se em homem, que conversa com a princesa. O rei está doente, e o Mestre cura-o em troca do anel. Temos aqui também o painço, a galinha e uma dóninha que a mata. Segue-se o casamento. — Numa versão coligida por C. Pedroso (n.º XLV), um rapaz, que tem três irmãos, serve em casa dum feiticeiro; êste aceitou-o julgando que êle não sabia ler. O rapaz lê-lhe os livros, e foge com um deles. Seguem-se as scenas já conhecidas. O cavalo muda-se em rã, o feiticeiro em peixe, a rã em passarinho, o feiticeiro em milhano, o passarinho em anel; êste enfia-se no dedo duma menina, que está à janela.

O milhano torna-se em homem, que pede o anel; êste transforma-se em milho; o feiticeiro muda-se em galinha, e o milho em raposa, que come a galinha.

*
* *

Num conto do distrito de Aveiro (T. Braga. p. 29), que pertence, como veremos, a outro grupo, um mago vive com um sobrinho, que lhe guarda a casa. O tio dá-lhe duas chaves, dizendo-lhe que não abra as duas portas respectivas; o rapaz abre uma, e vê um campo e

um lôbo. O tio perdôa-lhe a desobediência. Outra vez, o rapaz abre a outra, e vê uma campina com um cavalo branco que lhe diz:

«Apanha dêsse chão um ramo, uma pedra e um punhado de areia, e monta-me quanto antes». O rapaz safa-se a cavalo, e o mago corre atrás dele. O cavalo manda-lhe deitar fora o ramo, que se transforma numa floresta, a pedra que se muda em serra cheia de penedias, e a areia que se transforma em um mar. O rapaz chega a uma terra onde se estão fazendo muitos prantos pela filha do rei, que foi roubada por um gigante. O rapaz monta no cavalo branco, e traz a princesa, que perdeu um anel. O cavalo branco traz o anel do fundo do mar, e o jovem casa com a princesa.

— Num conto de Pernambuco (S. Romero, n.º VIII), um pássaro leva um menino preso pelo bico, e larga-o num palácio, onde lhe dá de comer. O pássaro dá-lhe uma chave, dizendo-lhe que só abra o primeiro dos sete quartos; o menino abre-o e encontra lá muitos cavalos; no segundo encontra selins e arreios; no terceiro vê moças brancas; no quarto encontra mulatinhas; no quinto vê espadas. Passado tempo, o menino já é moço feito; o pássaro dá-lhe a chave do sexto quarto, recomendando-lhe que o não abra; o rapaz abre-o, e encontra lá um rio de prata. O pássaro perdôa-lhe, e dá-lhe a chave do sétimo quarto, proibindo-lhe abri-lo; o rapaz abre-o e encontra um rio de ouro. O pássaro mergulha-o no rio de prata e depois no rio de ouro, e põe-o fora de casa. As metamorfoses faltam, como no conto do distrito de Aveiro.

O rapaz vai ter a um reino, onde encontra um negro, a quem pede que lhe ceda a sua roupa para encobrir a sua côr e entrar na cidade disfarçado em negro. A princesa vê tudo isso e casa com o rapaz. Êste está desconfiado e deita-se numa táboa ao pé do fogo. O rei desgostoso adoece gravemente. O resto pertence ao tipo da *Gata Borralheira*.

*
* *

Vamos ver algumas variantes do nosso conto no Oriente.

Na obra já citada *Pantchatantra*, 1.ª parte, § 167, p. 410-411, Benfey aponta um conto mongólico que figura na introdução do *Siddi-Kür* (Bergmann, Nomadische Streifereien, 1, 251), e pertence a esta família. O autor pretende demonstrar que o dito conto provêm duma lenda indiana e búdica, embora desconheça o original indiano do mesmo conto. Segue-se o seu teor: Um aprendiz foge, sob a forma de cavalo, da casa de sete magos, em cujo serviço estava; o irmão dele vende o mesmo cavalo aos próprios magos, que o perseguem; êles conhecem o cavalo encantado, e querem matá-lo.

Então o cavalo transforma-se num peixe, e os sete magos mudam-se em sete garças. Quando as garças vão apanhar o peixe, êste transforma-se em um pombo, e êles mudam-se em sete açôres; então o pombo refugia-se no seio do nigromante búdico Nagasena. Nisto aparecem os magos sob a forma de religiosos mendicantes, e pedem-lhe que lhes dê o rosário; o pombo diz-lhe que dê o rosário, mas que guarde na bôca a conta maior. O nigromante atira-lhes com as contas, que se transformam em vermes; então os sete magos fazem-se em galos e comem-nos. Nisto o nigromante deixa cair a conta maior, que se transforma num homem, e êste mata os sete galos, que aparecem sob forma de cadáveres humanos. O mesmo conto figura igualmente na tradução dos contos mongólicos do *Siddi-Kür* por B. Julg, p. 1-3.

Há um conto árabe (Mardrus, t. 1.er, p. 136-169) do seguinte teor: Um príncipe, instruido em todas as ciências e artes, vai visitar o rei das Índias, que deseja vê-lo. No caminho é obrigado a fazer-se lenhador.

Um dia, arranca a raíz duma árvore, e acha uma argola de cobre presa a um alçapão; levanta-o e, descendo uma escada, entra num palácio, onde encontra uma senhora muito bonita, que é filha do sultão da ilha de Ébano; fôra raptada pelo diabo que a levara pelos ares.

Estabelece-se uma simpatia mútua entre os dois; o diabo descobre tudo, e mata a princesa; para castigar o príncipe, diz-lhe que escolha uma transformação, pois vai mudá-lo em cão, em burro, em macho, em corvo ou em macaco; por fim, muda-o em macaco. O macaco aparece no palácio dum sultão, que tem uma filha muito bonita. Esta diz ao pai que se não trata dum macaco, mas sim dum príncipe, pois em pequena teve uma mestra feiticeira que lhe ensinou cento e setenta regras da sua sciência mágica, em virtude das quais tambêm conhece as pessoas encantadas. O sultão encarrega, pois, a filha de desencantar o príncipe, ao que ela acede. A princesa pega numa faca e vai para o meio do palácio, onde descreve um grande círculo, em que traça algumas palavras e linhas; depois lê, num velho livro, alguma coisa. Escurece, e no meio da escuridão aparece o diabo, que se transforma num enorme leão. O leão quere devorá-la; mas ela arranca um cabelo, muda-o numa espada, e parte o leão ao meio. A cabeça do leão muda-se num escorpião. A princesa transforma-se numa serpente, começando a lutar com o escorpião; êste toma a fórma dum abutre; mas a serpente transforma-se numa águia, persegue o abutre, até desaparecerem da vista. Depois o abutre muda-se em um gato preto, perseguido por um lobo. O gato transforma-se em uma romã; a romã eleva-se nos ares, e cai no pátio, partindo-se em bocadinhos. O lobo, transformado em galo, lança-se sôbre os grãos da romã, e começa a enguli-los. Fica apenas um grão na borda de um tanque; quando o galo vai enguli-lo, o grão escorrega para dentro do tanque, e muda-se em peixinho. Ora o galo lança-se ao tanque, e transforma-se numa baleia, perseguindo o peixinho. Con-

servam-se umas horas debaixo da água; depois aparecem o diabo e a princesa a arder em fogo; cospem chamas um contra o outro, de sorte que até a barba do sultão fica queimada e o rosto chamuscado; finalmente aparece a princesa sob a forma primitiva, ficando o diabo reduzido a um montão de cinzas. Agora a princesa desencanta o príncipe, restituindo ao macaco a forma humana. Mas a princesa, que se envolveu em chamas para queimar o diabo, também morre consumida pelo fogo. O sultão ao ver isto fica aniquilado adoecendo gravemente. Toda a gente se compadece dele, tomando luto pesado por espaço de sete dias. Por fim, o sultão ordena ao príncipe que se retire, visto ter sido a causa de todas aquelas desgraças.

A êste conto segue-se outro (Mardrus, Histoire du troisième saalouk, p. 169–196), em que um príncipe é levado pela ave Rokh para o alto duma montanha. Êste chega a um palácio, onde quarenta raparigas o recebem muito bem, ficando a viver com elas. Querendo elas um dia ausentar-se por algum tempo, entregam-lhe as chaves de todas as portas, mas previnem-no de que não deve abrir a porta de cobre no fundo do jardim, sob pena de grande desgraça. O príncipe abre sucessivamente as portas, encontrando várias belezas de plantas, flores, frutos, aves, regatos e grandes riquezas de prata, ouro, etc. Finalmente abre a porta de cobre, encontrando um cavalo negro com uma estrêla branca na testa; monta no cavalo, que estende duas asas pretas e safa-se com êle pelos ares.

*

* *

Por falta de espaço, não citamos mais alguns contos europeus e orientais pertencentes à mesma família. Todavia cumpre-nos dizer que Cosquin regista alguns contos coligidos na Índia (t. 1.er, p. 149, 150 e 153), que per-

tencem à mesma família; estes contos afastam-se tanto, pelo seu conteúdo, das versões portuguesas, por exemplo, que não há probabilidade alguma que estas últimas tivessem vindo da Índia para Portugal.

Quanto aos mongóis, parece-nos positivo que não foram êles que trouxeram aqueles contos para a Europa. Assim, o conto calmuco, como vimos, ainda conservou o carácter religioso da lenda búdica, contendo por exemplo o episódio do rosário, ao passo que nos contos europeus ou árabes encontramos motivos profanos, figurando paínço, milho, grão ou uma romã. O rosário calmuco muda-se em vermes, e os sete magos (não é um só) transformam-se em galos. A conta maior do rosário muda-se em homem, emquanto nos demais contos que conhecemos figura um abutre, uma raposa, uma dóninha, etc. Em todos os contos europeus e orientais, excepto no calmuco, quando se trata da venda do cavalo ou do boi em que se transformou o aprendiz, o freio ou a corda não devem ser entregues ao comprador.

Porêm, antes de emitirmos opinião, baseada em factos, acêrca do canal transmissor que teria trazido os contos em questão para a Europa, é mistér notar que os mesmos pertencem, pelo menos, a dois grupos diferentes. Assim, no primeiro grupo encontram-se o feiticeiro e o seu aprendiz, que foge sob a forma dum cavalo ou boi, passando por várias metamorfoses, e matando finalmente o mestre, que tambêm passa por diferentes transformações.

No segundo grupo de contos figuram chaves de quartos proibidos, a coloração prateada ou dourada do herói, e a fuga dêste num cavalo mágico. Por consequência, os contos europeus proveem, pelo menos, de duas fontes distintas.

Quanto às versões portuguesas, é evidente que as de Ourilhe, do Algarve, da Ilha de S. Miguel e de C. Pedroso pertencem ao primeiro grupo; as variantes do distrito de Aveiro (Eixo) e de Pernambuco fazem parte

do segundo. Portanto, os contos portugueses da mesma família indicam duas fontes diferentes, o que não significa que não pudessem vir pelo mesmo canal.

Ora chamamos atenção para os seguintes episódios que vimos nos dois contos árabes das *Mil e uma noite*, e se encontram igualmente nos contos europeus dos dois grupos apontados:

1) O príncipe que encontra num palácio a filha do sultão da ilha de Ébano, a qual fôra raptada pelo diabo, que a levara pelos ares;

2) a princesa bonita que tivera por mestra uma feiticeira, e desencanta o príncipe macaco, com o auxílio dum livro;

3) a série de transformações sofridas pela princesa e pelo diabo, em que também figuram a romã e o galo;

4) o luto pela morte da princesa, e a doença do sultão;

5) a expulsão do príncipe, causador das desgraças;

6) um príncipe, levado pela ave Rokh, chega a um palácio, onde encontra raparigas, que ficam vivendo com êle;

7) as chaves e o quarto proibido com prata, ouro, etc.

8) o cavalo, com uma estrêla branca na testa, em que o príncipe se safa.

Em vista dêsses factos, há toda a verosimilhança que os transmissores dos contos que nos ocupam foram os árabes.

*

* *

Notemos ainda o estreito parentesco existente entre o conto do distrito de Aveiro e o de Pernambuco. Assim, além de conterem alguns episódios comuns, distinguem-se ainda por um carácter negativo também comum: em ambos faltam os episódios das transformações. Quanto ao conto brasileiro, vê-se que em certos pontos conservou melhor a tradição do que o português.

O pássaro preto que leva o menino no bico lembra-nos

logo o conto árabe, em que a ave Rokh leva o príncipe: êste episódio foi eliminado do conto português, em que o sobrinho aparece em casa do mago. A doença do rei causada pela má sorte da filha, como em árabe, também se conservou no conto de Pernambuco, embora sob outro aspecto, quando é certo que o conto português a eliminou. Em compensação, o conto português conservou melhor a tradição do que o brasileiro sob outros aspectos. Assim, o cavalo branco (em árabe é um cavalo com uma estrêla branca na testa), os objectos maravilhosos e os prantos pela princesa raptada figuram no conto português, mas já não existem na versão do Brasil.

XI

A GALINHA MILAGROSA

Em certo reino, viviam um velho e uma velha; eram muito pobres e tinham dois filhos ainda pequenos. Um dia, o velho foi trabalhar para ganhar a vida, e apenas ganhou um cruzado. Quando ia para casa, encontrou um homem embriagado que levava uma galinha e lhe disse:

— Quere comprar esta galinha?

O velho preguntou-lhe quanto queria por ela. O embriagado pediu cinco tostões. O velho ofereceu-lhe o cruzado que tinha, e comprou a galinha. Quando chegou a casa, todos tinham fome, e não havia em casa nem um bocado de pão. O velho entregou a galinha à mulher, mas esta começou a ralhar com êle, dizendo:

— Então endoideceste! Os filhos estão sem pão, e tu foste comprar uma galinha; pois ainda é preciso dar de comer à galinha!

O velho respondeu-lhe:

— Ora cala-te, que a galinha não come muito e há de nos pôr ovos e fazer criação; depois havemos de vender a criação, e comprar pão.

O velho arranjou um ninho para a galinha e pô-la debaixo do forno. No dia seguinte foi vê-la, e encontrou uma pedra preciosa, que a galinha tinha pôsto. Diz o velho para a mulher:

— As galinhas costumam pôr ovos, mas a nossa põe pedrinhas; e agora o que é que vamos fazer dela?

A velha respondeu-lhe:

— Leva a pedrinha para a cidade, talvez alguêm a compre.

O velho foi à cidade, e andou a mostrar a pedra preciosa. Vários negociantes vieram ter com êle e começaram a regatear a pedrinha até que finalmente a compraram por quinhentos rublos. Daí por deante, o velho começou a negociar com as pedras preciosas que a galinha punha; assim enriqueceu depressa, fez-se um grande negociante, abriu armazens, empregou caixeiros e começou a viajar por mar, indo a terras estrangeiras negociar. Um dia, antes de partir, disse para a mulher:

— Olha, toma conta na galinha, e cuida mais dela do que de ti; e se se perder, corto-te a cabeça.

Mal o velho partiu, logo a mulher se apaixonou por um caixeiro novo, que lhe preguntou:

— Onde é que vocês arranjam pedras preciosas?

A mulher respondeu-lhe:

— É a nossa galinha que as põe.

O caixeiro pegou na galinha, e viu-lhe por baixo da asa direita uma incrição com letras de ouro, que dizia: «Quem comer a cabeça desta galinha, há-de ser rei; e quem lhe comer os intestinos, há de cuspir ouro». O caixeiro pediu à mulher que matasse a galinha, e a assasse para o jantar dele. Ela respondeu-lhe:

— Nada disso, que o meu marido em voltando mata-me.

Mas o caixeiro, sem se importar, continuou a insistir no seu pedido.

Ora no dia seguinte a velha chamou o cozinheiro, e mandou-lhe matar a galinha e assá-la, juntamente com a cabeça e com os intestinos. O cozinheiro matou a galinha, meteu-a no forno, e saiu. No entretanto vieram do colégio os filhos da velha, olharam para dentro do forno, e quiseram provar o assado; o irmão mais velho comeu a cabeça da galinha, e o mais novo comeu os intestinos. À hora do jantar, trouxeram a galinha para a mesa, e assim que o caixeiro viu que faltavam os intestinos e a cabeça, zangou-se com a velha, e foi-se embora. A velha ainda foi atrás dele, pedindo-lhe que se não zangasse, mas êle não queria saber de nada, e apenas insistia no seu pedido, dizendo:

— Mata os filhos, tira-lhes os intestinos e os miolos e arranjamos para a minha ceia, senão nunca mais te falo.

A velha deitou os filhos, e chamou o cozinheiro, ordenando-lhe que os levasse para a floresta e os matasse, afim de lhes tirar os intestinos e os miolos e prepará-los para a ceia.

O cozinheiro levou os rapazes para a floresta, parou e pôs-se a afiar uma faca. Nisto os rapazes acordaram e preguntaram-lhe:

— Para que está vossemecê a afiar essa faca?

Êle respondeu-lhes:

— Porque a vossa mãe me ordenou que vos tirasse os intestinos e os miolos, e os preparasse para a ceia.

Então os rapazes disseram-lhe:

— Oh, querido tiozinho, não nos mate! se vossemecê tiver dó de nós, dar-lhe hemos tanto ouro quanto quiser.

O irmão mais novo cuspiu-lhe um montão de ouro, e o cozinheiro restituiu-lhes a liberdade: deixou os rapazes na floresta e voltou para casa.

Por sorte dele, a cadela acabava de ter cachorros; ele agarrou em dois cachorros, e matou-os; tirou-lhes os instestinos e os miolos, assou-os e serviu-os à ceia. O caixeiro devorou tudo, porêm não veiu a ser rei, nem príncipe, mas ficou sendo criado.

Ora os rapazes sairam da floresta e foram andando por aí fora, até que chegaram a uma encruzilhada onde havia um poste com a seguinte inscrição:

«Quem fôr pela direita há de obter um reino,

e quem seguir pela esquerda, há de passar muito mal, em compensação, há de casar com uma bela princesa. Os irmãos leram essa inscrição, e resolveram seguir cada um para o seu lado: o mais velho foi para a direita, e o mais novo seguiu para a esquerda. O mais velho foi andando, andando até que chegou à capital de certo reino; as ruas estavam cheias de gente, mas todos de luto. O rapaz pediu pousada a uma velhinha pobre. A velhinha deu-lhe pousada, e começaram a conversar. O rapaz preguntou-lhe:

— Porque está tanta gente nesta cidade, os quartos são tão caros, e todos andam de luto?

A velha respondeu-lhe:

— Morreu o nosso rei, e os fidalgos da côrte publicaram um aviso convocando todos e dando a cada um uma vela; o povo vai com essas velas à catedral; as velas devem acender-se por si, e quem primeiro tiver essa sorte, será rei.

No dia seguinte, o rapaz levantou-se, lavou-se, agradeceu à velha a hospedagem, e foi à catedral; quando chegou à catedral, estava ali tanta gente que nem em três anos se poderia contar; assim que êle pegou numa vela, esta acendeu-se imediatamente. Então todos se deitaram a êle e começaram a apagar-lhe a vela, mas esta cada vez ardia mais. Não tiveram outro remédio senão proclamá-lo rei; vestiram-lhe um fato bordado a ouro, e levaram-no para o palácio.

Ora o irmão mais novo, que tinha seguido

pela esquerda, ouviu que em certo reino havia uma lindíssima princesa, que tinha publicado um aviso, prometendo casar com aquele que lhe sustentasse o exército durante três anos. O rapaz quis tentar fortuna, e foi para aquele reino; no caminho foi cuspindo ouro para dentro dum saquinho; finalmente apresentou-se à princesa, prontificando se a fazer o que ela queria. Dêste modo sustentou o exército da princesa durante três anos. Quando era tempo de casar com a princesa, esta, lembrando-se duma manha, preguntou-lhe onde tinha arranjado tanta riqueza. Êle contou-lhe tudo. Um dia, a princesa convidou-o e ofereceu-lhe uma bebida que o fez vomitar. Ao vomitar, deitou fóra os intestinos da galinha; mas a princesa agarrou nos intestinos e engoliu-os. Daí por deante começou ela a cuspir ouro, e o noivo ficou sem coisa alguma. Depois a princesa preguntou aos seus cortesãos e generais:

— O que é que hei de fazer dêste ignorante? Meteu-se-lhe em cabeça casar comigo.

Os cortesãos disseram-lhe:

— É preciso enforcá-lo.

Os generais disseram-lhe:

— É preciso fusilá-lo.

Porêm, a princesa lembrou-se doutro expediente: mandou fechá-lo na retrete.

O rapaz livrou-se a grande custo e foi-se embora, pensando apenas no meio de pagar à princesa aquela partida.

Foi andando, andando, até que chegou a uma floresta, onde viu três homens a lutarem. Preguntou-lhes porque estavam a lutar. Êles disseram-lhe:

— Achámos na floresta três coisas e não sabemos reparti-las.

O rapaz preguntou-lhes:

— Então que achados são êsses? Valerá a pena lutarem?

Êles disseram-lhe:

— Ora se vale! Um dos achados é um barrilzinho; basta dar-lhe uma pancada, para logo sair de dentro um regimento de soldados; o segundo achado é um tapete voador em que se pode voar para onde se quere, o terceiro achado é um chicote mágico: basta dar com êle uma pancada a uma rapariga e dizer: já que tu és rapariga, agora transforma-te numa égua. Logo essa rapariga se transforma numa égua.

Diz o rapaz:

— Êsses achados são realmente importantes, e é difícil reparti-los; mas eu vou ensinar-lhes uma maneira de os repartir: vou fazer uma seta e lançá-la para êste lado, e os senhores hão-de correr atrás dela; aquele que primeiro chegar aonde ela cair terá o barrilzinho; o segundo terá o tapete voador, e o terceiro há-de ter o chicote mágico.

Êles aceitaram a proposta. O rapaz fez a seta e lançou-a para muito longe; os três deitaram a correr a ver quem chegava primeiro

ao sítio onde a seta caisse; iam correndo sem olhar para trás; no entretanto, o rapaz pegou no barrilzinho e no chicote mágico, sentou-se no tapete voador, e voou para onde quis.

Depois desceu aos prados da linda princesa, e deu uma pancada no barrilzinho: imediatamente saiu de dentro um regimento inteiro. O rapaz montou num cavalo e pôs-se em marcha à frente do seu regimento.

Os tambores rufavam, as cornetas tocavam, e o regimento avançava.

Assim que a princesa viu isso, ficou muito assustada e enviou os seus cortezãos e generais a pedirem paz. O rapaz mandou prender êsses enviados, castigou-os cruelmente, e mandou-os para casa, dizendo-lhes:

— Dizei à princesa que venha aqui em pessoa pedir paz.

A princesa não teve mais remédio e foi de carruagem ter com o rapaz; ao apear-se da carruágem, conheceu-o e ficou pasmada; mas êle pegou no chicote mágico, e dando-lhe com êle nas costas, disse:

— Já que tu és rapariga, agora transforma-te numa égua.

A princesa imediatamente se transformou numa égua; êle pôs-lhe um freio e uma sela, e montou-a e foi para o reino de seu irmão mais velho. No caminho, chegava-lhe as esporas, batendo-lhe com três varas de ferro, e o regimento

ia atrás dele. Quando o rapaz chegou ao reino do irmão, tornou a juntar o seu regimento no barrilzinho e foi para a capital. Quando passava pelo palácio do rei, êste avistou-o e gostou muito da égua.

O rei disse para os seus generais:

— Nunca na minha vida vi uma égua tão bonita; ide comprar a égua àquele cavaleiro. O rapaz disse para os generais:

— Sempre o vosso rei tem muito boa vista! Já se não pode passear pela vossa cidade com uma mulher nova: se o vosso rei cubiça uma égua, o que fará se fôr uma mulher.

— Depois entrou no palácio, e o irmão conheceu-o. Abraçaram-se e beijaram-se. Em seguida, o rei preguntou ao irmão:

— Que barrilzinho é êsse?

O irmão respondeu-lhe:

— Trago-o para beber, porque não posso viajar sem água.

Mais lhe preguntou o rei:

— E que espécie de tapête é êsse?

O irmão respondeu-lhe:

— Senta-te em cima dele e depois verás. Sentaram-se ambos no tapête voador, e voaram direito à sua pátria. Quando lá chegaram, alugaram um quarto em casa do pai deles, mas não disseram aos pais quem eram. Um dia, deram uma grande festa, e convidaram muita gente, divertindo-se durante três dias; depois começaram a preguntar a uns e a outros se

alguêm sabia contar uma história bonita. Ninguêm sabia. Então o irmão mais novo disse:

— Se ninguêm conta, conto eu, mas com a condição de não me interromperem.

Quem me interromper três vezes, mando matá-lo sem falta. Todos aceitaram a condição.

Então começou êle a contar a história dum velho e duma velha que tinham uma galinha, como a galinha punha pedras preciosas, e como a velha se apaixonou por um caixeiro.

A dona da casa interrompeu-o dizendo:

— Você mente!

Porêm o filho continuou a sua história, contando como tinham matado a galinha; a mãe tornou a interrompê-lo; mas êle contava sempre dizendo:

— Como a velha quisesse matar os filhos... Nisto tornou ela a interrompê-lo, exclamando:

— Isso não é verdade! É impossível que haja mãe que queira matar os próprios filhos.

Mas o filho disse-lhe:

— Não é tal! É muito possível, veja se nos conhece, mãezinha, somos seus filhos.

Então soube-se tudo. O pai mandou matar a velha, e castigar o caixeiro, atando-o às caudas de dois cavalos, que fizeram andar para lados opostos, de sorte que o caixeiro ficou feito em postas. O velho deu as suas propriedades aos pobres e foi viver para o reino do filho mais velho. Quanto ao mais novo, deu uma

chicotada na égua com o chicote mágico, dizendo:

— Já que tu és égua, transforma-te numa menina.

Imediatamente a égua se transformou numa linda princesa; depois fizeram as pazes e casaram. Foram umas bodas muito bonitas.

Fui lá e não bebi nada.

XII

A PATA QUE PUNHA OVOS DE OURO

Eram uma vez dois irmãos, um rico e outro pobre; o pobre tinha mulher e filhos, mas o rico não tinha ninguêm. Um dia, o pobre foi a casa do rico e começou a pedir-lhe, dizendo:

— Querido irmão, dá-nos hoje de comer a mim e a meus filhos, e a minha mulher, pois não temos nada para jantar.

O rico respondeu-lhe:

— Hoje não posso tratar de ti; hoje jantam aqui só príncipes e fidalgos, portanto não podem estar aqui pobres. O pobre ficou banhado em lágrimas e foi à pesca, pensando lá consigo:

— Talvez Deus me ajude, e eu apanhe alguma coisa para fazer uma sopa de peixe aos meus filhos.

Foi deitar a rede, e assim que a tirou, en-

controu lá dentro uma bilha. De dentro da bilha gritou uma voz, dizendo:

— Tira-me e parte-me na praia, que te indicarei onde está a tua felicidade.

Tirou a bilha, e assim que a partiu na praia, saiu um mancebo, que lhe disse:

— Há um prado verde, e nesse prado há um vidueiro, e debaixo das suas raízes está uma pata; vai cortar as raízes do vidueiro e leva a pata para casa: ela há de te pôr ovos, um dia um de ouro, outro dia um de prata.

O irmão pobre foi ao vidueiro, tirou a pata e levou-a para casa; a pata começou a pôr ovos; um dia punha um de ouro, outro dia um de prata; o homem começou a vendê-los a negociantes e a fidalgos, e em pouco tempo enriqueceu.

Ora o irmão rico tinha-lhe inveja e lá consigo pensava zangado:

— ¿Como é que meu irmão enriqueceu? Agora já é mais rico do que eu; provavelmente cometeu alguma acção má.

Foi à Justiça e fez queixa do irmão. Êste caso chegou aos ouvidos do próprio rei. O rei mandou chamar o irmão enriquecido. Êste entregou a pata ao cuidado da mulher, que ia à praça vender os ovos por alto preço; mas como era bonita, um freguês apaixonou-se por ela, e preguntou-lhe como tinha enriquecido. A mulher disse-lhe:

— Foi Deus que nos deu sorte.

Mas o freguês insistiu, dizendo-lhe:

— Anda lá, dize-me a verdade; se ma não disseres, não hei de gostar de ti; nem hei de ir à tua casa.

E deixou realmente de ir a casa por alguns dias; então ela mandou chamá-lo e disse-lhe:

— Temos uma pata que nos põe um dia um ovo de ouro, e outro dia um de prata.

O freguês disse-lhe:

— Deixa lá ver essa pata.

E examinou então a pata por todos os lados, e viu-lhe na barriga umas letras de ouro que diziam:

«Quem comer a cabeça desta pata, será rei, e quem lhe comer o coração, cuspirá ouro».

Como o freguês cubiçasse essa grande felicidade, começou a pedir à mulher insistentemente que matasse a pata. Ela não queria matá-la, mas acabou por matá-la, e pô-la no forno a assar. Era dia de festa; a mulher foi à missa, e no entretanto chegaram a casa os dois filhos dela. Queriam comer alguma coisa; olharam para dentro do forno e tiraram a pata. O mais velho comeu a cabeça, e o mais novo comeu o coração. Quando a mãe voltou da igreja, veiu tambem o freguês e sentaram-se à mesa; êle olhou para a pata e não lhe encontrou nem coração nem cabeça; começou a indagar quem os tinha comido e finalmente veiu a saber que tinham sido os dois rapazes. Então o freguês começou a pedir à mãe deles que os matasse e

tirasse os miolos a um e o coração ao outro, ameaçando-a que a abandonaria se o não fizesse. Depois foi-se embora. Como não lhe aparecesse durante uma semana, ela tinha muitas saudades dele e mandou chamá-lo, prometendo-lhe matar os filhos. Ela pôs-se a afiar uma faca, e quando o filho mais velho viu o que ela estava a fazer, começou a chorar muito e a pedir-lhe que os deixasse ir brincar para o jardim. A mãe deixou-os ir brincar, recomendando-lhes, porêm, que não se afastassem muito. Mas os rapazes, em vez de irem brincar, fugiram. Foram correndo, correndo, até que se sentiram cançados e esfomeados. No campo encontraram um pastor que estava a guardar vacas. Pediram-lhe um bocadinho de pão. Êle deu-lhes um bocadinho de pão, pois não tinha mais. O irmão mais velho dava o pão ao mais novo, pedindo-lhe que o comesse todo; mas o mais novo não quis comê-lo sósinho, e assim os dois repartiram o pão e comeram-no. Depois seguiram caminho e chegaram a uma encruzilhada onde havia um poste com uma inscrição que dizia: «Quem seguir para a direita será rei, e quem fôr pela esquerda será rico». Então o irmão mais novo disse para o mais velho:

— Segue tu pela direita, que eu vou pela esquerda.

Assim fizeram. O mais velho foi andando, andando, até que chegou a certo reino, onde

pediu pousada a uma velhinha. No dia seguinte levantou-se cedo, lavou-se e vestiu-se.

Ora nessa ocasião morreu o rei daquele reino, e todos foram à igreja com uma vela na mão: a vela havia de se acender por si, e quem primeiro tivesse essa sorte seria rei. A velhinha disse para o rapaz:

— Vai tu também à igreja; talvez a tua vela se acenda primeiro.

Ela deu-lhe uma vela, e êle foi à igreja; assim que lá chegou, a vela acendeu-se. Os príncipes e os fidalgos tomaram-lhe inveja, e puseram-se a apagar-lhe a vela e a expulsá-lo.

Porêm a filha do rei defunto, que estava sentada no trono, disse-lhes:

— Não lhe façam mal; quer seja bom, quer seja mau, deve ser a minha sorte.

Pegaram no rapaz e levaram-no para o palácio da princesa. Ela fez-lhe na testa um sinal com um anel de ouro que tinha, mandou educá-lo, e tendo-o proclamado rei, casou com êle.

Passado tempo, o novo rei disse para a mulher:

— Desejo ir procurar meu irmão mais novo.

A mulher deixou-o ir.

Correu muitas terras, até encontrar o irmão, que tinha grandes riquezas, as quais eram constituidas por montes de ouro que enchiam grandes armazens; cada vez que cuspia, saia-lhe ouro da boca, de sorte que já não sabia onde

havia de o pôr. Então o mais novo disse para o mais velho:

— Vamos ver como passa o nosso pai.

Partiram. Ao chegarem a casa dos pais, pediram-lhes pousada, não dizendo quem eram. Sentaram-se à mesa, e o irmão mais velho trouxe à conversa a pata dos ovos de ouro e os malefícios da mãe. Mas esta volta e meia interrompia-os e mudava de conversa; porêm, o pai adivinhou e preguntou-lhes se eram seus filhos. Êles disseram que sim. Depois abraçaram-se e beijaram-se muito. O irmão mais velho levou o pai para o seu reino, indo o mais novo procurar noiva, e deixaram ficar a mãe.

CRÍTICA

XI. — **A galinha milagrosa.**
XII. — **A pata que punha ovos de ouro.**

Estes dois contos pertencem ao mesmo ciclo, fazendo parte de uma grande família de contos europeus e orientais. Segue-se em primeiro lugar a versão portuguesa do Algarve (At. Oliveira, n.º 304):

Uma pobre viúva tem dois filhos. O mais novo, que é parvo, e que anda em busca dos ninhos das aves, traz à mãe um ovo muito bonito com umas letras na casca.

A mulher vende o ovo a um ourives; êste diz-lhe que mande ao filho apanhar a ave que pôs o ovo. O filho apanha a ave, e o ourives diz à mulher que vá para casa assar a ave, pois êle lá irá com o seu irmão. A mulher

assim faz, dando ao filho mais velho a cabeça da ave, e ao mais novo o coração. O ourives zanga-se, revelando à mulher que no ovo estava escrito o seguinte: Quem comer a cabeça da ave que pôs êste ovo será papa, e o que comer o coração será rei. O mais velho chega a Roma, onde é aclamado papa, visto que o outro papa morreu. O mais novo vai a Roma; o papa conhece-o e dá-lhe uma bolsa que lhe há de fornecer o dinheiro que êle quiser. O parvo vai dar a uma côrte, onde compra um palácio fronteiro ao do rei, que tem uma filha muito formosa. O parvo faz namoro à princesa, que lhe apanha a bôlsa. Fica, pois, sem dinheiro, e vai ter com o irmão; êste dá-lhe uma gaitinha: quando encontrar algum cadáver, há de tocar a gaita, e logo o morto resuscitará. O parvo ganha assim muito dinheiro. Nisto morre o primo e noivo da princesa; o parvo resuscita-o, e a princesa apodera-se da gaitinha. O papa dá ao irmão um tapête, para ser oferecido à princesa; logo que ela ponha os pés em cima, êle há de pôr também os dele e dizer: Tapete, leva-nos a Roma. O papa lá os casará. O parvo apanha-se no tapête com a princesa, mas engana-se na ordem e vôa para Córsega, onde fica, pois a princesa safa-se no tapete para casa. Estando esfomeado, o rapaz come figos pretos duma figueira: nascem-lhe dez cornos na cabeça e nas costas; depois come figos brancos, e os cornos caem-lhe. Disfarça-se e vai vender figos ao palácio da princesa. A família rial come figos pretos, e enche-se de excrescências. O parvo diz que é médico; cura a família rial com os figos brancos; depois vôa com a princesa no tapête a Roma, onde casa com ela. — Um conto loreno (Cosquin, n.º XI), que já perdeu a introdução, narra o seguinte:

Três irmãos, um sargento, um cabo e um soldado, estão de guarda numa floresta. Uma velha pede ao soldado que a deixe aquecer-se ao lume, dando-lhe uma bôlsa que nunca está sem dinheiro. No dia seguinte, a velha dá ao cabo uma gaitinha, que faz vir num instante

cincoenta mil homens de infantaria e outros tantos de cavalaria.

Ao sargento a velha dá um chapeu que transporta as pessoas para onde querem.

O soldado joga as cartas com uma princesa, que faz batota e lhe ganha a bôlsa. A velha diz-lhe que vá pedir ao irmão que lhe empreste a gaitinha, com a qual poderá talvez reaver a bôlsa. O soldado também perde a gaitinha e o chapéu, que os irmãos lhe emprestam. A velha dá ao soldado maçãs, que êle vai vender à princesa; também lhe dá duas garrafas de água: uma faz nascer cornos, e a outra fa-los cair. A princesa come três maçãs, e nascem-lhe três cornos; a criada come duas, e obtem dois. Os médicos não podem curar a princesa com vantagem. O soldado vai ao palácio e diz que é um grande médico. Cura a criada, mas à princesa aplica-lhe a outra água, e os cornos ainda lhe crescem mais. O soldado diz-lhe que ela deve ter qualquer coisa na consciência. Ela confessa que tem uma bôlsa, uma gaitinha e um chapéu. O soldado safa-se com estas coisas, deixando-a com um corno na testa.

Numa versão de Ecurey (Cosquin, t. 1, p. 123), a velha é substituida por um gato; em lugar da gaitinha e do chapeu, figuram uma varinha e um bilhete. Com o auxílio do bilhete, o militar transporta-se com a princesa para uma ilha. A princesa vê na ilha uma macieira, e pede ao militar que lhe apanhe algumas maçãs. Êle sobe à árvore, e deixa cair o bilhete; a princesa apanha-o e safa-se. O militar come maçãs: nascem-lhe cornos; depois come peras duma pereira, e os cornos caem-lhe. O resto é quási igual ao desfecho do outro conto. — Num conto grego moderno (Hahn, n.º 44), a introdução é completamente diferente; mas o desfecho contêm o episódio dos figos. Um rapaz vende figos pretos a uma princesa, à qual nascem cornos; depois êle diz que é médico, e cura a princesa com figos brancos.

Segue-se o casamento.

Num conto alemão (Grimm, n.º 60), há dois irmãos, um rico e outro pobre. Êste tem dois filhos. O rico é ourives. O pobre avista, na floresta, uma ave de ouro; com uma pedrada, tira-lhe uma pena de ouro, que vende ao irmão.

Outro dia, o pobre encontra a ave e o ninho com um ovo de ouro, que vende ao irmão. O ourives manda à mulher assar a ave, para êle a comer sózinho, pois quem lhe comesse o coração e o fígado, havia de encontrar todos os dias debaixo do travesseiro uma moeda de ouro. A mulher assa a ave; aparecem os filhos do pobre, e comem o coração e o fígado. A mulher tira o coração e o fígado a um frango, e apresenta-o com a ave ao marido. Êle come tudo; mas não encontra nenhuma moeda de ouro. Porêm, os filhos do pobre encontram todos os dias, debaixo do travesseiro, uma moeda de ouro respectivamente. O pobre conta a história ao irmão, e êste diz-lhe que os filhos se entendem com o diabo, e que é preciso pô-los fóra; o pai abandona-os na floresta. Os rapazes são recolhidos e educados por um caçador. Os irmãos apanham vários animais, e vão viajar; cada um deles segue por caminho diferente, acompanhado por um leão, um urso, uma raposa, um lobo e uma lebre. O mais novo chega a uma cidade, onde tudo está de luto, porque a filha do rei vai ser comida por um dragão. Quem matar o dragão, casará com a princesa e herdará o reino. O rapaz mata o dragão e liberta a princesa; depois corta as línguas ás sete cabeças do dragão, embrulhando-as num lenço, que a princesa lhe deu. Um marechal mata o rapaz, e obriga a princesa a dizer que foi êle que a livrou. Os animais, reconhecidos por não terem sido mortos na caça, resuscitam o rapaz. Por meio das línguas cortadas descobre-se a verdade. O rapaz é nomeado vice-rei, e casa com a princesa. Seguem-se mais alguns episódios.

Como se vê, o desfecho do conto alemão é completamente diferente, contendo o motivo dos animais reco-

nhecidos. Todavia, é mister notar que vamos encontrar o episódio do dragão num conto persa da mesma família (conto da colecção *Touti Nameh*, t. II, p. 291 da tradução de Rosen). Êste conto é citado por Cosquin, t. 1.º, p. 73.

Num conto coligido em Roma (Busk, p. 146), um mancebo que comeu o coração duma ave, acha todos os dias debaixo da cabeceira uma caixa com sequins. Andando a viajar, o mancebo hospeda-se em casa de uma mulher, que tem uma filha. Esta apanha ao rapaz o segrêdo da sua riqueza. Ela dá-lhe um emético, que o faz vomitar o coração da ave. A rapariga apodera-se do coração, e põe o rapaz fóra. Ora umas fadas dão ao rapaz vários objectos maravilhosos, que a rapariga lhe furta. Ela abandona o rapaz no alto duma montanha, para onde um anel mágico os transportara. O rapaz come uma espécie de erva, ficando transformado num burro; depois come outra erva que lhe restitui a fórma primitiva. Ele vai vender a erva à menina, que se muda em burra. Esta entrega os objectos maravilhosos, e o rapaz dá-lhe da outra erva, restituindo-lhe a forma primitiva.

*
* *

No Oriente encontramos alguns contos pertencentes à mesma família. Num conto calmuco (Jülg. II), o filho de um can e o seu amigo devem ser dados de comer a duas rãs monstruosas, que não deixam sair as águas de um tanque, para regar os campos. Ora os rapazes ouvem uma conversa das duas rãs, que dizem: «Se estes soubessem que poderiam separar-nos a cabeça com um cacete e comer-nos, para cuspirem ouro e pedras preciosas, ser-nos ia impossível de futuro comer gente. Os rapazes matam as rãs e comem-nas. Andando a viajar, hospedam-se em casa de duas mulheres, mãe e filha, que vendem aguardente. Elas embriagam-nos, enchem-se de ouro e pedras preciosas, e põem os ra-

pazes fóra. Êles encontram alguns rapazes a lutarem por causa dum boné que torna invisível. O filho do can diz-lhes que vão até ao fim de certa floresta, e aquele que primeiro vier de lá a correr terá o boné. Êle apodera-se do boné. Pelo mesmo processo, arranja um par de botas que levam para onde se queira. O amigo do príncipe arranja um papel maravilhoso: quem rolar em cima do papel, muda-se em burro, e se êste tornar a rolar no mesmo papel, retoma a forma humana. Ora o rapaz vai ter com as vendedeiras de aguardente, e diz-lhes que tem muito ouro, porque rolou no dito papel. Elas fazem o mesmo, e mudam-se em burras. Ao cabo de três anos, o rapaz restitui-lhes a fórma primitiva.

Num conto árabe moderno coligido no Egito (Spitta-Bey, n.º 9), figura igualmente a ave maravilhosa. Um rapaz que come a moela da ave chega à casa duma princesa; esta prometeu a mão áquele que a vencesse na luta; aliás cortariam a cabeça ao pretendente. O rapaz luta com a princesa; mas como a luta fica indecisa, dão ao rapaz um narcótico, para se ver em que consiste a sua fôrça; os médicos tiram-lhe do estômago a moela da ave. O rapaz foge. Encontra três homens a lutarem por causa de um tapête que leva para onde se quer, uma tigela que se enche de comida por si, e uma mó que, ao girar, deixa cair dinheiro. O rapaz atira uma pedra, dizendo que aquele que lha trouxer terá a mó.

Êle apodera-se dos objectos, e safa-se para junto da princesa. Apanhando-se com ela em cima do tapête, vôa para cima da montanha de Kâf. A princesa safa-se no tapete. O rapaz come uma tâmara amarela: nasce-lhe um corno; depois come outra encarnada: cai-lhe o corno. Em seguida vai vender tâmaras à princesa, obtendo o conhecido resultado. Segue-se o casamento.

Um conto das *Mil e uma noites* (Mardrus, v. xv, p. 283) é estreitamente aparentado com o do Egito:

A mulher de um clarinete muito pobre dá à luz um

filho. O homem não tem dinheiro para pagar à parteira e comprar uma galinha para a mulher. Sai, pois, de casa, resolvido a pedir esmola; mas acha uma galinha e um ovo. Vende o ovo a um judeu, no mercado dos ourives, por vinte dinares. Combinam os dois que o judeu há de ir todos os dias a casa do clarinete buscar os ovos que a galinha puser, a vinte dinares cada um. O clarinete diz à mulher que não mate a galinha preta, explicando-lhe a razão. Ora na ausência do clarinete, que partiu para uma viagem, o judeu compra a galinha, mata-a, e manda à mulher do clarinete cozê-la; se lhe faltar algum bocado, o judeu promete abrir a barriga a quem o tiver comido, para o tirar. Vem da escola o filho da mulher, e come o rabo da galinha. Uma escrava previne-o do perigo, e êle foge. O judeu persegue o rapaz, mas êste mata-o.

O rapaz chega a uma cidade, onde vê à porta do palácio rial trinta e nove cabeças penduradas. Seguem-se os episódios da luta com a princesa, vitória indecisa, narcótico, perda do rabo da galinha, fuga, três homens a lutarem por causa dum tapete, a pedra lançada, fuga para a montanha Kâf, tâmaras, excrescências, cura e casamento.

*
* *

Se resumirmos a ideia fundamental dos contos que aqui estudamos, veremos que se trata do seguinte: Certa parte engulida duma ave confere ao heroi o condão de vir a ser rei ou de cuspir ouro. Assim se compreende que a princesa pretendida tire ao heroi esse condão, por meios fraudulentos; também se compreende que alguêm despoje o heroi do condão da riqueza. Daí proporcionam-se ao heroi certos meios de chegar ao seu fim ou de reaver as suas coisas, por meio de objectos maravilhosos (fruta, excrescências), ou transformando êle a criminosa num animal. Ora como os meios se bifurcam, pela sua natureza, em duas categorias, está naturalmente

indicada, sob êste ponto de vista, uma classificação dos nossos contos em dois tipos fundamentais. Assim, pertencem ao primeiro tipo (fruta, excrescências) os seguintes contos: português, francês, grego, árabe do Egito e o árabe das *Mil e uma noites*.

Ao segundo tipo (transformação da mulher num animal) pertencem o conto russo n.º XI (égoa), o italiano (burra), o calmuco (burras) e, um conto industaní, assás alterado da mesma família, citado por Cosquin, t. 1.º, p. 129 (a mulher é transformada numa macaca).

É interessante ver como em Portugal e na Rússia, a tradição conservou o episódio da inscrição encontrada no ovo ou na ave; os contos franceses e árabes, p. ex., já o perderam, e nas restantes versões e variantes, o mesmo episódio encontra-se mais ou menos alterado. Assim, no conto persa, foi um sábio que disse ao cambista: «Quem comer a cabeça da ave será rei ou vizir.» No conto alemão, não se diz como se descobriu um segrêdo análogo. Na variante calmuca, os dois amigos ouviram a conversa das rãs.

Se foram os árabes que trouxeram o conto algarvio para Portugal, como é muito provável, é curioso o facto de se verificar que a versão portuguesa, em mais de um traço, conservou melhor a tradição do que os contos árabes. Assim, nos contos árabes, o heroi come a moela da ave ou o rabo da galinha. Pela comparação vê-se que isto é uma alteração da forma primitiva, que devia conter a cabeça ou o coração, ou as duas coisas, como sucede no conto português. Pelo método comparativo ainda se conclui que na forma primitiva do conto português, os objectos maravilhosos (tapête, etc.) deviam ter sido apanhados a três homens que os disputavam; na forma actual do nosso conto, é o papa que dá êsses objectos ao irmão.

*
* *

Num conto brasileiro de Sergipe (Roméro, n.º 1), também se encontram semelhantes objectos maravilhosos: O moço vê três irmãos brigando por causa de uma bota, uma carapuça e uma chave; mas em vez de furtar estes objectos, como nas variantes europeias e orientais, o moço brasileiro usa meios honestos, pois compra os objectos aos irmãos, dando-lhes «bastante dinheiro».

XIII

O NAVIO VOADOR

Era uma vez um homem e uma mulher que tinham três filhos: dois eram espertos, mas o terceiro era parvo. A mulher gostava dos dois primeiros, e vestia-os bem; porêm, o terceiro andava sempre mal vestido, trazendo uma camisa preta.

Um dia chegou-lhes a notícia de que o rei tinha publicado um aviso em que prometia a mão da princesa a quem construisse um navio que pudesse voar. Os irmãos mais velhos resolveram tentar fortuna e pediram a bênção aos pais; a mãe preparou-lhes tudo para a viagem, e acompanhou-os até à estrada. Assim que o parvo viu isso, começou também a pedir que o deixassem ir. A mãe pôs-se a dissuadi-lo, dizendo-lhe:

— Deixa-te disso, parvo, os lobos comem-te.

Mas o parvo insistia. Como a mulher visse

que não fazia nada dele, deixou-o partir. Foi andando, andando, até que encontrou um velho, que lhe preguntou onde ia. O parvo respondeu-lhe:

— Olhe, o rei prometeu a mão da princesa àquele que fizesse um navio que pudesse voar.

O velho preguntou-lhe:

— Então tu sabes fazer semelhante navio?

O parvo disse-lhe:

— Não sei.

Diz o velho:

— Pois então onde vais tu?

Responde o parvo:

— Sei lá!

O velho disse-lhe:

— Se assim é, senta-te aqui; vamos descançar um pouco e lanchar. Sentaram-se e lancharam; depois o velho disse-lhe:

— Olha, vai à floresta, chega-te à primeira árvore que encontrares, benze-te três vezes, depois dá uma machadada na árvore, e deixa-te cair no chão com a cara para baixo, e espera até te acordarem. Depois hás de ver diante de ti o navio pronto; entra no navio, e vôa para onde fôr preciso; mas no caminho hás de levar no navio a quem encontrares.

O parvo agradeceu ao velho, despediu-se dele e foi à floresta. Chegou-se à primeira árvore que encontrou e fez tudo que o velho lhe tinha dito; benzeu-se três vezes, deu uma

machadada na árvore, deixou-se cair no chão com a cara para baixo, e adormeceu.

Daí a algum tempo veiu alguêm acordá-lo. O parvo acordou e viu o navio pronto, e assim que embarcou, o navio levantou vôo. Foi voando, voando, até que viu em baixo um homem estendido na estrada com o ouvido chegado à terra. O parvo cumprimentou-o e preguntou-lhe o que estava a fazer.

O homem disse-lhe que estava a escutar o que se passava no outro mundo. O parvo disse-lhe que viesse para dentro do navio, e tendo o homem aceitado a oferta, entrou no navio, e continuaram a voar.

Foram voando, voando, até que viram um homem que andava só num pé, com o outro atado a uma orelha. O parvo cumprimentou-o e preguntou-lhe porque é que andava só num pé. O homem respondeu-lhe:

— Se eu desatasse o outro pé, atravessaria o mundo inteiro só com um passo.

O parvo disse-lhe:

— Sente-se ao nosso lado!

O homem sentou-se ao lado dêles, e continuaram a voar. Foram voando, voando, até que encontraram um homem que estava a apontar com uma espingarda, e não se via para onde êle estava a apontar. O parvo cumprimentou-o, dizendo-lhe:

— Para onde é que está a apontar? não vejo ave alguma.

O homem respondeu-lhe:

—É para perto daqui: eu mato a tiro uma fera ou uma ave a mil léguas daqui.

O parvo disse-lhe que se sentasse ao lado dêles; o homem sentou-se, e continuaram a voar.

Foram voando, voando, até que avistaram um homem que levava às costas um saco cheio de pão. O parvo cumprimentou-o e preguntou-lhe onde ia. O homem respondeu-lhe que ia arranjar pão para jantar.

O parvo disse-lhe:

—Então vossemecê não leva um saco cheio de pão às costas?

O homem respondeu-lhe:

—Êste pão não me chega para a cova de um dente.

O parvo convidou-o tambêm a entrar no navio. O comilão aceitou, e continuaram a voar.

Foram voando, voando, até que avistaram um homem que andava á roda dum lago. O parvo cumprimentou-o e preguntou-lhe o que procurava.

O homem respondeu-lhe:

—Tenho sêde e não encontro água.

O parvo disse-lhe:

—Então está aí um lago inteiro diante de si e não bebe?

O homem respondeu-lhe:

—Esta água não me chega para molhar a bôca.

O parvo também o convidou a entrar no navio. Êle sentou-se ao lado dêles, e continuaram a voar.

Foram voando, voando, até que viram um homem que ia à floresta com um feixe de lenha às costas.

O parvo cumprimentou-o e preguntou-lhe porque motivo levava lenha para a floresta.

O homem disse-lhe que não era lenha ordinária. O parvo preguntou-lhe:

— Então que lenha é essa?

O homem respondeu-lhe:

— Olhe, quando se espalha esta lenha, aparece um exército inteiro.

O parvo convidou-o igualmente a entrar no navio. O homem sentou-se ao lado deles, e continuaram a voar. Foram voando, voando, até que encontraram um homem que levava um fardo de palha.

O parvo preguntou-lhe para onde levava a palha. O homem disse que a levava para a aldeia. O parvo preguntou-lhe:

— Então na aldeia há pouca palha?

O homem respondeu-lhe:

— Mas esta palha não é ordinária; quando se espalha num dia de verão, por mais calor que esteja, aparece logo frio: começa a cair neve, e fica tudo gelado.

O parvo da mesma forma o convidou a entrar no navio. O homem aceitou o convite. Foi êste o último encontro. Daí a pouco chegaram ao palá-

cio do rei. Nessa ocasião estava o rei a jantar; assim que avistou um navio a voar, ficou admirado e mandou um criado ver quem tinha vindo no navio.

O criado foi ao navio onde só viu campónios; depois voltou ao palácio e disse ao rei que só tinha visto campónios no navio. Como o rei não tinha vontade de casar a filha com um simples campónio, começou a pensar num meio de se ver livre de semelhante genro; por isso lembrou-se de dar ao parvo trabalhos difíceis. Imediatamente o rei ordenou ao parvo lhe arranjasse água curativa que restituisse a vida aos mortos, emquanto o jantar real não acabava.

Ora o primeiro homem que o parvo tinha encontrado a escutar o que se passava no outro mundo, ouviu a ordem do rei, e foi contar tudo ao parvo. O parvo disse-lhe:

— Que vai ser de mim agora? Nem que eu ande durante toda a minha vida à procura de semelhante água, não a encontrarei.

O homem que andava só num pé, disse-lhe:

— Não te rales, vou eu arranjar tudo.

O criado do rei veiu comunicar ao parvo a ordem do rei. O parvo mandou dizer ao rei que ia arranjar a tal água; nisto o companheiro dele desatou o pé da orelha, correu e arranjou imediatamente a água pedida, mas, pensando: escuso de voltar com tanta pressa. Sentou-se pois ao pé dum moinho a descançar, e adormeceu. No entretanto, o jantar real estava a termi-

nar, e o homem não vinha com a água; porisso o primeiro homem que o parvo tinha encontrado estendeu-se no chão e depois de ter-se pôsto à escuta, disse:

— Ora esta! êle está a dormir ao pé do moinho.

O atirador agarrou na espingarda, e disparou-a contra o moinho, de sorte que o tiro acordou o homem que estava a dormir; êste veiu a correr e trouxe a água. Ainda o rei se não tinha levantado da mesa, e já a sua ordem estava executada. Não tinha mais remédio senão dar ao parvo outro trabalho. Mandou, pois, dizer-lhe o seguinte: se era esperto, que mostrasse a sua esperteza e comesse, duma vez, com os seus companheiros doze bois e doze sacos cheios de pão. O primeiro companheiro do parvo ouviu tudo, e contou-lho. Êste ficou assustado e disse:

— Nem um pão sou capaz de comer de uma só vez.

O comilão respondeu-lhe:

— Não tem dúvida, isso para mim ainda é pouco.

Veiu o criado ter com o parvo e participou-lhe a ordem do rei.

O parvo disse:

— Está bem; venha de lá isso, que havemos de comer tudo.

Trouxeram doze bois assados e doze sacos cheios de pão; o comilão comeu tudo, e ainda disse:

— Isto é pouco; se me dessem mais alguma coisa...

Depois o rei mandou dizer ao parvo que bebesse com os seus companheiros quarenta pipas de vinho. O primeiro companheiro do parvo ouviu o rei dar o recado, e contou-o ao parvo; êste ficou assustado e disse:

— Nem um litro de vinho sou capaz de beber de uma só vez.

O beberrão disse-lhe:

— Não tem dúvida; hei de beber tudo, e ainda será pouco.

Deram-lhes quarenta pipas de vinho; o beberrão veiu e bebeu tudo sem descançar; em seguida disse:

— É poucachinho; se me dessem mais uma pinga...

Depois o rei disse ao parvo que se preparasse para o casamento, e tomasse banho.

Ora a tina era de bronze, e o rei mandou aquecê-la ao rubro, para que o parvo morresse de repente. Assim fizeram; mas quando o parvo ia tomar banho, o homem da palha seguiu-o. Fecharam-nos ambos na casa de banho; mas o homem espalhou a palha, e sobreveiu um frio tão intenso que, depois de o parvo se ter lavado, a água ficou logo gelada; em seguida o parvo deitou-se em cima do forno e dormiu toda a noite.

No dia seguinte, abriram a porta da casa de banho, e viram que o parvo estava são e salvo, estendido em cima do forno, a rir-se de tudo aquilo.

Foram contar tudo ao rei; êste ficou triste, pois não sabia como havia de se ver livre do parvo; pensou, pensou, e por fim ordenou-lhe que lhe apresentasse um regimento inteiro de soldados, pois julgava-o incapaz de semelhante façanha.

Quando o parvo ouviu a ordem do rei, ficou assustado e disse para os seus companheiros:

— Agora é que eu estou perdido! Vós já me acudistes várias vezes; mas desta parece-me que não faço nada.

Então o homem que tinha um feixe de lenha disse-lhe:

— Ora essa! já se esqueceu de mim? Lembre-se que sou mestre para semelhante tarefa.

Veiu um criado e participou ao parvo a ordem do rei, dizendo:

— Se queres casar com a princesa, apresenta um regimento inteiro de soldados.

O parvo respondeu-lhe:

— Está bem, mas olhe se depois disso o rei não cumprir a sua palavra, faço-lhe guerra e tiro-lhe a princesa à fôrça.

Á noite, o companheiro do parvo foi para o campo e espalhou o feixe de lenha: imediatamente apareceu um regimento de soldados: cavalaria, infantaria e artilharia. No dia seguinte, o rei viu isso, e por sua vez ficou assustado; mandou depressa ao parvo um rico fato e mais coisas, pedindo-lhe que fôsse ao palácio casar com a princesa. O parvo vestiu-se e ficou

bonito que se não imagina. Foi ter com o rei, casou com a princesa, e recebeu um grande dote; ficou sendo esperto e inteligente. O rei e a rainha gostavam dêle, e a princesa adorava-o.

CRÍTICA

XIII. — O navio voador

Existem alguns contos europeus da mesma família.

A ideia fundamental dêstes contos é a seguinte:

Um rei promete a mão da filha áquele que construir um navio que ande por mar e por terra (russo, português, norueguês).

Três irmãos (russo, português, norueguês) querem arranjar o dito navio; mas só o mais novo o consegue, ensinado por um velho ou por uma velha, que êle tratou bem, ao contrário dos irmãos, que o não trataram bem. O velho ou a velha também lhe diz que leve no navio todas as pessoas que encontrar no caminho.

O rei não quer dar-lhe a filha, por isso prescreve-lhe alguns trabalhos inexequíveis (russo, português, norueguês).

Com o auxílio de personagens extraordinários, o pretendente executa tudo, e casa com a princesa (russo, português, grego e norueguês).

*
* *

No conto português (At. Oliveira, n.º 317), o rei resolve dar a filha ao sujeito que tiver inventado uma máquina que ande tanto por mar como por terra. Um lavrador tem três filhos, sendo o mais novo idiota; êste inventa a máquina. Dirige-se à côrte, e pelo caminho

encontra um sujeito que tem uma perna amarrada a um grande cilindro; o homem é um grande andarilho. O idiota convida-o a entrar na máquina, e vão ambos à côrte.

Mais adiante, o idiota encontra um homem que traz as casas com toda a família à cabeça; leva-o igualmente na máquina. Depois vê um homem a fazer pontaria com uma espingarda para um mosquito a mil léguas de distância; o caçador também vai. Mais adiante, o idiota encontra um homem a beber por uma pipa; o beberrão também vai. Depois aparece um comilão, que os acompanha. Chegam à côrte. A princesa chora por ter de casar com um idiota. Porêm, o rei delibera dar alguns trabalhos ao pretendente, antes da celebração do casamento. O primeiro trabalho consiste em comer todo o pão que haja na cidade: o comilão resolve esta primeira dificuldade.

O segundo trabalho é beber todo o vinho que haja no reino; o grande bebedor dá conta do vinho. Depois dizem ao rapaz que só casaria com a princesa se fosse capaz de levantar uma mesa com todo o dinheiro que havia na cidade em cima. O que andava com as casas à cabeça levanta a mesa. Nisto, o caçador mata o rei. O que tem uma perna amarrada a um cilindro corre à janela do palácio e rapta a princesa. Todos fogem na máquina. O rapaz distribui o dinheiro pelos amigos, e casa com a princesa. É aclamado rei. Então aparece a velhinha e confere-lhe todas as faculdades intelectuais para bem governar o seu reino.

A introdução dum conto grego (Hahn, n.º 63) está completamente alterada.

A conselho do grão-vizir, que quere vingar-se dum caçador, o rei passa a êste o trabalho de lhe trazer a *Bela-do-Mundo*. O rapaz pede ao rei um navio de ouro, tripulado pelas quarenta mais bonitas donzelas do reino, e capitaneado pela filha do vizir.

Vê-se, portanto, que no conto grego sucede o contrá-

rio do que a tradição reza: em vez de o rei pedir um navio extraordinário, é o rapaz que o pede. Sob êste ponto de vista, a versão portuguesa conservou bem a tradição.

Num conto norueguês (Asbjörnsen, n.º 19), o rei ouviu falar num navio que andava tanto por mar como por terra.

Num conto alemão (Grimm, n.º 71), a introdução acha-se alterada: O rei publica um aviso, prometendo a filha em casamento áquele que correr com ela ao desafio e a vencer; mas se o pretendente fôr vencido, perderá a vida.

Num conto escossês (gaélico) da colecção de Campbell (n.º 16), encontramos a introdução igualmente alterada. As três filhas do rei de Lochlin foram raptadas por três gigantes, e só podem ser libertadas por meio de um navio que ande tanto por mar como por terra.

*
* *

É mister notar que a parvoíce do mais novo é realçada em português e em russo; no conto norueguês, o *Borralheiro* (Askeladen) é coisa parecida.

Quanto ao andarilho, vê-se que na versão russa, êle anda com um pé atado a uma orelha; porêm, em português e em norueguês tem uma perna amarrada a um grande pêso (a um grande cilindro no Algarve). Portanto êste último episódio tradicional conservou-se melhor em Portugal e na Noruega do que p. ex., na Rússia ou na Alemanha, onde o andarilho, para não correr com demasiada velocidade, tinha uma perna separada do corpo.

No conto grego, é um gigante que dá passos de cinco léguas cada um.

É curioso ver que tanto no conto português como no grego moderno, o rei é morto.

XIV

FELICIDADE E INFELICIDADE

Era uma vez um pobre que tinha muitos filhos. Chegou a primavera, e êle não tinha com que lavrar; toda a gente tinha a sua charrua e animais; só êle é que não tinha. Ora o pobre encontrou duas mulheres: era uma a Felicidade, e a outra a Infelicidade. Elas preguntaram-lhe!

— Onde vai, tiozinho?

Êle disse:

— Minhas ricas senhoras, sou muito infeliz; toda a gente tem animais, só eu não tenho, e não posso sustentar os meus filhos.

Elas começaram a falar uma com a outra e disseram:

— Vamos dar-lhe algum dinheiro.

Deram-lhe dez rublos, e disseram:

— Vá para casa e compre um boi:

Foi para casa e escondeu o dinheiro num tacho com cinza.

No dia seguinte veiu à casa dêle uma vizinha rica e disse para a mulher dêle:

—Vossemecê não tem alguma cinza que me empreste, pois tenho a roupa muito suja.

A mulher pobre disse:

—Leve a cinza que está nesse tacho.

Quando o campónio veiu para casa, não viu o tacho com a cinza, e preguntou à mulher:

—Onde puseste o tacho com o dinheiro?

A mulher jurou que não sabia que o tacho tinha dinheiro, e disse que a vizinha o tinha levado.

Depois o campónio foi a casa da vizinha e começou a pedir-lhe que lhe entregasse o dinheiro.

Ela disse que nunca tinha visto tal dinheiro.

O campónio foi queixar-se ao bailio, mas êste não o atendeu e disse-lhe:

—Vossemecê nunca teve dinheiro, e quere apanhar algum à sua vizinha.

E assim o campónio ficou sem o dinheiro.

Como andasse a chorar pelo campo, tornou a encontrar aquelas duas mulheres. Êle não as conheceu, mas elas conheceram-no. Fizeram-lhe a mesma pregunta que dantes, e êle deu-lhes a mesma resposta, e elas deram-lhe vinte rublos.

O campónio foi outra vez para casa e guardou o dinheiro no feno que estava no celeiro.

No dia seguinte veiu a mesma vizinha e pediu à mulher do campónio algum feno para o gado; a mulher do pobre deu-lhe o feno que tinha,

pois não sabia que o dinheiro estava escondido no feno.

Quando o campónio chegou a casa, foi ao celeiro buscar o dinheiro, mas não o encontrou.

Depois começou a ralhar com a mulher e a preguntar:

— Que é feito do dinheiro e do feno?

A mulher disse que a vizinha tinha levado o feno. Ora o campónio foi outra vez à casa da vizinha e ao bailio, mas ninguêm o atendeu; todos disseram que êle nunca tinha tido dinheiro.

O campónio ia chorando e tornou a encontrar aquelas duas mulheres, que lhe deram só cinco réis e disseram:

— Va ao rio Niemen e aí verá uns pescadores a pescar, mas em vão, porque nada apanharão. Ora peça-lhes que deitem as redes por si.

Êle assim fez; foi ao rio Niemen e pediu aos pescadores que deitassem as redes por êle. Os pescadores assim que deitaram as redes, apanharam tanto peixe que nem sabiam onde haviam de o meter. Os pescadores preguntaram-lhe quanto lhe deviam.

Êle disse-lhes que lhes vendessem cinco réis de peixe.

Venderam-lhe um peixe por cinco réis, e deram-lhe outro de graça.

O campónio pegou no peixe, foi para casa e deu-o à mulher para cozer.

Mas a mulher e os filhos ficaram tão encan-

tados com o peixe, que o não cozeram: deixaram-no ficar.

Ora um fidalgo vinha a passar por aquela aldeia, e o campónio foi abrir-lhe o portão sempre a rir. O fidalgo preguntou-lhe:

— Porque está vossemecê a rir?

Êle disse que tinha um peixe, e quem olhasse para o mesmo peixe não podia deixar de rir. Então o fidalgo ficou com muita vontade de possuir o tal peixe e por isso comprou-o por uma junta de bois, dois cavalos e tanto trigo quanto o campónio quisesse. Foi assim que o campónio encontrou a sua felicidade por cinco réis.

CRÍTICA

XIV. — **Felicidade e Infelicidade**

Êste conto, assás alterado, é de origem oriental, e encontra-se bem conservado nas *Mil e uma Noites* (Mardrus, t. XIV, p. 64). O assunto do conto árabe é o seguinte:

Dois amigos chamados Si Saâd e Saadi discutem se vale mais ter dinheiro ou sorte. Si Saad faz uma experiência, emprestando dinheiro a um pobre e honesto cordoeiro. Êste esconde o dinheiro no turbante; depois compra carne e leva-a à cabeça para casa. Nisto vem um gavião e leva-lhe a carne com o turbante e com o dinheiro.

Outra vez, Si Saadi empresta dinheiro ao homem. O cordoeiro embrulha o dinheiro num trapo e mete-o num pote cheio de farelo.

A mulher dele, que não sabe de nada, dá o pote com o conteúdo a um negociante em troca duma compra.

Finalmente, Si Saâdi dá ao cordoeiro um bocado de chumbo. Vem a mulher dum pescador, vizinho do cordoeiro, e pede-lhe que lhe empreste um bocado de chumbo para as rêdes do marido. A mulher promete ao cordoeiro o primeiro peixe que o marido apanhar.

A mulher do cordoeiro encontra um grande diamante na barriga do peixe, de sorte que o cordoeiro enriquece.

Um dia, Si Saâd e Saadi estão de visita em casa do rico cordoeiro. Descobre-se no jardim dêste o ninho duma ave com o turbante, em que o dinheiro ainda está escondido. Depois, o palafreneiro do cordoeiro compra por acaso o pote com o dinheiro escondido no farelo, e apresenta-o ao patrão.

Nas *observações finais* do segundo volume de contos russos havemos de nos referir ao conto n.º XIV dêste volume, *Felicidade e Infelicidade.*

Como se viu, os árabes conheciam o referido conto, e provavelmente foram êles que o transmitiram aos russos, com os quais mantinham constantes relações comerciais na Idade-Média.

XV

A MENINA PRUDENTE E OS SETE BANDIDOS

Era uma vez um campónio que tinha dois filhos. O mais novo andava a viajar, e o mais velho estava em casa. Estando o pai à morte, deixou ao filho que estava em casa toda a herança, e ao outro não deixou nada, julgando que o irmão não havia de lesar o outro.

Quando o pai morreu, o filho mais velho mandou enterrá-lo, e apoderou-se de toda a herança.

Quando o outro filho chegou, chorou muito por não encontrar o pai vivo. O mais velho disse-lhe:

— O pai deixou-me tudo.

Ora êle não tinha filhos, ao passo que o mais novo tinha um filho e uma filha adoptiva.

O mais velho, que tinha recebido toda a herança, enriqueceu e começou a negociar com mercadorias caras, mas o mais novo era pobre,

rachava lenha na floresta, e levava-a ao mercado. Os vizinhos, compadecidos da sua pobreza, cotizaram-se e deram-lhe dinheiro para êle fazer algum negócio, embora em pequena escala. O pobre homem tinha medo, e disse-lhes:

— Não, meus queridos vizinhos, não aceito o vosso dinheiro; pois se fizer maus negócios, como é que eu vos hei de pagar a dívida?

Então combinaram os dois vizinhos fazer-lhe chegar o dinheiro às mãos por meio dum ardil.

Uma vez que o pobre tinha ido à lenha, um dos vizinhos foi por um atalho ao encontro dêle e disse-lhe:

— Olha, amigo, fiz uma viagem longínqua, e no caminho um devedor entregou-me trezentos rublos; agora não sei onde hei de os guardar, pois não vou para casa. Toma lá o dinheiro e guarda-o; mas era melhor que o empregasses em negócios, porque não volto tão depressa; depois pagas-me pouco a pouco.

O pobre aceitou o dinheiro e levou-o para casa; mas tinha medo de o perder ou de que a mulher desse com êle e o tirasse.

Pensou, pensou e escondeu-o num alqueire cheio de cinza, e foi-se embora.

Na sua ausência, vieram uns negociantes que trocavam mercadorias por cinza. A mulher deu-lhes o alqueire com a cinza.

Quando o marido voltou para casa e não viu o alqueire, preguntou à mulher:

— Que é da cinza?

A mulher respondeu:

— Vendi-a aos negociantes.

Então êle assustou-se e ficou muito aflito, mas calou-se. Vendo a mulher que êle estava triste, começou a preguntar-lhe a causa da sua tristeza. Êle confessou que tinha escondido na cinza dinheiro alheio. A mulher zangou-se e começou a chorar, dizendo:

— Porque é que não me deste o dinheiro a guardar? tê-lo ia guardado melhor.

O campónio tornou a ir à lenha, para a vender depois no mercado e comprar pão. Nisto sai-lhe ao encontro o outro vizinho e diz-lhe a mesma coisa, dando-lhe quinhentos rublos a guardar. O pobre homem não queria aceitar; mas o vizinho meteu-lhe o dinheiro na mão e safou-se.

O dinheiro era de papel. O campónio pôs-se a pensar em que sítio havia de escondê-lo; finalmente escondeu-o no fôrro do boné. Quando chegou à floresta, pendurou o boné num pinheiro e pôs-se a rachar lenha. Por infelicidade, veiu um corvo e levou o boné com o dinheiro. O campónio ficou muito triste, mas resignou-se, pois tinha que ser.

Foi vivendo como dantes, fazendo os seus negócios com lenha e outras coisas miúdas.

Vendo os vizinhos que já tinha passado muito tempo, e que o pobre não tinha feito progressos nos seus negócios, preguntaram-lhe:

— Então os teus negócios vão mal? ou tens

medo de gastar o nosso dinheiro? Se assim é, era melhor que no-lo entregasses.

O pobre começou a chorar e contou-lhes como tinha perdido o dinheiro deles. Os vizinhos não lhe deram crédito e foram queixar-se à justiça. O juiz não sabia como havia de resolver o caso, pois o campónio era um homem pacífico e pobre, e por isso não tinha por onde pagar; e se o mandasse para a prisão, havia de morrer de fome. O juiz estava assim à janela a pensar muito preocupado.

Nessa ocasião, nem de propósito, estavam alguns garotos a brincar na rua. Diz um muito esperto:

— Vou ser o vosso bailio, e vocês hão de vir aqui pedir-me justiça.

Depois sentou-se numa pedra. Vem ter com êle outro garoto, cumprimenta-o e diz:

— Emprestei dinheiro a êste campónio, e êle não mo entrega; venho pedir justiça.

Pregunta o bailio ao acusado:

— Pediste-lhe dinheiro emprestado?

Diz o garôto:

— Pedi.

Pregunta o bailio:

— Então porque é que lho não restituis?

Diz o acusado:

— Não tenho, meu senhor.

Diz o bailio para o queixoso:

— Olha, êle não nega que te pediu dinheiro emprestado, mas não pode restituir-to; por isso

tens de dar-lhe um prazo de cinco ou seis anos; no entretanto êle pode fazer bons negocios e restituir-te o dinheiro com juros.

Estão de acordo?

Os dois garotos inclinaram-se perante o bailio e disseram:

— Muito obrigado, meu senhor, estamos de acordo.

Ora o juiz que estava a ouvir tudo isso, ficou contente e disse:

— Êste rapaz sugeriu-me uma ideia; hei de dizer aos credores que concedam um prazo ao pobre.

Então os vizinhos ricos, a conselho do juiz, concordaram em esperar dois ou três anos, para ver se o campónio podia pagar-lhes nêste intervalo.

Em seguida o pobre, foi outra vez à floresta rachar lenha, e quando apenas tinha meia carrada de lenha, anoiteceu; teve por isso de passar a noite na floresta, tencionando voltar para casa no dia seguinte com a carrada de lenha. Pôs-se a pensar no sítio onde havia de passar a noite.

No lugar onde êle se encontrava não havia habitações, mas havia muitas feras; por isso com receio que as feras o comessem não quis deitar-se ao pé do cavalo. Embrenhou-se, pois, mais na floresta e trepou a um grande pinheiro.

Na mesma noite, chegaram ao sítio onde o

pobre se encontrava sete bandidos e disseram:

— Abri-vos, portinhas!

Logo as portinhas abriram-se para um subterrâneo; os bandidos levaram para lá o seu roubo e disseram:

— Fechai-vos, portinhas!

As portinhas fecharam-se, e os bandidos partiram à procura de mais roubos.

Ora o campónio notou tudo isso, e quando se viu só, desceu da árvore para ver se também podia abrir as portinhas.

E mal disse: Abri-vos, portinhas! logo estas se abriram.

Quando entrou no subterrâneo, viu montões de ouro, prata e coisas várias.

O pobre não cabia na pele de contente. Ao romper do dia, começou a tirar sacos cheios de dinheiro; tirou a lenha da carroça, e depois de a carregar de prata e ouro, foi para casa à pressa. A mulher foi-lhe ao encontro e disse:

— Olá! meu caro marido; eu já estava com muitos cuidados em ti, julgando que alguma árvore te tivesse esmagado ou alguma fera te tivesse comido.

Mas o campónio todo contente disse:

— Não te aflijas, mulher! tive muita sorte, achei um tesouro; ora ajuda-me a descarregar os sacos.

Terminado o trabalho, o campónio foi ter com o irmão rico, e contou-lhe tudo, convidando-o a

irem juntos ao subterrâneo buscar mais riquezas. O irmão aceitou.

Foram juntos à floresta, e, quando chegaram ao pinheiro, gritaram:

— Abri-vos, portinhas!

As portinhas abriram-se. Começaram a tirar sacos cheios de dinheiro; o pobre encheu a carroça, e ficou satisfeito, mas o rico achava tudo pouco. O rico disse para o irmão:

— Vai indo, que já lá vou.

O pobre disse:

— Está bem, mas não te esqueças de dizer: fechai-vos, portinhas!

O rico disse:

— Não me esqueço.

O pobre foi-se embora, mas ao rico custava-lhe muito deixar o tesouro, por isso deixou-se ficar no subterrâneo, até que a noite o surpreendeu.

Chegam os bandidos e encontram-no no subterrâneo, e cortam-lhe a cabeça. Depois tiraram os sacos da carroça e puseram o morto na mesma carroça; em seguida chicotearam o cavalo e deixaram-no partir.

O cavalo safou-se da floresta, e levou o cadáver para casa. Então o capitão dos bandidos pôs-se a ralhar com o bandido que tinha cortado a cabeça ao rico, dizendo:

— Porque é que o mataste tão depressa? Primeiro era preciso preguntar-lhe onde vivia, pois faltam-nos muitas riquezas, e foi certamente

êle quem as levou. Agora onde vamos buscá-las? Ora, pois, quem o matou que vá indagar.

O assassino tratou de ver se descobria o ouro que faltava, e foi parar à loja do irmão pobre; comprou-lhe várias coisas, e notando que o dono da loja estava triste, preguntou-lhe:

— Porque é que você está tão triste?

O pobre disse:

— É que eu tinha um irmão mais velho, e aconteceu-lhe uma desgraça; alguêm o matou outro dia, pois o cavalo trouxe-o para casa morto, e hoje enterraram-no.

Vendo o bandido que descobrira a pista, fingiu que tinha muita pena do ocorrido, e pôs-se a fazer mais preguntas. Soube que o morto tinha deixado viuva, e preguntou:

— Ao menos os orfãos ficaram com a sua casinha?

— Ficaram até com uma casa importante.

O bandido preguntou:

— Onde é? Ora mostre-ma.

O campónio foi mostrar-lhe a casa do irmão. O bandido pegou num bocado de tinta encarnada e marcou o portão com um sinal.

Pregunta-lhe o campónio:

— Para que é isso?

Diz o bandido:

— Quero auxiliar os órfãos, e fiz um sinal para encontrar a casa fácilmente.

Diz o pobre:

— Ora essa, a minha cunhada não precisa de coisa alguma; graças a Deus, tem fartura de tudo.

O bandido preguntou-lhe:

— E você onde mora?

O campónio mostrou-lhe a cabana que habitava. O bandido tambêm lhe marcou o portão com um sinal.

O campónio preguntou-lhe:

— Para quê é isso?

Responde o bandido:

— Gosto muito de você; daqui em diante hei de pernoitar em sua casa; creia que é para seu bem.

O bandido voltou para casa e contou tudo aos companheiros, depois combinaram ir de noite àquelas duas casas matar todos e tirar o ouro, que lhes pertencia.

O pobre contou em casa a história, dizendo:

— Acabo de travar conhecimento com um sujeito que marcou o nosso portão com um sinal, dizendo que havia de pernoitar sempre na nossa casa. Que bom sujeito! Teve muita pena do meu irmão e queria auxiliar a minha cunhada.

A mulher e o filho do pobre ouviram a história, mas a filha adoptiva disse para o pobre:

— O pai não se enganou? Isso será coisa boa? Não serão os bandidos que mataram o meu pobre tio e andam agora à procura das riquezas e de nós? Podem muito bem roubar-nos, e a morte é certa.

O campónio assustou-se e disse:

—Quem sabe? A verdade é que eu nunca dantes o tinha visto. Isto está mal! O que vai ser de nós?

Diz a filha para o pai:

—Tome tinta e vá traçar o mesmo sinal em todos os portões da vizinhança.

O campónio foi e traçou o mesmo sinal em todos os portões da vizinhança.

Quando os bandidos chegaram, não puderam encontrar nada. Depois voltaram para casa e castigaram o bandido explorador, por não ter marcado bem.

Finalmente reflectiram e disseram que tinham dado com algum manhoso.

Depois arranjaram sete pipas; em seis pipas meteram um bandido em cada uma, e na sétima deitaram azeite.

O bandido explorador levou essas pipas directamente para a casa do pobre; chegou lá à noitinha, e pediu pousada. O pobre deixou-o entrar, visto que já o conhecia.

Ora a filha saíu para ver as pipas; abriu uma, e viu que tinha azeite; tentou abrir outra, mas não o conseguiu; pôs-se com o ouvido à escuta, e sentiu mexer e respirar.

Depois foi dizer ao pai:

—O que há de a gente dar de comer ao hóspede? Vou fazer lume e arranjar a ceia.

O pai disse-lhe que fôsse.

A filha foi fazer lume, e no entretanto fervia

água e deitava-a nas pipas, matando os bandidos.

O pai ceou com o hóspede, e a filha deixou-se ficar na cozinha para ver o que ia acontecer.

Quando os donos da casa tinham adormecido, o hóspede saíu e assobiou, mas ninguêm lhe respondeu; chegou-se às pipas e começou a chamar pelos companheiros, mas ninguêm lhe respondia; depois abriu as pipas e viu saír muito fumo. Foi então que percebeu tudo; engatou os cavalos e foi-se embora com as pipas.

Ora a filha fechou o portão, foi acordar a família, e contou-lhe tudo. Diz o pai para a filha adoptiva:

—Pois bem, filhinha, salvaste-nos, por isso hás-de casar com o meu filho.

E assim foi. Mas a noiva, com receio que os bandidos lá voltassem, não largava o pai, pedindo-lhe que vendesse a casa e comprasse outra. Ela tinha razão.

Passado tempo, chegou o bandido das pipas fardado de oficial do exército e pediu pousada ao campónio; deixaram-no entrar; mas ninguêm o conheceu a não ser a rapariga que disse para o pai:

—Olhe que é o tal bandido!

O pai disse:

—Não, filha, não é êle.

Ela calou-se; mas, quando ia deitar-se, colocou ao pé da sua cama um machado.

Não pregou ôlho toda a noite, sempre à espreita. Lá por essa noite velha, o oficial levanta-se, pega na espada, e quere cortar a cabeça ao marido dela; mas ela não desanimou; com o machado, cortou ao bandido a mão direita, e em seguida, cortou-lhe a cabeça.

Viu então o pai, que a filha era muito prudente, e fez-lhe a vontade: vendeu a casa, e comprou uma hospedaria, onde começou a fazer grandes negócios.

Um dia aparecem-lhe os vizinhos que lhe tinham emprestado dinheiro e se tinham queixado à justiça.

Dizem êles:

— Olá! que estás tu aqui a fazer?

Responde o campónio:

— Esta casa é minha; comprei-a há pouco tempo.

Dizem êles:

— É uma casa importante. Se a compraste é porque tens dinheiro. Então porque é que não nos pagas o que nos deves?

O campónio respondeu:

— Graças a Deus, achei um tesouro, e estou pronto para vos pagar três vezes o que vos devo.

Êles disseram:

— Está muito bem. Agora vamos festejar a tua mudança.

Diz êle:

— Obrigado pela lembrança.

Festejaram-lhe a mudança e divertiram-se e

como a casa tinha um magnífico jardim, pediram-lhe licença para ver o jardim. Êle levou-os lá. Andaram, andaram pelo jardim, e encontraram um alqueire cheio de cinza.

O dono, ao ver o alqueire, exclamou:

— Ó meus senhores! é o mesmo alqueire que a minha mulher vendeu.

Dizem êles:

— Vamos ver se o dinheiro ainda está na cinza.

Vazaram o alqueire, e encontraram o dinheiro. Então os vizinhos viram que o campónio lhes tinha contado a verdade.

Depois disseram:

— Vamos ver as árvores, pois foi um corvo que levou o boné, e provávelmente fez dêle um ninho. Foram andando, andando, até que avistaram um ninho; tiraram-no com um cambo — era justamente o tal boné. Deitaram fóra o ninho e encontraram o dinheiro.

O dono pagou-lhes a dívida, e viveu muito feliz.

CRÍTICA

XV. — **A menina prudente e os sete bandidos**

No Algarve há uma versão da mesma família (At. Oliveira, n.º 129): Um pobre trabalhador tem um compadre rico. O trabalhador vai ao mato buscar lenha, e vê chegar uns indivíduos montados em cavalos. Esconde-se por detrás de uma árvore e vê-os chegar junto de uma lage. Um deles diz: «Abre-te, *Semsam*». A lage

levanta-se, e os cavaleiros entram, e depois saem. O trabalhador imita-os, levando para casa sacos cheios de ouro.

Em seguida, manda pedir ao compadre rico que lhe empreste o seu *meio alqueire.*

A comadre rica unta a medida com matéria pegajosa e empresta-a. Quando entregam a medida, esta trás pegada uma peça de ouro.

O compadre rico convida o trabalhador a ir com êle lá no dia seguinte buscar mais dinheiro. Trazem cada um o seu saco cheio de ouro. Depois o compadre rico vai sózinho buscar mais ouro; mas quando quer saire da gruta, esquecem-lhe as palavras que fazem levantar a lage, e êle fica preso. Os ladrões matam-no e dividem o cadáver em quatro partes, colocando-as sôbre a lage, em que eserevem: «O mesmo há de suceder àquele que cá vier».

A mulher do morto encarrega um sapateiro de ir buscar o cadáver e enterrá-lo. Ora os ladrões descobrem a verdade por meio do sapateiro. Vão com êle à casa da viuva e marcam a porta com um sinal, para a poderem assaltar. Mas a criada da viuva vê os ladrões traçar o sinal, e ela traça o mesmo sinal em todas as portas da mesma rua.

Assim os ladrões não encontram a porta que procuram. Depois metem-se em couros, e o capitão deles vai pedir à viuva que deixe ficar em sua casa os supostos couros de azeite até o outro dia. Ela consente. De noite, sente vozes à porta. Levanta-se, desconfia dos couros; manda, pois, ferver água e deitá-la sôbre os ladrões, matando-os. Em seguida manda prender o capitão.

Num conto alemão da mesma família (Grimm, n.º 59), há dois irmãos, sendo um pobre, e o outro rico.

O pobre negoceia em trigos. Um dia, ao atravessar a floresta com a sua carroça, avista uma montanha. Vendo chegar doze homens de aspecto selvagem, julga que são salteadores; por isso esconde a carroça e trepa a uma

árvore. Os homens dizem para a montanha: «O montanha Semsi, ó montanha Semsi, abre-te»! Entram, e depois saem, trazendo sacos pesados às costas. Os homens dizem: «Ó montanha Semsi, ó montanha Semsi, fecha-te»! A montanha fecha-se, e os homens vão-se embora. O pobre faz o mesmo, e leva para casa as algibeiras cheias de ouro; mas deixa ficar as pérolas e as pedras preciosas.

O homem gasta tudo, e depois pede ao irmão que lhe empreste um *alqueire*.

Trás mais ouro. À terceira vez, quando lhe pedem a medida, o rico desconfia, e como tem inveja do irmão, unta o fundo do *alqueire* com pez. A medida trás pegada uma peça de ouro. Ora o rico obriga o irmão a confessar tudo; depois vai sózinho à montanha apanhar muitas pedras preciosas; mas quando quere sair, esquece o nome da montanha, que se não abre. Veem os salteadores e cortam-lhe a cabeça.

*
* *

No Oriente encontrámos o mesmo conto aproximadamente na sua fórma primitiva (Mardrus, t. XIII, p. 269): Dois irmãos, Cassim e Ali Baba, recebem a herança do pai, e gastam-na. Cassim casa vantajosamente, e abre uma loja. Ali Baba faz-se lenhador, compra três jumentos, casa também e tem filhos. Estando a cortar lenha na floresta, A. B. avista um grupo de quarenta bandidos a cavalo; trepa a uma árvore e vê como os bandidos, com alforjes pesados às costas, chegam a um rochedo, dizendo o chefe dêles para o rochedo: «Ó Sesame, abre-te»! Em seguida levam os alforjes para dentro do rochedo, e o chefe diz: «Ó Sesame, fecha-te»! Depois saem. A. B. faz o mesmo, e vai para casa com os jumentos carregados de sacos cheios de ouro. Ora a mulher de A. B. pede à mulher de Cassim que lhe empreste uma medida, pois quere medir o ouro, antes de o

enterrar. A mulher de Cassim unta o fundo da medida com sebo, e empresta-lha. A medida trás pegada uma peça de ouro, e a invejosa mulher de Cassim manda a êste descobrir a proveniência do ouro. Cassim obriga o irmão a confessar tudo; depois vai com dez mulas buscar ouro; mas quando quere sair, esquece o nome do rochedo, que se não abre. Os bandidos fazem Cassim em postas, e colocam-nas à entrada da gruta. Ora a mulher do morto encarrega o cunhado de ir em busca de Cassim. A. B. vai à gruta e trás a cabeça, os membros e o tronco do irmão. A filha adoptiva de A. B., Morgana, fica encarregada de mandar enterrar o morto. A mulher do assassinado vai para a casa do cunhado. Ora a Morgana chama um remendão para coser o cadáver, afim de evitar a divulgação do caso. O chefe dos bandidos encarrega um dêles de indagar quem levou o cadáver. O bandido disfarçado vai parar à casa do remendão, que lhe revela o segrêdo. O bandido marca a porta da casa de A. B. com um bocado de giz. Depois, os bandidos metem-se em grandes potes, e o chefe leva-os a cavalo à cidade. O chefe obtem pousada em casa de A. B., dizendo-lhe que é azeiteiro. Um dos potes está realmente cheio de azeite. Apaga-se, na cozinha, a lâmpada de azeite; a Morgana não tem azeite em casa, por isso vai tirar azeite dum pote do azeiteiro, e descobre os bandidos. Ela mata-os com azeite a ferver. O chefe fóge. Passado tempo, o chefe disfarçado consegue jantar em casa de A. B. A filha adoptiva dêste conhece o bandido. Depois do jantar, ela executa várias danças, em que entram alguns gestos feitos com um punhal. Desta maneira, ela apunhala o bandido. Ora A. B., para a recompensar, casa-a com o filho dêle.

*
* *

Se compararmos a introdução dêsses contos, veremos que os compadres da versão algarvia representam uma

alteração da fórma primitiva: os dois irmãos foram substituídos por compadres. Em russo e árabe, o pobre é lenhador; no conto português, é trabalhador que vai ao mato buscar lenha; mas na versão alemã, êle negoceia em trigos, provávelmente para se compreender melhor o empréstimo do *alqueire*. O certo é que, sob êste ponto de vista, o conto alemão alterou a tradição, ao passo que a versão portuguesa a conservou razoávelmente. No conto russo, o lenhador convida o irmão a irem juntos ao subterrâneo buscar mais riquezas. Na versão do Algarve, é o compadre rico que convida o pobre a irem lá buscar mais dinheiro. Em todo o caso, o convite encontra-se em ambas as versões, ao passo que em alemão ou em árabe, o rico vai logo sózinho. Como era natural que à primeira vez fôssem ambos, para o pobre ensinar tudo ao rico, conclui-se com muita verossemelhança que essa feição está melhor conservada em Portugal e na Rússia do que na Alemanha e nas *Mil e uma Noites*. O episódio do fundo untado na medida já foi eliminado do conto russo, mas a tradição portuguesa conservou-o fielmente como em árabe. Assim no conto português, quem unta a medida é a comadre rica, e no conto árabe é a mulher de Cassim que faz o mesmo. Na versão alemã, é o irmão que unta o fundo do alqueire, o que representa uma alteração. Quanto à morte do irmão ou do compadre, o conto português aproxima-se muito do árabe, visto que em ambos o cadáver é dividido em partes; porêm, nas versões russa e alemã, os bandidos cortam-lhe apenas a cabeça.

Temos em seguida, no conto português, o episódio do sapateiro, encarregado de ir buscar o cadáver e de o enterrar. Sem a comparação com o conto árabe, não compreenderiamos a razão porque havia de ser um sapateiro, e não qualquer homem; mas como a Morgana chama um remendão para coser o cadáver, afim de evitar a divulgação do caso, podemos reconstruir a tradição portuguesa, dizendo: antigamente contava-se

em Portugal que o sapateiro cosia o cadáver, dividido em partes; porêm, mais tarde, a função do sapateiro obliterou-se, e hoje já não sabemos porque há de ser um sapateiro, e não por exemplo um alfaiate ou qualquer outro indivíduo.

No que diz respeito à criada da viúva do conto algarvio, vemos que primitivamente era a filha adoptiva do pobre, como em árabe e em russo.

Há um facto curioso em que tanto em Portugal como na Rússia, os bandidos são mortos com água a ferver, ao passo que no conto árabe, a Morgana mata-os com azeite a ferver. O episódio da morte do chefe ou capitão dos bandidos já foi eliminado das versões portuguesa e alemã, mas conservou-se nos contos russo e árabe.

Finalmente diremos que o conto russo, de que se trata, é uma fusão de dois contos distintos, que se encontram nas *Mil e uma Noites: História de Ali Baba e dos quarenta ladrões* e *Histoire du cheikh à la paume généreuse* (Mardrus, t. XIV, p. 64). Já vimos que êste último se encontra na Rússia sob o título de *Felicidade e Infelicidade*. V. o nosso conto n.º XIV.

XVI

OS BANDIDOS

Era uma vez um homem e uma mulher, que tinham uma filha chamada Helena.

Um dia, o homem foi convidado para um casamento; queria ir-se embora com a mulher e deixar a filha em casa; mas esta disse para a mãe:

— Tenho medo de ficar sózinha.

A mãe disse:

— Chama as tuas amigas, e não estarás sózinha.

Os pais foram-se embora, e a Helena chamou as amigas, e puseram-se todas a trabalhar: uma fazia meia, outra fazia cestos, outra fiava.

Ora uma das raparigas deixou cair o fuso sem querer; o fuso rolou no sobrado e, por uma greta, caiu na adega. A rapariga vai à adega buscar o fuso, e vê um bandido atrás

duma pipa, ameaçando-a com o dedo e dizendo:

— Olha não digas a ninguêm que estou aqui, senão mato-te.

A rapariga voltou da adega toda pálida, e contou tudo em voz baixa a uma amiga; esta contou a outra, e assim ficaram todas assustadas e queriam ir para casa.

A Helena disse-lhes que ainda era cedo; mas elas desculparam-se e foram-se embora. A Helena ficou só.

Quando o bandido sentiu silêncio, saíu da adega e disse para ela:

— Adeus, minha linda!

— Adeus, respondeu a Helena.

O bandido começou a olhar por todos os cantos da casa, e depois saíu para ver o que havia no pátio; mas no entretanto a Helena fechou-lhe a porta e apagou a luz. O bandido pôs-se a bater à porta e a dizer:

— Deixa-me entrar, senão mato-te.

A Helena disse:

— Não deixo; entre pela janela, se quiser.

E pegou num machado.

Mal o bandido meteu a cabeça na janela, logo a Helena lha cortou com o machado, pensando: daqui a pouco veem os outros bandidos companheiros dêle; que vai ser de mim?

Pegou na cabeça decepada e meteu-a num saco; depois fez em postas o cadáver do bandido, e meteu-as em sacos e tachos.

Veem os bandidos e preguntam:

— Então, estás pronto?

A Helena respondeu-lhes, imitando a voz do bandido:

— Estou. Aqui teem dois sacos cheios de dinheiro, manteiga e presunto.

A Helena deu-lhes tudo isso pela janela.

Os bandidos puseram tudo numa carroça e disseram:

— Vamo-nos embora.

A Helena disse:

— Vão indo, que eu quero ver se há mais alguma coisa.

Foram-se embora.

Amanheceu. Os pais da Helena voltaram do casamento, e a rapariga contou-lhes tudo.

Quando os bandidos chegaram a casa e viram o conteúdo dos sacos e tachos, ficaram furiosos e resolveram dar cabo da Helena.

Vestiram-se muito bem e foram à casa da Helena pedir a mão dela para certo rapaz; êste era um tolo.

A Helena conheceu-os pela voz, e disse para o pai:

— Êstes não são casamenteiros, são os bandidos que já aqui estiveram.

Diz o pai:

— Mentirosa; êles andam tão bem postos!

O pai estava contente por ver tão boa gente pedir a mão da filha, e além disso não queriam dote.

A Helena começou a chorar, mas não teve outro remédio.

Os pais disseram-lhe:

— Se não casares agora, pomos-te fóra de casa.

Depois casaram-na com o bandido.

Os bandidos levaram a Helena para casa dêles, e assim que entraram na floresta, disseram:

— Vamos matá-la aqui.

Mas o tolo disse:

— Se a deixassem viver mais um dia, eu não a deixaria fugir.

Os bandidos preguntaram:

— Para que é isso?

Diz o tolo:

— Fazem favor, deixem-na viver mais um dia!

Os bandidos fizeram-lhe a vontade, e foram para casa com a Helena. Comeram, beberam e divertiram-se; finalmente disseram:

— Já é tempo de a matarmos.

Mas o tolo tornou a pedir-lhes:

— Deixem-na passar só uma noite comigo.

Dizem os bandidos:

— Isso não; olha que ela é capaz de fugir.

Diz o tolo:

— Façam-me êste favor.

Os bandidos fizeram-lhe a vontade, e deram-lhe um quarto especial. Diz a Helena para o marido:

— Deixa-me sair um pouco, quero tomar ar.

Diz o tolo:

— E se êles ouvirem?

Responde a Helena:

— Vou devagarinho; e, se quiseres, vou pela janela!

Diz o tolo:

— Eu deixava-te, mas tenho medo que fujas.

A Helena disse:

— Tenho aqui um bom bocado de pano que me deu minha mãe: ata-me êste pano à cintura e deixa-me sair, e, quando deres um puxão, torno a entrar pela janela.

O tolo atou-lhe o pano à cintura, e deixou-a sair. Ela saiu, desatou o pano à pressa, e atou-o aos cornos duma cabra, dizendo daí a pouco:

— Puxa-me! e safou-se.

O tolo puxou, e a cabra berrou; êle a puxar, e a cabra a berrar.

Diz o tolo:

— Que estás tu a berrar? Se a minha gente te ouvir, mata-te já.

Quando já não tinha que puxar, deu com a cabra atada ao pano. O tolo ficou assustado e não sabia o que havia de fazer, pensando: maldita, enganou-me!

No dia seguinte entram no quarto os bandidos e preguntam-lhe:

— Que é da tua noiva?

Diz o tolo:

— Fugiu.

Dizem êles:

— Ai, ai, tolo! Nós bem te dissemos, e tu não fizeste caso.

Montaram em cavalos e correram a apanhar a Helena; iam assobiando e acompanhados de cães, que metia medo.

Quando a Helena sentiu correr atrás dela, meteu-se no tronco ôco de um carvalho seco e deixou-se lá ficar sem pinga de sangue no corpo, e os cães andavam à volta do carvalho.

Diz um bandido para outro:

— Ela não estará lá dentro? Ora espeta lá uma faca.

O bandido espetou a faca no tronco e feriu a Helena num joelho. Mas a Helena era esperta, por isso limpou a faca com o lenço. O bandido olhou para a faca e disse:

— Aqui não há nada.

Foram-se embora sempre assobiando.

Quando tudo estava sossegado, a Helena saíu do tronco e deitou-se a correr. No caminho encontrou um carroceiro com celhas e cestos, e pediu-lhe:

— Ó tiozinho, esconda-me debaixo duma celha.

Diz o carroceiro:

— Estás tão bem vestida, olha que te sujas.

Diz a Helena:

— Faça favor, esconda-me; veem a correr atrás de mim uns bandidos.

O carroceiro tirou as celhas, e escondendo-a

debaixo da última celha, tornou a pôr as celhas no seu lugar. Mal acabou de arranjar as celhas, aparecem-lhe os bandidos e preguntam-lhe:

— Ó tio carroceiro, vossemecê não viu passar uma mulher?

Diz o carroceiro:

— Não vi, meus senhores.

Dizem os bandidos:

— Mente! ora tire lá as celhas.

Tirou todas as celhas, menos a última. Os bandidos disseram:

— Aqui não há nada; vamo-nos embora. E continuaram o seu caminho, fazendo muita bulha e assobiando.

Quando tudo estava sossegado, a Helena pediu ao carroceiro que a deixasse ir embora. O carroceiro deixou-a, e ela foi-se embora a correr.

Foi correndo, correndo e tornou a sentir os bandidos atrás. No caminho encontrou um carroceiro que levava coiros, e pediu-lhe:

— Ó tiozinho, faça favor, esconda-me debaixo dos coiros; veem a correr atrás de mim uns bandidos. Diz o carroceiro:

— Estás tão bem vestida, olha que te sujas debaixo dos coiros.

Responde a Helena:

— Não faz mal, esconda-me.

O carroceiro tirou os coiros, e escondendo-a debaixo do último coiro, tornou a pô-los no seu

lugar. Mal acabou de arranjar os coiros, aparecem-lhe os bandidos e preguntam-lhe:

— Ó tio carroceiro, vossemecê não viu passar uma mulher?

Diz o carroceiro:

— Não vi, meus senhores.

Dizem os bandidos:

— Mente! ora tire lá os coiros.

Responde o carroceiro:

— Para que é que eu hei de tirar o que é meu?

Os bandidos começaram a tirar os coiros, e tiraram-nos quási todos; apenas ficaram na carroça dois ou três.

Depois disseram:

— Aqui não há nada; vamo-nos embora.

Foram-se embora fazendo muita bulha e assobiando.

Quando já se não ouvia barulho algum, ela pediu ao carroceiro que a deixasse ir embora.

O carroceiro deixou-a ir embora a correr. Foi correndo, correndo e chegou a casa à meia-noite; depois deitou-se num montão de feno e adormeceu. Pela manhã, o pai dela ia dar feno às vacas, e assim que espetou a forquilha no feno, a Helena agarrou-se à forquilha. O homem ficou assustado e preguntou:

— Quem é?

A Helena conheceu o pai e tirou-se do feno. O pai preguntou-lhe:

— O que vem a ser isso?

A Helena contou-lhe tudo.

Daí a pouco veem os bandidos à casa do homem; mas êle escondeu a Helena. O homem preguntou-lhes:

— Minha filha está boa?

Os bandidos disseram:

— Graças a Deus! Lá ficou a tratar do arranjo da casa.

Depois os bandidos sentaram-se, como se estivessem de visita.

Mas no entretanto o dono da casa chamou alguns soldados, e apresentando a filha aos bandidos, preguntou-lhes:

— Quem é esta?

Então agarraram os bandidos, amarraram-nos e meteram-nos na prisão.

CRÍTICA

XVI. — **Os bandidos**

Numa versão portuguesa (T. Braga, p. 94), conta-se o seguinte:

Um mercador, que tem três filhas, vai receber uma renda fóra da cidade, deixando-as sózinhas em casa. Vem pedir pousada o chefe de uma quadrilha de ladrões disfarçado em velho pedinte; as meninas deixam-no entrar, e êle dá-lhes três maçãs dormideiras, uma para cada uma comer à sobremesa da ceia. As mais velhas comem as suas e adormecem; porêm, a mais môça não come e não dorme com mêdo, mas finge que dorme. O ladrão acende uma mão de finado, abre o alçapão que

dá para a loja das fazendas, entrouxa o que quere, abre a porta da loja, e sai a chamar a sua quadrilha. A menina mais nova tranca-lhe a porta da loja. O ladrão pede-lhe a mão de finado; ela vai buscar a espada que o ladrão deixou lá dentro; êste mete a mão pelo buraco da porta para pegar na mão de finado; mas a menina traça-lha com a espada.

Os ladrões vão-se embora. O chefe dos ladrões manda fazer uma mão de ferro, e anda de luvas. Passado tempo, estabelece um armazem defronte da casa do mercador. Um dia, êste convida-o a jantar. A mais nova não gosta que o pai o convide, ficando muito triste. O vizinho (é o ladrão) pede-a em casamento; mas ela não o quere. O vizinho pede a mais velha, que aceita.

Casam, e o marido leva-a para casa. Depois obriga-a a escrever uma carta ao pai, dizendo que está muito satisfeita e mandando buscar uma das suas irmãs, para estar uns dias em sua companhia.

Acabada a carta, êle tira a luva e a mão de ferro, e pregunta-lhe: «¿Conheces quem fez isto?» Em seguida, o ladrão degola-a. Faz o mesmo à do meio. Quando apanha a mais nova, diz-lhe: «Pódes ir a todos os quartos dêste palácio, menos a êste». Depois parte com a quadrilha. A menina encontra no quarto dos mortos um príncipe todo esfaqueado, e trata-o bem. Nisto passam três carros do rei que levam estêrco. A menina foge com o príncipe, e o carreiro esconde-os debaixo do estêrco, no carro de trás. Um feiticeiro diz ao chefe que a menina vai fugida no carro de trás. Um dos ladrões vai apanhá-la. Obriga o carreiro a parar e cavar no carro de trás até meio; vendo que não acha nada, vai-se embora. Os meninos passam para o segundo carro. O feiticeiro diz ao ladrão que despeje o carro todo, que êles lá estão. O ladrão assim faz, mas não os encontra e vai para casa. O feiticeiro manda ao ladrão despejar o carro do meio; mas como os meninos já tinham passado para o carro da frente, êle não os encontrou.

Os carros chegam ao palácio. O rei fica muito contente por tornar a encontrar o filho; êste casa com a menina. No dia do casamento, vem um dos ladrões com obras de ouro à igreja, abre uma saca, e diz com ar de tolo: «Tão bonito! tão bonito!» Diz-lhe um vassalo: «Quando você se admira disto, que seria se visse a câmara rial». O tolo oferece todas as obras de ouro a quem o leve lá. Consegue esconder-se debaixo da cama dos príncipes. Quando êstes vão para a câmara rial, a princesa tem medo dos ladrões. O príncipe chama uma sentinela e um leão. O leão descobre o ladrão, que é enforcado. O rei manda matar os ladrões.

A colecção de C. Pedroso contêm uma versão (p. 489) do mesmo conto, que é muito parecida com a supracitada. Aqui, a madrinha da menina vai para uma festa, deixando-a só em casa com a criada. A menina não póde dormir, e quando olha para o solo da casa que tem grêtas, vê luz na loja, onde estão cinco ladrões.

Neste conto há um episódio curioso que só encontrámos na versão russa: o ladrão entrega a menina amarrada a uma acorda a uma velha cega (que corresponde ao tolo no conto russo), indo buscar lenha. A velha segura a ponta da corda. Ora a menina ata a outra ponta da corda a uma tripeça, e fóge. Vimos que no conto russo, a Helena pede ao marido que a deixe sair pela janela para tomar ar; mas para ela não fugir, o tolo ata-lhe um pano à cintura, e deixa-a sair. Porêm, ela desata o pano, e ata-o aos cornos duma cabra, e safa-se. Seguem-se alguns episódios em que figura um almocreve com cargas de azeite e de mel. Como a mãe da menina tem uma estalagem, aparece-lhe êsse almocreve com os outros ladrões metidos em coiros. A menina quere tirar mel de um dos coiros, descobrindo assim os ladrões, que são enforcados. Como se vê, termina êste conto aproximadamente como o do Algarve. V. a crítica do conto russo n.º xv.

*
* *

Num conto loreno da mesma família (Cosquin, t. I, n.º XVI), narra-se o seguinte:

Um moleiro e sua mulher vão para um casamento, deixando a filha em casa. A menina vai chamar uma prima para dormir com ela. Ora a prima vê dois homens escondidos debaixo da cama, e sob pretexto de ir pôr uma camisa, safa-se. Os dois ladrões enchem sacos de trigo, e como não teem cordas, vão ao pátio buscar vime. Ora a menina tranca-lhes a porta. Os ladrões, que teem uma mão de *glória* (*main de gloire*, que corresponde à mão de finado do conto português), dizem-lhe que abra a porta; mas ela quere que lhe passem primeiro a mão de *glória* pela gateira. Um dos ladrões passa-lhe a mão de *glória*, e como põe a mão dêle por baixo da porta, a menina corta-lha com uma machadada. Os ladrões fogem.

Passado tempo, o ladrão da mão cortada vem pedir a menina em casamento; tem uma mão de pau e usa luvas. Um dia, êle convida a menina a ir visitá-lo no seu castelo, que se acha num bosque. Ela vai à casa dos ladrões, entrando sem êles darem por isso. Os ladrões estão a matar a prima da menina. Esta consegue levar um braço da prima, e safa-se.

Vem o ladrão a casa da menina. Depois do jantar, êle pede-lhe que conte uma história. A menina conta sob a fórma dum sonho o que tinha presenciado em casa dele, mostrando-lhe o braço da prima. Os gendarmes prendem o ladrão, sendo executada toda a quadrilha.

Cosquin (t. I, p. 180) cita uma variante dêste conto ouvida por êle em Montiers-sur-Saulx: O ladrão casa com a menina, e leva-a para um bosque, consultando os seus colegas sôbre a morte que lhe há de dar. Amarram-na a uma árvore e batem-lhe muito. Os ladrões

retiram-se por algum tempo, e a menina safa-se, graças a um carvoeiro que a esconde num saco.

Num conto alemão (Pröhle, II, n.º 31) narra-se o seguinte:

Um rei vai viajar com as filhas, deixando em casa a mais nova sózinha. Uma pastora vem todas as noites dormir com a princesa, para esta não ter mêdo. Uma vez, a pastora avista um homem debaixo da cama da princesa, e sob o protexto de ir buscar qualquer coisa, safa-se. O homem, que é capitão duma quadrilha de salteadores, leva um saco cheio de ouro, dizendo à princesa que deixe a porta aberta; mas ela tranca-a. Ora os salteadores fazem um buraco no muro; mas quando querem entrar, a princesa corta-lhes a cabeça, ficando o capitão apenas ferido. Um dia, o capitão apresenta-se disfarçado em conde em casa da princesa, e obtêm a mão dela. Depois leva-a e mata-a. Segue-se um conto suabo (Meier, n.º 63):

Um moleiro tem três filhas. Vem um capitão de ladrões disfarçado, casa com a mais velha, e leva-a para o seu castelo. Querendo ir fazer uma viajem, o ladrão proíbe à mulher entrar em certo quarto. Ela entra no quarto proíbido, onde vê um cadáver e sangue. O ladrão regressa e mata-a. Depois torna a disfarçar-se e casa com a segunda filha do moleiro, a qual tem a mesma sorte. Por fim, o ladrão casa com a mais nova, que sabe iludir a astúcia do marido. Ela mostra-lhe uma carta forjada em que se lhe diz que seu pai, o moleiro, está doente, pedindo ao ladrão que a deixe ir vê-lo. O ladrão leva a mulher ao moínho; prendem-no e executam-no. Um belo dia, os ladrões apanham a filha do moleiro, amarram-na a uma árvore, e vão deitá-la numa caldeira cheia de pez a ferver. Emquanto vão buscar lenha, uma velha salva-a. Um carroceiro esconde-a debaixo de uma celha. Os ladrões tiram todas as celhas, menos a última. A mulher safa-se. O conto acaba com a execução dos ladrões.

Num conto lituano (Schleicher, p. 9) vem o seguinte:

Um lavrador e sua mulher vão fazer uma viagem, deixando a filha em casa sózinha. Uma noite, aparecem doze salteadores e fazem um buraco debaixo do muro. Á medida que vão entrando, a menina vai-lhes cortando a cabeça com um machado, puxando o corpo para dentro. O décimo segundo sente a passagem molhada, por isso retira-se, conseguindo a menina cortar-lhe só metade da cabeça. Passado tempo, vem o salteador à casa da menina pedi-la em casamento. Ela não o quere; mas os pais obrigam-na. O salteador leva-a para casa. Chegado a casa, êle manda-lhe encher uma caldeira de água. Ora uma velha, que está em casa dos salteadores, ensina-lhe a fugir. Ela fóge. Os salteadores perseguem-na. A menina trepa a uma árvore da floresta. Um salteador espeta uma lança na árvore, e fere a menina num pé. Escorre sangue; mas como já é noite escura, os salteadores julgam que chove. Vão para casa. Ao verem o sangue, percebem que era a menina.

No dia seguinte, vão outra vez em busca da menina; mas ela viu passar um carroceiro que levava cortiça; o homem esconde-a na carroça debaixo da cortiça. Os salteadores tiram a cortiça, excepto a última camada; em seguida vão-se embora. Alguns dias depois, aparece o salteador em casa da menina; mas desta vez matam-no.

Um conto siciliano (Gonzenbach, n.º 10) tem o seguinte teor:

Um negociante tem três filhas. O homem vai ausentar-se de casa, deixando as filhas sózinhas. As mais velhas dão pousada a um mendigo fingido, embora a mais nova se opohha a isso. De noite, o mendigo abre a porta da loja para deixar entrar os seus colegas. Ora a mais nova vai por uma porta traseira chamar a polícia, que prende o mendigo. Falta o episódio da mão cortada.

Passado tempo, vem o capitão dos ladrões, disfarçado em barão, e casa com a mais nova, que se chama Maria.

Leva-a para casa; mas no caminho, amarra-a a uma árvore, e bate-lhe muito, indo em seguida chamar os colegas. Nisto passa um campónio e sua mulher, que levam fardos de algodão para o mercado; escondem-na num fardo, que carregam sôbre um jumento. Os ladrões apanham-nos, e o capitão espeta a espada nos fardos; a Maria fica ferida, mas o sangue que mancha a espada fica no algodão, e a espada sai limpa. A Maria casa com um rei. O ladrão introduz-se no palácio, e coloca sôbre o travesseiro do rei um papel mágico, que faz adormecer o monarca e todo o seu séquito. Em seguida, o ladrão agarra na Maria e quere deitá-la numa caldeira cheia de azeite a ferver. Ela consegue ir buscar o rosário; assim entra no quarto do rei, e põe-se a chamá-lo e a sacudi-lo; o papel mágico cai, e toda a gente acorda.

Agarram no ladrão e deitam-no na caldeira.

Um conto grego moderno (E. Legrand, p. 115) narra o seguinte: Um lenhador tem uma filha que casa com um negociante; êste dá à mulher as chaves da casa, proibindo-lhe abrir certo quarto. A mulher entra no quarto proibido e vê como o marido se muda em papão e começa a devorar um cadáver. Para a castigar, o papão quere assá-la no espêto. Ela safa-se.

Ora o cameleiro do rei esconde-a num fardo de algodão, levado por um camelo. Vem o papão e enterra o espêto ao rubro nos fardos, mas não encontra nada. A rapariga casa com o príncipe. Uma noite, o papão introduz-se na torre onde a filha do moleiro está escondida; êle deita «pó de cadáver» sôbre o príncipe, para êste não acordar. Depois quere devorar a mulher; porêm, ela dá-lhe um empurrão; o papão escorrega na escada cheia de grão de bico, cai numa cova, onde um leão e um tigre o devoram.

*
* *

Podemos distinguir dois grupos de contos: no primeiro grupo, o ladrão introduz-se disfarçado em casa da menina, como acontece no conto português da colecção de T. Braga, no siciliano e no suabo; no segundo porêm, o ladrão ou os ladrões aparecem escondidos, sem ninguêm saber como se introduziram: conto russo, português da colecção de C. Pedroso, francês e alemão de Pröhle.

Ora partindo desta divisão, vemos que os contos portugueses proveem de fontes diferentes. Alêm disso, desde que no conto português de T. Braga figura o alçapão, é porque primitivamente o ladrão se encontrava escondido num subterrâneo, como se vê no conto russo e mesmo na versão de C. Pedroso; porêm, na versão de T. Braga, o ladrão introduz-se disfarçado em mendigo, como no conto siciliano.

Por consequência, temos na dita versão portuguesa uma fusão de motivos que proveem de fontes diferentes.

Um facto deveras curioso é a existência do tolo no conto russo e na versão portuguesa de T. Braga. Mas há mais. No conto russo, o tolo segura a menina amarrada a um pano; ora a menina desata o pano, e ata-o aos cornos duma cabra, e safa-se.

No conto português de C. Pedroso encontramos o mesmo episódio: uma velha cega segura a menina amarrada a uma corda; a menina ata a ponta da corda a uma tripeça e fóge.

Na versão de C. Pedroso, o ladrão vai buscar lenha para queimar a menina; mas pela comparação vemos que primitivamente, a menina devia ser cozida dentro duma caldeira.

Finalmente devemos acrescentar que a mão de finado (*mertvaiya ruka*) se encontra igualmente numa versão russa citada por Afanasiev (*Skzki*, v. 4, p. 481).

XVII

A GATA BORRALHEIRA

Sabeis que há no mundo gente boa, e gente má, capaz de tudo.

Era uma vez uma menina pequenina, que já não tinha pai nem mãe. Ora uma família muito ruim encarregou-se de criar essa menina.

Quando estava crescida, obrigaram-na a mourejar e a responder por todos e por tudo. A patroa dela tinha três filhas. A mais velha chamava-se Um-Olho, a do meio Dois-Olhos e a mais nova tinha o nome de Três-Olhos; mas elas só sabiam estar à janela, e a menina tinha que trabalhar para elas, e ainda era maltratada.

Uma vez, a menina foi para o campo com a sua vaquinha malhada e contou-lhe todas as misérias da vida a que estava sujeita, dizendo-lhe:

— Ah vaquinha, ah mãezinha! batem-me,

ralam-me, não me dão um bocadinho de pão, e ainda por cima não me deixam chorar. Para àmanhã tenho que fiar, dobar e tecer cinco puds de lã.

A vaquinha respondeu-lhe:

— Linda menina! entra-me num dos ouvidos e sai pelo outro, e tudo estará feito.

Assim foi. Quando a menina saíu do ouvido da vaca, encontrou todo o trabalho pronto, e levou-o à madrasta.

A madrasta olhou para o trabalho murmurando, e guardou-o numa mala. Depois deu à menina ainda mais trabalho. A menina foi outra vez ter com a vaca, e, entrando-lhe num ouvido, saíu pelo outro e encontrou tudo pronto. Depois levou a obra à madrasta; esta ficou muito admirada e disse para Um-Olho.

— Querida filha! vai ver quem é que ajuda a órfã a fiar, dobar e tecer a lã.

Um-Olho foi para o campo com a menina e esqueceu-se da ordem da mãe; estendeu-se na erva ao sol, e a menina cantava:

— Dorme, dorme, olhinho!

Um-Olho adormeceu. No entretanto, a vaca fez todo o trabalho. Ora como a madrasta não soube nada, mandou Dois-Olhos.

Esta tambêm se estendeu na erva ao sol, e esqueceu-se da ordem da mãe, e a menina cantava:

— Dorme, dorme, Dois-Olhos!

A vaca fez o trabalho, e Dois-Olhos ainda

dormia. A velha zangou-se, e, no terceiro dia, mandou Três-Olhos com a órfã, à qual passou ainda mais trabalho.

Três-Olhos fez como as irmãs mais velhas: pulou, pulou e depois estendeu-se na erva.

Mas a menina cantava:

— Dorme, ôlho, dormi dois-olhos!

E esqueceu-se do terceiro.

Dois olhos adormeceram, mas o terceiro olhava e viu tudo, como a menina entrou num ouvido da vaca, e lhe saíu pelo outro, apanhando a obra feita. Três-Olhos contou depois à mãe tudo quanto tinha visto; a velha ficou contente, e no outro dia, disse para o marido:

— Mata a vaca malhada!

O velho não queria matá-la e disse para a mulher:

— Estás doida? A vaca ainda é tão nova, e tão bonitinha!

A mulher respondeu:

— Mata-a e não quero saber do resto! O velho afiou uma faca; mas a menina foi depressa ter com a vaquinha e disse-lhe:

— Ah, vaquinha, ah mãesinha! querem matar-te.

A vaca disse:

— Pois bem, minha linda menina; não comas a minha carne; junta os meus ossos num lenço e planta-os no quintal; mas não te esqueças de mim, e rega-os todos os dias.

A menina fez tudo que a vaquinha lhe mandou,

chegou a passar fome, mas não quis provar a carne; e regava todos os dias os ossos no quintal.

Ora dos ossos nasceu uma admirável macieira com fôlhas de ouro e ramos de prata. Quem passava pela macieira, parava e não se fartava de olhar para ela.

Aconteceu uma vez que as raparigas andavam a brincar no quintal; nisto veiu a passar um jovem e rico fidalgo. Quando viu as maçãs, disse para as raparigas:

— Meninas! Aquela de vós que me oferecer uma maçã, há de casar comigo.

As três irmãs deitaram-se a correr em direcção à macieira. As maçãs pendiam muito baixo, e podia-se muito bem alcançá-las, mas assim que as irmãs chegaram, as maçãs levantaram-se muito alto, de modo que elas não podiam chegar-lhes. As irmãs queriam deitá-las abaixo à pancada, mas as fôlhas tapavam-lhes os olhos; queriam apanhá-las, mas os ramos desentrançavam-lhes os cabelos; em suma, por mais que fizessem, não puderam chegar às maçãs. Então a menina foi à árvore e os ramos inclinaram-se para ela e as maçãs desceram.

O fidalgo casou com ela, e viveram muito felizes.

XVIII

A VACA CASTANHA

Era uma vez um rei e uma rainha, que tinham uma filha chamada princesa Maria. Quando a rainha morreu, o rei casou com outra mulher. Esta teve duas filhas: uma com dois olhos, e outra com três. A madrasta não gostava da princesa Maria, e mandou-a para o campo com a vaca castanha, dando-lhe um bocado de pão sêco. A princesa foi para o campo, e fez uma reverência ao pé direito da vaca, depois comeu e bebeu e vestiu-se bem, e andou todo o dia atrás da vaca como uma senhora. Ao anoitecer, ela tornou a fazer uma reverência ao pé direito da vaca, e tirou o bom vestido; depois foi para casa, e pôs o bocado de pão em cima da mesa.

A madrasta pensou:

— De que vive esta cadela?

No outro dia, a madrasta deu à princesa Maria o mesmo bocado de pão, e mandou-a para a

pastagem em companhia da filha mais velha, à qual disse:

— Repara bem de que a princesa Maria se sustenta.

Quando chegaram ao campo, a princesa Maria disse para a irmã:

— Vou catar-te.

Pôs-se a catá-la, dizendo:

— Dorme, dorme, irmãzinha! fecha um ôlho e fecha o outro!

A irmã adormeceu, e a princesa Maria levantou-se, chegou-se ao pé da vaca e fez-lhe uma reverência ao pé direito, depois comeu e bebeu e vestiu-se bem, e andou todo o dia atrás da vaca como uma senhora. Ao anoitecer, a princesa Maria tirou o bom vestido, e disse:

— Levanta-te, minha irmãzinha! vamos para casa.

— Ai de mim! disse a irmã; dormi todo o dia, e não vi nada; agora minha mãe vai ralhar comigo.

Quando chegaram a casa, a mãe preguntou-lhe:

— Então que foi que a princesa Maria comeu e bebeu?

A filha disse:

— Não vi nada.

A mãe ralhou com ela.

No outro dia levantou-se e mandou a filha dos três olhos, dizendo-lhe:

— Vai ver o que essa cadela come e bebe.

Quando as raparigas chegaram ao campo com a vaca, a princesa Maria disse para a irmã:

— Vou catar-te, queres?

— Quero, sim.

A princesa Maria pôs-se a catá-la e a dizer:

— Dorme, dorme, irmãzinha, fecha um ôlho e fecha o outro.

Mas ela esqueceu-se do terceiro ôlho, que ficou a ver o que a princesa Maria fazia.

A princesa chegou-se ao pé da vaca e fez-lhe uma reverência ao pé direito, depois comeu e bebeu e vestiu-se bem.

Quando o sol estava a pôr-se, ela fez mais uma reverência à vaca castanha e despiu o bom vestido; depois acordou a irmã e foram para casa. Quando a princesa Maria chegou a casa, pôs o bocadinho de pão duro em cima da mesa.

A mãe preguntou à filha dela:

— Então que foi que ela comeu e bebeu?

A menina dos três olhos contou-lhe tudo.

Então a madrasta disse para o velho:

— Vai matar a vaca castanha!

O velho matou-a.

A princesa Maria pediu ao pai:

— Dê-me pelo menos uma tripa.

O velho deu-lhe uma tripa; ela pegou na tripa, e plantou-a, e no sítio onde a tripa estava enterrada cresceu uma árvore que dava bagas doces, e nos ramos das árvores encontravam-se muitos pássaros, que cantavam para os reis e para os camponeses.

Ora o príncipe João ouviu falar da princesa Maria e foi a casa da madrasta dela, e pôs uma tigela em cima da mesa, dizendo:

— A menina que me apresentar a tigela cheia de bagas há de casar comigo.

A madrasta mandou a filha mais velha apanhar bagas; mas os pássaros não a deixavam aproximar-se, pois queriam tirar-lhe os olhos. A madastra mandou a filha mais nova, que também nada conseguiu.

Finalmente mandou a princesa Maria; esta pegou numa tigela e foi apanhar bagas, os passarinhos ajudaram-na, e assim ela voltou, pôs a tigela em cima da mesa, e cumprimentou o príncipe.

O príncipe deu uma grande festa, e casou com a princesa Maria, e viveram felizes.

Passado tempo, a princesa Maria teve um filho.

Um dia, ela quis visitar o pai; foi com o marido a casa do pai. Ora a madrasta transformou-a numa gansa, e fez com que o príncipe João casasse com a filha mais velha dela. O príncipe João voltou para casa.

Ora no outro dia um velho camarista levantou-se cedo e lavou-se bem e, pegando na criança ao colo, foi para o campo, para junto dum arbusto.

Nisto vinham a voar alguns gansos cinzentos. O velho disse:

— Meus ricos gansos, meus cinzentos! onde vistes a mãe dêste menino?

Os gansos disseram:

— Vimo-la noutro bando.

Vinha a voar outro bando de gansos, e o velho preguntou-lhes:

— Meus ricos gansos, meus cinzentos! vistes a mãe dêste menino?

A mãe do menino desceu à terra, e despiu uma peliça; depois despiu outra, e, pegando no menino ao colo, deu-lhe de mamar e disse chorando:

— Hoje dou-te de mamar, amanhã também te dou, mas depois de amanhã hei de voar para àlêm das florestas escuras e das altas montanhas!

O velho foi para casa. O menino dormiu toda a noite, sem acordar, e a mulher falsa ralhava por que o velhinho ia para o campo e lhe deixava morrer o filho de fome.

No outro dia, o velhinho tornou a levantar-se cedo e lavou-se bem, e foi com o menino para o campo; mas o príncipe João levantou-se e foi sem ser visto atrás do velho e escondeu-se atrás dum arbusto. Nisto vinham a voar alguns gansos cinzentos. O velho disse:

— Meus ricos gansos, meus cinzentos! onde vistes a mãe dêste menino?

Os gansos disseram:

— Vimo-la noutro bando.

Vinha a voar outro bando. O velho disse:

— Meus ricos gansos, meus cinzentos! onde vistes a mãe dêste menino?

A mãe do menino desceu à terra, e despiu

uma peliça; depois despiu outra, e deitou-as em cima dum arbusto; em seguida pegou no menino e deu-lhe de mamar, depois despediu-se dêle dizendo:

— Amanhã hei de voar para àlêm das florestas escuras e das altas montanhas!

Depois entregou o menino ao velho e disse:

— Cheira a queimado?

Ela queria tornar a vestir as peliças, mas não as encontrou, pois o príncipe João tinha-as queimado.

O príncipe João agarrou na princesa Maria, que se transformou numa rã, depois num lagarto e finalmente, num fuso. O príncipe João partiu o fuso ao meio, e deitou a ponta para a frente e a outra metade para trás; nisto apareceu em frente dêle uma menina. Depois foram juntos para casa. Mas a filha da madrasta gritava:

— Lá vem a minha ruína, lá vem a minha perdição!

O príncipe João reuniu vários príncipes e fidalgos, e preguntou-lhes:

— Com qual das mulheres hei de eu viver?

Êles disseram:

— Com a primeira.

O príncipe disse:

— Pois bem, meus senhores, hei de viver com aquela que primeiro saltar para cima do portão.

Ora a filha da madrasta trepou logo a cima do portão, mas a princesa Maria só se agarrava

ao portão, sem poder trepar acima dêle. Então o príncipe João pegou na sua espingarda e matou a mulher falsa, continuando depois a viver feliz, como dantes, em companhia da princesa Maria.

CRÍTICA

XVII — **A gata borralheira.**
XVIII — **A vaca castanha.**

Numa variante de Lagos (At. Oliveira, n.º 226) conta-se o seguinte:

Um rei viúvo, que tem uma filha, casa com uma rainha viúva, que tem igualmente uma filha. A madrasta ordena à enteada que vá guardar um touro azul, dando-lhe uma parca refeição para o dia. O touro ajoelha diante da menina e diz: «Tira um guardanapo que tenho por detrás da orelha e estende-o no chão, que logo te aparecerá comida e bebida consoante a tua condição.» A rainha manda um págem espreitar o touro e a princesa. Depois finge-se doente, e pede um bocado de carne do touro azul. A princesa previne o touro, e ambos fogem. Entram num jardim guardado por um gigante, onde há flores de cobre. O touro mata o gigante, e a menina apanha uma flor e guarda-a. O touro fica ferido; mas a menina cura-o com o óleo contido num frasquinho que o gigante morto tem à cintura. Num segundo e num terceiro jardim dá-se uma scena análoga.

Depois chegam a um palácio, e o touro diz: «Ali vive uma rainha com seu filho...

Com a faca que trazes tira-me a pele e guarda nela as três flores que apanhaste e vai meter tudo debaixo daquela lage a qual às três pancadas se levantará.

Depois suja-te na ribeira e vai oferecer-te como criada

ao palácio. Quando ouvires dizer que há aqui perto alguma festa, faz-te parva e pede que te deixem lá ir. Debaixo da lage encontrarás o que queiras para vestir.»

Assim acontece.

A menina vai a três festas, onde se encontra com o príncipe, a quem dá as conhecidas respostas: «Sou da terra dos pentes, das toalhas», etc. Segue-se o episódio do sapato perdido. A Maria suja (é alcunha da menina) casa com o príncipe, que era o touro azul. Reinhold Köhler (*Kleinere Scriften zur Märchenforschung*, p. 276) cita um conto norueguês (Asbjoernsen, I, n.º 19) em que uma princesa, que guarda as vacas e passa fome, é ajudada por um touro azul, em cuja orelha esquerda se encontra um guardanapo que dá de comer e beber. A madrasta quere mandar matar o touro, mas êste foge com a menina. Chegam ao palácio dum rei. Ali o touro diz à menina que o mate e esfole, e que guarde a pele em certo sítio. Quando precisar dele, bastará dar uma pancada com uma vara nesse sítio.

Um conto grego moderno (Hahn, n.º 2) é do seguinte teor:

Três irmãs estão a fiar linho em companhia de sua mãe, e combinam o seguinte: aquela que partir o fio ou deixar cair o fuso será comida pelas outras. Ora a mãe deixa cair o fuso, e as filhas mais velhas querem comê-la. A mais nova opõe-se a isto, mas as irmãs sempre matam a mãe, cozem-na e comem-na. A mais nova chora, amaldiçoando as irmãs; depois junta os ossos da mãe e enterra-os debaixo duma lage. Passados quarenta dias, a menina quere tirar os ossos para os enterrar em outro sítio; mas ao levantar a lage, encontra, em lugar dos ossos, três vestidos preciosos; alêm disso, a menina encontra junto dos vestidos um montão de peças de ouro.

A menina vai bem vestida três vezes à igreja. Seguem-se os episódios do príncipe apaixonado, do sapatinho perdido e do casamento, etc.

*
* *

Segue-se um grupo de contos em que as tripas ou os ossos enterrados do animal morto fazem nascer uma árvore maravilhosa. Num conto corso não é uma tripa que faz êste milagre, mas sim uma maçã encontrada nas tripas da vaca.

A êsse grupo pertencem os dois contos russos, um conto francês, um conto alemão e uma versão corsa.

Segue-se um resumo do conto francês (Cosquin, n.º XXIII): Um homem e uma mulher teem três filhas. A mãe não gosta da mais nova, mandando-a guardar os carneiros, e dando-lhe pedras em vez de pão. Ora um homem dá uma varinha à menina: quando ela bate com a varinha no maior dos carneiros, aparece-lhe uma mesa bem posta. A mãe manda a filha do meio ver o que se passa; mas esta adormece e não vê nada. A mais velha descobre tudo. A mãe finge que está doente e manda matar o carneiro. O tal homem diz à menina que apanhe os ossos do carneiro e os junte num montão perto da casa. Ora no sítio onde estavam os ossos nasce uma pereira de ouro.

Um dia, vem a passar um rei que avista a pereira; êle declara que há de casar com aquela que lhe apanhar uma pera da dita pereira. As duas raparigas mais velhas não o conseguem; porêm, a mais nova consegue-o e casa com o rei. Cosquin dá uma variante dêste conto (t. I, p. 248), em que o cordeiro diz à menina que ponha os seus ossos sôbre uma pereira: os ramos hão de se enfeitar com campainhas de ouro. Um rei casa com a menina. O rei parte para a guerra, pedindo à madrasta da mulher que trate dela, porque está doente. A madrasta deita a rainha ao rio e põe a filha em lugar dela. O rei regressa, tira a mulher do rio, e manda executar a

madrasta e a rainha falsa. — Segue-se um conto alemão (Grimm, n.º 47): Uma mulher tem três filhas chamadas respectivamente Um-Olho, Dois-olhos e Três-Olhos. As irmãs tratam mal a segunda, por ter dois olhos como toda a gente. Dois Olhos guarda a cabra e passa fome. Uma feiticeira ensina-lhe a dizer para a cabra: «Cabrinha, berra, mesinha, põe-te!» e logo lhe aparece uma mesinha posta com os melhores manjares.

Um-Olho vai espreitar a menina, mas adormece e não vê nada. Três-Olhos descobre a verdade. A mãe mata a cabra. A feiticeira diz à menina que enterre as tripas da cabra diante da porta. A menina assim faz.

Nasce uma árvore com fôlhas de prata e maçãs de ouro. Um dia, aparece um cavaleiro que promete mundos e fundos a quem lhe apanhar um ramo da árvore. Só Dois-Olhos consegue tirar um ramo; o cavaleiro casa com ela. — Cosquin (t. 1, p. 252) cita o seguinte conto corso (Orfoli, p. 81): A madrasta manda Mariucela guardar as vacas, dando-lhe certo trabalho a fiar. Ora a mãe de Mariucela aparece transformada numa vaca, que lhe faz o trabalho. A madrasta manda matar a vaca; mas esta, antes de morrer, diz a Mariucela que lhe há de encontrar três maçãs nas tripas: deve comer a primeira, deitar a segunda sôbre o telhado, e pôr a terceira no jardim. Nasce uma macieira no sítio onde estava a terceira maçã, e da segunda sai um galo. Quando a madrasta quere dar a filha em lugar de Mariucela, que um príncipe manda chamar para casar com ela, o galo denuncia-a.

*
* *

Finalmente devemos distinguir um grupo de contos em que a árvore maravilhosa não figura: são dois contos de C. Pedroso, uma versão de T. Braga, um conto de A. Coelho, um conto de Sergipe, uma versão do Chíli

entitulada *Maria la Cenicienta (Biblioteca de las Tradiciones populares españolas,* t. I, p. 114), um conto indiano, e uma variante árabe.

Segue-se um conto português (C. Pedroso, n.º XVIII):

Uma mestra viúva, que tem uma filha muito feia, casa com um viajante, que tem uma filha muito bonita. A mestra trata a enteada muito mal, mandando-a ir pastar uma vaquinha; dá-lhe pão, e não quere que o coma.

Um dia, a mestra manda-lhe dobar umas poucas de meadas até à noite. A vaquinha diz à menina que não se rale, que lhe meta as meadas nos paus e que dobe o linho. Depois com um corninho tira-lhe o miôlo do pão, torna a tapá-lo e dá-o à menina. A madrasta fica desesperada e manda matar a vaquinha, obrigando a menina a lavar as tripas. A vaquinha diz à menina que lave as tripas e que vá atrás do objecto que vir saír. Sai uma bola de ouro, que cai pela água abaixo. A menina vai atrás dela, e chega a uma casa desarrumada; ela arruma tudo. Entram três fadas que lhe concedem dons excepcionais e uma varinha de condão.

A mestra manda a filha a casa das fadas; mas como a menina lhe ensinasse tudo ao contrário, a filha desarruma tudo, e as fadas castigam-na. Um dia, a mestra e a filha vão às cavalhadas (sic), e a menina, obtendo ricos vestidos por meio da varinha de condão, também lá vai. O rei fica apaixonado por ela. A cena repete-se. Segue-se a perda do sapato, o casamento com o rei, e a execução da mestra e da filha. — Uma versão do Algarve (T. Braga, I, p. 45) é quase igual a êste conto. — C. Pedroso dá mais a seguinte versão (n.º XXXVIII), em que figura igualmente a enteada, que vai guardar uma vaquinha. Um dia, a enteada chora porque a madrasta a obriga só a ela a guardar a vaquinha. Vem um caçador e promete-lhe levá-la consigo. Um dia, o pai manda matar uma porca, devendo a enteada lavar as tripas. Fóge-lhe uma tripa, e a menina, correndo pelo rio abaixo para a agarrar, encontra um palácio desabitado com as portas

abertas. Ela arruma o palácio, e em vez de três fadas, são três pássaros que lhe dão cada um a sua prenda. Segue-se a imitação pela filha, como no conto anterior. A menina vai três vezes ao teatro. O caçador, que é um príncipe, dança com ela. Segue-se o episódio do chapim de ouro perdido e do casamento.

— Num outro conto português (A. Coelho, n.º xxxvi) a mulher manda a engeitada guardar a vaca; dá-lhe um pêso de estôpa que a engeitada há de trazer fiado e dobado. Vem uma mulher que ensina a engeitada a dobar a meadinha nos chifres da vaca. A menina leva-lhe um cantarinho de água a casa, em sinal de gratidão. Falta o episódio da vaca abatida e das tripas.

A mulher concede à menina dons excepcionais. A engeitada casa com certo rapaz. Falta o episódio das festas e do sapato perdido.

— Um conto de Sergipe (Roméro, n.º xv, *Maria Borralheira*) é do seguinte teor:

Um homem viuvo tem uma filha chamada Maria. Quando a menina vai para a escola, passa por casa de uma viuva que tem duas filhas. A viuva trata-a bem e diz-lhe que peça ao pai para casar com ela. A menina pede ao pai que case com a viuva, por ser muito bôa e agradável; porêm, o pai responde-lhe:

«Minha filha, ela hoje te dá papinhas de mel; amanhã te dará de fel.» Mas a menina insiste, de sorte que o homem casa com a viuva. Passado tempo, a mulher começa a maltratar a enteada, obrigando-a a fazer trabalhos pesados. Um dia, a madrasta dá-lhe uma tarefa muito grande de algodão a fiar, e diz-lhe que naquele dia deve ficar pronta.

A Maria vai ter com a vaquinha, que sua mãe lhe deixou, e conta-lhe tudo chorando.

A vaquinha diz-lhe:

«Não tem nada; traga o algodão que eu engulo, e quando botar fóra é fiado e pronto em novelos.» Assim acontece. A madrasta fica muito admirada. No outro

dia, a madrasta dá à menina uma grande tarefa de renda para fazer; é a vaquinha que a faz. Finalmente, a madrasta manda-a buscar um cesto cheio de água, o que a vaquinha também lhe faz. A madrasta desconfia e manda as suas duas filhas espiar a moça. Elas descobrem a verdade, e a madrasta diz ao marido que mate a vaquinha. A Maria conta tudo à vaca; esta diz-lhe que não tenha medo, e que se ofereça para ir lavar os intestinos (*fato*); dentro deles há de encontrar uma varinha, que lhe há de dar tudo quanto lhe pedir; depois de lavar os intestinos, há de largar a gamela pela corrente abaixo e ir acompanhá-la; mais adiante há de encontrar um velhinho chagado e com fome; deve lavar-lhe as feridas e a roupa, e dar-lhe de comer; ainda mais adiante há de encontrar uma casinha com uns gatos e cachorrinhos muito magros e com fome, e a casinha muito suja: deve varrer a casinha e dar de comer aos bichos. Assim acontece. Arrumada a casa, a Maria esconde-se atrás da porta.

Chegam as donas da casa, que são três velhas, e fadam a menina.

A mais moça diz:

«Manas, faiemos; faiemos, manas: permita a Deus que quem tanto bem nos fez, lhe apareçam uns chapins de ouro nos pés.» A do meio diz: «Manas, faiemos, manas: permita a Deus que quem tanto bem nos fez, lhe nasça uma estrela de ouro na testa». A mais velha diz: «Faiemos, manas: permita a Deus que quem tanto bem nos fez, quando falar lhe saiam faíscas de ouro da bôca».

A Maria leva para casa todos êstes dons. As filhas da madrasta querem arranjar as mesmas prendas; mas a Maria ensina-lhes tudo ao contrário, de fórma que são castigadas. Ora a Maria arranja ricos vestidos e carruagens, por meio da varinha de condão, e vai a três festas, onde se encontra com o filho do rei. O príncipe manda pôr um cêrco para a agarrar; porêm, ela foge,

perdendo um chapim do pé, que o príncipe apanha. Seguem-se as cenas da identificação da Maria por meio do chapim, do seu casamento com o filho do rei, e do castigo da madrasta, que tem um ataque e cai para trás.

— Num conto gaélico (escossês) narra-se o seguinte:

Uma rainha maltrata a sua enteada, mandando-a guardar ovelhas, e não lhe dando de comer. Ora uma ovelha cinzenta dá-lhe de comer. A rainha manda espreitá-la, e mata a ovelha. Ora a ovelha tinha dito à enteada que juntasse a pele e os ossos.

Seguem-se os episódios do sapatinho de ouro perdido e do casamento com um príncipe.

*
* *

No oriente temos dois contos da mesma família. Um conto árabe das *Mil e uma noites* é do seguinte teor (Mardrus, t. XIV, p. 109):

Três irmãs são filhas do mesmo pai, mas não da mesma mãe. Fiam linho para ganharem a vida. A mais nova trabalha melhor e mais do que as irmãs, que lhe teem inveja. Ora ela compra um pote de flores com uma rosa; o pote é mágico, pois dá-lhe lindos vestidos e dôces. O rei dá uma festa. A menina vai ao pálácio, e, ao fugir, perde uma pulseira. O filho do rei encontra a menina e casa com ela. As irmãs espetam-lhe uns alfinetes na cabeça, transformando-a numa rolinha. O príncipe apanha a rolinha, que vem pousar à janela; tira-lhe os alfinetes da cabeça e desencanta-a. As duas irmãs morrem de inveja e de ciumes. — Cosquin cita um conto indiano (t. I, p. 253) resumido na *Callcutta Review*:

Como em alguns contos europeus, é a vaca que ajuda a menina perseguida pela madrasta. A vaca alimenta a menina com o seu leite. A madrasta resolve mandar matar a vaca. Esta diz à menina que enterre os ossos,

os chifres e a pele, mas que não coma a carne. Um dia, um príncipe quere escolher noiva. A filha da madrasta vai ao palácio. A vaca resuscita e dá à sua protegida belos vestidos e sandálias de ouro. Segue-se o episódio da sandália perdida. Quando o príncipe vem buscar a menina escondida, o galo acusa a presença dela. O príncipe casa com ela; a madrasta e a filha são castigadas.

*
* *

A comparação do conto norueguês com o português de Lagos, o grego moderno e os outros em que se enterram alguns restos do animal morto, indica que primitivamente no conto norueguês também se deviam enterrar êsses restos debaixo duma lage. Para a lage se levantar no conto de Lagos, a menina tem que lhe dar três pancadas. No conto norueguês, o touro diz à menina que o mate e esfole, e que guarde a pele em certo sítio. Quando precisar dêle, bastará dar uma pancada com uma vara nesse sítio. Pelo estreito parentesco existente entre o conto de Lagos e o norueguês, e pela comparação dêstes dois com a variante grega moderna, não resta dúvida que no conto norueguês havia igualmente uma lage, debaixo da qual a menina encontrava ricos vestidos, etc. Por consequência, não será êrro se classificarmos êsses três contos como pertencentes a um grupo á parte, ou seja ao primeiro grupo. Colocaremos no segundo grupo as versões em que certos restos do animal morto fazem nascer uma árvore, que dá felicidade à menina: os dois contos russos, o francês, o alemão e o corso.

Por fim, devemos ainda distinguir um terceiro grupo de contos em que a árvore não figura: as duas versões de C. Pedroso, a de T. Braga, o conto de A. Coelho, o conto de Sylvio Roméro, a versão do Chíli, o conto indiano e a versão árabe.

*
* *

Pela comparação dos contos desta família se vê que a vaca é a mãe encantada da órfã. Assim, no conto russo n.º XVII, a menina trata a vaca por *mãezinha*. Na versão sérbia, sabemos positivamente que a vaca é a mãe encantada da orfã. No conto grego, as filhas matam a mãe, que figura em vez do animal. Isto é evidentemente uma alteração da forma primitiva. Na versão corsa, Mariucela é ajudada pela mãe, transformada numa vaca.

Veja-se ainda o conto alemão n.º 21 de Grimm, em que a menina plantou no túmulo da mãe um ramo de aveleira, regado pelas lágrimas dela; do ramo cresce uma árvore, e todas as vezes que a órfã vai chorar na sepultura da mãe, vem um passarinho branco pousar na árvore, e dá-lhe tudo quanto lhe pede. O passarinho branco é, sem dúvida, uma encorporação da alma da mãe.

Finalmente vemos que nem todas as versões portuguesas conservaram igualmente bem a tradição.

Assim, na versão de Ourilhe (A. Coelho) já não existe o episódio da vaca abatida, nem o das festas e do sapato perdido.

No conto n.º 38 coligido por C. Pedroso, o pai manda matar uma porca, o que representa uma alteração, pois o animal primitivo devia ser uma vaca. Em compensação, o conto n.º 18 de C. Pedroso, a versão algarvia de T. Braga, a variante de Lagos de At. Oliveira conservaram razoavelmente a tradição.

*
* *

É inegável o estreito parentesco existente entre o conto brasileiro e as versões portuguesas, se exceptuar-

mos a da colecção de At. Oliveira. Assim, tanto no conto de Sergipe como nas versões portuguesas, a menina pede ao pai que case com a viuva ou mestra. Os episódios da vaquinha, das tripas e da varinha de condão também são comuns aos contos portugueses e à versão brasileira. As três velhas e os cachorrinhos da versão de Sergipe correspondem às três fadas e ao cãozinho ou à cadelinha dos contos portugueses. Tanto no Brasil como em Portugal, a menina esconde-se atrás da porta. Entre as prendas que as fadas lhe dão no conto de Sergipe, consiste uma em deitar faíscas de ouro pela bôca. Ora nas colecções de T. Braga e A. Coelho, figuram pérolas em vez de faíscas de ouro, e na colecção de C. Pedroso, a menina deita pérolas e ouro pela bôca fóra. Por conseqüência, é muito provável que a versão brasileira também contivesse primitivamente o motivo das pérolas, que foi eliminado.

*
* *

A versão do Chíli é mais ou menos aparentada com os contos portugueses, excepto o de Lagos. Aparece igualmente a vaca abatida, com a diferença que a Maria lhe encontra nas tripas *una varita de virtud;* é esta varinha de condão que fornece tudo à menina.

XIX

JOÃO CACHORRO E O CAMPONÊS BRANCO

Era uma vez um rei que não tinha filhos.

Um dia, veiu ter com êle um mendigo, e o rei preguntou-lhe:

— Não sabe o que hei de fazer para ter filhos?

O mendigo respondeu-lhe:

— Juntai alguns rapazitos com algumas rapariguinhas de sete anos de idade para fazerem uma rede em uma noite; depois, com essa rede, mandai apanhar no mar uma brema (peixe) doirada, que a rainha há de comer.

Apanharam uma brema doirada e mandaram frigi-la; a cozinheira amanhou-a e deitou as tripas à cadela, dando a lavadura a três éguas.

A rainha comeu o peixe e a cozinheira chupou as espinhas.

Passado tempo, a rainha a cozinheira e a cadela tiveram cada uma seu filho, e as três

éguas tiveram três cavalos. Ora o rei pôs-lhes nomes a todos os três: um era príncipe João, outro chamava-se João Cozinheiro, e o terceiro tinha o nome de João Cachorro. Os meninos cresciam a olhos vistos, e quando já estavam crescidos, o João Cachorro disse para o príncipe João:

— Vai ter com o rei e pede-lhe licença para montarmos os três cavalos que as éguas tiveram, afim de darmos um passeio pela cidade.

O rei deu-lhes licença.

Montaram e sairam da cidade, e depois começaram a dizer um para o outro:

— Para quê havemos de viver em casa do rei? Era melhor que fôssemos ver terras estranhas.

Compraram, pois, ferro e fizeram uma clava para cada um, que pesava nove puds (1), e partiram. Daí a pouco diz o João Cachorro para os seus companheiros:

— Como havemos de seguir viagem, quando não sabemos qual de nós é o mais velho, e qual é o mais novo?

É preciso fazer com que tenhamos um irmão mais velho.

O príncipe disse que o pai o tinha designado como sendo o mais velho; mas o Cachorro disse que era preciso medir fôrças, arremessando cada um dêles uma seta.

Arremessaram as setas alternadamente: pri-

(1) O pud = 16,380 quilogr.

meiro foi o príncipe João; depois dêste foi o Cozinheiro, e finalmente, o Cachorro.

Foram andando atrás das setas e acharam a do príncipe; a seta do Cozinheiro tinha caido um pouco mais longe; mas a do Cachorro não se encontrava em parte alguma.

Foram andando, andando até chegarem a um reino muitíssimo afastado, onde encontraram a seta do Cachorro. Depois resolveram que o príncipe fôsse o irmão mais novo, o Cozinheiro o do meio, e o Cachorro, o mais velho; em seguida continuaram a viagem. Chegaram a a uma charneca, onde havia uma barraca; ao pé da barraca estava um cavalo a comer trigo e a beber hidromel.

Então o João Cachorro disse para o príncipe João:

—Vai ver quem está na barraca.

O príncipe entrou na barraca e viu o camponês Branco deitado em cima duma cama. O camponês Branco deu-lhe uma pancada na testa com o dedo mendinho, e o príncipe caíu; em seguida, o camponês agarrou nele e deitou-o debaixo da cama.

Depois o Cachorro mandou o João Cozinheiro à barraca; o camponês Branco também lhe deu um pancada na testa com o dedo mendinho e deitou-o debaixo da cama.

O Cachorro esperou, esperou, mas ninguem vinha; depois foi à barraca e deu ao camponês Branco tamanha bofetada que viu as estrêlas.

Depois tirou-o da barraca. Soprou um vento fresco, e o campónio Branco recuperou os sentidos, e pediu:

— Não me mates! aceita-me para irmão mais novo.

O João Cachorro perdoou-lhe.

Depois os quatro irmãos montaram e foram andando até chegarem a uma casa de dois andares, que tinha telhado de ouro.

Entraram nessa casa e encontraram tudo asseado e arranjado e muitas comidas e bebidas, mas não estava lá alma viva. Pensaram, pensaram e resolveram ficar lá algum tempo.

De manhã, três deles foram à caça, e o príncipe João ficou para tratar do arranjo da casa. Preparou o jantar, e depois sentou-se num banco a fumar no seu cachimbo. De repente vem um velho num almofariz encostando-se à mão de gral e pedindo esmola.

O príncipe dava-lhe um pão inteiro; mas o velho, em vez de pegar no pão, pegou nele, deitou-o no almofariz e tanto o pisou que lhe tirou um bocado de pele das costas, e atirou-a para debaixo da cama.

Quando os irmãos voltaram da caça, preguntaram ao príncipe:

— Não esteve aqui ninguêm?

— Não vi ninguem; vossês viram alguêm?

— Não, nós tambêm não vimos ninguêm.

No outro dia ficou em casa o João Cozinheiro; emquanto os irmãos foram à caça, pre-

parou o jantar, e depois sentou-se num banco a fumar no seu cachimbo. De repente vem o velho do almofariz, encostando-se à mão de gral e pedindo esmola. O Cozinheiro dava-lhe um pão; mas o velho, em vez de pegar no pão, pegou nele e deitou-o no almofariz, e tanto o pisou que lhe tirou a pele das costas, e atirou-a para debaixo da cama.

Quando os irmãos voltaram da caça, preguntaram:

— Não esteve aqui ninguêm?

— Não, ninguem, então vossês viram alguêm?

— Não, nós tambêm não vimos ninguêm.

No terceiro dia ficou em casa o camponês Branco; preparou o jantar, e depois sentou-se num banco a fumar no seu cachimbo. De repente vem o velho do almofariz, encostando-se à mão de gral e pedindo esmola. O camponês Branco dava-lhe um pão; mas o velho, em vez de pegar no pão, pegou nele e deitou-o no almofariz, e tanto o pisou que lhe tirou a pele das costas, e atirou-a para debaixo da cama.

Quando os irmãos voltaram da caça, preguntaram:

— Não viste ninguêm?

— Eu não; então vossês viram alguêm?

— Nós tambêm não vimos ninguêm.

No quarto dia ficou em casa o João Cachorro; preparou o jantar, e depois sentou-se num banco a fumar no seu cachimbo. De repente vem o velho, do almofariz, encostando-se à mão de

gral, e pedindo esmola. O Cachorro dava-lhe um pão; mas o velho, em vez de pegar no pão, pegou nele e deitou-o no almofariz; o almofariz partiu-se em bocados.

O João Cachorro agarrou o velho pela cabeça e levou-o para ao pé dum cepo; depois rachou o cepo ao meio e entalou-lhe as barbas, e voltou para casa.

Quando os irmãos vinham da caça, o príncipe preguntou-lhes:

— Não lhes aconteceu nada? eu cá tenho a camisa agarrada ao corpo.

Os irmãos responderam:

— Nós também apanhámos, que nem podemos tocar nas costas. Maldito velho! provávelmente também esfolou o Cachorro.

Chegaram a casa e preguntaram ao João Cachorro:

— Então não esteve aqui ninguêm?

O Cachorro disse:

— Esteve aqui um malvado, mas apanhou.

Que lhe fizeste?

— Rachei um cepo ao meio e entalei-lhe as barbas.

— Vamos ver isso!

Foram ver o velho, mas nem a sombra dêle encontraram. Quando se viu entalado no cepo, puxou tanto que arrancou o cepo com a raiz e levou-o para o outro mundo; e vinha do outro mundo até a sua casa, que tinha telhado de ouro.

Os irmãos foram-lhe na piugada, até que chegaram a uma montanha. Na montanha havia um alçapão. Abriram-no; depois ataram uma pedra a uma corda e deitaram-na ao poço; quando a pedra chegou ao fundo, tiraram-na e amarraram o João Cachorro à corda.

O Cachorro disse:

— Daqui a três dias, quando eu abanar a corda, tirai-me imediatamente.

Então fizeram-no descer ao outro mundo.

Êle lembrou-se das princesas que três serpentes tinham raptado e levado para o outro mundo, e resolveu procurá-las. Foi andando, andando até que chegou a uma casa de dois andares, donde saíu uma rapariga e disse:

— Que andas tu a fazer aqui ao pé da nossa casa?

— Que tens tu com isso? Dá-me primeiro água para me lavar, e dá-me de comer e de beber, e depois pregunta.

Ela trouxe-lhe água, e deu-lhe de comer e de beber, e depois levou-o à princesa.

— Bom dia, linda princesa!

— Bom dia, cavalheiro! que é o que te tráz cá?

— Venho tirar-te daqui; quero combater com o teu marido.

— Isso tiras tu! Meu marido é muito forte e tem seis cabeças!

— Olha, eu só tenho uma, mas hei de combater com êle, se Deus quizer.

A princesa escondeu-o atrás da porta, mas eis que uma serpente vinha a voar e a dizer:

— Cheira-me aqui a russos!

A princesa respondeu:

— Voaste sôbre a Rússia, meu querido, e trazes de lá o cheiro.

Depois ela deu-lhe de cear, e soltou um grande suspiro.

— Porque estás tu a suspirar tanto, minha querida?

— Então não hei de suspirar? há quatro anos que estou contigo, e não tornei a ver pai, nem mãe. Se alguêm da minha família viesse aqui, o que é que lhe fazias?

— O que lhe fazia? Dava-lhe de beber e divertia-me com êle.

Nisto vem o João Cachorro do seu esconderijo.

— Olá, Cachorro, disse a serpente, viva, vens combater ou fazer as pazes?

— Quero combater, disse o Cachorro.

O João Cachorro matou a serpente com uma pancada, queimou-a e deitou as cinzas ao vento. Depois a princesa deu-lhe um anel, e êle foi-se embora.

Foi andando, andando até que chegou a outra casa de dois andares; saíu-lhe ao encontro uma rapariga e preguntou-lhe:

— Que andas tu a fazer aqui ao pé da nossa casa?

— Que tens tu com isso? Dá-me primeiro

água para me lavar, e dá-me de comer e de beber, e depois pregunta.

Ela trouxe-lhe água, e deu-lhe de comer e de beber, e depois levou-o à princesa.

Que é que te trás cá? preguntou a princesa:

— Venho tirar-te daqui, quero combater com o teu marido.

— Não pódes combater com o meu marido; é muito forte e tem nove cabeças!

— Olha, eu só tenho uma, mas hei de combater com êle, se Deus quiser.

A princesa escondeu o hóspede atrás da porta, mas eis que uma a serpente vinha a voar e a dizer:

— Cheira-me aqui a russos!

A princesa respondeu:

— Voaste sôbre a Rússia, e trazes de lá o cheiro.

Depois ela deu-lhe de cear, e soltou um grande suspiro.

— Porque estás tu a suspirar, minha querida?

— Então não hei de suspirar, se não tenho visto pai, nem mãe? Se alguêm da minha família viesse aqui, o que é que lhe fazias?

— Dava-lhe de beber e divertia-me com êle.

Vem o João Cachorro do seu esconderijo.

— Olá, Cachorro, viva, disse a serpente; vens combater ou fazer as pazes?

— Quero combater, disse o Cachorro.

O João Cachorro matou a serpente com uma pancada, queimou-a, e deitou as cinzas ao vento.

Depois a princesa deu-lhe um anel, e êle foi-se embora.

Foi andando, andando até que chegou a outra casa de dois andares. Saíu-lhe ao encontro uma rapariga e preguntou-lhe:

— Que andas tu a fazer aqui ao pé da nossa casa?

— Dá-me primeiro água para me lavar, e dá-me de comer e de beber, e depois pregunta.

Ela trouxe-lhe água, e deu-lhe de comer e de beber, e depois levou-o à princesa.

— Bom dia, João Cachorro, que é o que te traz por cá?

— Venho buscar-te; quero tirar-te à serpente.

— Não pódes tirar-me; o meu marido é muito forte e tem doze cabeças.

— Olha, eu tenho só uma, mas hei de combater com êle, se Deus quiser.

Depois êle entrou no aposento, onde a serpente de doze cabeças estava a dormir e a suspirar com tanta fôrça que o tecto estremecia; ao canto via-se uma clava de quarenta puds. João Cachorro pôs a sua clava a um canto, e pegando na da serpente, deu-lhe tamanha pancada, que o telhado saltou da casa. Matou a serpente de doze cabeças, queimou-a e deitou as cinzas ao vento.

A princesa deu-lhe um anel e disse:

— Quero viver aqui contigo.

Mas êle queria levá-la.

Ora a princesa não queria deixar as suas coisas; por isso agarrou em toda a sua riqueza e meteu-a num ovo de ouro, e deu o ovo ao João Cachorro; êle meteu o ovo na algibeira e voltou com ela à casa das irmãs dela. A princesa do meio escondeu a sua fortuna num ovo de prata, e a mais nova guardou a dela num ovo de cobre, e também deram os ovos ao Cachorro.

Quando os quatro chegaram ao poço, o João Cachorro amarrou a princesa mais nova à corda e abanou a corda, dizendo-lhe:

— Quando estiveres em cima, grita: Ó príncipe. E êle responde-te: Que é? E tu diz-lhe: Sou tua!

Depois amarrou a segunda princesa à corda, e abanou a corda, para a içarem, dizendo-lhe:

— Quando estiveres em cima, grita: Ó Cozinheiro! E êle responde-te: Que é? E tu diz-lhe: Sou tua!

Depois o Cachorro amarrou a terceira princesa à corda dizendo-lhe:

— Quando estiveres em cima, cala-te, e serás minha.

Tiraram a princesa, e ela estava calada; então o camponês Branco ficou zangado e, quando içavam o João Cachorro, o Branco cortou a corda.

O Cachorro caíu, depois levantou-se e foi ter com o velho. O velho preguntou-lhe:

— Que é o que te traz cá?

— Venho combater.

Começaram a lutar; lutaram, lutaram até que ficaram cançados, e foram beber água. Mas o velho enganou-se e deu ao Cachorro água que dava fôrça, bebendo êle próprio água ordinária.

Ora o João Cachorro ficou muito forte, e o velho disse-lhe:

— Não me mates! Vai à adega e tira a pederneira, o fusil e três qualidades de lã, que te hão de ser úteis.

O João Cachorro tirou a pederneira, o fusil e as três qualidades de lã; feriu lume com a lã cinzenta, e apareceu-lhe um cavalo cinzento, que levantava grandes torrões de terra com os cascos, e deitava muito fumo da bôca e das orelhas.

O Cachorro preguntou-lhe:

— De quanto tempo precisas tu para me levares para o outro mundo?

O cavalo respondeu:

— O mesmo que os homens para fazerem o jantar.

O cachorro feriu lume com a lã castanha, e apareceu-lhe um cavalo castanho, que levantava grandes torrões de terra com os cascos, e deitava muito fumo da bôca e das orelhas.

O cachorro preguntou-lhe:

— De quanto tempo precisas tu para me levares para o outro mundo?

O cavalo respondeu:

— Menos do que os homens para jantarem.

Depois feriu lume com a lã ruiva, e apareceu-lhe um cavalo alazão, que levantava grandes torrões de terra com os cascos, e deitava muito fumo da bôca e das orelhas. O cachorro preguntou-lhe:

— De quanto tempo precisas tu para me levares para o outro mundo?

O cavalo respondeu-lhe:

— Menos que tu para cuspir.

O Cachorro montou nesse cavalo e foi para a terra dêle. Depois foi ter com um ourives e disse-lhe:

— Quero ser o teu ajudante.

Ora a princesa mais nova encomendou ao ourives um anel de ouro para o casamento dela; e quando o ourives ia a fazer o anel, o João Cachorro disse-lhe:

Espera aí, vou fazer-te o anel, mas hás de me dar um saco cheio de nozes.

O ourives deu-lhe um saco cheio de nozes; o Cachorro comeu as nozes, e em seguida pôs-se a martelar num bocado de ouro; depois tirou o anel da princesa, limpou-o e deu-o ao patrão.

A princesa, quando no sábado veiu buscar o anel, exclamou:

— Ó, que lindo anel! dei um anel igual ao João Cachorro, mas êle não está neste mundo.

E convidou o ourives para o seu casamento.

No outro dia, o ourives foi para o casamento; e o João Cachorro ficou em casa, feriu lume

com a lã cinzenta, e apareceu-lhe o cavalo cinzento, que lhe preguntou:

— Que queres de mim?

O Cachorro disse:

É preciso ir arrancar a chaminé à casa dos noivos.

— Vamos a isso, disse o cavalo.

O Cachorro montou e foi arrancar a chaminé à casa dos noivos; todos então assustaram-se e gritaram e foram-se embora.

A princesa do meio levou ouro ao ourives, e encomendou-lhe um anel. O João Cachorro disse para o ourives.

— Dá-me dois sacos cheios de nozes, que te faço o anel.

— Está bem, faze-o, disse o ourives.

O Cachorro comeu as nozes, em seguida pôs-se a martelar num bocado de ouro; depois tirou o anel da princesa, limpou-o e deu-o ao patrão.

A princesa quando viu o anel, exclamou:

— Que lindo anel! dei um exactamente igual ao João Cachorro, mas êle não está neste mundo.

Ela levou o anel, e convidou o ourives para o seu casamento.

Quando o ourives tinha ido para o casamento, o João Cachorro feriu lume com a lã castanha, e apareceu-lhe o cavalo castanho, que lhe preguntou:

— Que queres de mim?

O Cachorro disse:

— É preciso ir arrancar o telhado à casa dos noivos.

— Vamos a isso, disse o cavalo:

O Cachorro montou e foi rápidamente arrancar o telhado à casa dos noivos; então começaram todos a gritar e a disparar armas contra o cavalo, mas não lhe acertaram e foram-se embora.

Depois foi a princesa mais velha encomendar um anel, dizendo:

— Eu não queria casar com o camponês Branco, mas provávelmente Deus assim o quis.

O João Cachorro disse para o ourives:

— Dá-me três sacos cheios de nozes, que te faço o anel.

Desta vez também comeu as nozes, em seguida pôs-se a martelar num pedaço de ouro; depois tirou o anel da princesa, limpou-o e deu-o ao ourives.

No sábado, a princesa veio buscar o anel, e ao vê-lo, exclamou:

— Que lindo anel! Meu deus! quem to deu? Dei um exactamente igual ao meu amado.

Ela convidou o ourives para o seu casamento.

No outro dia, o ourives foi para o casamento, e o João Cachorro, que ficou em casa, feriu lume com a lã ruiva; apareceu-lhe o cavalo alazão e preguntou-lhe:

— Que queres de mim?

O Cachorro disse:

—Leva-me já à casa dos noivos, para lhe arrancarmos o tecto e agarrarmos o camponês Branco pelos cabelos!

— Vamos a isso, disse o cavalo.

O cavalo levou-o rápidamente, e o Cachorro arrancou o tecto da casa, e depois agarrou o camponês Branco pelos cabelos, levantando-o muito alto e deixando-o cair no chão: o camponês Branco ficou em papas.

Depois o João Cachorro desceu, e abraçou e beijou a sua noiva. Quando o príncipe João e o Cozinheiro o viram, ficaram muito contentes. Todos êles casaram, cada um com a sua princesa, e viveram muito felizes.

XX

O BICHO NORKA

Era uma vez um rei e uma rainha, que tinham três filhos: dois espertos e um parvo. O rei tinha uma quinta com animais de toda a casta; ali vinha, todas as noites, um grande bicho, chamado Norka, e causava grandes estragos, comendo os animais. Por mais que o rei fizesse, não conseguia matá-lo. Ora o rei chamou os filhos e disse-lhes:

— Dou a metade do meu reino àquele de vós que matar o bicho Norka.

Ofereceu-se o mais velho. Assim que anoiteceu, pegou numa arma e saiu; mas em vez de ir á quinta, foi para uma taberna, onde se divertiu toda a noite.

Ao romper do dia, lembrou-se do recado, mas já era tarde. Êle tinha vergonha de se mostrar ao pai, mas não teve outro remédio.

No outro dia, o irmão do meio fez a mesma

coisa. O pai ralhou muito com êles, e por fim calou-se.

No terceiro dia foi o mais novo. Todos se riam dêle, pois julgavam que não faria nada, por ser parvo; mas êle pegou numa arma e foi directamente à quinta e sentou-se na relva. Aparece o bicho Norka a correr e, saltando as grades, entra na quinta. O príncipe levantou-se, benzeu-se e foi direito ao bicho, que fugiu.

O príncipe deitou-se a correr atrás dêle, mas como viu que, a pé, não o apanhava, foi à cavalariça, tirou o melhor cavalo que lá havia, e correu atrás do bicho. Quando o apanhou, começaram a bater-se; bateram-se, bateram-se até que o príncipe fez ao bicho três feridas. Quando já não podiam mais, deitaram-se a descansar; mas assim que o príncipe adormeceu, o bicho levantou-se e safou-se. Ora o cavalo acordou o príncipe, que se levantou e correu atrás do bicho. Quando o apanhou, começaram outra vez a lutar. O príncipe fez-lhe mais três feridas, e ambos tornaram a deitar-se a descansar. O bicho tornou a safar-se; o príncipe apanhou-o e fez-lhe mais três feridas; e quando corria atrás dêle pela quarta vez, o bicho chegou a uma grande pedra branca, levantou-a e safou-se para o outro mundo, dizendo ao príncipe:

— Só poderás vencer-me, se vieres aqui.

O príncipe voltou para casa e contou tudo ao pai, pedindo-lhe que mandasse fazer uma corda de couro, tão comprida que chegasse até o outro

mundo. O pai mandou fazê-la. Quando a corda estava pronta, o príncipe chamou os irmãos e alguns criados, e levando tudo que era preciso para um ano, partiram para o sítio onde o bicho se tinha safado debaixo da pedra. Depois fizeram lá um palácio para onde foram viver. E quando estavam preparados, o mais novo disse para os irmãos:

— Agora quero ver qual de vós levanta esta pedra?

Nenhum foi capaz de a deslocar; mas êle agarrou na pedra, que voou e foi cair muito longe. Depois disse para os irmãos:

— Qual de vós quere ir ao outro mundo matar o bicho Norka?

Nenhum se ofereceu; mas o príncipe, rindo-se da cobardia deles, disse:

— Então, adeus! meus irmãos; fazei-me descer ao outro mundo, mas não vos afasteis dêsse lugar; e quando a corda estremecer, puxai-me para cima.

Os irmãos fizeram-no descer.

Quando o príncipe chegou ao outro mundo, debaixo da terra, foi andando, andando, até que encontrou um cavalo com um rico arnez, que lhe disse:

— Bom dia, príncipe João; há muito tempo que estou à tua espera.

Êle montou no cavalo e partiu.

Foi andando, andando, até que avistou um palácio de cobre. Entrou no pátio, prendeu o

cavalo e entrou no palácio. Encontrou o jantar pronto. Sentou-se e jantou, e depois foi para um quarto de dormir, onde encontrou um leito, e deitou-se a descansar. Veio uma rapariga muito linda que disse:

— Quem está na minha casa? Se fôr velho, é o pai, se fôr de meia idade, é o irmão; e se fôr novo, é um esposo querido; e se fôr uma velha, é avó; se fôr de meia idade, é a mãe, se fôr nova, é minha irmã.

Êle mostrou-se. Assim que ela o viu, ficou muito contente e disse:

— Para que vieste aqui, príncipe João? Hás-de ser meu esposo querido.

Êle contou-lhe tudo. Ela disse:

— O bicho que queres matar é meu irmão, e está agora em casa de minha irmã do meio, perto daqui, no palácio de prata. Curei-lhe três feridas que lhe fizeste.

Em seguida beberam e divertiram-se, depois o príncipe despediu-se dela e foi visitar a outra irmã, que vivia num palácio de prata.

Esta disse-lhe que o seu irmão Norka estava em casa da irmã mais nova.

Êle partiu para a casa da mais nova, que vivia num palácio de ouro. A mais nova disse-lhe que o seu irmão estava a dormir no mar azul, e depois de lhe dar de beber, deu-lhe uma espada, e disse-lhe que cortasse a cabeça ao irmão.

Êle ouviu tudo e foi-se embora.

Quando o príncipe chegou ao mar azul, viu que Norka estava a dormir, no meio do mar, sôbre uma pedra, ressonando de tal forma que fazia ondas a sete léguas de distância. Benzeu-se, foi ao bicho e deu-lhe uma espadeirada na cabeça. Ao saltar, a cabeça disse:

— Agora estou perdido! e caiu ao mar.

Morto o bicho, o príncipe voltou em companhia das três irmãs, pois queria trazê-las para êste mundo, e elas não queriam separar-se dêle, porque gostavam dêle.

Cada uma delas transformou o seu palácio num ovinho (porque eram feiticeiras); também ensinaram ao príncipe como se transformava um ovinho num palácio e ao contrário; depois deram-lhe os ovinhos e foram ao sítio onde haviam de ser içados. Quando chegaram à corda, o príncipe assentou as raparigas e puxou a corda; os irmãos dêle içaram-nas, e vendo que eram muito lindas, afastaram-se delas e disseram:

— Baixemos a corda para içarmos o nosso irmão, depois cortemos a corda, para êle cair e morrer, aliás não nos deixa casar com estas lindas raparigas.

Feita a combinação, baixaram a corda. Mas o irmão deles, que não era parvo, adivinhou o que o esperava; por isso meteu uma pedra (no cesto) e puxou a corda; os irmãos içaram-no alto e cortaram a corda. A pedra caiu e despedaçou-se. O príncipe chorou e foi-se embora.

Foi andando, andando por aí fora. De repente

levantou-se uma tempestade com relâmpagos, trovões e chuva. Êle foi abrigar-se debaixo duma árvore, e viu nos ramos da árvore alguns passarinhos completamente molhados; despiu o fato que trazia, e tapou-os, sentando-se, em seguida, debaixo da árvore. De repente, vem uma ave a voar, e era tão grande que obscurecia os ares; era a mãe dos passarinhos, que o príncipe tinha tapado.

Quando a ave viu que os seus filhinhos estavam tapados, disse:

— Quem tapou os meus filhinhos?

E ao avistar o príncipe, disse-lhe:

— Foste tu que os cobriste? Pois então muito obrigado. Pede-me o que quizeres, que hei de fazer tudo por ti.

Êle disse:

— Leva-me daqui para o outro mundo.

Ela respondeu:

— Arranja um grande cesto cheio de caça e traze água, para me dares de comer e beber no caminho.

O príncipe arranjou tudo. Em seguida pôs o cesto em cima da ave e sentou-se lá dentro, e a ave voou. Foi voando, voando até que o levou para fora; depois despediu-se dêle, e voltou. O príncipe foi-se embora e empregou-se em casa dum alfaiate; vinha tão esfarrapado e estava tão mudado que ninguêm diria que era filho dum rei.

Agora que o príncipe era oficial de alfaiate,

começou a pedir ao seu patrão informações acêrca daquele reino. O patrão disse-lhe:

— Os nossos dois príncipes (pois o terceiro tinha-se perdido) trouxeram noivas do outro mundo e querem casar; mas as noivas têm teimado; querem que se lhes arranjem para o casamento vestidos iguais aos que tinham no outro mundo, e sem medida. O rei já chamou todos os alfaiates, mas nenhum deles quis encarregar-se do trabalho. Depois de ouvir tudo, o príncipe disse:

— Vá, patrão, ter com o rei, e diga-lhe que póde fazer-lhe os vestidos.

O patrão disse:

— Não posso encarregar-me dos vestidos, pois apenas sei trabalhar para o povo.

O príncipe disse:

— Vá, patrão, que eu respondo por tudo. O patrão foi. O rei ficou contente, por ter afinal encontrado, pelos menos, um mestre, e deu-lhe muito dinheiro. Depois o patrão foi para casa.

O príncipe disse-lhe:

— Pois bem, reze e deite-se; amanhã está tudo pronto.

O patrão assim fez.

Quando passava de meia-noite, o príncipe levantou-se e foi para o campo; depois tirou da algibeira os três ovinhos que as noivas lhe tinham dado, e transformou-os em três palácios. Entrou nos palácios e levou os vestidos que lá

encontrou; depois saíu, transformou os palácios em ovinhos, e foi para casa.

Quando chegou a casa, pendurou os vestidos na parede, e deitou-se.

O patrão levantou-se cedo e viu uns vestidos, como nunca tinha visto outros iguais! não se via senão brilhar ouro e prata e pedras preciosas. Ele ficou muito contente, e levou os vestidos ao rei.

Quando as princesas viram os seus vestidos do outro mundo, perceberam que o príncipe João já estava nêste mundo; poseram-se a olhar uma para a outra, mas calaram-se.

O alfaiate, depois de entregar os vestidos, foi para casa, mas não encontrou o seu rico oficial.

O príncipe tinha-se ido embora e tinha-se empregado em casa dum sapateiro. Por indicação do príncipe, o sapateiro tambêm fez obra para o rei e ganhou muito dinheiro.

Dêste modo, o príncipe correu todas as oficinas, e os patrões eram-lhe muito gratos, por terem ganho dinheiro com o rei.

Ora emquanto o príncipe corria todas as oficinas, as princesas receberam tudo que desejavam; já tinham vestidos iguais aos que tinham deixado no outro mundo; mas choravam muito, por verem que o príncipe não vinha; todavia não podiam recusar-se a casar.

Quando iam casar, a noiva mais môça disse para o rei:

— Peço licença, meu senhor, para ir pessoalmente dar esmola aos pobres.

Êle deu-lhe licença.

Ela foi distribuir esmola, reparando nos pobres. Chegou-se a um deles, e ao dar-lhe esmola, avistou-lhe o anel que ela tinha dado ao príncipe no outro mundo, e os aneis das suas irmãs (era êle); depois agarrou-o pela mão e levou-o à presença do rei e disse:

— Foi êste que nos tirou do outro mundo. Os irmãos proibiram-nos de dizer que era vivo, sob pena de morte.

O rei castigou os filhos. Depois celebraram-se três casamentos, e todos viveram muito felizes.

XXI

OS TRÊS REINOS

Era uma vez um velho e uma velha, que tinham três filhos chamados Jorge, Miguel e João. Um dia, os pais, que queriam casar os filhos, mandaram o mais velho procurar noiva.

Correu muitas terras e viu muitas raparigas, mas nenhuma lhe agradou. Depois encontrou no caminho uma serpente de três cabeças, e assustou-se; mas a serpente preguntou-lhe:

— Onde vais, bom rapaz?

O Jorge disse:

— Tenho andado à procura de noiva, mas não encontrei nenhuma que me agradasse.

A serpente disse:

— Vem comigo, que talvez arranjes noiva.

Foram andando, andando, até que chegaram a uma grande pedra.

— A serpente disse:

— Tira a pedra, que lá acharás quanto quizeres.

O Jorge tentou tirá-la, mas não o conseguiu.

A serpente disse-lhe:

— Então não arranjas noiva.

O Jorge voltou para casa e contou tudo ao pai. Os pais poseram-se a pensar no que haviam de fazer, e mandaram o filho do meio, o Miguel. A êste aconteceu a mesma coisa. Então os velhos pensaram, pensaram, mas por mais que pensassem, não atinavam no que haviam de fazer, pois não queriam mandar o João, por saberem que êle não faria nada.

Mas o João pediu aos pais que o deixassem ir ter com a serpente; a princípio, êles não queriam deixá-lo ir, mas depois deixaram-no. O João foi andando, andando, até que encontrou a serpente de três cabeças. A serpente preguntou-lhe:

— Onde vais, bom rapaz?

Êle disse:

— Meus irmãos queriam casar, mas não poderam arranjar noiva; e agora é a minha vez.

— Pois bem, vem comigo, que te ensino como hás de arranjar noiva.

A serpente foi com o João à mesma pedra, e disse-lhe que a tirasse do seu lugar. O João agarrou na pedra, que voou como se tivesse azas; no lugar da pedra havia um buraco na terra, e umas correias.

Então a serpente disse:

— Ó João! senta-te nas correias; faço-te des-

cer lá abaixo, e quando lá estiveres, irás indo até chegares a três reinos, e em cada um dos reinos encontrarás uma donzela.

O João desceu e foi andando, andando até que chegou ao reino de cobre; entrou e viu uma bela rapariga.

A rapariga disse-lhe:

— Bemvindo, caro hóspede! vem sentar-te e dize-me donde vens e onde vais.

— Ah, minha linda, disse o João, ainda não me deste de comer e beber, e já queres saber notícias.

Então a rapariga pôs na mesa toda a casta de comidas e bebidas; o João comeu e bebeu, e começou a contar-lhe que ia arranjar noiva, pedindo-lhe que casasse com êle.

A rapariga disse:

— Não, meu caro; vai andando até chegares ao reino de prata, onde há uma rapariga ainda mais bonita do que eu.

E ela deu-lhe um anel de prata.

Então o João agradeceu à rapariga a hospitalidade, despediu-se dela e foi-se embora.

Foi andando, andando até que chegou ao reino de prata; depois entrou e viu lá uma rapariga mais bonita que a primeira.

Rezou e disse:

— Bom dia, minha linda!

Ela respondeu:

— Bemvindo, cavalheiro! senta-te e dize-me quem és, donde vens e porque entraste aqui?

— Ah, minha linda! disse o João, ainda não me deste de comer e beber, e já queres saber notícias.

Então a rapariga pôs na mesa toda a casta de comidas e bebidas. O João comeu e bebeu à vontade, e começou a contar-lhe que ia arranjar noiva, pedindo-lhe que casasse com êle. Ela disse-lhe:

— Vai andando até chegares ao reino de ouro, onde há uma rapariga ainda mais bonita do que eu.

E ela deu-lhe um anel de ouro. O João despediu-se dela, e foi-se embora. Foi andando andando até que chegou ao reino de ouro; depois entrou lá e viu uma rapariga mais bonita que todas. Rezou e cumprimentou-a. A rapariga preguntou-lhe:

— Donde vens e aonde vais?

— Ah, minha linda! disse êle, ainda não me deste de comer e beber, e já queres saber notícias.

Então ela pôs na mesa toda a casta de comidas e bebidas tão boas que melhores não se podiam exigir. O João regalou-se muito bem, e começou a contar-lhe que ia arranjar noiva, pedindo-lhe que casasse com êle.

A rapariga aceitou e deu-lhe um novelo de ouro, e foram-se embora juntos. Foram andando, andando até que chegaram ao reino de prata, levando a rapariga dêste reino; foram seguindo até que chegaram ao reino de cobre, levando também a rapariga dêste reino.

Depois foram todos ao buraco que havia na

terra, para sairem; as correias lá estavam suspensas, e os irmãos mais velhos já estavam ao pé do buraco e queriam descer para procurarem o João.

Então o João assentou nas correias a rapariga do reino de cobre e puxou a corda.

Os irmãos dêle tiraram a rapariga e tornaram a baixar as correias. O João assentou a rapariga do reino de prata, e êles içaram-na igualmente, tornando a baixar as correias; depois assentou a rapariga do reino de ouro, e êles tiraram-na tambêm, baixando em seguida as correias.

Finalmente sentou-se o João; os irmãos poseram-se a içá-lo, mas quando viram que era o João, pensaram assim:

— Ora muito bem, se o içamos, êle não nos dá nenhuma das raparigas.

Agarraram e cortaram as correias, e o João caiu lá em baixo. Que havia êle de fazer? chorou, chorou e foi-se embora. Foi andando, andando até que viu um velho sentado sôbre um tronco de árvore, com a barba até o cotovelo, e contou-lhe tudo.

O velho disse-lhe:

— Vai andando até chegares a uma cabana; na cabana está deitado um grande campónio de canto a canto; pregunta-lhe como hás de sair daqui e voltar para a Rússia.

— Então o João foi andando, andando até que chegou à cabana, onde entrou e disse:

— Poderoso Ídolo! não me mates, e dize-me como hei de voltar para a Rússia.

— Apre! disse o Ídolo, ninguêm chamou pelos ossos russos e êles vieram cá. Vai passar por trinta lagos, depois hás de encontrar uma cabana, em que vive uma bruxa velha, que tem uma águia; a águia depois levar-te há para fóra.

O rapaz foi andando, andando até que chegou à cabana; entrou na cabana, e a bruxa gritou:

— Apre! ossada russa, para que vieste cá?

Então o João disse:

— Eu digo-te, tiazinha; venho por ordem do poderoso Ídolo pedir-te que faças com que a águia me leve daqui para fóra, para a Rússia.

— Pois então vai ao jardim, disse a bruxa; ao pé da porta está uma sentinela; pede-lhe as chaves e abre sete portas; quando abrires a úitima porta, a águia há de bater as azas, e se não tiveres medo dela, monta-a e vôa; mas hás de levar carne, e quando a águia olhar para trás, dá-lhe um bocado de carne.

O João fez tudo conforme as ordens da bruxa velha, montou a águia e voou. Foi voando, voando, e quando a águia olhava para trás, o João dava-lhe um bocado de carne, até que gastou toda a carne que tinha. Mas ainda era longe. Então a águia olhou para trás, e como viu que já não havia mais carne, tirou um bocado de carne da testa do João e comeu-a, depois atravessou com êle o buraco e levou-o para cima, para a Rússia.

Quando o João se apeou, a águia cuspiu o bocado de carne que lhe tinha arrancado, e disse-

-lhe que o possese na testa. O João assim fez, e a testa cicatrizou-se.

Quando o João chegou a casa, tirou aos irmãos a rapariga do reino de ouro, e viveram muito felizes.

CRÍTICA

XIX. — **João Cachorro e o camponês Branco.**
XX. — **O bicho Norka.**
XXI. — **Os três reinos.**

Segue-se o resumo dum conto do Algarve (At. Oliveira, n.º 57):

Um pescador apanha um peixe, que lhe diz: «Pois mata-me e divide-me em oito postas, duas dá à tua égua, duas à tua cadela, duas à tua mulher e duas semea-as na estrumeira do teu quintal». O pescador assim faz. Da égua nascem dois cavalos, da cadela dois leões, da mulher dois filhos, e da estrumeira dois alfanjes. Quando os filhos estão crescidos, vão correr mundo, e o pai entrega-lhes a cada um um cavalo, um leão e um alfanje. Os irmãos vêem uma roseira com duas rosas; colhem-nas, tomando cada um a sua, e combinam entre si que logo que a rosa de um murche é que o outro está em perigo.

Tomam cada um a sua direcção. Um vai parar a uma cidade, onde uma bicha de sete cabeças quere tragar uma princesa. O rapaz, auxiliado pelo leão, mata a bicha com o alfange; depois pede à princesa um lenço, e nêle guarda as sete línguas da serpente; em seguida desaparece. O rei quere dar em casamento a filha ao salvador. Ora um preto vai á serpente, corta-lhe as cabeças, e pretende casar com a princesa. Três dias antes do casamento da princesa há três jantares riais.

O rapaz manda o leão ao palácio tirar o prato do preto; depois manda-o dar-lhe uma bofetada. O rei manda seguir o leão. O rapaz desmente o preto, provando com as línguas no lenço que foi êle quem matou a serpente, e casa com a princesa. Em seguida vai a uma tôrre, onde uma velhinha o desafia para uma luta, sendo morto. O irmão ao ver que a rosa está murcha, vai ao palácio da princesa; mas como os irmãos são muito parecidos, ela julga que é o seu marido. O rapaz deita-se com a rainha, pondo entre ambos o seu alfange. No dia seguinte, êle vai à tôrre, luta com a velhinha, e o leão vence-a. A velhinha é obrigada a resuscitar o morto com óleo santo. O resuscitado, julgando que o irmão abusou da sua esposa, mata-o; mas descobrindo que matou seu irmão inocente, exige que a velha lhe dê óleo santo. Como ela não quere dar-lho, os leões matam-na. O rapaz tira à velha o óleo, e resuscita o irmão. — Cosquin (t. I, p. 25) cita o seguinte conto indiano, coligido no Pandjab (*Indian Antiquary*, Agosto de 1881, p. 228; — *Steel and Temple*, n.º 5):

Uma rainha não tem filhos; ora um faquir dá-lhe de comer certo grão de cevada: ao cabo de nove meses nasce-lhe um filho, que vem a ser valente e forte. Um belo dia, o príncipe vai fazer uma viagem, levando comsigo três companheiros: um amolador, um ferreiro e um marceneiro.

Chegam a uma cidade deserta e entram num palácio inabitado. O amolador diz ao príncipe que se lembra de ter ouvido que um demo não deixa ninguem estabelecer-se na mesma cidade, por isso seria melhor que se fôssem embora. Mas o príncipe diz que primeiro é preciso jantar. Fica o amolador a fazer a refeição, emquanto os outros vão ver a cidade.

Estando o jantar pronto, vem um anão armado, a cavalo num rato, e exige jantar. Visto que o amolador se recusa, ameaçando esmagá-lo, o anão muda-se num gigante, que enforca o amolador no ramo duma árvore;

mas o ramo parte-se, salvando-se o enforcado. Quando os companheiros voltam, o amolador diz-lhes que teve sezões. O mesmo acontece ao ferreiro, e ao marceneiro.

Ora o príncipe mata o demo com uma espadeirada, mandando vir os habitantes da cidade, e dando-lhes como rei o amolador. Antes de seguir viagem, o príncipe planta um caule de cevada, e diz ao amolador que repare: se murchar, é sinal de que aconteceu qualquer desgraça ao plantador; então é acudir-lhe. O príncipe segue caminho em companhia do ferreiro e do marceneiro. Chegam a uma segunda cidade, onde se dão aproximadamente os mesmos factos. Na terceira cidade, o marceneiro casa com uma princesa. Depois o príncipe também casa com uma bela princesa, guardado por um génio. Mas a mulher revela ingénuamente a uma velha que a vida do príncipe depende de certa espada: se partirem a espada, êle morre. A velha furta a espada, e faz morrer o príncipe. Logo a cevada murcha, indo os três antigos companheiros do príncipe em busca dele. Encontram o cadáver do príncipe e a espada partida ao lado dele. Ora o ferreiro apanha os bocados e torna a forjar uma espada; o amolador restitui-lhe o brilho, e o príncipe resuscita.

Então o marceneiro faz um palanquim voador; com auxílio dêste, o príncipe recupera a mulher, que a velha lhe raptára.

*
* *

No conto português n.º 48 da colecção de C. Pedroso, uma mulher é raptada por um urso. Num conto coligido por T. Braga (p. 112) vem o seguinte:

Um ferreiro trata mal a mulher e põe-na fora de casa. A mulher vai para os montes, lá se agasalha numa lapa e come ervinhas do campo. Tem um menino, que também come ervas e se torna muito forte.

Pelas conversas que tem com a mãe, êle vai ter com

o ferreiro, e encomenda-lhe uma bengala de ferro de dezasseis quintais. Depois obriga o ferreiro a receber a mulher, e vai pelo mundo fora. No caminho encontra o Arranca-Pinheiros e o Arrasa-Montanhas, que o acompanham. Vão dar a uma praia onde estão duas raparigas a banhar-se, atirando uma para a outra duas bolas de vidro. O Bengala de dezasseis quintais apanha as duas bolas de vidro, mete-as na algibeira, e as duas raparigas desaparecem.

Os três amigos chegam a umas casarias, onde entram, sem verem ninguêm lá dentro. Ficam lá. O da Bengala manda os seus companheiros à caça, ficando êle a cozinhar.

Emquanto vai buscar uma pedra de sal, sai-lhe debaixo de uma mesa, por um alçapão, um molequinho de bota vermelha, vai à panela, furta-lhe tudo, mija-lhe dentro e safa-se.

Ao Arranca-Pinheiros e ao Arrasa-Montanhas acontece o mesmo. O Bengala de dezasseis quintais desce ao fundo do poço, e bate a uma porta. Vem uma mulher e diz-lhe que lá mora a Bicha de sete cabeças. O heroi esborracha a Bicha e desencanta a menina; ela é uma daquelas que o rapaz viu no banho. Êle mostra-lhe uma bola de vidro, e a menina diz-lhe que há de ter mais uma, que é da irmã dela. A menina dá-lhe um anel e diz-lhe que na ausência dêle ficará muda. Os companheiros tiram a menina do poço. O da Bengala bate a outra porta; vem uma mulher e diz-lhe que fuja por causa do molequinho, que o mata. O rapaz corta uma orelha ao molequinho, e mete-a na algibeira. Segue-se a mesma scena com a bola e com o anel. Os companheiros içam a princesa, mas largam a corda e deixam o rapaz no poço.

O rapaz pega na orelha do molequinho e ferra-lhe uma dentada. Aparece-lhe o das botas vermelhas, transforma-se num bode e tira-o do poço; depois muda-se num begueiro, e leva o rapaz para onde foram os seus

companheiros. O rei tem pena das filhas serem mudas. O begueiro leva o rapaz ao quarto das princesas; estas ao verem o seu salvador começam a falar, e contam tudo. O rapaz casa com a princesa herdeira. Os companheiros fogem. Morre o rei, e o rapaz sobe ao trono, restituindo a orelha a seu dono.

Pela comparação dêste conto com a versão de C. Pedroso, vê-se que o mesmo conto tinha primitivamente o episódio do rapto praticado pelo urso.

Segue-se o conteúdo dum conto francês (Cosquin, n.º 1):

Um urso rapta a mulher dum lenhador, levando-a para uma caverna. Passado tempo, a mulher tem um filho meio urso e meio homem, que se chama João do Urso. Aos sete anos, o menino levanta a pedra que tapa a caverna, e foge com a mãe para casa do lenhador. O menino, que é muito mau e tem uma fôrça extraordinária, anda na escola. Bate nos condiscípulos e atira com o mestre da janela abaixo. Aos quinze anos, o João emprega-se na forja dum ferreiro, onde faz uma bengala de quinhentos arráteis para seu uso, e vai pelo mundo fóra. No caminho encontra o João da Mó (*Jean de la Meule*), o Segura-Montanhas (*Appuie-Montagne*) e o Torce-Carvalhos (*Tord-Chêne*), que o acompanham. Os quatro hospedam-se num castelo. O João da Mó fica a tratar da casa, emquanto os outros vão à caça. O João da Mó deve dar aos seus companheiros o sinal de jantar, tocando um sino. Vem um gigante que o derriba.

O homem fica muito pisado, e não tem fôrça para tocar. Desculpa-se com o fumo da cozinha, que o incomoda. Segura-Montanhas e Torce-Carvalhos teem a mesma sorte; mas o João do Urso racha o gigante ao meio. Depois encontra um poço no sobrado do castelo. Os seus companheiros tentam descer ao poço por uma corda; mas ouvem berros, assustam-se e voltam. Então desce ao poço o João do Urso com a sua bengala.

No castelo subterrâneo, o heroi mata alguns diabos,

e encontra três bonitas princesas irmãs. A mais nova, que é a mais bonita, dá-lhe uma bolinha ornada com pérolas, diamantes e esmeraldas. O rapaz dá sinal com uma campainha, e os companheiros içam-na. O mesmo sucede com as outras duas. Mas quando o João do Urso quere saír do poço, os companheiros cortam a corda; êle cai e parte uma perna. Cura-se com um unguento, que uma fada lhe deu. Esta ensina-lhe o caminho para sair do subterrâneo. Sai e corre os companheiros. As princesas vão para casa. O heroi chega à terra onde reina o pai das princesas. Emprega-se na forja dum ferreiro, espalhando-se a sua fama ao longe.

Um dia, o rei encomenda ao ferreiro três bolinhas, dando-lhe um modelo. O João dá ao ferreiro as três bolas que tem na algibeira. O ferreiro leva-as ao rei, que as mostra às princesas. Estas conhecem as bolas, e contam tudo ao pai. O rei manda chamar o J. do Urso, que casa com a mais nova. Os companheiros do João são queimados.

O episódio da mulher raptada por um urso encontra-se ainda num conto catalão (Rondallayre, 1.ª série, p. 11), noutro do Tirol italiano (Schneller, p. 189), e noutro avárico, (Schiefner, n.º 2), etc. Segue-se o resumo dêste último: Um urso rapta uma princesa e faz dela sua mulher. Esta tem um filho com orelhas de urso e de uma fôrça inaudita. Um dia, a mãe conta-lhe toda a historia. O rapaz mata o urso; depois manda a mãe para a sua terra, e êle vai pelo mundo fóra. Emprega-se em casa dum rei, que tem medo da sua fôrça e quere ver-se livre dele. Orelha-de-Urso encontra um homem que leva nos braços dois plátanos arrancados com as raízes; associam-se os dois e partem.

No caminho arranjam ainda um companheiro que faz andar um moinho sôbre os joelhos. Estabelecem-se os três em certo sítio, e vivem de caça. Estando os companheiros de Orelha-de-Urso alternadamente a preparar a refeição, vem um anão com uma barba comprida, a ca-

valo numa lebre coxa, maltrata-os e come toda a carne. Porêm, Orelha-de-Urso agarra no anão e entala-lhe a barba na fenda dum plátano. O anão consegue escapar-se.

Os companheiros vão-lhe na piugada, até chegarem a um poço. Fazem descer ao poço o Orelha-de-Urso.

Êste encontra num palácio uma princesa, prisioneira do anão; o rapaz mata o anão. Os companheiros tiram a princesa do mundo inferior, mas deixam lá o Orelha-de-Urso. Em seguida, o heroi liberta uma princesa dum dragão de nove cabeças, que devora todos os anos uma menina. Orelha-de-Urso salva os filhos duma águia, ameaçados por uma serpente; para lhe agradecer, a águia tira-o do subterrâneo. Chegado a casa, encontra os dois companheiros a lutarem por causa da princesa. Êle derruba-os ambos, leva a menina para a casa do pai dela, e casa com ela.

*
* *

Segue-se uma variante do Algarve (At. Oliveira, n.º 18):

Um rei tem três filhos. O monarca nota que a roseira do seu jardim está muito enxovalhada, e parte das rosas desfolhadas. O jardineiro espreita: à meia-noite vem um grande fantasma, e o jardineiro finge que dorme. O mesmo sucede ao rei.

O mais velho dos filhos vai espreitar o fantasma, levando consigo uma pequena tôrre de cobre, que tem na sala. O fantasma leva-lhe a tôrre. No segundo dia, vai o filho do meio, levando uma tôrre de prata. Sucede-lhe o mesmo. No terceiro dia vai o mais novo, levando uma tôrre de ouro. Vem o fantasma, e o rapaz dá-lhe um grande golpe com o alfange. O fantasma fóge; mas as pingas de sangue que verteu denunciam o caminho que seguiu.

Os príncipes seguem o rasto, que desaparece junto de um poço. O mais velho desce amarrado a uma corda, mas dá sinal que o tirem do poço. O do meio faz o

mesmo. Desce o mais novo, e encontra uma velha. Esta diz-lhe que se vá embora, senão o gigante mata-o, pois está de cama ferido. O rapaz corta a cabeça ao gigante. Depois vê muitas chaves na parede; pega nas chaves, abre portas e vai dar a um jardim, onde vê a tôrre de cobre do seu irmão transformada em uma tôrre enorme, e à janela uma formosa menina. Esta oferece-lhe uma pequena caixa de cobre. Depois êle vê uma tôrre de prata e uma de ouro. As meninas das tôrres oferecem-lhe respectivamente uma caixa de prata e uma de ouro; elas desejam saír dali. Tiram as meninas do poço; mas deixam caír o mancebo. O rapaz abre a caixa de ouro: salta um boneco e diz-lhe que peça o que quiser. O príncipe sai para fóra do poço às costas do boneco; depois prende o boneco na sua caixa de ouro. O príncipe disfarçado vai servir em casa do alfaiate do paço. Vem a saber que seu pai prometeu em casamento a princesa mais nova àquele que saísse vitorioso dumas lutas e torneios. O boneco fornece-lhe um cavalo e vestes, para êle entrar nos torneios. Fica vencedor. O rei manda perseguí-lo para saber quem é o desconhecido. Êste perde um sapato, e é chamado à presença do rei. Quando o príncipe tira as três caixas, a de cobre, a de prata e a de ouro, é conhecido pelas princesas, que lhe chamam o seu salvador. Segue-se o perdão e o casamento.

Resumimos um conto alemão (Grimm, n.º 57): Um rei tem, no seu jardim, uma árvore que dá maçãs de ouro. Todos os dias falta uma maçã, levada por uma ave de ouro. O rei tem três filhos. Os dois mais velhos não descobrem a ave, porque adormecem; porêm, o mais novo manda-lhe uma seta, e tira-lhe uma pena de ouro. O rei quere que os filhos apanhem a ave; os dois mais velhos não o conseguem; porêm, o mais novo, que poupa a vida a uma raposa, arranja com o auxílio desta não só a ave, como também um cavalo de ouro e uma princesa dum castelo de ouro. Em vez dos companheiros, figura

aqui a raposa. Falta o episódio do anão, que bate no rapaz, assim como o do jantar.

Os irmãos deitam o felizardo num poço, tirando-lhe a menina, a ave e o cavalo, e indo para casa. Mas o cavalo não come, a ave não assobia, e a menina só chora. A raposa tira o rapaz do poço. O heroi troca o fato com um pobre e vai disfarçado para casa.

Ninguêm o conhece; mas a ave começa a assobiar, o cavalo a comer, e a menina deixa de chorar.

Depois esta conhece o rapaz, e casa com êle. Os irmãos são executados.

— Há um conto norueguês (Asbjœrnsen, n.º 23) estreitamente aparentado com êste último. — Segue-se o resumo doutro grego moderno (Hahn, n.º 70): Um rei tem um jardim com uma macieira, que dá três maçãs de ouro por ano. As maçãs desaparecem. O rei tem três filhos. O mais velho fica de guarda, para descobrir o ladrão: vem uma nuvem negra à árvore, e qualquer coisa parecida com uma mão leva uma maçã e desaparece. Com o filho do meio acontece o mesmo. Porêm, o mais novo manda uma seta à nuvem, que desaparece, ficando a maçã na árvore. No dia seguinte, os três irmãos seguem o rasto de sangue deixado pelo ladrão, e chegam ao cimo duma montanha. O mais novo, que é o mais forte, levanta uma pedra; o mais velho tenta descer ao poço, mas antes de chegar ao fundo, começa a gritar: «Fogo, fogo, estou a arder, puxai-me para cima!» O mesmo sucede com o do meio. Desce o mais novo e chega a um castelo, onde uma princesa está a brincar com uma maçã de ouro; era da árvore do rei. A princesa ameaça-o com o dragão, que roubou as maçãs Êle pregunta pelo paradeiro do dragão; a princesa manda-o preguntar à irmã dela; a irmã, por sua vez, manda-o ir ter com a mais nova, que serve o dragão. Esta ensina-lhe que deve trocar o lugar de dois frascos cheios de água, que se encontram no quarto do dragão; também deve lá escolher a espada enferrujada, que está atrás da porta.

O príncipe assim faz: bebe água dum frasco, e mata o dragão. Os dois irmãos içam as princesas, mas deixam o mais novo no mundo subterrâneo. A menina mais nova dá-lhe uma amêndoa, uma noz, uma avelã e crina.

O rapaz mata uma serpente de doze cabeças, que quere devorar uma princesa, e corta-lhe as línguas. Um mouro leva as cabeças da serpente, diz que foi êle quem salvou a princesa, e pretende casar com ela. Mas o príncipe desmente-o com as línguas. Depois o príncipe mata uma serpente que come os filhos das águias; estas levam-no para fóra do subterrâneo, em sinal de reconhecimento. Como a carne se lhe acaba no caminho, êle dá a uma águia uma perna sua; mas a águia restitui-lhe a perna.

O príncipe cobre a cabeça com uma pele de carneiro e emprega-se em casa dum alfaiate. Como o rei pretende casar com a mais nova das três princesas salvas, ela pede-lhe três vestidos extraordinários. O rei encomenda-os ao alfaiate, e o disfarçado tira-os da noz, da amêndoa e da avelã; depois queima crina: aparece-lhe um cavalo e fatos, e assim êle entra nos torneios dados pelo rei, seu pai. Descobre-se tudo, e o rapaz casa com a menina.

Damos o resumo dum conto siríaco (E. Prym et A. Socin, n.º 39):

Um gigante rouba gansos ao rei. Êste tem dois filhos e um irmão. O príncipe mais novo, que não adormece, consegue ferir o gigante. No dia seguinte seguem o rasto de sangue e chegam a uma cisterna. O irmão do rei e o príncipe mais velho tentam descer á cisterna, mas não o conseguem, por se sentirem asfixiados no meio do caminho. O príncipe mais novo consegue descer ao fundo da cisterna. Encontra três cavernas. Em cada uma destas está um gigante a dormir, e uma formosa menina, que lhe ensina a matar o gigante. A mais nova é a mais bonita. Está a brincar com uma galinha de ouro e

pintos de prata; traz um vestido cortado sem tesoura e cosido sem agulha, e tem um sapato de ouro que ao andar não chega a tocar no chão. A menina dá-lhe três aneis: se der uma volta ao engaste do primeiro, aparecerá logo a galinha de ouro; se fizer o mesmo ao segundo, aparecerá o vestido maravilhoso; se fôr ao terceiro, apresentar-se há o sapato.

Além disso, ela dá-lhe certa ave: quando os companheiros cortarem a corda, o rapaz há de se enterrar no fundo da terra, onde encontrará três cavalos; há de lhes arrancar a cada um uma crina da cauda, guardando-a na algibeira; depois a ave há de o transportar para fora da cisterna. Assim acontece. Quando sai do mundo inferior, o príncipe cobre a cabeça com uma bexiga, para se disfarçar, e vai para a cidade do pai. Pelo casamento do irmão do rei com uma das meninas, organiza-se um torneio. O príncipe tira da algibeira uma crina: aparece-lhe um cavalo preto; ora o heroi põe um bonito fato e vai ao torneio. Repete-se a cena com um cavalo branco, depois com um castanho. Por fim, tira o boné ao noivo e foge.

Em seguida, emprega-se na loja dum ourives. Deve seguir-se o casamento do príncipe com as outras duas princesas. Quando a mais nova viu os três cavalos, ficou sabendo que o príncipe já estava de volta; por isso antes de casar, ela exige uma galinha de ouro e pintos de prata.

O rei encomenda estas coisas ao ourives, e o disfarçado arranja-as, com o auxílio do primeiro anel. Depois o príncipe emprega-se em casa dum alfaiate, executando o vestido maravilhoso; finalmente arranja o sapato. A princesa diz que só quere casar com aquele que fez o sapato. Então o príncipe conta toda a história e casa com ela.

*
* *

Passamos a ver outro grupo de contos da mesma família, e começamos por uma versão da Foz do Douro (A. Coelho, n.º 22):

Um homem e uma mulher teem um filho que na primeira noite em que nasce come dois pães. Aos sete anos, o menino arranja uma espada de vinte quintais, e vai viajar. No caminho encontra um Tomba-Pinheiros e um Arrasa-Montanhas, que o acompanham. Os três hospedam-se numa casa. O Tomba-Pinheiros fica na cozinha. À meia-noite vem o diabo pela chaminé abaixo, mas fica vencido. Na segunda noite dá-se a mesma scena com o Arrasa-Montanhas. Na terceira noite o Mama-na-Burra traça o diabo ao meio com a espada; o diabo foge por um poço. O Tomba-Pinheiros e o Arrasa-Montanhas tentam descer ao poço sucessivamente; mas ao chegarem ao meio do poço, vêem muitos bichos, que os não deixam passar; os companheiros içam-nos.

O Mama-na-Burra consegue descer. Numa sala o heroi vê três meninas encantadas, filhas dum rei. Vem uma serpente, que é o encanto duma delas; o rapaz mata a serpente e desencanta a menina, que lhe dá um lenço. Os companheiros içam-na. Depois, o heroi mata uma bicha, desencantando a segunda menina, que lhe dá uma maçã doirada. Tiram-na tambêm do poço. O rapaz corta uma orelha ao encanto da terceira princesa, i. é, ao diabo. A menina passa a mão por cima do cabelo do rapaz, e o cabelo fica dourado. Os companheiros içam a terceira, mas deixam caír o cesto com a pedra, pensando que é o Mama-na-Burra. O rapaz trinca a orelha do demónio, que lhe aparece e o tira do poço. Depois põe na cabeça uma bexiga de boi, para cobrir o cabelo

dourado, que todos lhe cubiçam. Emprega-se em casa dum lavrador, defronte do palácio do rei. Há uma corrida de cavalos à porta do palácio. O diabo fornece ao rapaz um bom cavalo; o heroi entra na corrida, e mostra ser o melhor cavaleiro que lá anda.

Como oculta a sua identidade, querem dar cabo dele; mas o cavalo, que é o próprio diabo, salva-o. O rei convida-o a jantar.

As princesas dizem ao rei que foi o rapaz que as salvou, e provam-no com as prendas. Os companheiros são castigados. — Na colecção de C. Pedroso há um conto (n.º 48) cujo heroi é filho dum urso. Os motivos dêste conto encontram-se pouco mais ou menos nas restantes versões portuguesas.

Segue-se um conto brasileiro de Sergipe (S. Roméro n.º XIX):

Um rei tem um fiilho que oito dias após a nascença come um boi inteiro. O rei tem medo que o filho lhe coma toda a fortuna, por isso o menino tem que ir procurar a sua vida.

O príncipe arranja uma bengala de ferro muito grossa e pesada, um machado e uma fouce, e parte. Vai empregar-se em casa dum *senhor do engenho;* mas come tanto que o dono o despede. Outra vez, o Manuel da Bengala (é o nome do rapaz) encontra um homem passando um rio cheio, sem se molhar. O homem passa-o para a outra banda, e seguem juntos. Depois levam em sua companhia um Arranca-serra.

Todos os dias, um dos três vai buscar comida para todos. Uma vez, Passa-váo encontra um moleque preto, de carapuça de latão, que lhe pede *fogo* para o cachimbo. Passa-váo não quere dar, e o moleque derruba-o ao chão, como morto. O mesmo acontece ao Arranca-serra. Porêm, o Manuel da Bengala dá uma cacetada na cabeça do moleque, e arranca-lhe a carapuça de latão. O moleque pede a carapuça, mas o Manuel diz-lhe: «Só te dou a carapuça, se me deres as três princesas que tens pre-

sas». O moleque entra por um buraco, e o Manuel vai atrás dêle. Vão dar a um palácio, que é o inferno. O moleque tem de entregar ao Manoel as três princesas, mas pede a carapuça. O príncipe promete-lhe a carapuça, se o deitar fóra do buraco; como o moleque não quere, apanha com a bengala e é obrigado a ceder. Os companheiros ao verem saír as três meninas, fogem com elas, e entregam-nas ao pai delas, dizendo que foram êles que as salvaram, pretendendo por isso casar com elas. As princesas negam essa afirmação, chorando. O Manuel tem três lenços que as meninas lhe deram. Pega num deles e diz:

«Voa e vai caír no colo da tua dona». Faz o mesmo com o segundo lenço, dizendo para o terceiro: «Voa e bota-me na casa das três princesas». Assim acontece.

O rapaz casa com a mais bonita delas. Os companheiros são expulsos, e as duas princesas casam com outros príncipes.

Cosquim cita (t. 2, p. 138) a seguinte variante do conto francês n.º 1:

Um soldado associa-se com dois companheiros, João da Mó e Torce-Carvalhos.

Estabelecem-se os três num Castelo. Todos os dias, dois deles vão passear, ficando o terceiro a tratar da cozinha. Estando o Torce-Carvalhos em casa, vem um galopim pedir-lhe lume para o cachimbo; ora quando o Torce-Carvalhos se abaixa para lhe dar lume, o galopim dá-lhe um empurrão e atira-o com êle ao fogo. O mesmo acontece ao João. Mas o galopim não faz nada do soldado, e tem que fugir.

O soldado tira uma táboa do sobrado, encontrando um grande buraco. Os companheiros fazem-no descer, amarrado a uma corda. No subterrâneo, o heroi corta as sete cabeças a uma bicha, que guarda três princesas irmãs. Elas dão-lhe cada uma um lenço de seda e uma pulseira preciosa. Êle manda tirá-las do buraco. Mas quando os companheiros vão tirá-lo, deixam-no caír.

Ora uma fada dá-lhe um vaso cheio de gordura, para o ajudar a subir. O soldado monta no rei das aves, e sai do subterrâneo; mas no caminho corta um bocado da barriga da perna e dá-o à ave. O soldado vai para a terra das princesas, empregando-se em casa dum vidraceiro. Tendo o rei prometido uma grande recompensa áquele que lhe fizesse umas pulseiras iguais às que êle tinha dado às filhas, antes de serem raptadas pela bicha, o soldado pede ao vidraceiro avelãs, nozes e amêndoas, e finge que faz as pulseiras, dando as que já tinha. Êle leva a terceira pulseira às princesas; estas conhecem-no e dizem ao rei que é o seu salvador.

O soldado casa com a mais nova.

Segue-se um conto lituano (Schleicher, p. 128):

Um homem e uma mulher teem um filho único, que a mãe cria ao peito até aos doze anos. O rapaz, chamado Martim, é tão forte que ninguêm o póde vencer. Aos vinte anos o Martim arranja uma pesada bengala de ferro, e vai viajar. No caminho, encontra um ferreiro, que derruba árvores com três marteladas. O ferreiro acompanha-o. Os dois encontram um alfaiate, que passa a acompanhá-los. Os três instalam-se numa casa inabitada.

Dois vão à caça, e um fica a tratar da cozinha. Vem um anão de grandes barbas e pede um bocadinho de carne. Aproveitando a distracção do alfaiate, o anão salta-lhe à nuca e bate-lhe tanto que o deixa quáse morto; depois safa-se. O mesmo acontece ao ferreiro. Mas o Martim vence-o, entalando-lhe as barbas num cepo rachado. O anão arranca as barbas e safa-se.

Os três companheiros seguem o rasto de sangue, e chegam ao cimo duma montanha, onde há um poço. O Martim desce ao poço com a bengala. Encontra, num palácio, três princesas raptadas por três dragões. Uma delas dá-lhe de beber água de fôrça, para êle poder manejar uma espada muito pesada dum dragão.

A princesa deita no frasco despejado água comum.

Vem o dragão de três cabeças, e o Martim corta-lhas. O rapaz mata também o dragão de seis cabeças e o de nove. As princesas dão-lhe presentes. Os companheiros tiram as princesas do poço, mas, ao içarem o Martim, cortam a correia e deixam-no caír.

O Martim pede ao anão que o tire do poço; mas, como o anão alega falta de fôrça, o rapaz mata-o. Finalmente sai a cavalo num dragão, ao qual dá no caminho muita carne, e até as barrigas das pernas. Depois cura as pernas com a gordura dos dragões que matou. O Martim vai ter com os companheiros, que tinham fugido com as três princesas, bate-lhes e corre com êles. Em seguida, as três meninas ficam sendo mulheres dele.

*
* *

No oriente ainda temos um conto calmuco (Jülg, n.º III), que vamos resumir:

Massang, filho duma vaca, tem corpo de homem e cabeça de boi. O heroi encontra na floresta um preto, que se faz seu companheiro. A êstes dois junta-se ainda um homem verde, nascido da erva, e um branco, nascido de cristal. Os quatro companheiros fixam-se numa cabana desabitada, onde encontram de comer e beber, gado, etc. Todos os dias, vão três deles à caça, ficando um de guarda em casa. Um dia, estando o preto a tratar da cozinha, vem uma velhinha anã e pede-lhe que a deixe provar do leite e da carne. Assim acontece; mas a velhinha desaparece com a carne.

O preto pega em duas ferraduras de cavalo e imprime sinais na terra em volta da cabana; depois diz aos companheiros que vieram homens com cem cavalos, roubaram-lhe o leite e a carne, e bateram-lhe muito. Ao homem verde e ao branco acontece o mesmo. Quando chega a

vez de Massang, êste amarra a velhinha e bate-lhe tanto com um martelo que fica ensangùentada e safa-se. Os quatro companheiros vão procurar a anã, seguindo o rasto de sangue; chegam à fenda dum rochedo, e vêem no fundo dum grande buraco o cadáver da anã e muitos tesouros. Massang desce ao abismo, amarrado a uma corda. Os companheiros içam os tesouros, mas abandonam o heroi no abismo. Êle acha três caroços de cereja, e planta-os. Depois deita-se a dormir e fica dormindo durante alguns anos. Ao acordar, encontra grandes cerejeiras, a que trepa e sai do buraco.

Cosquin resume (t. 1.º, p. 21) o seguinte conto indiano, coligido entre as tríbus Dzo de Bengala: Um rapaz consegue casar com uma menina chamada Kungori. Após o casamento, transforma-se num tigre e leva-a. Ora o pai da menina promete-a em casamento àquele que a trouxer.

Dois rapazes, Hpohtir e Hrangchal, encarregam-se do recado e libertam-na, matando o homem-tigre. Mas em seguida, Kungori é raptada por certo Kuavang, que a leva para a sua aldeia, para onde se vai por um grande buraco. Mas a mulher marca o caminho com um fio, que desenrola atrás de si, de modo que Hpohtir e Hrangchal podem seguir o caminho do raptador. Êles afastam um rochedo que tapa o buraco, e vão à aldeia de Kuavang. Hpohtir liberta a mulher; mas, quando vão sair do mundo inferior, a mulher nota que lhe esqueceu o pente; Hpohtir vai buscá-lo. No entretanto, o companheiro safa-se com a mulher para fora, e tapa a entrada com uma grande pedra. A mulher é obrigada a casar com Hrangchal, que diz ser o libertador. Hpohtir semeia o grão duma planta chamada *koy*. Quando a planta está crescida, o heroi trepa a ela, como se fôsse uma escada, e sai do mundo inferior. Vai a casa do pai de Kungari, mata o falso libertador, e casa com a menina.

*
* *

Observando a introdução dos nossos contos pela ordem em que figuram resumidos, impõe-se-nos desde já uma classificação nítida em quatro grupos. Assim, no *primeiro grupo*, o menino nasce maravilhosamente em conseqüência de a mãe ter comido qualquer coisa (peixe no conto russo n.º 19, e no conto português n.º 57, do Algarve; certo grão de cevada no conto indiano do Pandjab).

No *segundo grupo*, a mulher é raptada por um urso: no conto português n.º 48 de C. Pedroso, no de T. Braga, no francês (Cosquin, n.º 1), no avárico, num catalão (Rondallayre, 1.ª série, p. 11), noutro do Tirol italiano (Schneller, p. 189), etc.

No *terceiro grupo*, o jardim do rei é devastado ou roubado por qualquer monstro: português (At. Oliveira, n.º 18), alemão, russo n.º 20, grego moderno, siríaco, siciliano (Gonzenbach, n.º 64), num conto do Tirol italiano (Schneller, p. 190), etc.

No *quarto grupo* falta a introdução de qualquer dos grupos anteriores. Trata-se apenas de alguns companheiros que fazem uma viagem juntos, às vezes com o intuito de arranjarem noiva. Pertencem a êste grupo o conto russo n.º 21, o português de A. Coelho, o brasileiro, o francês (Cosquin, t. 2, p. 138), o lituano, etc.

Quanto ao conto calmuco e ao indiano de Bengala, não pertencem, pela introdução, a nenhum dêsses quatro grupos. Todavia, se atendermos à maneira como o heroi sai do mundo inferior nesses dois contos, veremos que constituem um grupo a parte. Com efeito, tanto no conto calmuco como no indiano, o heroi emprega exactamente o mesmo meio para sair do mundo inferior: semeia uma planta, a que trepa, quando está crescida. Ora a propósito desta saída, é mister notar que na maioria dos contos

desta família, o heroi é levado para fora do poço por uma grande ave. Aliás aparece-nos qualquer ente mitológico, que lhe presta o mesmo serviço. Assim, no conto algarvio n.º 18, o príncipe sai para fora do poço às costas dum boneco. Na versão coligida por T. Braga é o molequinho das botas vermelhas, transformado num bode, que tira o rapaz do poço. No conto brasileiro é igualmente o moleque que tira o Manuel do poço. É evidente que isto representa uma alteração do episódio da ave, que é primitivo. Senão vejamos. Como já dissemos, na maioria dos contos é uma grande ave que leva o heroi para fora do mundo inferior; além disso vemos em muitos contos o seguinte episódio: quando se acaba, no caminho, a carne levada para alimentar a ave, o heroi tira carne do seu próprio corpo para o mesmo fim. Depois é preciso curar o corpo, o que se faz por meio dum unguento ou de gordura. Sob êste ponto de vista, encontra-se a tradição razoavelmente conservada no conto lituano. O heroi dá à ave as barrigas das pernas, que depois cura com a gordura dos dragões mortos por êle. Na versão francesa (Cosquin, t. 2, p. 138), o heroi dá à ave um bocado da barriga da perna; além disso, uma fada deu-lhe, no mundo inferior, um vaso cheio de gordura para o ajudar a subir. Embora a aplicação da gordura não esteja bem expressa, sabemos para que é. No conto n.º 1 de Cosquin conservou-se bem a aplicação da gordura, que é para curar a perna; mas a primeira parte do episódio está alterada, pois o heroi parte uma perna. Ora sabendo-se, por um lado, que a existência dum unguento, de gordura ou de óleo apenas se justifica quando se trata da cura do heroi; sabendo-se, por outro, que a cura é devida ao facto de êle dar à ave carne do seu próprio corpo, tiramos uma conclusão para reconstruirmos a tradição do povo português e brasileiro: a conservação da memória dum unguento ou de coisa parecida implica a coexistência do corpo ferido e da ave; como no conto algarvio n.º 57 a velhinha é obrigada a ressuscitar o

morto com *óleo santo*, vemos positivamente que se trata duma profunda alteração do episódio primitivo; em todo o caso temos uma prova de que originàriamente, o conto português ou o de que deriva directa ou indirectamente, conhecia o episódio da barriga da perna e da ave. De resto temos na versão de T. Braga uma fase intermediária entre a ave e o boneco ou o molequinho, que tira o heroi do poço: referimo-nos ao bode em que se transforma o molequinho. Por conseqüência, o episódio do molequinho ou do boneco, fazendo as vezes da ave, não é primitivo.

*
* *

Nesta ordem de ideias, lembra-nos uma nota relativamente à origem dos contos europeus e portugueses em especial, que estudamos aqui. Parece-nos inverosímil que os mongóis tivessem trazido estes contos para a Europa. Assim, basta atendermos à maneira como o heroi sai, no conto mongólico, do abismo, para nos convencermos disso.

Já vimos o estreito parentesco que ligava o conto calmuco ao indiano de Bengala. Se êste último se não tivesse conservado, poderíamos julgar que o episódio das cerejeiras era uma alteração recente e local entre os mongóis; mas a comparação com o conto indiano mostra que os mongóis não inventaram êsse episódio, mas sim conservaram-no fielmente em companhia do budismo, que receberam da Índia. Por conseqüência, se os mongóis tivessem trazido o seu conto para a Europa, seria natural que alguns contos europeus da mesma família tivessem conservado o episódio da planta, que serve de escada ao heroi.

Quanto às versões portuguesas, também nos parece inverosímil que tivessem vindo directamente da Índia. No conto algarvio n.º 57 ainda encontramos o episódio

da rosa que murcha, e isto faz-nos lembrar o caule de cevada do conto do Pandjab; porêm, todos os restantes motivos são tão diferentes nesses dois contos, que não podemos admitir uma derivação directa.

Com respeito ao conto indiano de Bengala, que pertence, como vimos, a um grupo aparte, ainda menos verosímil é o seu parentesco directo com as versões portuguesas. Portanto devemos procurar outros canais.

*
* *

No conto brasileiro temos o moleque que pede a Passa-váo *fogo* para o cachimbo. Na versão francesa (Cosquin, t. 2, p. 138) também encontramos o galopim que vem pedir lume para o cachimbo. Ora êste facto ainda não nos autoriza a fazer derivar um conto do outro. Assim, na versão russa n.º 19, os personagens que se encontram alternadamente na cozinha também estão a fumar. De resto, em muitos contos desta família, os herois batidos pelo anão desculpam-se com o fumo da cozinha, dizendo que foi êste que os fez adoecer.

Um facto admirável é, porêm, a concordância do conto algarvio n.º 57 com o russo n.º 19 relativamente à nascença maravilhosa do heroi. Entre os contos desta família, que nós conhecemos, é só em Portugal e na Rússia que figura essa nascença devida a um peixe ou a postas de peixe, que a mãe do menino comeu. Além disso, tanto no conto português como no russo, as cadelas e as éguas teem simultâneamente filhos do mesmo peixe.

*
* *

Quanto à casa inabitada, onde os companheiros se estabelecem, é um episódio bem conservado na versão

de T. Braga, como se vê pela comparação. Além disso, a casa inabitada explica o facto de o anão bater nos homens, que se atreveram a ocupá-la, quando êle até tinha conseguido afugentar os habitantes de cidades inteiras, no conto indiano do Pandjab.

O episódio da casa inabitada já foi eliminado da versão brasileira. No conto de Sergipe também já foi esquecido o facto de os companheiros deixarem cair o heroi no poço. Em suma, o conto brasileiro acusa várias alterações, o que se deve atribuir à sua longa existência no Brasil. Porêm, há factos que o ligam às versões portuguesas: a voracidade do recem-nascido, a bengala de ferro, o Arranca-serra, o moleque, as três princesas, os lenços, o poço, etc.

*
* *

Finalmente diremos que a origem dêsses contos é oriental. Na versão siríaca, por exemplo, o irmão do rei está para casar simultâneamente com duas princesas. A eição poligâmica não chegou a apagar-se completamente nas versões europeias. Assim, no conto lituano as três meninas ficam sendo as mulheres do Martim.

XXII

A CAIXA MARAVILHOSA

Um homem e uma mulher tinham um filho já crescido, e não sabiam que ofício lhe haviam de dar; finalmente, o pai resolveu mandar o rapaz para casa dum mestre, que havia de lhe ensinar várias coisas. O pai foi à cidade, e combinou com o mestre tomar-lhe conta do rapaz por três anos, e deixá-lo ir a casa só uma vez durante êsse tempo.

O homem entregou o filho ao mestre. O rapaz aprendeu em pouco tempo a fazer objectos preciosos, e até já trabalhava melhor que o patrão. Um dia, o rapaz fez um relógio no valor de quinhentos rublos, e mandou-o ao pai, para êste o vender e remediar a sua pobreza.

Porêm o pai não tinha vontade nenhuma de o vender; êle não se fartava de olhar para o relógio, por ser obra do filho.

Chegou o tempo de o rapaz ir ver os pais. O patrão que era feiticeiro disse-lhe:

— Vai-te embora, dou-te o prazo de três horas e três minutos; se ao fim dêsse tempo não estiveres de volta, mato-te.

O rapaz disse-lhe:

— Meu pai mora muito longe, e êsse tempo não chega.

O patrão respondeu-lhe:

— Mete-te naquela carruagem e fecha os olhos.

O rapaz assim fez; mas abriu imediatamente os olhos e viu que estava em casa do pai; quando entrou na cabana, não encontrou ninguêm, pois os pais, assustados com a chegada da carruagem, tinham-se escondido na dispensa; só a grande custo conseguiu que saíssem de lá.

Por fim abraçaram-se, e a mãe chorava, pois havia muito tempo que não via o filho. O filho trouxe-lhes presentes.

Todos tinham tanto que dizer uns aos outros que três horas passaram num instante; faltava ainda um minuto para o prazo findar, quando o diabo disse ao ouvido do rapaz que se fôsse embora, se não queria ser castigado pelo patrão. Como o rapaz era cuidadoso, despediu-se e foi-se embora.

Daí a pouco, chegou à casa do patrão; êste estava furioso por ver que o seu aprendiz vinha atrazado. O rapaz ajoelhou e pediu muita desculpa, até que o patrão lhe perdoou.

O rapaz tornou a ficar em casa do patrão,

fazendo várias coisas melhor que ninguêm. Ora o patrão começou a pensar no futuro, pois receava que o rapaz, que trabalhava tão bem, lhe tirasse todo o trabalho, algum dia quando tivesse terminado a aprendizagem; por isso disse para o rapaz:

— Vai ao reino subterrâneo, e traze-me dali uma caixinha, que está no trono rial.

Depois arranjaram umas correias compridas, e ataram-lhes campainhas. Por fim, o patrão atou as correias ao rapaz e fê-lo descer ao fundo duma cova, recomendando-lhe que puxasse as correias e fizesse tocar as campainhas, assim que tivesse encontrado a caixinha. Quando o rapaz estava debaixo da terra, avistou uma casa, e entrou.

Apareceram-lhe uns vinte campónios e cumprimentaram-no todos ao mesmo tempo, dizendo:

— Viva o príncipe João!

O rapaz ficou admirado de tantas honras; depois entrou num quarto contíguo que estava cheio de mulheres; estas também se levantaram e cumprimentaram o rapaz dizendo:

— Viva o príncipe João!

Toda essa gente estava ali por conta do patrão. Quando o rapaz entrou no terceiro quarto, viu a caixinha no trono; pegou nela e dirigiu-se em companhia de todos ao sítio onde estavam as correias. Quando chegaram às correias, puxaram-nas; depois ataram o homem e o patrão tirou-o. O rapaz queria saír com a caixinha

em último lugar. Quando o patrão já tinha tirado a metade dos homens, viu um trabalhador a correr e chamou-o depressa para casa, onde tinha acontecido qualquer desastre. O patrão mandou tirar todos do subterrâneo, menos o rapaz.

Assim fizeram.

O rapaz foi andando, andando pelo reino subterrâneo, de repente, a caixinha estalou, e saíram doze mancebos, que lhe preguntaram:

— Que manda o príncipe João?

Diz o rapaz:

— Tirem-me daqui para fóra.

Imediatamente, os mancebos tiraram-no. Êle não foi para casa do patrão, mas sim direito à do pai.

No entretanto o patrão lembrou-se da caixinha, e voltou depressa à cova, puxou, puxou pelas correias, mas não encontrou o rapaz. O patrão pensou:

— Provávelmente, o rapaz foi-se embora; é preciso mandar alguêm em busca dêle.

Ora o rapaz, que vivia com o pai, escolheu um sítio muito bonito, e passou a caixinha duma mão para a outra: de repente apareceram-lhe vinte e quatro mancebos e preguntaram-lhe:

— Que deseja o príncipe João?

O rapaz disse-lhes:

— Construi-me aqui um reino, que seja o melhor de todos.

Imediatamente apareceu um reino.

O rapaz foi para o seu reino, casou e começou a viver bem.

Ora nêsse reino havia um indivíduo muito mal encarado, e a mãe dêle ia a casa do príncipe João pedir esmola. Um dia, o filho disse para a mãe:

— Oh, mãe! furte a caixinha ao nosso rei.

Nessa ocasião, o príncipe João não estava em casa; a mulher deu esmola à velha, e saiu; mas esta agarrou na caixinha, meteu-a no saco, e foi ter com o filho. Êste passou a caixinha de uma mão para a outra, e saíram logo os mesmos mancebos.

Êle mandou-lhes deitar o príncipe João numa cova muito funda, onde só deitavam gado morto; quanto à mulher e aos pais do príncipe, fez dêles criados, e êle proprio ficou sendo rei.

Então o rapaz permaneceu na cova três dias, sem poder saír. De repente, viu uma grande ave, que vinha buscar gado morto. Uma vez atiraram para a cova uma vaca morta; o rapaz amarrou-se a ela; veiu a ave, agarrou na vaca e tirou-a; depois poisou num pinheiro, e o príncipe João começou a mexer-se para se desprender, mas não pôde. Aparece um caçador e começa a atirar à ave; a ave voou, e deixou caír a vaca; o príncipe João também caiu com ela, e depois desamarrou-se e foi-se embora.

No caminho ia pensando em como havia de

reaver o seu reino. De repente, mete a mão na algibeira, e encontra a chave da caixinha; passou a chave de uma mão para a outra, e apareceram-lhe dois mancebos, que lhe preguntaram:

— Que manda, príncipe João?

Êle respondeu-lhes:

— Estou desgraçado.

Êles disseram:

— Nós bem sabemos isso; mas ainda teve sorte em nos encontrar por causa da chave.

Diz o príncipe para êles:

— Não podeis trazer-me a caixinha?

Mal proferiu estas palavras, logo os dois mancebos lhe trouxeram a caixa. Então êle tornou a ser rei, e mandou matar a velha mendiga e o filho.

CRÍTICA

XXII. — **A caixa maravilhosa**

Cosquin dá-nos um conto loreno, n.º 31, da mesma família: Um velho soldado costuma embriagar-se. Um dia, o coronel repreende-o, e o soldado mata o coronel e foge para a Inglaterra. Hospeda-se em casa duma velha, que lhe ensina uma maneira de arranjar fortuna. Ela manda-o a certo castelo: no primeiro quarto há ouro e prata; no segundo leões; no terceiro serpentes; no quarto dragões; no quinto ursos; no sexto encontram-se três leopardos. Depois de atravessar estes quartos, encontra no sétimo um homem de ferro sentado

numa bigorna de bronze; atrás dêsse homem está uma vela acesa: deve apagar a vela e metê-la na algibeira. O homem assim faz. Quando sai do castelo, acende a vela: aparece-lhe o homem de ferro e pregunta-lhe o que quere. Como o soldado quere dinheiro, o homem de ferro dá-lhe um saco cheio. O heroi dirige-se à capital do reino. No caminho encontra a velha, que lhe pede a vela, ameaçando-o. Êle mata-a. O heroi hospeda-se num hotel de príncipes, e o homem de ferro traz-lhe a filha do rei de Inglaterra, levando-a no dia seguinte para casa. A conselho duma fada, a princesa leva um saco cheio de farelo afim de marcar a casa para onde fôr trasportada; mas o soldado muda de hotel, e o homem de ferro espalha farelo em todas as casas, de modo que se não descobre nada. Alguns guardas conseguem meter o soldado na prisão; mas êste manda buscar a vela, e o homem de ferro liberta-o. O heroi declara guerra ao rei de Inglaterra, matando-lhe muitas tropas; por fim obriga-o a dar-lhe a filha em casamento. Como o rei lastima os soldados que lhe morreram na guerra, o heroi ressuscita-os ao som dum mau violino, que comprou a um cego, pois êste declarou ao soldado que o seu violino tinha poder sôbre vivos e mortos. Finalmente o rei reforma-se, e o soldado sobe ao trono.

Passamos a resumir um conto alemão (Grimm, n.º 116, *Das blaue Licht*), que tem muitos pontos de contacto com a versão lorena: Um soldado conserva-se ao serviço do rei durante muitos anos, recebendo muitas feridas na guerra; como as feridas não lhe permitem continuar a servir, o rei despede-o. O soldado chega a uma floresta onde pede pousada a uma bruxa. Ela dá-lha em troca de alguns serviços. Um dos serviços consiste em descer a um poço e trazer uma vela que a bruxa deixou cair. A vela dá uma luz azul e não se apaga. A bruxa fá-lo descer ao poço num cesto. Depois iça-o; mas antes de o tirar para fora, ela pede-lhe a vela. Como o soldado não lha quere dar, a bruxa deixa-o cair no poço, e vai-se

embora. O soldado vê que a morte é inevitável, por isso resolve-se a fumar no seu cachimbo pela última vez. A vela acesa fornece-lhe lume. Mal começa a fumar, aparece-lhe logo um anão preto, que se põe às suas ordens, tirando-o do poço. O soldado leva muito dinheiro que a bruxa tem escondido no poço. O anão acusa a bruxa à justiça, que a manda enforcar. O soldado vai hospedar-se no melhor hotel. Para se vingar do rei, manda ao anão trazer-lhe a filha do rei, e faz dela sua criada. A princesa vem a dormir, porque já assim estava na cama, quando o anão foi buscá-la. Na mesma noite, o anão torna a levá-la para o castelo rial. No dia seguinte, a princesa julga que foi um sonho, e conta-o ao pai; mas, como ela se queixa de cansaço, o rei diz-lhe que o sonho pode ter sido uma realidade; por isso aconselha-a a fazer um buraco na algibeira e a enchê-la de ervilhas, afim de marcar o caminho, se a tornassem a levar ao quarto do soldado. Ora o anão espalha ervilhas por todas as ruas, e assim não se descobre nada. No dia seguinte, a princesa deita-se com os sapatos calçados, e depois esconde um sapato no quarto do soldado. O rei manda passar uma busca; encontra-se o sapato, e o soldado vai para a prisão, esquecendo-lhe a vela no hotel. Vem a passar pela prisão um amigo do heroi; êste pede-lhe que lhe traga a roupa do hotel. O amigo traz-lhe a roupa com a vela lá dentro. O heroi é condenado à morte. Porêm, antes de morrer, pede licença para fumar no seu cachimbo. Aparece o anão com um cacete, e mata os juízes e os esbirros. O rei vê a morte diante de si; por isso entrega ao soldado o reino e a filha.

Há mais alguns contos da mesma família, como por exemplo o conto védico da Lusácia (Veckenstedt, p. 241), um conto húngaro (Gaal, p. 1), etc.

*
* *

Salta aos olhos o parentesco dêstes contos com o célebre conto árabe intitulado *História de Aladin e do Candieiro mágico* das *Mil e uma Noites* (Mardrus, t. XI, p. 175).

A versão russa aproxima-se em certos pontos do conto árabe, mas difere tanto das variantes ocidentais, que não podemos admitir-lhe uma derivação destas últimas. É mais verosímil que o mesmo conto penetrasse na Rússia pelos lados do Oriente, e quem sabe se não foi o mundo árabe que lhe serviu de canal. Havemos de nos referir a êste assunto no epílogo do segundo volume, relacionando-o com a questão do folclore português.

É mister notar que no conto da colecção de Grimm, num alemão de Pröhle (I. n.º 11), no em húngaro e no loreno, é uma velha, uma bruxa, que pede ao heroi que lhe tire os objectos maravilhosos; ao passo que no conto russo a tradição conservou-se melhor, pois ali temos o feiticeiro como no conto árabe.

Visto não conhecermos versão portuguesa da mesma família, não fazemos aqui um estudo minuciosamente comparativo. Porêm, se algum dia se descobrir semelhante versão, fica já aqui preparado algum material para os nossos vindouros o elaborarem.

Num conto do Algarve, que pertence a um ciclo diferente, encontramos algumas alusões a vários motivos dos contos em questão (At. Oliveira, n.º 15). Assim, por exemplo, um monstro leva uma menina para um palácio. Um dia, a menina quere ir visitar o pai. O monstro diz-lhe:

— Dou-te licença sómente por três dias. Aqui tens êste anel e ali aquele baú. Ao terminar o prazo, bate com êsse anel na tampa do baú. O mesmo farás quando quiseres visitar teu pai.

A menina bate com o anel no baú, e vê-se na presença do pai. No conto russo, o feiticeiro dá ao rapaz o prazo de três horas e três minutos para ir ver os pais; além disso, o feiticeiro fornece ao seu aprendiz uma carruagem maravilhosa; o rapaz mete-se na carruagem, fecha os olhos e abre-os imediatamente, e vê que está em casa do pai. O baú português faz lembrar a caixinha maravilhosa do conto russo. O anel também se encontra no conto árabe já mencionado.

XXIII

A MULHER TEIMOSA

Um campónio fez a barba, e disse para a mulher:

— Olha que bem que eu fiz a barba.

Diz a mulher:

— Não a fizeste tal, cortaste-a com a tesoura.

Responde o campónio:

— Mentes, canalha! hásde dizer que fiz a barba.

Diz a mulher:

— Não, cortaste-a com a tesoura.

Diz o marido:

— Olha que apanhas; dize que fiz a barba.

Diz a mulher:

— Não, cortaste-a com a tesoura.

O marido bateu na mulher e ameaçou-a:

— Hás de dizer que fiz a barba, senão afogo-te.

A mulher disse:

— Faze o que quiseres, mas cortaste-a com a tesoura.

O marido levou a mulher para a afogar e disse:

— Dize que fiz a barba.

Diz a mulher:

— Não, cortaste-a com a tesoura.

O campónio meteu-a na água até ao pescoço e disse:

— Hás de dizer que fiz a barba.

A mulher deu-lhe a mesma resposta.

Depois o marido empurrou-a pela cabeça até ela ficar completamente submersa, e preguntou-lhe:

— Fiz a barba ou não?

Como a mulher já não podia falar, por ter a cabeça debaixo da água, levantou o braço acima da água, e imitando com os dedos, as pernas da tesoura, mostrou que o marido tinha cortado a barba.

CRITICA

XXIII. — **A mulher teimosa.**

Numa versão do Porto da colecção de T. Braga, p. 229, trata-se do seguinte:

Um homem e uma mulher estão à mesa. O marido quere partir um queijo, por isso pede uma faca. A mulher diz, porêm, que o queijo se parte com a tesoura. Tanto teimam que o homem bate na mulher. Por fim, deita-a ao poço, e como ela já não póde falar com a cabeça debaixo de água, ainda faz com os dedos da mão, que está de fóra, o gesto imitando as pernas da tesoura cortando.

Uma variante do Algarve, da colecção de At. Oliveira, n.º 5, é do seguinte teor:

Um homem chamado João, por alcunha o Ganchinho, está casado com uma mulher muito teimosa. Esta, sempre que o quere ver zangado, chama-lhe Ganchinho. Um dia, o homem perde a paciência, amarra à cintura da mulher uma corda, e mete-a num pôço. Às repetidas preguntas do marido: Como me chamo? ela responde invariavelmente: Ganchínho. Quando já não podia responder com a palavra, por estar submersa, levanta o braço acima da água, e com o dedo indicador da mão direita faz um ganchinho.

Segue-se uma versão norueguesa (Asbjörnsen, n.º 4):

Um homem está com a mulher no campo, e ao ver o trigo maduro, diz-lhe que se póde ceifar no dia seguinte. Mas ela diz que se deve cortar o trigo com a tesoura. Ao voltarem para casa, atravessam uma ponte por cima dum rio. A mulher vai sempre teimando que o trigo se corta com a tesoura, e na sua exaltação, finge que corta o nariz ao marido, imitando com dois dedos as pernas da tesoura a cortar. Nisto a teimosa cai ao rio. O homem ainda consegue tirar-lhe a cabeça para fóra da água; mas, como ela teima que o trigo se corta com a tesoura, o marido mergulha-a completamente, preguntando-lhe como se corta o trigo. Não podendo falar por ter a cabeça debaixo da água, a mulher levanta um braço acima da água, imitando com os dedos as pernas da tesoura a cortar — Os sérbios tambêm conhecem esta patranha.

*
* *

É mister notar que na versão norueguesa, a mulher teima que o trigo se corta com uma tesoura. Ora Afanasiev (v. 4, p. 530) cita uma colecção de contos intitulada *Velikoe Zertsalo*, traduzidos do polaco para russo no século XVII; na mesma colecção figura uma

anecdota, como êle lhe chama, estreitamente aparentada com a patranha norueguesa, pois ali a mulher teima igualmente que o trigo se não corta com uma fouce, mas sim com uma tesoura. Por fim, o marido mete-a na água, etc.

Sob êste ponto de vista, vê-se que a versão polaca conservou melhor a tradição do que a norueguesa, pois nesta, a mulher tropeça e cai ao rio.

Na maioria das versões da *Mulher teimosa* encontra-se a tesoura e o gesto da mulher que imita a tesoura a cortar, com a mão levantada acima da água. Por conseqüência, a versão do Porto conservou muito melhor a tradição do que a do Algarve, em que a mulher imita, com o dedo indicador da mão direita, um ganchinho. Além disso, tanto na versão russa como na do Porto, o marido bate na mulher, por ser tão teimosa, o que acusa uma certa inferioridade social do belo sexo. Porêm, na versão norueguesa, é a mulher que toma a ofensiva e cai ao rio por descuido.

XXIV

O SOLDADO QUE ADIVINHA

Era uma vez um rei que fazia preguntas manhosas, e ninguêm sabia responder-lhe.

Um dia, apareceu-lhe um soldado, vestido de frade, e êle preguntou-lhe:

— Quantas gotas há no mar?

O soldado respondeu-lhe:

— Mande vossa majestade tapar todos os rios que desaguam no mar, e então eu lhe direi ao certo quantas gotas há no mar.

Depois o rei preguntou-lhe:

— Quantas estrêlas há no céu?

O soldado não achou difícil a resposta, dizendo ao acaso um número muito grande; mas, como visse que o rei duvidava, acrescentou:

— Se vossa majestade não acredita, mande-as contar.

Finalmente, o rei disse-lhe:

— Agora adivinha o que é que eu estou a pensar.

O soldado respondeu-lhe:

— Vossa Majestade está a pensar que eu sou frade, mas não passo de soldado raso.

Depois tirou as vestes de frade e a barba postiça, mostrando-se na sua farda de soldado.

O rei elogiou-o, recompensando-o generosamente pela sua inteligência e sagacidade.

CRÍTICA

XXIV. — **O soldado que advinha**

Temos a seguinte versão portuguesa (T. Braga, p. 159 Coímbra):

O rei ouve sempre falar em Frei João Sem Cuidados como um homem que não se aflige com coisa nenhuma dêste mundo.

Querendo metê-lo em trabalhos, o rei exige que lhe responda, no prazo de três dias, a três preguntas, ameaçando-o de morte em caso negativo.

A primeira pregunta é: «Quanto pesa a lua?» A segunda é: «Quanta água tem o mar?» E a terceira é: «O que é que eu penso?» O moleiro de Frei João vai disfarçado em frade ao palácio e responde: «Saberá v. m. que (a lua) não póde pesar mais do que um arrátel, porque todos dizem que ela tem quatro quartos». À segunda pregunta, o moleiro responde: «É preciso que v. m. primeiro mande tapar todos os rios, porque sem isso, não há nada feito». À terceira pregunta, responde o moleiro: Ora v. m. pensa que está falando com Frei João S. C., e está mas é falando com o seu moleiro».

Segue-se um conto brasileiro (S. Roméro, n.º XLVIII, Sergipe): Um padre, que de nada se preocupa, manda es-

crever na porta o seguinte: Aqui mora o padre sem cuidados.

Ora o rei exige-lhe resposta, sob pena de morte, a três preguntas, dándo-lhe o prazo de três dias. O criado do padre oferece-se para ir disfarçado responder ao rei. Assim acontece. A primeira pregunta é: «Diga-me quantos cestos de areia tem ali naquele monte?» A resposta é: «Saberá V. R. M. que ali tem um cesto de areia. V. R. M. mande fazer um cesto muito grande que abranja todo o monte, e eis aí o que digo». A segunda pregunta é: «¿Quantas estrêlas tem o céu»? O criado diz um número muito grande e o rei concorda. A terceira pregunta é: «¿Quero que me diga o que é que eu estou aqui pensando»? O criado diz: «V. R. M. pensa que está falando com o padre sem cuidados, mas está falando é com o criado».

*

* *

Há uma redacção literária dum conto da mesma família, de Gonçalo Fernandes Trancoso. A edição, de que nos servimos e nos foi emprestada pelo nosso amigo e colega Dr. Leite de Vasconcelos, é de 1734. No seu conto n.º XVII da primeira parte, o rei diz a Dom Simão: «Pela manhãa muy cedo vindeme aqui dizer em que lugar do mundo he o meyo delle, e quanto ha de altura da terra até o Ceo, e que cousa está imaginando o meu pensamento naquelle momento, em que vòs me respondердes».

O hortelão de Dom Simão vai disfarçado dizer ao rei: «Hontem preguntou V. A. três preguntas a que respondendo, digo, que emquanto à primeira, que he donde está o meyo do mundo, lhe affirmo que esta ali (e lançando mão de huma remessão de muytas que naquele corredor estavão, a pregou na horta...). E para provar isto, digo que o mundo he redondo, e ninguem diz o contrario, e sendo tal como he em qualquer parte he o meyo delle,

como se pòde ver em huma bolla redonda, a qual donde lhe pozeerem o dedo, he o meyo della... A segunda pregunta he quanto ha daqui da terra ao Ceo? Saiba V. Alteza, que isto tem medida igual: e hé huma vista de olhos. Abaixe os olhos ao chão, e logo levante-os ao Ceo, que com uma só medida chegão, que hé como digo huma vista de olhos».

Á terceira pregunta, o hortelão responde: «. ., digo, que a esta hora V. A. cuida, que está falando com Dom Simão o Comendador, e falla ao seu hortelão...».

Köhler refere-se (Kleinere Schriften zur Märchenforschung, erster Band, p. 494) a uma versão francesa que figura na colecção de Sieur d'Auville († 1656 ou 1657), e que contêm quatro preguntas: 1) «Où est le milieu du monde? 2) Ce que je vaux. 3) Ce que je pense. 4) Ce que je croy. É o moleiro que responde pelo padre.

Köhler dá na mesma obra o resumo duma anecdota gaélica (escossesa) da colecção de Campbell (n.º 50), que pertence à mesma família. As três preguntas, a que o moleiro disfarçado responde, são as seguintes: ¿Quantas escadas são precisas para se chegar ao céu? ¿Onde é o centro do mundo? ¿Quanto vale o mundo? As respostas às preguntas são:

1) Uma, que seja bastante comprida; 2) Aqui, mede; 3) Trinta moedas de prata, pois tanto valia o Salvador. A segunda pregunta ainda tem esta variante: ¿Qual é a distância do caminho em volta do mundo? A variante da terceira pregunta é: ¿O que é que eu penso?

Segue-se uma versão norueguesa (Asbjörnsen, n.º 26): Um padre muito orgulhoso, quando anda a cavalo pela estrada fóra, costuma gritar para todas as pessoas que encontra: «Tire-se do caminho! aqui vai o padre em pessoa». Uma vez o padre grita assim para o rei. Êste ordena-lhe que se apresente no palácio no dia seguinte para responder a três preguntas, sob pena de ser demitido. O sacristão vai disfarçado ao palácio responder pelo padre. A primeira pregunta é: ¿Qual é a distância

de leste a oeste? Resposta: «É apenas a viagem de um dia, pois o sol não leva mais tempo para fazer essa viagem». A segunda pregunta é: ¿Quanto valho eu»? E a terceira é: ¿«O que é que eu penso»? O sacristão dá as conhecidas respostas. O rei manda-o embora, dizendo-lhe que fique sendo padre, visto que o padre passa a ser sacristão.

*
* *

Köhler cita ainda a tradução alemã dum livrinho turco, feito em 1857 por Camerloher e Prelog (*ob. cit.*, p. 492). Êste livrinho, atribuido a Nasreddin, contêm uma colecção de anecdotas do século XIV. Pois a anecdota n.º 70 conta como Nasreddin responde a três preguntas de monges cristãos: ¿Onde é o centro do mundo? ¿Quantas estrêlas são visíveis? ¿Quantos cabelos tem a minha barba?

Köhler também menciona (*ob. cit.*, pp. 492–483) o poema burlesco italiano de Teófilo Folengo (1491–1544) intitulado *Orlandino*. No oitavo conto do mesmo, Roiner faz a um abade de Sutri quatro preguntas:

1) Quanto è vicino il Ciel da terra in ogni regione?
2) Quanto è dall' Oriente all' Occidente?
3) Quante son gocce d'aqua, c'ha l'angosto Adriaco mar?
4) Ultimamente, buon servo di Dio,
Vorrei saper, qual or è il pensier mio?

O cozinheiro do abade vai disfarçado e responde:

1) Che gli è solo un salto;
2) Perchè dall' Oriente all' Occidente
Una giornata fa, se'l sol non mente;
3) Quanto alla terza ambigua dimanda,
Ch'è di saper quant'acque siano in mare,
Rispondo, che se ai fiumi si comanda,
Con lui non debban l'onde sue meschiare,
Voglio che in polve il corpo mio si spanda,
Se, quante gocce son, non so contare.

Á quarta pregunta, o abade dá a conhecida resposta.

O mesmo assunto foi tratado pelo poeta alemão Bürger, no seu belo poema *Der Kaiser und der Abt.*

*
* *

A grande maioria dos contos desta família contêm três preguntas, e, que nós saibamos, apenas a variante italiana e a francesa acusam quatro preguntas

Há um tipo de contos com as seguintes três preguntas: 1) Quantas gotas tem o mar? 2) Quantas estrêlas tem o céu? 3) O que é que eu penso?

Sob o ponto de vista psicológico e relativamente à associação das ideas, as duas primeiras preguntas são sistemáticas, pois uma sugere a outra: o número incalculável de estrêlas, unidades aparentemente pequenas, sugere o número incalculável das gotas do mar, que são realmente pequenas unidades. Por conseqüência, a versão russa conservou bem êsse tipo de contos. Podemos, pois, admitir, em regra, que uma versão que contenha a pregunta referente às estrêlas, tambêm deve ter contido a que se refere ao mar.

Ora nesta ordem de ideias, podemos desde já apurar *um tipo de contos* (um número incalculável de pequenas unidades ou de unidades aparentemente pequenas), aos quais pertencem o conto russo, o português de Coímbra e o brasileiro de Sergipe.

Em seguida, vemos um *segundo grupo de contos,* em que se acham preguntas referentes a distâncias (a distância de leste a oeste ou em volta do mundo): no conto português e no gaélico; (altura da terra até o céu), na versão de Trancoso, e na gaélica; (o centro do mundo), na versão de Trancoso, na francesa, e na gaélica.

Finalmente, temos um *terceiro grupo de contos,* que teem um carácter misto. Assim o conto italiano de T.

Folengo refere-se às gotas do mar e às distâncias. O conto turco também pertence ao tipo misto, pois contêm uma pregunta referente ao centro do mundo, e outra relativamente às estrêlas. A mistura de motivos pertencentes a ciclos ou a variantes diferentes é um facto observado com freqüência dentro dos contos populares. A classificação dos contos em grupos ou tipos, segundo certos caracteres fundamentais e comuns impõe-se lógicamente. O facto de alguns conterem feições mistas e pertencentes a vários grupos não significa que as tivessem contido desde a sua origem. E devemos admitir origens ou fontes diferentes, quando conseguimos classificar os contos em grupos estreitamente aparentados.

Assim, por exemplo, dentro das numerosas versões do conto de *Frei João*, encontramos, pelo menos, seis espécies de preguntas diferentes; ora se quisesssemos supôr, contra todos os factos e contra toda a verossimilhança, que essas versões proveem directamente de uma única fonte, teriamos que admitir que esta fonte continha todas as seis preguntas; porêm, isto não se coadunaria com os factos, pois a maior parte das referidas versões conteem apenas três preguntas. Por conseqüência, concluimos que primitivamente, o número de preguntas era três, mas, conforme os tempos e os lugares, houve substituições de várias preguntas por outras; resultou assim um novo tipo, que, por sua vez, se espalhou. Houve então, no mesmo país, convergência de diferentes versões do mesmo conto. O povo ouvia narrar o mesmo conto ora com uns, ora com outros motivos, e assim se confundiram os motivos, resultando também versões de carácter misto.

XXV

O REINO PETRIFICADO

Era uma vez um soldado muito cuidadoso e disciplinado; mas, quando já lhe faltava pouco para terminar o serviço militar, os superiores começaram a embirrar com êle e a dar-lhe bengaladas. O soldado já não podia aturá-los, e resolveu fugir. Pôs a mochila às costas e a espingarda ao ombro, e começou a despedir-se dos camaradas, que lhe preguntaram aonde ia.

O soldado disse-lhes:

— Não me pregunteis, meus amigos; passai muito bem.

Foi andando, andando, até que chegou a outro reino; viu uma sentinela e perguntou-lhe:

— Não haverá por aqui algum sítio onde eu descanse?

A sentinela disse-o ao sargento, o sargento disse-o a um oficial, êste disse-o ao general, e o

general disse-o ao próprio rei. O rei mandou chamar o soldado e preguntou-lhe:

— Quem és tu, donde vens, e aonde vais?

O soldado confessou tudo e pediu ao rei que o tomasse a seu serviço.

O rei disse-lhe:

— Está bem, ficas aqui de guarda ao jardim. Tem havido coisas estranhas no meu jardim; alguêm tem partido as minhas árvores predilectas, trata pois de o guardar, que te hei de recompensar bem.

O soldado aceitou e foi guardar o jardim.

Durante dois anos, tudo correu bem; mas no terceiro ano, o soldado foi um dia ver todo o jardim, e viu que a metade das melhores árvores estavam partidas. Ficou muito assustado, pois tinha medo que o rei o mandasse enforcar. Agarrou na espingarda e encostou-se à árvore todo pensativo. De repente ouviu-se um grande barulho; era uma ave enorme e medonha que vinha partir as árvores. O soldado deu-lhe um tiro, mas não a matou; apenas a feriu na asa direita; a ave deixou caír da asa três penas, e fugiu. O soldado perseguiu-a; mas, como a ave corria muito depressa, safou-se para um abismo.

O soldado não teve medo, e atirou-se ao abismo, mas feriu-se e ficou sem sentidos durante um dia. Quando voltou a si, levantou-se e olhou em volta de si, vendo um mundo igual ao de cima.

Pensou que lá também devia haver gente. Foi andando, até que chegou a uma grande cidade; à porta estava uma sentinela; o soldado começou a fazer preguntas à sentinela, mas esta calava-se e não se mexia; pegou-lhe pela mão, e viu que era toda de pedra. O soldado foi ver o regimento da guarda, e viu muita gente, uns em pé, outros sentados, mas todos petrificados. Depois foi passear pelas ruas, e viu em toda a parte a mesma coisa: ninguêm era vivo, todos estavam petrificados. Foi dar a um palácio muito bonito; entrou e viu ricos quartos; nas mesas estavam diversas comidas e bebidas, mas de volta estava tudo silencioso e deserto. O soldado comeu e bebeu, e depois sentou-se a descansar, mas de repente pareceu-lhe que alguêm tinha chegado à escada; agarrou na espingarda e pôs-se à porta. Entrou no quarto uma bela princesa com aias e criadas; o soldado fez-lhe continência, e ela cumprimentou-o carinhosamente, dizendo:

— Bom dia, soldado, conta-me como te achas aqui.

O soldado começou a contar-lhe tudo:

— Fiquei de guarda ao jardim do rei; veiu uma grande ave e começou a partir as árvores; dei-lhe um tiro, e tirei-lhe três penas duma asa; depois corri atrás dela e cheguei aqui.

Diz a princesa:

— Essa ave é minha irmã; tem feito muito mal, e também já prejudicou o meu reino: pe-

trificou-me todo o povo. Mas olha, pega nêste livrinho, põe-te aqui a lê-lo desde o anoitecer até os galos cantarem. Por mais medo que tenhas, não faças caso, lê o livrinho e segura-o bem para não to tirarem, senão morres. Se estiveres assim três noites, caso contigo.

O soldado aceitou.

Ao anoitecer, pegou no livrinho e começou a ler. De repente ouviu-se um grande barulho, e entrou no palácio um exército inteiro, apareceram diante do soldado os seus antigos superiores, e começaram a repreendê-lo e a ameaçá-lo de morte por ter fugido; já estavam a carregar as espingardas e a apontar-lhas. Mas o soldado não fez caso, e continuou a ler. Cantaram os galos, e tudo sumiu-se de repente. A noite seguinte ainda foi mais medonha, e a terceira ainda pior; vieram algozes com serras, machados e martelos, e queriam tirar-lhe o livro das mãos e dar cabo dêle. Custou-lhe muito agùentar aquilo.

Mas assim que os galos cantaram, sumiu-se logo tudo. No mesmo dia ressuscitou todo o reino; havia grande movimento nas ruas e nas casas; a princesa apareceu no palácio com os seus generais e com todo o séquito, e todos agradeceram muito ao soldado, tratando-o por majestade. No dia seguinte êle casou com a bela princesa e viveram muito felizes.

XXVI

O REINO ENCANTADO

Era uma vez um velho que tinha um filho.

Êste lembrou-se um dia de ir viajar; despediu-se e partiu. Foi andando, andando, até que chegou a um reino onde só viu pedras, tanto os animais como as pessoas estavam petrificados. O demónio tinha troçado com êles. O rapaz foi passear pela cidade, mas não encontrou um único homem vivo. Depois entrou no palácio rial, para ver se encontrava alguêm. De repente veiu a filha do rei e cumprimentou o rapaz, preguntando-lhe quem era, donde vinha e o que desejava? Depois disse-lhe que naquele reino precisavam dum homem forte que estivesse a rezar no palácio durante três noites; só assim é que aquela gente se transformaria outra vez em gente. Êle aceitou êsse encargo, mas fizeram um contrato escrito que depois haviam de casar os dois. Ela deu-lhe três pacotes de velas de cêra, um pacote para cada noite, e foi-se embora.

Ao anoitecer, o filho do campónio começou a rezar. À meia-noite vieram de repente a correr muitos diabos; uns ralavam-lhe a paciência, outros diziam que era preciso matá-lo a ferro, fogo ou água; era medonho; mas êle deixou-se ficar, sempre a rezar. Cantou o galo, e os diabos sumiram-se.

Nessa noite, êle queimou um pacote de velas, e pela manhã deitou-se.

Vem a princesa e pregunta-lhe:

— Que tal?

Diz êle:

— Estou vivo, graças a Deus.

A princesa preguntou-lhe:

— Como passou?

O rapaz respondeu-lhe:

— Tive mêdo, mais nada.

A princesa disse-lhe:

— Olhe que esta noite ainda há de ser pior.

Depois foi-se embora. Com efeitó, na segunda noite, os diabos ainda lhe meteram mais medo que na primeira, mas o filho do campónio rezou e agùentou tudo. A terceira noite foi a pior de todas; mas êle não deixou de rezar, e queimou todas as velas.

Após a terceira noite, a princesa disse-lhe que se metesse no fôrno e fizesse um manuscrito, em que descrevesse a maneira como tinha salvo o reino, aliás o pai dela, resuscitado, poderia zangar-se e fazer mal ao rapaz.

Êle assim fez.

Ao amanhecer ressuscitou todo o povo de repente, e tudo andava e corria. O rei também ressuscitou e disse zangado:

— Quem foi que se atreveu a troçar com o meu reino?

Quando viu o manuscrito ao pé do fôrno, leu-o.

Depois veiu a filha e confirmou o que dizia o manuscrito. O rei ficou muito contente e o filho do campónio casou imediatamente com a princesa. O rei deixou em testamento todo o reino ao seu querido genro.

O filho do campónio chegou a ser rei, e ainda hoje reina, sendo muito bondoso para com os seus súbditos, especialmente os soldados.

CRÍTICA

XXV. — **O reino petrificado.**
XXVI. — **O reino encantado.**

Êstes dois contos pertencem à mesma família e são de origem oriental. Não conhecemos nenhumas versões ocidentais dos mesmos.

Pela introdução, o conto n.º xxv mostra que nele se infiltraram elementos de outro ciclo. Assim, o episódio do jardim guardado por causa da ave, que vem devastá-lo; a ave ferida que perde três penas de uma asa, e foge para um abismo, etc., tudo isto mostra que no conto n.º xxv se introduziram elementos estranhos, encontrados no conto russo n.º xx e nalgumas versões dêste, até na versão portuguesa do Algarve, n.º 18. Já

a versão russa n.º xxvi não sofreu a infiltração dêsses elementos estranhos.

Os referidos dois contos russos acham-se representados nas *Mil e uma Noites*, (Mardrus, t. 1, p. 199). Zobeida, viajando por mar em companhia das suas duas irmãs, chega a uma cidade onde os habitantes estão transformados em pedras negras. Ela entra no palácio do rei, e ouve uma voz, a recitar o alcorão: é o filho do rei petrificado. O príncipe conta-lhe toda a história. Os habitantes da cidade adoravam Nardun, os astros, o fôgo, etc. Ora uma voz avisara-os que se convertessem ao islamismo; como não quisessem, ficaram petrificados. Só o príncipe não foi petrificado, porque tinha sido, na sua infância, convertido ao islamismo por uma aia velha, que vivia no palácio, para o educar, praticando secretamente a mesma religião.

Ora o livro que figura no conto russo e que tem o poder de afugentar o diabo corresponde ao alcorão do conto árabe. De resto, os episódios estão um pouco trocados nos contos russos. Assim, em vez de a princesa chegar ao palácio rial e encontrar ali um príncipe, é um indivíduo do sexo masculino que entra no palácio, onde encontra uma princesa.

Além disso, comparando os contos russos com o árabe, ficamos sabendo o motivo da petrificação de toda a gente; pois no conto árabe trata-se de uma luta entre o islaismo e o politeismo; o muçulmano, querendo provar a superioridade da sua religião, mostra-nos como esta preserva do mal, ao passo que a idolatria perde.

Mas aqui aparece-nos mais um traço de união, acusando-nos o estreito contacto da Rússia com o Oriente.

Um conto que vivia na boca dos filhos do deserto abrasador aparece entre o povo da gélida Moscovia. ¿ Qual teria sido o veículo dessas tradições? ¿ Quem teria levado contos árabes ou arabizados para a Rússia? ¿ Na história não haverá dados que nos autorizem a formular a hipótese de que os próprios árabes podiam

muito bem ser o elemento transmissor, como o foram, sem dúvida, em Portugal? Nas *observações finais* do segundo volume de contos populares russos referir-nos emos a esta interessante questão.

XXVII

O PARVO

Era uma vez um homem e uma mulher, que tinham um filho único, e êste era parvo.

Um dia, a mãe disse-lhe:

— Olha, filhinho, se fôsses ver gente, ficavas esperto.

O Parvo respondeu-lhe:

— Está bem, mãezinha; vou já ver gente.

O Parvo foi andando pela aldeia, e viu dois campónios, que estavam a debulhar grão; chegou-se, e começou a agarrá-los um após outro, encarando-os.

Os campónios preguntaram-lhe:

— Que estás tu a fazer?

O Parvo respondeu-lhes:

— Estou a ver gente.

Os campónios disseram-lhe:

— Não sejas parvo, vai-te embora.

Mas, como êle continuasse a agarrá-los, e a

fitá-los, deram-lhe uma tareia com uns manguais, e regalaram-no tão bem que teve de ir para casa quáse de rastos.

Quando chegou a casa, a mãe preguntou-lhe:

— Porque vens tu a chorar, filhinho?

O Parvo contou-lhe a sua desgraça.

Diz a mãe:

— Ah, filho, que estúpido que és! Havias de lhes dizer assim: Deus os ajude, meus senhores! Oxalá que tenham tantos que o tempo não lhes chegue para acarretarem todos; êles davam-te grão, e assim tínhamos que comer.

No dia seguinte, andando o Parvo pela aldeia, encontrou um entêrro, e pôs-se a gritar:

— Deus os ajude, meus senhores! Oxalá que tenham tantos, que o tempo não lhes chegue para acarretarem todos!

Desta vez também lhe bateram. Voltou para casa, e começou a queixar-se:

— Ai, minha mãe, vossemecê ensinou-me aquelas palavras, e ainda me bateram por cima!

A mãe disse-lhe:

— Ah, filho! havias de dizer assim: Descanse em paz! E se tirasses o chapéu e começasses a chorar, davam-te de comer e beber.

O Parvo foi andando pela aldeia, e ao passar por uma cabana, ouviu lá dentro muito barulho e grande alegria: eram umas bodas; êle tirou o chapéu e pôs-se a chorar muito. Ora os

convivas, que já estavam embriagados, disseram:

— Quem é aquele brutinho que está ali? Nós estamos aqui todos contentes e alegres, e êle está a chorar como se fôsse um entêrro?

Depois saltaram para fóra, e chegaram-lhe a valer.

CRITICA

XXVII. — O parvo.

A anecdota referente ao parvo que aplica mal certas palavras que lhe ensinaram para um determinado caso, ao primeiro qualquer que êle seja que lhe aparece, encontra-se espalhada em vários países. Assim, Köhler resume um conto francês (*Ambroise le sot*, Contes populaires de la Gascogne par Cénac Moncaut, *ob. cit.*, p. 87): Uma viúva manda o filho ao moinho com um saco cheio de trigo, recomendando-lhe que o moleiro tire para si apenas uma mão-cheia de cada alqueire. O rapaz vai gritando pelo caminho: Uma mão-cheia de cada alqueire! Ora uns campónios que estão a semear julgam que é com êles, e dão-lhe uma sova. Preguntando-lhes o rapaz o que havia de dizer, êles respondem-lhe: Deus os abençoe! O rapaz vai dizendo estas palavras, quando encontra algumas pessoas que vão afogar uma cadela danada; desta vez também lhe batem, porque imaginam que as palavras dêle se referem à cadela. Êle devia dizer: Ah, que bonita cadela que tem de ser afogada! O herói diz isto ao ver umas bodas, tornando a apanhar, pois os convivas julgam que as palavras dêle se referem à noiva. — Grimm também dá uma anecdota (n.º 143) da mesma família, a que havemos de nos referir no segundo volume, a propósito dum conto português intitulado *João Pateta*.

K. Maurer (Isländische Volkssagen, pp. 287-290) dá uma variante islandesa da anecdota em questão, em que se atribuem algumas partidas ao pateta chamado Brjám, as quais se encontram igualmente em narração de Saxo Grammaticus relativamente ao príncipe Amlethus, que serviu de protótipo a Shakespeare para o seu Hamlet, príncipe da Dinamarca.

No Algarve conta-se uma facécia análoga (A. Oliveira, n.º 397), muito engraçada: Uma viúva tem um filho muito parvo. A sua maior mania é juntar dinheiro para comprar um carneiro e vender a carne. Como a mãe costuma repreendê-lo pelas asneiras que faz, aconselhando-o a que faça o que as demais pessoas fazem, êle, sempre que a mãe lhe dá dinheiro, vai metê-lo na caixa das almas, onde vê quem passa meter dinheiro. Um dia, o herói resolve comprar o carneiro; chega onde está a caixa e diz para a imagem de S. Miguel que está junto da caixa:

— Dá-me o meu dinheiro, que meti na caixa.

Como o santo não responde, êle dá uma paulada na caixa e escangalha-a; o dinheiro cai no chão. O parvo apanha o dinheiro, dizendo:

— Eu só quero o que é meu, eu só quero o que é meu.

O rapaz compra um carneiro, mata-o e vai vender a carne. A mãe diz-lhe que vá lavar as tripas ao rio, e que as traga.

— Eu não sei como se lavam...

— Pregunta a alguma pessoa que por lá passe.

O parvo encontra pelo caminho um cão, que de quando em quando se lança à carne.

— ¿Queres comprar a carne? Deixa-te primeiro fazer uma corôa na cabeça para te distinguir dos outros; mas olha que quero o dinheiro dentro de três dias.

E o mesmo diz às moscas que pousam sôbre a carne. Dirige-se para o rio a lavar as tripas. Passam longe no rio uns cavalheiros num batel. O parvo chama-os e

pregunta-lhes como se lavam as tripas; os passageiros dão-lhe muita pancada. Passados três dias, vai êle em busca do cão, que lhe comeu a carne; encontra-o e pede-lhe o dinheiro. Como o cão não responde, o parvo fica desesperado e atira-lhe uma paulada. O cão desata a correr, o parvo atrás dêle. O cão salta pelo postigo da primeira porta e entra em casa. Logo sucede que está ali um frade que tem amores com a dona da casa. Ora a parvo põe-se a gritar:

— Deitem cá para fóra êsse coroado, que não me pagou a carne que comeu.

Grita tanto que o padre se vê obrigado a mandar entregar-lhe o dinheiro que pede.

Dali vai em procura das moscas, mas estas escapam-se-lhe. Vai queixar-se ao juiz, que se põe a rir e lhe dá o conselho de matar à paulada toda e qualquer mosca que veja. Nisto pousa uma mosca na testa do juiz, e êle atira-lhe uma paulada, que atira o juiz para o outro mundo.

Nesta facécia entram alguns motivos, que havemos de analizar no segundo volume, quando tratarmos do conto de *João Pateta*.

No Oriente encontra-se uma variante da nossa facécia, na história do imbecil Xaílun, nos *Mil e um Dias*, traduzidos por F. H. von der Hagen, 5, 108 (Köhler, *ob. cit.*, p. 88).

O episódio do cão e do coroado só póde ser compreendido num país católico, por isso é possível que seja autóctone em Portugal; não o encontrámos nas variantes que conhecemos.

BIBLIOGRAFIA

AFANASIEV. — *Narodnuiya Russkiya Skaẓki.* Moscou, 1873. — *Poetitcheskiya Vozẓrienia Slaviane na Prirodu.* Moscou, 1869.

ASBJŒRNSEN. — *Norske Folke-Eventyr.* Copenhague, 1876.

BASILE. — *Lo Cunto de li Cunti* (Biblioteca Napoletana di Storia e Letteratura II). Nápoles, 1891.

BENFEY. — *Pantchatantra: Fünf Bücher indischer Fabeln, Märchen und Erẓählungen.* Aus dem Sanskrit übersetzt mit Einleitung und Anmerkungen. Leipzig, 1859.

BIBLIOTECA DE LAS TRADICIONES POPULARES ESPAÑOLAS (Folk-Lore Español). Madrid, 1884-86.

BRAGA (T.). — *Contos tradicionais do Povo Português.* Lisboa, 1914.

BUSK (Miss). — *The Folk-lore of Rome.* Londres, 1874.

CABALLERO (F.). — *Cuentos y Poesias Populares Andaluces.* Madrid, 1916.

CAMPBELL'S *Sammlung gälischer Märchen.* Orient und Occident. Zweiter Band. Göttingen, 1864.

COELHO (A.). — *Contos Populares Portugueses.* Lisboa, 1879. — *Contos Nacionais para Crianças* (Biblioteca de Educação Nacional). Porto.

COMPARETTI (D.). — *Novelline popolari italiane.* Torino, 1875.
CONSIGLIERI PEDROSO. — *Contos Populares Portugueses.* Lisboa, 1910.
CONTES DES PROVINCES DE FRANCE. Publiés par P. Sébiilot. Paris, 1884.
COSQUIN (E.). — *Contes Populaires de Lorraine.* Paris.

DOZON (A.). — *Contes albanais.* Paris, 1881.
DULAC (H.). — *Quatre contes arabes en dialecte cairote (em Mémoires publiés par les membres de la Mission archéologique française au Caire.* 1.er fascicule, 1884.

FOLK-LORE JOURNAL e FOLK-LORE RECORD. — Publicados pela Folk-Lore Society, Londres.
FRERE (Miss M). — *Old Deccan Days, or Hindoo Fairy Legends current in Southern India.* London, 1868.

GONZENBACH (LAURA). — *Sicilianische Märchen.* Leipzig, 1870.
GRIMM (J. UND W.). — *Kinder-und Hausmärchen.* München. Bei Georg Müller.
GRUNDTVIG (S.). — *Danske Folkeaeventyr.* Copenhague, 1903.
GUBERNATIS (ANGELO DE). — *Zoological Mythology.* London, 1870. — *Mythologie des plantes.* 1878–1880. — *Florilegio delle novelline popolari.* Milano, 1883.

HAHN (J. G. VON). — *Griechische und albanesische Märchen.* Leipzig, 1864.

JÜLG (B.). — *Kalmükische Märchen. Sidddhi-Kür.* Leipzig, 1866.

KÖHLER (R.). — *Kleine Schriften zur Märchenforschung.* Weimar 1898.

KRAUSS (F. S.). — Volksglaube und religiöser Brauch der Südslaven. Münster i. W. 1890.
KREUTZWALD (F.). — *Ehstnische Märchen, übersetzt von F. Löwe.* Halle, 1869.
KUHN (A.) UND SCHWARTZ (W.). — *Norddeutsche Sagen, Märchen und Gebräuche.* Leipzig, 1848.

LAL BEHARI DAY. — *Folk-tales of Bengal.* London, 1883.
LANG (A.). — *Myth, Ritual and Religion.* 1886.
LÉGER (L.). — *Recueil de contes populaires slaves.* Paris, 1882.
LUZEL (F. M.). — *Contes bretons.* Quimperlé, 1870.

MARDRUS. — *Mille nuits et une nuit.*
MÉLUSINE. — *Revue de Mythologie, littérature populaire, traditions et usages.* Paris, 1.º vol., 1877: 2.º vol., 1884–1885.
MICHELS (ABEL DES). — *Chrestomathie cochinchinoise, recueil de textes anamites.* Paris, 1872.
MIJATOWIC (TSCHEDOMIL). — *Serbian Folk-lore.* London, 1874.
MINAEV. — *Indiiskiya Skazki i Legendy.* São-Petersburgo, 1877.

ORIENT UND OCCIDENT. — Göttingen, 1862–66.
OLIVEIRA (F. X. D'ATH.). — *Contos tradicionais do Algarve.* 1.º vol., Tavira, 1900; 2.º vol., Porto, 1905.

PITRÈ (G.). — *Fiabe, novelle e racconti popolari siciliane.* Palermo, 1875.
PRÖHLE (H.). — *Kinder-und Volksmärchen.* Leipzig, 1853.

RIVIÈRE (J.). — *Recueil de contes populaires de la Kabylie du Djurdjura.* Paris, 1882.
ROMÉRO (S.). — *Contos populares do Brasil.* 1911.

RONDALLAYRE. — *Lo Rondallayre. Quentos populars catalans, colleccionats per Fr. Maspons y Labros.* Barcelona, 1875.

SCHLEICHER (A.). — *Litauische Märchen, Sprichwörter, Rätsel und Lieder.* Weimar, 1857.

SCHOTT (ARTHUR UND ALBERT). — *Walachische Märchen.* Stuttgart, 1845.

SÉBILLOT (P). — *Contes populaires de la Haute-Bretagne.* Paris, 1880, 1881, 1882.

SOMADEVA. — *Die Märchensammlung des Somadeva Bhatta aus Kaschmir.* Aus dem Sanskrit übersetzt von H. Brokhaus. Leipzig, 1843.

— *Kathá Sarit Ságara,* translated by C. H. Tawney. Calcutta, 188-84.

SPITTA-BEY. — *Contes arabes modernes.* Leyde, 1883.

STEEL (F. A.) AND TEMPLE (R. C.). — *Wide-awake Stories. A Collection of tales told in the Panjab and Kashmir.* Bombay, 1884.

STOKES (Miss M.). — *Indian Fairy Tales.* London, 1880.

STRAPAROLA. — *Die Märchen des Straparola.* Aus dem Italienischen von V. Schmidt. Berlin, 1817.

VASCONCELOS (J. L. de). — *Tradições Populares de Portugal.* Porto, 1882.

VUK. — *Volksmärchen der Serben, gesammelt von Vuk Stephanowitsch Karadschitsch, ins Deutsche übersetzt von dessen Tochter Wilhelmine.* Berlin, 1854.

WUNDT (W.). — Elemente der Völkerpsychologie. Leipzig, 1912.

ÍNDICE

	Pág.
Introdução.	1–31
Emiliano Parvo.	33–50
Crítica	50–59
A mulher que adivinha.	61–66
As pérolas roubadas	67–70
O adivinhão	71–74
Crítica	75–100
A árvore que canta e a ave que fala	101–107
As três irmãs.	109–115
Crítica	115–123
Pele-de-porco.	125–129
O príncipe Daniel Govorila.	131–138
A filha que não queria casar com o pai	139–145
Crítica	145–153
A sciência manhosa	155–162
Crítica	163–173
A galinha milagrosa	175–185
A pata que punha ovos de ouro	187–192
Crítica.	192–200
O navio voador.	201–210
Crítica	210–212
Felicidade e infelicidade	213–216
Crítica	216–217

Pág.

A menina prudente e os sete bandidos 219-231
Crítica 231-236
Os bandidos 237-245
Crítica 245-252
A gata borralheira 253-256
A vaca castanha 257-263
Crítica 263-273
João Cachorro e o camponês branco 275-290
O bicho Norka 291-299
Os três reinos 301-307
Crítica 307-328
A caixa maravilhosa 329-334
Crítica 334-338
A mulher teimosa 339-340
Crítica 340-342
O soldado que adivinha 343-344
Crítica 344-349
O reino petreficado 351-354
O reino encantado 355-357
Crítica 357-359
O parvo 361-363
Crítica 363-365

20027

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60 — LISBOA

ALBERTO DE OLIVEIRA
Na Outra Banda de Portugal . 1$50

ALBERTO TELLES
Camilo na Cadeia da Relação do Porto ..... 1$50

ANTONIO CABRAL
Eça de Queiroz ..... 3$00

ANTONIO GRANJO
A Grande Aventura ..... 1$50

CARLOS MALHEIRO DIAS
A verdade Nua, (2.ª ed.)..... 2$00
A Esperança e a Morte..... 1$50

CELSO VIEIRA
O Semeador..... 1$00

COELHO DE CARVALHO
A Eneida de Virgilio..... 3$00

CONDE D'ARNOSO
Azulejos (nova ed.)..... 2$50

CONDE DE SABUGOSA
Gente de Algo..... 3$00

EDUARDO DE AGUILAR
Tragedias de Roma ..... 1$50

EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha..... $80

EGAS MONIZ
A Vida Sexual, enc..... 6$00
Um ano de Politica..... 2$00

EMMANUEL LASSERRE
Os Delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni.... 1$50

H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue português (2.ª ed.)..... 2$00

JOÃO DE CASTRO
Jornadas pelo Minho..... 2$50
A Comedia de Lisboa..... 2$00

JOÃO DO RIO
A Mulher e os espelhos, (2.ª ed.) 1$50
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.) ..... 1$50

JULIO DANTAS
Como elas amam (2.ª ed.)..... 2$00
Espadas e Rosas (3.ª ed.)..... 2$00
Mulheres (4.ª ed.)..... 3$00
Sonetos (3.ª ed.) $80
Abelhas doiradas..... 2$00

JULIO DE CASTILHO
Fastos Portugueses ..... 1$50

L. XAVIER BARBOSA
Cem Cartas de Camillo ..... 2$50

MANUEL DA SILVA GAIO
De Roma e suas conquistas.... 1$50

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas..... 1$50

MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonêtos (prefácio) ..... 2$00

OSCAR LOPES
Seres e sombras ..... 1$50

PAULO DE GARDENIA
Lecticia..... 1$00

SAMUEL MAIA
Sexo Forte..... 2$00
Entre a vida e a morte..... 2$50

SOUSA COSTA
Paginas de sangue ..... 1$20
Fructo Prohibido..... 3$00

STUART TORRIE
Secretario Comercial da Lingua Inglesa, cart..... 2$50

URBANO RODRIGUES
A Duqueza da Baéta..... 1$50
Coração..... $70

Theatro:

H. LOPES DE MENDONÇA
No Cêgo, 3 actos..... $80

JULIO DANTAS
D. João Tenorio, 6 actos..... 2$00
Rosas de todo o ano..... $40
1021, episódio em verso..... $40
Carlota Joaquina, 1 acto..... $60
Um serão nas Larangeiras..... 2$00
A Castro..... 1$00
Sôror Mariana..... $60
D. Beltrão de Figueirôa..... $70

MARCELINO MESQUITA
Almas doentes, 2 actos..... $80

URBANO RODRIGUES
A Posse — Ultima Aventura — Maria da Graça..... $80

VASCO MENDONÇA ALVES
Promessa, 4 actos..... 1$00

VICENTE ARNOSO
O Ultimo Senhor de S. Geão.. 1$00

No Prélo:

CARLOS BABO
A sombra de D. Miguel.

JOSÉ JOAQUIM NUNES
Chrestomatia archaica.

JOÃO DO RIO
Rosario da Ilusão.

JOÃO VERDADES
Panno acima!...

MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Uma pagina de historia.